

# Julia Quinn



## Dez Coisas Que Amo Sobre Você

'Quinn has a smart, funny touch . . .  
that's reminiscent of Helen Fielding'

*Time Magazine*



# ARGUMENTO



Sebastian Grey está no limbo. Ele é o herdeiro mais provável do Conde de Newbury, a menos que o conde atual, um viúvo, possa encontrar uma noiva que tenha um filho. Newbury está na casa dos sessenta e é um pouco corpulento, mas como um conde, ele é considerado um bom partido. Sebastian, por outro lado, tem 29 anos é extremamente bonito, mas não tem pressa para encontrar uma esposa.

Annabel Winslow, uma menina do interior, que recebeu uma oferta para ir a Londres para a temporada. A mais velha de uma família de oito filhos, sabe que um bom casamento pode ser a única coisa que irá salvar sua família da ruína. Depois de algumas semanas na cidade, Annabel atrai a atenção do Conde de Newbury. A ideia de submeter-se a ele faz sua pele arrepiar, mas ela é prática e determinada em realizar seu dever. Mesmo quando Sebastian Grey entra em cena.

## ***Dez Coisas Que Você Deveria Saber Sobre Este Livro.***

**1**— *Sebastian Grey é um libertino terrivelmente bonito e com um segredo.*

**2**— *A família de Annabel Winslow a nomeou “A Winslow Mais Provável de Falar O Que Pensa” e “A Winslow Mais Provável de Cair no Sono Na Igreja”.*

**3**— *O tio de Sebastian é o Conde de Newbury e se ele morrer sem ter um herdeiro, Sebastian herda tudo.*

**4**— *Lorde Newbury detesta Sebastian e não se deterá por nada neste mundo para impedir que isso aconteça.*

**5**— *Lorde Newbury decidiu que Annabel é a resposta para todos os seus problemas.*

**6**— *Annabel não quer se casar com Lorde Newbury, especialmente quando descobre que ele uma vez namorou sua avó.*

**7**— *É chocante;*

**8**— *É delicioso;*

**9**— *É completamente maliciosos, todos os quais conduzem o caminho para o...*

**10** — *Felizes. Para. Sempre.*

# PRÓLOGO



*Há alguns anos atrás.*

*Ele não conseguia dormir.*

Isto não era nada novo. Pensava que estaria acostumado a isso agora. Mas não, toda noite Sebastian Grey fechava os olhos com toda expectativa de adormecer. Porque ele não conseguia? Era uma pessoa perfeitamente saudável, perfeitamente feliz, perfeitamente são. Não existia nenhuma razão pela qual ele não fosse capaz de dormir.

Mas ele não conseguia.

Não acontecia o tempo todo. Só às vezes, e ele não tinha ideia de por que isso acontecia ou por que, ele não colocava a cabeça no travesseiro e caia no sono quase instantaneamente e tranquilo. O resto do tempo, ele jogou, virou-se, levantou para ler, bebeu chá, jogou, virou-se mais um pouco, sentou-se e olhou pela janela, jogou, virou, lançou dardos, jogou, virou-se e finalmente desistiu e assistiu o nascer do sol.

Ele tinha visto um monte de alvoradas. Na realidade, Sebastian agora se considerava uma espécie de especialista no amanhecer das Ilhas Britânicas. Inevitavelmente, a exaustão vencia, e algum tempo depois do amanhecer, ele dormia, na cama ou na cadeira ou algumas desagradáveis vezes, com o rosto pressionado contra o vidro. Isso não acontecia sempre, mas, vezes suficientes para que ele ganhasse uma reputação de dorminhoco, que, francamente, o divertia. Não existia nada que ele gostasse tanto como uma manhã fresca e energética, e certamente nenhuma refeição podia ser tão satisfatória como robusto café da manhã inglês.

E então ele treinou a si mesmo para viver com sua aflição da melhor maneira possível. Tinha o hábito de tomar café da manhã na casa de seu primo Harry, em parte porque a empregada de Harry fazia uma comida danada de boa, mas também porque isso significava que Harry já esperava que ele aparecesse. O que significa que nove em cada dez vezes, Sebastian tinha que aparecer. O que significava que ele não podia se permitir desmaiar na metade das sete da manhã. O que significava que ele estava mais cansado que o habitual na noite seguinte. Que significava que quando ele rastejasse para cama e fechasse os olhos, adormeceria com facilidade.

Em teoria.

Não, isso não era justo, pensou. Não há necessidade de ser sarcástico internamente. Seu grande plano não funcionou perfeitamente, mas funcionou algumas vezes. Ele estava dormindo um pouco

melhor. Só não esta noite.

Sebastian levantou-se e caminhou até a janela, descansando a testa contra a vidraça. Estava frio lá fora, e o frio gélido pressionou contra ele através do vidro. Ele gostou da sensação. Era grande. Maravilhosa. O tipo de momento vívido que o lembrava de sua humanidade. Ele estava com frio, por isso devia estar vivo. Estava com frio, por isso não devia ser invencível. Estava com frio, por isso,...

Ele voltou para trás e soltou um suspiro desgostoso. Estava com frio, então estava com frio. Não existia realmente muito mais que isto.

Ficou surpreso porque não estava chovendo. Quando chegou a casa naquela noite parecia que ia chover. Ele havia ganhado fama em predizer o tempo enquanto estava no continente.

Provavelmente começaria a chover logo.

Ele vagou de volta para o centro do quarto e bocejou. Talvez devesse ler. Isso às vezes o fazia dormir. É claro que ter com sono não era o problema. Ele podia estar morto de sono e ainda não dormir. Fecharia os olhos, dobraria o travesseiro justo do jeito certo, e ainda...

Nada.

Acabaria ficando ali, esperando, esperando, esperando. Tentaria esvaziar a mente, porque certamente era o necessário. Uma tela em branco. Uma lousa limpa. Se pudesse abraçar o nada absoluto, então iria dormir. Ele tinha certeza disso.

Mas não funcionou. Porque cada vez que Sebastian Grey tentava abraçar o nada, a guerra vinha e o abraçava.

Ele viu isso. Sentiu. Mais uma vez. Todas aquelas coisas que, francamente, uma vez havia sido mais que suficiente.

E então abriu os olhos. Porque, então, tudo o que viu foi o seu quarto de dormir bastante simples, com a cama comum. A colcha era verde e as cortinas douradas. Sua mesa era de madeira.

Estava quieto, também. Durante o dia existiam os sons regulares da cidade, mas de noite esta parte de cidade quase sempre ficava silenciosa. Era incrível, realmente, para apreciar silêncio. Escutar o vento e talvez a canção de pássaros, mas sempre mantendo o ouvido atento para passos, ou tiro. Ou pior.

Alguém poderia pensar que ele seria capaz de dormir em tão feliz tranquilidade.

Ele bocejou novamente. Talvez devesse ler. Escolheu alguns livros da coleção do Harry esta tarde. Não existia muito para escolher; Harry gostava de ler em francês ou russo, e enquanto Sebastian sabia ambos os idiomas também (a avó materna compartilhada insistiu nisto), mas para ele não era tão natural como para Harry. Ler em qualquer coisa exceto inglês era trabalhoso e Seb

gostava de ser divertir.

Era demais esperar de um livro?

Se fosse escrever um livro, existiria emoção. As vidas seriam perdidas, mas não muitas. E nunca nenhum dos personagens principais. Isso seria muito deprimente. E deveria ter romance, também. E perigo. O perigo era bom.

Talvez um pouco do exótico, mas não muito. Sebastian suspeitava que a maioria dos autores não fizesse suas pesquisas corretamente. Havia lido um romance, recentemente, que era em um harém árabe. E Seb definitivamente achou a ideia de um harém interessante— muito interessante. Não podia imaginar que o autor conseguiu qualquer um dos detalhes diretamente. Ele gostava de uma aventura tão bem como qualquer homem, mas mesmo ele achava difícil acreditar que a corajosa heroína inglesa conseguiu escapar de uma cobra pendurando-se para fora da janela e escorregando para a segurança. Para adicionar insulto à injúria, o autor nem mesmo indicou o tipo de cobra que era.

Realmente, ele poderia fazer melhor.

Se escrevesse um livro, iria situá-lo na Inglaterra. Não haveria cobras. E o herói tampouco seria algum irritante dandi, preocupado apenas com o corte do colete. Se ele escrevesse um livro, o herói seria terrivelmente bom em ser heroico. Mas, com um passado misterioso. Só para manter as coisas interessantes. Teria que haver uma heroína, também. Ele gostava de mulheres.

Podia escrever sobre uma. Qual seria o nome dela? Algo comum. Joan, talvez. Não, isso soava muito feroz. Mary? Anne?

Sim, Anne. Ele gostava de Anne. Tinha um som agradável definitivo. Mas ninguém poderia chamá-la de Anne. Se ele fosse escrever um livro, sua heroína estaria à deriva, sem família. Não haveria ninguém para usar seu nome de batismo. Precisava de um sobrenome bom. Algo fácil de pronunciar. Algo agradável.

*Sainsbury.*

Fez uma pausa, testando-o em sua mente. *Sainsbury*. Por alguma razão ele se lembrou de queijo. Essa foi boa. Ele gostava de queijo. *Anne Sainsbury*. Era um bom nome. *Anne Sainsbury*. *Senhorita Sainsbury*. *Senhorita Sainsbury* e...

E o quê?

E sobre esse herói? Deveria ter uma carreira? Certamente Sebastian sabia o suficiente sobre as formas de nobreza para pintar um retrato fiel de um lorde indolente.

Mas isso era chato. Se fosse escrever um livro, teria que ser uma boa história. Ele poderia fazer do herói um militar. Ele certamente sabia sobre isso. Um dos principais, talvez? *Senhorita Sainsbury*

*e o Misterioso Major?*

Ahh não. Chega com a aliteração. Mesmo ele achou um pouco presunçoso demais.

Um General? Não, Generais eram muito ocupados. E realmente não existiam muitos deles correndo ao redor. Se ele fosse colocar um exclusivo poderia também associar um duque ou dois.

Que tal um coronel? Alto grau então teria autoridade e poder. Poderia ser de uma boa família, alguém com dinheiro, mas não demais. Um filho mais jovem. Os filhos mais jovens tinham que fazer sua entrada no mundo.

*Senhorita Sainsbury e o Coronel Misterioso.* Sim, se ele fosse escrever um livro, ele se chamaria assim.

Mas não iria escrever um livro. Bocejou. Quando encontraria tempo? Olhou para sua escrivaninha pequena, totalmente vazia salvo por uma xícara de chá frio. Ou o jornal?

O sol já estava começando a surgir. Ele devia rastejar de volta para cama. Podia provavelmente ter algumas horas de sono antes de ter que levantar e se arrumar para ir tomar café da manhã com Harry.

Olhou para a janela, onde a luz oblíqua da alvorada ia ondulando através do vidro.

Ele parou. Ele gostou do som disto.

*A luz inclinada da madrugada estava ondulando pela vidraça.* Não, isso era obscuro.

Para todo mundo que o conhece, ele podia estar conversando sobre um conhaque e aperitivo.

*A luz oblíqua do alvorecer estava ondulando através da janela.*

Isso era bom. Mas ele precisava de algo mais.

*A luz oblíqua da alvorada ondulava através da janela e a Senhorita Anne Sainsbury estava encolhida sob o fino cobertor, perguntando, como sempre fazia, onde iria encontrar dinheiro para a próxima refeição.*

Isso era realmente bom. Até ele quis saber o que ia acontecer a Sainsbury e ele é quem estava compondo isto. Sebastian mordeu o lábio inferior. Talvez ele devesse anotar isso. E dar a ela um cão.

Ele se sentou na escrivaninha. Papel. Precisava de um papel. E tinta. Deveriam ter algumas nas gavetas da escrivaninha.

*A luz oblíqua da alvorada ondulava pelo vidro da janela e a Senhorita Anne Sainsbury encolhida sob o fino cobertor, perguntando-se como frequentemente fazia como conseguiria dinheiro para a próxima refeição. Ela olhou para baixo para o fiel cão, deitando quietamente no tapete perto da cama, e soube que era o tempo de tomar uma decisão importante. As vidas de seus*

*irmãos e irmãs dependiam disto.*

Olhe para isso. Era um parágrafo inteiro. E ele não levou muito tempo em tudo. Sebastian olhou para cima, de volta à janela. A luz oblíqua da alvorada ainda estava ondulando através do vidro.

A luz oblíqua da alvorada estava ondulando através do vidro e Sebastian Grey estava feliz.

# CAPÍTULO 1



*Mayfair, em Londres*

*Primavera de 1822*

—A chave para um casamento bem sucedido, - Lorde Vickers pontificou,

— É permanecer afastado de sua esposa.

Tal declaração normalmente teria pequeno impacto na vida e fortuna de Senhorita Annabel Winslow, mas existiam dez coisas que fizeram o pronunciamento de Lorde Vickers bater dolorosamente perto de seu coração.

**Um:** Lorde Vickers era seu avô materno, que se referia a **Dois:** A esposa em questão era sua avó, que **Três:** Recentemente decidiu arrancar Annabel de sua vida quieta, feliz em Gloucestershire e, em suas palavras, - vou *arrumá-la e levá-la para casar*.

De igual importância era o **Quatro:** Lorde Vickers estava falando com Lorde Newbury, que **Cinco:** Uma vez já tinha sido casado, aparentemente com sucesso, mas **Seis:** A esposa morreu e agora ele era um viúvo, e **Sete:** Seu filho morreu um ano antes, sem deixar um herdeiro.

O que significava que **Sete:** Lorde Newbury estava procurando por uma nova esposa e **Oito:** Ele pensou que uma aliança com os Vickers era apenas mais uma coisa, e **Nove:** Ele estava de olho em Annabel, porque **Dez:** Ela tinha os quadris largos.

Oh, explosão. Se isso tivesse dois setes?

Annabel suspirou desde que era o mais próximo que era permitida a afundar em sua cadeira. Isso realmente não significava que existiam onze itens em vez de dez. Seus quadris eram seus quadris, e Lorde Newbury presentemente estava determinando que seu próximo herdeiro deveria passar nove meses embalados entre eles.

—Mais velha de oito, você diz, - Lorde Newbury murmurou, olhando para ela pensativamente.

Pensativo? Isso não poderia ser o adjetivo correto. Ele parecia prestes a lambear os lábios.

Annabel olhou para sua prima, Lady Louisa McCann, com uma expressão enjoada. Louisa tinha vindo para uma visita à tarde, e elas tinham se divertido muito antes de lorde Newbury ter feito sua entrada inesperada. A face de Louisa estava perfeitamente calma, como sempre era em contextos sociais, mas Annabel viu em seus olhos acentuam-se com simpatia.

Se Louisa, cuja maneira e porte eram constantemente corretos sem importar a ocasião, não podia manter seu horror fora de seu rosto, então Annabel estava realmente em grande um problema.

—E, - lorde Vickers disse com orgulho. — Todos eles nasceram saudáveis e fortes. – Ele ergueu seu copo em um brinde mudo para sua filha primogênita, que fecundou Frances Vickers Winslow, que, Annabel não podia ajudar, mas recordar, normalmente era chamada *Daquela Boba que casou com Aquele Maldito Bobo*.

Lorde Vickers não ficou satisfeito quando sua filha casou com um cavalheiro de recursos limitados. Até onde Annabel conheceu, ele nunca mudou aquela opinião.

A mãe de Louisa, por outro lado, tinha casado o filho mais novo do Duque de Fenniwick apenas três meses antes do filho mais velho do Duque de Fenniwick dar um salto estúpido com um garanhão mal treinado e quebrado o pescoço nobre. Havia sido, nas palavras de Lorde Vickers, - Um maldito bom momento. — Para a mãe de Louisa, é claro, não para o herdeiro morto. Ou o cavalo.

Não era de estranhar que os caminhos de Annabel e Louisa raramente tivessem se cruzado antes desta primavera. Os Winslows, com sua progênie abundante espremidos em uma casa muito pequena, tinham pouco em comum com os McCann, que, quando não estavam em sua mansão palaciana de Londres, ficavam em um antigo castelo, perto da fronteira escocesa.

—O pai de Annabel era um de dez, - Lorde Vickers disse.

Annabel virou a cabeça para olhá-lo com mais cuidado. Foi o mais próximo que seu avô havia chegado a um elogio real para o pai dela, que Deus o abençoasse.

—Realmente? —Lorde Newbury perguntou, olhando para Annabel com os olhos brilhando como nunca.

Annabel espremeu os lábios, apertando as mãos que estavam juntas no colo, e perguntou-se o que ela poderia fazer para transmitir o ar de ser infértil.

—E é claro que temos sete, - Lorde Vickers disse, acenando com a mão no ar na forma como homens modestos fazem quando não estão realmente sendo modestos em tudo.

—Então Lady Vickers não ficou fora do caminho o tempo todo, - lorde Newbury gargalhou.

Annabel engoliu. Quando Newbury riu, ou realmente, quando ele se moveu de qualquer forma, as bochechas pareciam que se moviam. Era uma visão terrível, a fazia recordar aquela geleia feita de pé de bezerro que a empregada costumava forçá-la a tomar quando estava doente. Verdadeiramente, suficiente para fazer uma dama jovem colocar para fora a comida.

Ela tentou determinar quanto tempo teria que ficar sem nutrientes significativamente para reduzir o tamanho dos seus quadris, de preferência para uma largura inaceitável para parto.

—Pense nisso: - Lorde Vickers disse, dando ao velho amigo um genial tapa nas costas.

—Oh, eu estou pensando, - Lorde Newbury disse. Ele virou em direção a Annabel, seus olhos de um azul pálido desceram com interesse. —Eu estou definitivamente pensando.

—Pensar está superestimado, - anunciou Lady Vickers. Ela levantou uma taça de xerez em saudação a ninguém em particular, e bebeu.

—Esqueci que você estava aí, Margaret, - Lorde Newbury disse. —Eu nunca esquecerei, - reclamou Lorde Vickers.

—Falo de cavaleiros, é claro, - Lady Vickers disse, estendendo a taça a qualquer cavaleiro que pudesse alcançá-la primeiro para reabastecer. —Uma mulher deve sempre estar pensando.

—É aí que discordamos, - afirmou Newbury. —Minha Margaret manteve seus pensamentos para si mesma. Nós tivemos uma união esplêndida.

—Ficou fora do seu caminho, não é? —Lorde Vickers disse. —Como eu disse, foi uma união esplêndida.

Annabel olhou para Louisa, sentada muito corretamente na cadeira próximo a ela. Sua prima era um mistura de coisas, com ombros esbeltos, cabelos castanhos claros e olhos do mais pálido verde. Annabel sempre pensou que parecia um pouco com um monstro comparada a ela. Seu próprio cabelo era escuro e ondulado, sua pele do tipo que bronzearia se ela se ficasse tempo demais ao sol, e sua figura tinha atraído atenção não desejada desde seu décimo segundo verão.

Mas nunca, nunca, quis tais atenções, e as queria menos ainda agora, com Lorde Newbury olhando-a fixamente com um deleite açucarado.

Annabel se sentou calmamente, tentando imitar Louisa e não permitir que alguns de seus pensamentos aparecessem em seu rosto. Sua avó estava sempre a repreendendo por ser muito expressiva. —Pelo o amor de Deus, — era um refrão familiar. —Pare de sorrir como se soubesse algo. Os cavaleiros não querem uma dama que sabe das coisas. Não como esposa, de qualquer maneira.

Neste ponto, geralmente Lady Vickers tomava um gole, e acrescentava: —Você poderá saber muitas coisas depois que se casar. De preferência, com um cavaleiro que não seja seu marido.

Se havia coisas que Annabel não conhecia antes, ela certamente conhecia agora. Como o fato que pelo menos três dos descendentes dos Vickers provavelmente não fossem Vickers. Sua avó, como Annabel estava começando a perceber, tinha, além de um vocabulário extremamente blasfemo, uma visão bastante volúvel sobre a moralidade.

Gloucestershire estava começando a parecer como um sonho. Tudo em Londres era tão...

brilhante. Não literalmente, claro. Na verdade, tudo em Londres era bastante cinza, salpicado por um brilho fino de fuligem e sujeira. Annabel não estava realmente certa por que —brilhante— era a palavra que veio a mente. Talvez fosse porque nada parecia simples. Definitivamente não era simples. E talvez até um pouco escorregadio.

Ela se encontrou sentindo falta de um copo de leite, como se algo tão fresco e saudável pudesse restaurar o seu senso de equilíbrio. Ela nunca pensou ser particularmente afetada, e céu sabia que ela era a Winslow que provavelmente adormeceria em uma igreja, mas cada dia na capital parecia trazer outro choque, outro momento que a deixava de queixo caído e confusa.

Fazia um mês que ela estava em Londres agora. Um mês! E ainda se sentia como se estivesse na ponta dos pés, nunca tinha certeza se estava fazendo ou dizendo a coisa certa.

Ela odiava isso.

Em casa ela estava certa. Ela não era sempre certa, mas quase sempre estava certa. Em Londres as regras eram diferentes. E pior, qualquer um, conhecia todo mundo. E se não, sabiam sobre eles. Era como se toda a *ton* compartilhasse alguma história secreta que Annabel não tinha conhecimento. Toda conversa mantinha um curso, um significado mais fundo, mais sutil. E Annabel, que além de ser a Winslow mais provável para adormecer em igreja e era a Winslow mais provável para falar o que vinha em sua mente, sentiu que ela não podia dizer nada, com medo de cometer uma ofensa.

Ou embaraçar a si mesma. Ou embaraçar alguém mais.

Ela não podia aguentar o pensamento. Simplesmente não podia aguentar o pensamento que poderia de alguma maneira provar ao avô que sua mãe tinha realmente sido uma boba e seu pai tinha sido um maldito bobo e que ela era a boba mais maldita deles todos.

Existiam mil caminhos para fazer a si mesmo de idiota, com novas oportunidades surgindo todo dia. Era exaustivo tentar evitar todos eles.

Annabel se levantou e fez uma reverência quando o Conde de Newbury despediu-se, tentando não notar quando os olhos dele permaneciam em seu seio. Seu avô saiu da sala junto com ele, deixando-a sozinha com Luísa, sua avó, e uma garrafa de xerez.

—Sua mãe não esta satisfeita, - Lady Vickers anunciou. —Sobre o que, Madame? —Annabel perguntou.

Sua avó lançou-lhe um olhar um pouco cansado, com um tom de incredulidade e uma pitada de tédio.

—O conde. Quando concordei em trazê-la nunca sonhei que poderíamos conseguir qualquer coisa acima de um barão. Que boa sorte para você, ele está desesperado.

Annabel sorriu ironicamente. Como é bom ser objeto do desespero.

— Xerez? — Sua avó ofereceu. Annabel sacudiu a cabeça.

— Louisa? — Lady Vickers virou a cabeça em direção a outra neta, que sacudiu a cabeça de forma imediata e negativa.

— Ele não é muito agradável de se olhar, isto é verdade, - Lady Vickers disse, - mas era suficiente bonito quando jovem, então suas crianças não serão feias.

— Isso é bom, - Annabel disse fracamente.

— Várias das minhas amigas tinham olhos para ele, mas ele só tinha olhos em Margaret Kitson.

— Suas amigas, - Annabel murmurou. As contemporâneas de sua avó quiseram se casar com Lorde Newbury. As contemporâneas da sua avó queriam se casar com o homem que provavelmente queria casar-se com ela.

Querido Deus.

— E ele vai morrer em breve, - prosseguiu a avó. — Você não poderia pedir mais.

— Eu acho que vou querer aquele xerez, - Annabel anunciou.

— Annabel, - Louisa disse com um suspiro, lançando aquele olhar *o que você está fazendo*.

Lady Vickers movimentou a cabeça com aprovação e despejou em seu copo.

— Não diga seu avô, - disse, lhe dando o xerez. — Ele não aprova álcool para dama abaixo da idade de trinta.

Annabel tomou um grande gole. O líquido passou por sua garganta em uma corrida quente, mas de alguma forma ela não engasgou. Ela nunca tinha sido dada Xerez em casa, pelo menos não antes do jantar. Mas aqui, agora, ela precisava de reforço.

— Lady Vickers, - veio à voz do mordomo, - a senhora me pediu para lembrá-la quando fosse à hora de sair para reunião de Lady Marston.

— Oh, certo, - Lady Vickers disse, gemendo enquanto se levantava. — Ela é uma velha tagarela e tediosa, mas serve uma boa comida.

Annabel e Louisa permaneceram quando a avó deixou a sala e, em seguida, assim que ela tinha ido embora, afundaram-se em seus assentos e Louisa disse:

— O que aconteceu enquanto eu estive fora? Annabel suspirou debilmente.

— Eu suponho que você se refere à Lorde Newbury?

— Eu fiquei em Brighton apenas quatro dias. — Louisa lançou um olhar rápido para a porta,

certificando-se que não havia ninguém por perto, e depois retomado em um sussurro urgente. —E agora ele quer casar com você?

—Ele não disse isso, - Annabel respondeu, embora fosse mais um pensamento desejoso que qualquer outra coisa. Baseado nas atenções de Lorde Newbury para com ela nestes últimos quatro dias, ele iria a Canterbury obter uma licença especial até o fim de semana.

—Você conhece a história dele? —Louisa perguntou.

—Eu acho que sim, - respondeu Annabel. — Algumas delas.

Certamente não tanto quanto Louisa. Louisa já estava em sua segunda temporada em Londres, e mais ao ponto, ela tinha nascido para este mundo. A ascendência de Annabel poderia ter incluído um avô que era um visconde, mas ela era filha de um cavalheiro rural, por completo. Louisa, por outro lado, passou toda a primavera e o verão de sua vida em Londres. A mãe dela, tia Joan, havia falecido alguns anos antes, mas o Duque de Fenniwick tinha várias irmãs, as quais ocupavam cargos de destaque na sociedade. Louisa podia ser tímida, ela era a última pessoa que alguém esperaria espalhar boatos e rumores, mas ela sabia de tudo.

—Ele está desesperado por uma mulher, disse Louisa.

Annabel deu o que esperava ser um encolher de ombros de pouco caso. —Eu também estou desesperada por um marido.

—Não tão desesperada.

Annabel não a contradisse, mas a verdade era, se ela não casasse bem e logo, só céu sabia o que aconteceria com sua família. Eles nunca tiveram muito, mas quando seu pai estava vivo, eles sempre conseguiam se manter. Ela não estava certa como eles dispuseram de dinheiro para enviar todos quatro de seus irmãos para a escola, mas eles todos deviam estar em Eton, recebendo educação de cavalheiro. Annabel não seria responsável por eles terem de sair.

—A esposa dele morreu, oh, eu não tenho certeza de quantos anos atrás, - Louisa continuou. — Mas isso não foi significativo, como ele tinha um filho perfeitamente saudável. E seu filho teve duas filhas, então obviamente sua esposa não era estéril.

Annabel movimentou a cabeça, perguntando-se por que era sempre a mulher que era estéril. Um homem não podia ser incapaz, também?

—Mas depois seu filho morreu. Foi uma febre, eu acho.

Annabel tinha conhecimento desta parte, mas tinha certeza de que Louisa sabia mais, então perguntou:

—Ele tem mais alguém para herdar? Certamente deve haver um irmão ou primo.

—Seu sobrinho, - Louisa confirmou. — Sebastian Grey. Mas Lorde Newbury o odeia.

—Por quê?

—Eu não sei, - Louisa disse com um encolher de ombros. — Ninguém sabe. Ciúmes, talvez? Grey é muito bonito. Todas as mulheres caem aos seus pés.

—Gostaria de ver isso, - ponderou Annabel, imaginando a cena. Imaginou um louro Adônis, músculos esticando seu colete, atravessando um mar de mulheres inconsciente. Seria melhor se algumas delas ainda estivessem um pouco sensível, talvez puxando a perna dele, colocando-o fora de equilíbrio...

—Annabel!

Annabel voltou a prestar atenção. Louisa estava se dirigindo a ela com uma urgência incomum, e ela faria bem em ouvir.

—Annabel, isso é importante, - disse Louisa.

Annabel balançou a cabeça, e uma sensação estranha tomou conta dela, talvez de gratidão, com certeza de amor. Ela conhecia sua prima há pouco tempo, mas já havia um profundo laço de afeto, e ela sabia que Louisa faria tudo em seu poder para impedir que Annabel fizesse uma aliança infeliz.

Infelizmente, o poder Louisa era, nessa qualidade, limitado. E ela não, não, ela não conseguiria entender as pressões de ser a filha mais velha de uma família pobre.

—Ouça-me, - Louisa implorou. — o filho de Lorde Newbury morreu, oh, eu acho que deve ter sido um pouco mais de um ano atrás. E ele começou a procurar uma esposa antes que seu filho tivesse esfriado no túmulo.

—Ele não deveria ter encontrado uma até agora, então? Louisa abanou a cabeça.

—Ele quase casou com Mariel Willingham.

—Quem? —Annabel piscou, tentando identificar o nome. —Exatamente. Você nunca ouviu falar dela. Ela morreu.

Annabel sentiu suas sobrancelhas subirem. Foi realmente uma emoção o recebimento de trágica notícia.

—Dois dias antes do casamento ela ficou resfriada.

—Ela morreu em apenas dois dias? —Annabel perguntou. Era uma questão mórbida, mas, bem, ela tinha que saber.

—Não. Lorde Newbury insistiu em atrasar a cerimônia. Ele disse que era para seu bem—estar, que ela estava doente demais para ficar de pé na igreja, mas todos sabiam que ele realmente só

queria ter certeza que ela era saudável o suficiente para suportar um filho.

—E então?

—Bem, e depois ela morreu. Ela demorou cerca de uma quinzena. Foi realmente muito triste. Ela sempre foi muito gentil comigo. —Louisa agitou um pouco a cabeça, em seguida, continuou. —Foi quase uma perda para lorde Newbury. Caso ele se casasse com ela, teria de entrar em luto. Como ele já havia tentado se casar escandalosamente logo após a morte do filho. Se Senhorita Willingham não tivesse morrido antes do casamento, ele teria tido um ano de luto.

—Quanto tempo ele esperou antes de procurar outra pessoa? —Annabel perguntou, temendo a resposta.

—Não mais de duas semanas. Honestamente, eu acho que ele não teria esperado tanto tempo se achasse que poderia ter conseguido fugir com ela. — Louisa olhou ao redor, seus olhos caindo sobre xerez de Annabel. — Eu preciso de um pouco de chá, - disse ela.

Annabel se levantou e serviu, não querendo que Louisa quebrasse a narrativa.

—Depois ele voltou para Londres, —Louisa disse, — ele começou a cortejar Lady Frances Sefton.

—Sefton, - Annabel murmurou. Ela sabia que o nome, mas não conseguia identificá-lo.

—Sim, - Louisa disse animadamente. — Exatamente. Seu pai é o Conde de Brompton. —Ela se inclinou para frente. — Lady Frances é a terceira dos nove filhos.

—Oh, não.

—Senhorita Willingham era a mais velha de quatro, mas ela... —Louisa parou, claramente não tinha certeza de como colocar a frase educadamente.

—Tinha a mesma forma que eu? —Annabel ofereceu. Louisa acenou sombriamente.

Annabel fez uma irônica careta.

—Suponho que ele nunca olhou duas vezes em sua direção. Louisa olhou para si mesma, todo o comprimento dela.

—Nunca. —E então, em uma exposição mais característica de blasfêmia, ela acrescentou: — Graças a Deus.

—O que aconteceu com Lady Frances? —Annabel perguntou. —Ela fugiu. Com um laçao.

—Céus. Mas ela devia sentir algum afeto então, você não acha? Não fugiria com um criado só para evitar casamento com um conde.

—Você não acha?

—Bem, não, - disse Annabel. — Isso não seria prático.

—Eu não acho que ela estava pensando em praticidade. Eu acho que ela estava pensando em casamento para que... Que...

—Rogo que não termine a frase. Louisa gentilmente atendeu ao pedido.

—Se alguém estivesse tentando evitar o casamento com lorde Newbury, — Annabel continuou, — acho que deve haver melhores formas de fazer isso do que se casar com um lacaio. A menos, claro que ela estivesse apaixonada pelo lacaio. Isso muda tudo.

—Bem, não é nem aqui nem lá. Ela fugiu para a Escócia e ninguém ouviu falar dela. Até então, a temporada acabou. Eu tenho certeza que Lorde Newbury estava à procura de uma noiva, desde então, mas eu acho que é muito mais fácil durante a temporada, quando todos estão reunidos. Além disso, - Louisa acrescentou quase como um complemento, — se ele tivesse vindo a conseguir outra dama, eu quase não ouvi falar dele. Ele vive em Hampshire.

Considerando que Louisa havia passado todo o Inverno na Escócia, tremendo em seu castelo.

—E agora ele está de volta, - afirmou Annabel.

—Sim, e agora que ele perdeu um ano inteiro, ele vai querer encontrar alguém rapidamente. — Louisa olhou para ela com uma expressão horrível, parte pena, parte resignação. — Se ele está interessado em você, não vai perder tempo com uma corte.

Annabel sabia que era verdade, e sabia que se Lorde Newbury propusesse, seria muito difícil recusar. Seus avôs já haviam indicado que apoiavam a aliança. Sua mãe teria permitido recusar, mas ela estava a centenas de quilômetros de distância. E Annabel sabia exatamente a expressão que ela veria nos olhos de sua mãe quando ela assegurasse que não precisava se casar com o conde.

Existiria amor, mas também existiria preocupação. Havia sempre preocupação no rosto da sua mãe ultimamente. O primeiro ano depois da morte do seu pai existiu pesar, mas agora existia só preocupação. Annabel pensou que sua mãe estava tão preocupada sobre como sustentar a família que não existia mais tempo para tristeza.

Lorde Newbury poderia, se ele realmente desejasse casar com ela, trazer suficiente suporte financeiro para aliviar os fardos de sua mãe. Ele podia pagar os estudos dos seus irmãos. E fornecer dotes para suas irmãs.

Annabel não consentiria casar com ele a menos que concordasse em fazer isso. Por escrito.

Mas ela estava se adiantando. Ele não a pediu em casamento. E ela não decidiu que diria sim. Ou diria?

## CAPÍTULO 2



### *Na manhã seguinte*

—*Newbury está de olho em alguém novo.*

Sebastian Grey abriu um olho para olhar seu primo Edward, que estava sentando na frente dele, comendo uma torta a qual a substancia até mesmo do outro lado da sala cheirava asquerosamente. Sua cabeça estava martelando, muito champanha nas noites anteriores, e decidiu que ele gostava mais da escuridão do quarto.

Ele fechou os olhos.

—Eu acho que ele leva a sério desta vez, - Edward disse.

—Era sério nas últimas três vezes, - respondeu Sebastian, direcionando o comentário para o interior das pálpebras.

—Hmm, sim, - veio a voz de Edward. — Má sorte para ele. Morte, fuga, e o que aconteceu com a terceira?

—Apareceu no altar com uma criança. Edward riu.

—Talvez ele devesse ter tomado aquela. Pelo menos ele sabia que ela era fértil.

—Eu suspeito que, - Sebastian respondeu, mudando de posição para melhor acomodar as longas pernas no sofá, — que ate eu sou preferível ao bastardo de outro homem. —Ele desistiu de tentar encontrar uma posição confortável e levantou as duas pernas sobre o braço, deixando seus pés pendurados para o lado. — Embora seja difícil de imaginar.

Ele pensou no tio por alguns instantes, em seguida, tentou afastá-lo da mente. O Conde de Newbury sempre o deixava de mau humor, e sua cabeça doía já bastante de qualquer maneira. Eles sempre estiveram em desacordo, tio e sobrinho, mas isso realmente não importava até um ano e meio antes, quando o primo de Sebastian, Geoffrey morreu. Tão logo se verificou que a viúva de Geoffrey não estava gerando, e que Sebastian era o herdeiro presumível do condado, Newbury apressou-se para Londres para procurar uma noiva, declarando que iria morrer antes de permitir que Sebastian herdasse.

O conde, aparentemente, não tinha notado inconsistências logísticas de tal declaração. Sebastian, assim, encontrou-se em uma posição estranha e precária. Se o conde poderia encontrar uma esposa e gerar outro filho, o Senhor sabia, ele estava tentando, então Sebastian era nada além que outro

cavalheiro elegante sem títulos de Londres. Se, por outro lado, Newbury não conseguiu reproduzir, ou pior, conseguisse apenas filhas, então Sebastian herdaria quatro casas, montes de dinheiro, e o oitavo condado mais antigo da terra.

Tudo isso significa que ninguém sabia bem o que fazer com ele. Ele era a captura principal do mercado de casamento ou só outro caçador de fortuna? Era impossível saber.

Era tudo muito divertido. Para a mente de Sebastian, pelo menos. Ninguém queria correr o risco de que ele não poderia vir a ser conde, e por isso ele era convidado a toda parte, sempre uma circunstância excelente para um homem que gostava de boa comida, boa música e boa conversa. As debutantes estremeciam ao redor dele, fornecendo entretenimento infinito. E quanto as mais maduras, as que estavam livres para tomar seu prazer onde eles escolhessem...

Bem, mais frequentemente do que não, elas o escolhiam. Que ele fosse bonito era uma benção. Que ele fosse um excelente amante era delicioso. Que ele eventualmente pudesse se tornar o Conde de Newbury...

Tornavam-no quase irresistível.

Atualmente, no entanto, com a cabeça doendo e o estômago enjoado, Sebastian estava se sentindo extremamente resistível. Ou se não fosse isso, então resistente. Afrodite podia descer do teto, flutuando sobre uma maldita concha, nua, porém com algumas flores bem colocadas, e ele provavelmente vomitaria em seus pés.

Não, não, ela deveria estar completamente nua. Se ele iria provar a existência de uma deusa, aqui nesta sala, ela deveria estar malditamente nua.

Ele ainda vomitaria em seus pés, no entanto.

Ele bocejou, jogando seu peso um pouco mais sobre seu quadril esquerdo. Perguntou-se se poderia dormir. Ele não dormira bem à noite passada (champanha) ou a noite anterior a esta (nada em particular), e sofá do seu primo era tão bom lugar como qualquer outro. A sala não era tão brilhante, enquanto ele mantinha os olhos fechados, e o único som era Edward mastigando.

A mastigação.

Era notável a forma como soava alto, agora que ele tinha parado para pensar sobre isso. Para não falar do mau cheiro. Torta de carne. Quem come a torta de carne na frente de alguém na condição dele?

Sebastian soltou um gemido. —Desculpe? —Edward disse. —Sua comida, - resmungou Seb. —Você quer alguma coisa? —Deus não.

Sebastian mantinha os olhos fechados, mas ele conseguia praticamente ouvir o primo dando de

ombros. Não existiria nenhuma clemência lançada em sua direção esta manhã.

Então Newbury estava suspirando por outra potranca. Sebastian supôs que ele não devia ficar surpreso. Inferno, ele não estava surpreso. Era exatamente isto,...

Era apenas isso:

Bem, inferno. Ele não sabia o que era. Mas não era nada.

—Quem é agora? —Ele perguntou, porque não era como se ele fosse completamente desinteressado.

Houve uma pausa, provavelmente, de modo que Edward pudesse engolir a comida e, em seguida:

—A neta dos Vickers's.

Sebastian considerou aquilo. Lorde Vickers tinha várias netas. Que fazia sentido, como ele e Lady Vickers tiveram aproximadamente quinze filhos próprios.

—Bem, bom para ela. —ele grunhiu. —Você a viu? —Edward perguntou.

—E você? —Seb respondeu. Ele chegou à cidade tarde para a temporada. Se a menina fosse nova na temporada, ele não a conhecia.

—Criada no campo, me informaram, e tão fértil que os pássaros cantam quando ela se aproxima.

Agora merecia um olho aberto. Dois por uma questão de fato. —Os pássaros, - Sebastian repetiu em voz monótona. — realmente.

—Eu pensei que era uma frase inteligente. —Edward disse, em um toque defensivo.

Com um pequeno gemido, Sebastian elevou-se para ficar em uma posição sentada. Bem, algo mais próximo de uma posição sentada do que tinha sido antes.

—E como, se a jovem dama é a branca de neve virgem como eu tenho certeza que Newbury insiste, mediu sua fecundidade?

Edward encolheu os ombros.

—Você pode prever isso. Os quadris... —Suas mãos fizeram algum tipo de movimento estranho no ar, e seus olhos começaram a adquirir uma expressão vidrada. — E os seios...

Neste ele praticamente tremeu, e Sebastian não teria ficado surpreso se o pobre rapaz começasse a babar.

—Controle-se, Edward, - disse Sebastian. — você está deitado no sofá recém estofado de Olivia, se você não se lembra.

Edward dirigiu um olhar mal-humorado e voltou para a comida em seu prato. Eles estavam

sentados na sala de visitas de Lorde Harry e Lady Olivia Valentine, onde os dois frequentemente podiam ser achados. Edward era irmão de Harry, e deste modo vivia ali.

Sebastian veio após o café da manhã. O cozinheiro de Harry recentemente mudou a receita para ovos moles, com resultados deliciosos. (Mais manteiga, Sebastian suspeitou; tudo fica saboroso com mais manteiga.) Ele não faltava um café da manhã em *La casa de Valentine* por uma semana.

Além disso, ele gostava da companhia. Harry e Olivia que, a propósito, não eram espanhóis; Sebastian simplesmente gostava de dizer que - *La Casa de Valentine* —, estavam fora do país por uma quinzena, presumivelmente em uma tentativa para escapar de Sebastian e Edward. Os dois homens imediatamente degeneraram em seus modos de solteiros, dormindo até depois do meio-dia, almoçando na sala de estar, e pendurando um tiro ao alvo atrás da porta do segundo aposento de convidados.

Sebastian estava atualmente à frente, quatorze jogos a três.

Dezesseis jogos a um, na verdade. Ele sentiu pena de Edward no meio do torneio. E tinha feito as coisas mais interessantes. Era mais difícil perder realista do que era para ganhar. Mas ele conseguiu. Edward não tinha suspeitado de nada.

O jogo dezoito ocorreria naquela noite. Sebastian estaria lá, é claro. Realmente, ele tinha tudo, mas se remexeu interiormente. Disse a si mesmo que era porque alguém tinha que manter um olho no jovem Edward, mas a verdade era...

Seb deu sacudia mental na cabeça. Isso era verdade suficiente.

Ele bocejou. Senhor, ele estava cansado. Não sabia por que teve que beber tanto a noite passada. Fazia tempo desde que não fazia isso. Mas foi para a cama cedo e então não conseguiu dormir, então levantou, mas não podia escrever por que...

Não escreveu por que... Tinha sido condenadamente irritante. Ele simplesmente não podia escrever. As palavras não vinham apesar de ter deixado a pobre heroína escondida sob a cama. Com o herói na cama. Era para ser a cena mais picante. Alguém poderia pensar que seria fácil, só a partir da novidade.

Mas não. Senhorita Spencer ainda estava sob a cama e seu escocês ainda estava sobre a cama, e Sebastian não estava mais perto do fim do Capítulo doze do que havia estado na semana passada.

Após duas horas que ele esteve sentado, em frente à mesa olhando fixamente para uma folha de papel em branco, finalmente desistiu. Não conseguia dormir e não podia escrever, e de modo mais por despeito do que qualquer outra coisa que levantou, vestiu-se e se dirigiu ao clube.

Havia champanhe. Alguém estava comemorando alguma coisa, e teria sido rude não se juntar a

eles. Havia várias damas muito bonitas, também, embora porque eles tinham ido ao clube, Sebastian não tinha certeza.

Ou talvez não tivesse sido no clube. Se tivesse ido para outro lugar depois? Meu Deus estava ficando velho demais para esse absurdo.

—Talvez ela diga não, - Edward disse. Aparentemente do nada. —Eh?

—A menina Vickers. Talvez ela diga não a Newbury. Sebastian sentou-se, pressionando os dedos na testa. —Ela não dirá não.

—Eu pensei que você não a conhecia.

—E não conheço. Mas Vickers vai querer a aliança com Newbury. Eles são amigos, e Newbury tem dinheiro. A menos que a menina tenha um pai extremamente complacente, ela terá que fazer o que o avô diz. Ah, espere. —Ele arqueou as sobrancelhas, a ruga que se formava testa servia para estimular a mente atualmente lenta. — Se ela for a garota Fenniwick dirá não.

—Como você sabe tudo isso?

Seb encolheu os ombros. —Eu sei das coisas. —Na maioria das vezes, observou ele. Era notável o que se poderia dizer sobre outro ser humano simplesmente observando. E ouvindo. E agindo tão encantadoramente que as pessoas tendem a esquecer que ele tinha um cérebro.

Sebastian raramente era levado a sério, e ele gostava bastante disso. —Não, espere novamente, - disse, imaginando uma coisa tão insignificante em sua mente, tão tênue que desapareceu quando se virou de lado. — Não pode ser a garota Fenniwick. Ela não tem seios.

Edward acabou com o resto da torta de carne. O cheiro, infelizmente, não se dissipou imediatamente.

—Espero que você não fale com conhecimento de causa, disse ele.

—Eu sou um excelente juiz da forma feminina, mesmo de longe. — Sebastian olhou em volta da sala, procurando algo sem álcool para beber. Chá. Chá poderia ajudar. A avó dele sempre dizia que era a melhor coisa depois de vodka.

—Bem, - Edward disse, observando como Sebastian levantou do sofá e atravessou a sala para chamar o mordomo, — se ela aceitá-lo, você tem tudo, mas perde o condado.

Seb caiu para trás no sofá.

—Ele nunca foi meu, para começar.

—Mas poderia ser. —Edward disse, inclinando-se para frente. — Ele poderia ser seu. Eu sou provavelmente trigésimo nono na linha para qualquer coisa de nota, mas você... Você poderia ser

Newbury.

Sebastian empurrado de volta o gosto amargo que vinha subindo na garganta. Newbury era seu tio, enorme e barulhento, com mau hálito e um temperamento pior. Era difícil imaginar que nunca atendesse pelo nome.

—Honestamente, Edward, - ele disse, olhando o primo da forma mais sincera que ele conseguiu, — eu realmente não me importo de uma forma ou de outra.

—Você não pode dizer isso.

—E ainda assim eu faço. —Seb murmurou.

Edward o olhou fixamente como se ele tivesse enlouquecido. Sebastian decidiu responder aquilo retomando sua longitudinalmente posição no sofá. Ele fechou os olhos, determinado a mantê-los daquele modo até que o chá chegou.

—Não estou dizendo que não apreciaria acompanhar as conveniências, — ele disse, — mas vivi trinta anos sem isto, e vinte e nove sem até a expectativa.

—Conveniência, - Edward repetiu, aparentemente entendendo a palavra.

— Conveniência?

Seb encolheu os ombros.

—Gostaria de achar o dinheiro extremamente conveniente.

—Conveniente. —Edward disse com espanto. — Só você poderia chamá-lo de conveniente.

Sebastian deu um encolher de ombros novamente e tentou cochilar. Ele parecia achar a maior parte de seu sono deste modo, aos poucos, uma pequena parte roubada em sofás, em cadeiras, em qualquer lugar, realmente, com exceção da própria cama. Mas, sua mente provava ser teimosa, recusando a deixar passar esta fofoca mais recente sobre seu tio. Realmente não se importava se não herdasse o condado.

As pessoas tendiam a ter dificuldade em acreditar nisto, mas era verdade. Se seu tio se casasse com a menina dos Vickers e conseguisse um filho... bem, bom para ele. Então ele não conseguiria o título. Sebastian não podia se incomodar em ficar perturbado com a perda de algo que ele nunca teve em primeiro lugar.

—A maioria das pessoas, - Sebastian disse em voz alta, desde que era só Edward na sala e ele podia soar como um palhaço sem consequências — sabe se vão herdar um condado. Se é o herdeiro aparente. Aparentemente, o herdeiro. A menos que alguém consegue matá-lo primeiro, você herda.

—Perdão?

—Pode-se de fato mudar o nome do herdeiro de tudo, murmurou Seb. —Você sempre dá lições de vocabulário quando bebe demais? —Filhotinho. — Era o nome preferido de Seb para Edward, e enquanto ele o mantivesse dentro da família, Edward não parecia se importar. Edward riu.

—Monólogo, interrompeu, - Sebastian disse, então continuou: — Como herdeiro presumido, tudo é meramente presumido.

—Você está dizendo algo que eu não sei? —Edward perguntou, sem sarcasmo. Foi mais uma dúvida para saber se ele precisava ou não prestar atenção.

Sebastian o ignorou.

—Alguém deve ser o herdeiro, a menos, é claro, etc, etc, em meu caso, Newbury consiga impingir-se em alguma pobre dama jovem com quadris férteis e seios grandes.

Edward suspirou de novo. —Cale a boca, - disse Seb.

—Se você os visse, saberia o que eu quero dizer.

O tom era tão cheio de luxúria que Sebastian teve que abrir os olhos e olhar para ele.

—Você precisa de uma mulher. Edward deu um encolher de ombros.

—Mande uma do meu jeito. Não me importo com suas sobras.

Ele merecia mais do que isso, mas Sebastian realmente não queria se meter, não sem sustento.

—Eu realmente preciso daquele chá.

—Eu suspeito que você precisa de algo mais do que isso. Seb curvou uma sobrancelha.

—Você parece um pouco aborrecido com a fragilidade de sua posição, - Edward explicou.

Sebastian considerou. —Não, não é aborrecimento. Mas eu vou tão longe como levemente exasperado.

Edward pegou o jornal, e eles caíram em um silêncio amigável. Sebastian olhou através da sala e para fora da janela. Sua visão sempre foi excelente, e ele podia ver as mulheres bonitas passeando do outro lado da rua. Ele observou por algum tempo, felizmente pensando em nada de importante. Azul celeste parecia ser a cor da moda nesta temporada. Uma boa escolha, pois ficava bem na maioria das pessoas. Ele não tinha tanta certeza sobre as saias, parecia um pouco mais duras e cônicas. Atraente, sim, mas muito mais difícil para o homem com a intenção de levantá-las.

—Chá, - Edward gritou, assaltando os pensamentos de Sebastian. Uma criada depositou a bandeja sobre a mesa entre eles, e por um momento eles simplesmente ficaram ali, dois grandes homens com mãos grandes, olhando para o bule de chá delicado.

—Onde está nossa querida Olivia quando precisamos dela? —disse Sebastian.

Edward sorriu.

—Eu vou ter a certeza de dizer a ela que valoriza suas habilidades de servir o chá.

—É possivelmente a razão mais lógica para se obter uma esposa. — Sebastian inclinou-se para frente e examinou o tabuleiro, olhando para o pequeno jarro de leite. — Você quer alguma coisa?

Edward balançou a cabeça.

Sebastian salpicou um pouco de leite na xícara e depois decidiu que precisava de mais chá para infusão ficar conveniente. Ele verteu o líquido, inalando o aroma como vapor através do ar. Foi notável o quão longe foi para a resolução de seu estômago.

Talvez devesse ir para a Índia. Terra da promessa. Terra de chá.

Ele tomou um gole, o calor circulou em sua garganta para a barriga. Foi perfeito, perfeito.

—Alguma vez você já pensou em ir para a Índia? —Perguntou a Edward. Edward o olhou com as sobrancelhas ligeiramente levantadas. Foi uma brusca mudança de assunto, mas, novamente, ele era muito acostumado a Sebastian para ficar excessivamente assustado.

—Não, - disse ele. — muito quente.

Seb considerou. —Eu suponho que você esteja certo.

—E há a malária, - acrescentou Edward. — Eu conheci um homem com malária uma vez. Estremeceu. — Você não iria querer isso.

Sebastian tinha visto sua quota de malária enquanto lutava com os 18º húsardos em Portugal e Espanha. *Você não gostaria* parecia um eufemismo espetacular.

Além disso, seria difícil de continuar a clandestina carreira literária no estrangeiro. Seu primeiro romance, *Senhorita Sainsbury e o Coronel Misterioso*, tinha sido um sucesso formidável. Tanto foi que Sebastian continuou a escrever

*Senhorita Davenport e o Marquês Escuro*, *Senhorita Truesdale e o Cavalheiro Silencioso*, e o maior best-seller de todos *Senhorita Butterworth e o Barão Louco*.

Todos publicados sob pseudônimo, claro. Se soubessem que ele estava escrevendo romances góticos...

Ele pensou sobre isto por um instante. O que aconteceria se soubessem? Os membros mais engomados da sociedade o cortariam, mas isso parecia mais um benefício que qualquer outra coisa. O resto das pessoas acharia delicioso. Seria aclamado por semanas. Mas não haveria dúvidas. E as pessoas pediriam para escrever as histórias delas. Seria tão tedioso.

Ele gostava de ter um segredo. Até sua família não sabia. Se alguém se perguntou onde ele

conseguiu seu capital, nunca inquiririam sobre isto. Harry provavelmente pensava que ele tinha ganhando uma herança de sua mãe. E que ele mendigava o café da manhã todo dia como um meio de economizar.

Além disso, Harry não gostava de seus livros. Ele estava traduzindo-os em russo (e estava recebendo uma fortuna para isso, possivelmente mais do que Sebastian recebeu para escrever o original em Inglês), mas ele não gostava deles. Pensava que eram tolas. Ele disse isso com bastante frequência. Sebastian não tinha coragem de lhe dizer que Sarah Gorely, a autora era Sebastian Grey, o primo dele.

Faria Harry se sentir tão desconfortável.

Sebastian bebia o chá e observou Edward ler o jornal. Se ele se inclinasse para frente, seria capaz de ler a página de frente. Sua visão sempre foi caprichosamente afiada. Mas não, aparentemente, suficientemente afiada. The London Times usava uma ridícula letra pequena. Ainda assim, ele tentou. As manchetes eram legíveis, pelo menos.

Edward depositou o jornal e o olhou. —Você está aborrecido? Seb bebeu o resto do chá. —Oh, terrivelmente. E você? —Muito, já que não posso ler o jornal com você me olhando. —Sou tão perturbador? —Seb sorriu. — Excelente.

Edward balançou a cabeça e estendeu o jornal. —Quer isso para você? —Deus não! Eu estava preso em uma conversa com Lorde Worth noite passada, tudo sobre o novo imposto sobre consumo. Ler sobre isso seria apenas um pouco mais agradável do que arrancar as minhas unhas.

Edward olhou para ele. —os limites da sua imaginação são macabros. —Somente os limites? — Seb murmurou.

—Eu estava tentando ser cortês.

—Oh, você nunca deveria tentar se cortês comigo. —É claro.

Seb fez uma pausa tempo suficiente apenas para que Edward pensasse que ele deixaria passar a conversa, então disse: - Você está ficando muito chato em sua velhice, filhote.

Edward arqueou uma sobrancelha. —O que faz você...

—Idoso, mas interessante. —respondeu Sebastian com um sorriso. Se era o chá ou a diversão de implicar com o primo jovem, ele estava começando a se sentir melhor. A cabeça ainda doía, mas pelo menos ele não achava que ia estragar o tapete. — Você pretende participar hoje à noite da festa de Lady Trowbridge?

—Em Hampstead? —Edward perguntou.

Seb assentiu com a cabeça, servindo-se outra xícara de chá.

—Eu acho que sim. Eu não tenho nada melhor para fazer. E você? —Acho que tenho um encontro com a bela Lady Caves no jardim. —No jardim?

—Eu sempre gostei da natureza, - murmurou Sebastian. — Só tenho que descobrir uma maneira de obter um cobertor para a festa sem que ninguém perceba.

—Aparentemente você não gosta da natureza, em toda sua glória. —Apenas a parte sobre o ar fresco e a aventura. Os galhos e a grama queimam e eu posso passar sem isso. Edward levantou-se.

—Bem, se alguém pode conseguir isso, é você.

Seb olhou para cima, surpreso e talvez um pouco decepcionado. —Aonde você vai?

—Tenho um encontro com Hoby.

—Ah. —Ele não poderia segurá-lo, então. Ninguém desagrada Lorde Hoby, e ninguém certamente quer ficar entre um cavalheiro e sua superioridade (sua bota).

—Você estará aqui quando eu voltar? — Edward perguntou da porta. -ou pretende ir para casa?

—Eu provavelmente estarei aqui. — Respondeu Sebastian, dando um último gole no chá antes de se sentar no sofá. Era quase meio — dia, e ele não precisaria voltar para casa para preparar-se para adega de lady Trowbridge por horas ainda.

Edward deu um aceno e partiu. Sebastian fechou os olhos e tentou dormir, mas depois de dez minutos desistiu e pegou o jornal. Era malditamente difícil dormir quando estava sozinho.

## CAPÍTULO 3



### *Mais tarde naquela noite*

*Ela não podia casar-se com ele. Oh Deus querido, ela não podia.*

Annabel correu pelo corredor escuro, sem se importar para onde estava indo. Ela tentou fazer o seu dever. Ela tentou se comportar como devia. Mas agora se sentia doente, ia virar o estômago e, acima de tudo precisava de ar.

Sua avó tinha insistido que comparecesse a festa anual de Lady Trowbridge, e depois Louisa lhe explicou que era um pouco fora da cidade, todo o caminho a Hampstead, Annabel ficou olhando para frente. Lady Trowbridge mantinha um jardim esplêndido, abrindo para a direita sobre a famosa charneca de Hampstead, e se o tempo estivesse bom, provavelmente colocaria do lado de fora tochas e decorações, permitindo que a festa fosse lá fora.

Mas antes que Annabel pudesse explorar além do salão de baile, Lorde Newbury a achou. Ela fez uma reverência e sorriu, agindo para todo o mundo como se estivesse honrada pelas atenções dele. Dançou com ele duas vezes, não fazendo nenhum comentário quando ele pisou em seu pé.

Nem quando a mão dele desceu para o traseiro dela.

Ela tinha bebido uma limonada com ele no canto, tentando empreender uma conversa, esperando e rezando para que algo, qualquer coisa pudesse vir a ser de mais interesse do que os seios dela.

Mas ele de alguma maneira a encurralou no canto do corredor. Annabel não sabia como fez. Algo sobre um amigo, e uma mensagem que precisava ser retransmitida, em seguida, antes que ela percebesse, ele tinha levado-a para um canto escuro, e a pressionara contra a parede.

—Bom Senhor! —ele gemeu, agarrando um dos seios com a mão robusta, - Nem sequer cabem meus dedos em torno dele.

—Lorde Newbury! —Annabel gritou, tentando ficar fora do alcance dele. — —Pare, por favor...

—Enrole suas pernas em volta de mim, - ordenou, batendo os lábios contra os dela.

—O que? —Ela tentou dizer, tentou gritar, mas ela mal conseguia mover a boca contra a pressão.

Ele resmungou e empurrou contra ela, a excitação dura e furiosa contra a barriga dela. Uma das mãos agarrou seu traseiro, tentando mover a perna do jeito que ele queria que ficasse. —Erga a saia se tiver como. Eu quero ver o quão longe você pode ir.

—Não! —Ela ofegou. — Por favor. Eu não posso.

—A moral de uma dama e o corpo de uma prostituta. —Ele riu e apertou os mamilos através do tecido fino do vestido. — A combinação perfeita.

Pânico estava aumentando no peito de Annabel. Ela já havia lidado com avanços mal desejados antes, mas nunca de um par do reino. E nunca do homem ela esperava se casar.

Será que isso queria dizer que esperava liberdades dela? Antes que pedisse sua mão?

Não, ele não poderia. Ele podia ser um conde, acostumado a ter suas ordens obedecidas, mas certamente isso não significava que ele poderia pensar em comprometer uma jovem dama respeitável.

—Lorde Newbury, - disse ela, tentando soar firme. — Liberte-me. Imediatamente.

Mas ele apenas sorriu e tentou beijá-la novamente.

Ele cheirava a peixe, e as mãos eram grandes e flácidas, e ela simplesmente não podia suportar. Não era assim que deveria ser. Ela não esperava romance ou amor verdadeiro, ou, oh Meu Deus, ela não sabia que o esperava. Mas não é era isso. Não era esse homem horrível contra uma parede em uma casa estranha.

Isso não poderia ser sua vida. Isso simplesmente não poderia ser a vida dela.

Ela não sabia de onde tinha tirado força, ele devia pesar mais do que vinte pedras. Mas ela conseguiu colocar ambas as mãos entre eles, e então o empurrou com força.

Ele cambaleou para trás, praguejando quando bateu em uma mesa e quase perdeu o equilíbrio completamente. Annabel teve tempo suficiente para puxar as saias por cima dos tornozelos e correr. Não tinha ideia se Lorde Newbury a seguia, não parou para olhar para trás até que passou através de um conjunto de portas francesas e encontrou-se no que tinha que ser um jardim lateral.

Ela se encostou à parede exterior de pedra e tentou recuperar o fôlego. O coração batendo rápido e a pele estava coberta com um fino brilho de transpiração, o que a fez estremecer no ar mais frio.

Sentia-se suja. Não por dentro. Lorde Newbury não poderia fazê-la duvidar de seus próprios valores e consciência. Mas do lado de fora, na pele dela, onde ele tocou...

Ela queria tomar banho. Queria ter um pano e uma barra de sabão e apagar toda a memória do que tinha passado com ele. Mesmo agora, o seio direito estava estranho onde ele a agarrou. Não era a dor. Ela só se sentiu mal. Seu corpo inteiro se sentiu assim. Não estava machucada. Existia uma sensação indescritível de injustiça.

À distância, podia ver a luz das tochas no jardim da casa, mas ali estava quase escuro. Era evidente que esta parte da propriedade não tinha sido feito para os convidados. Ela não deveria estar ali, isso era óbvio, mas não poderia voltar para a festa. Ainda não.

Havia um banco de pedra a meio caminho através do gramado, assim que ela se aproximou, deixou-se cair, se permitindo um sonoro, - Ooof!—, quando aterrissou. Era o tipo de ruído não muito feminino, que acompanham o tipo de movimento deselegante, que não podia permitir-se em Londres. O tipo de coisa que ela faz o tempo todo quando brincava com os irmãos e irmãs, em Gloucestershire.

Ela sentia falta de casa. Sentia falta da cama, do cão e das tortas de ameixa da cozinheira. Tinha perdido a mãe e realmente perdeu o pai, e acima de tudo, perdeu a terra firme debaixo dos pés. Ela sabia quem era em Gloucestershire. Sabia o que era esperado dela. Sabia o que esperar das outras pessoas. Era muito querer saber o que estava fazendo? Certamente que não era um desejo irracional.

Olhou para cima, tentando decifrar as constelações. Existia luz demais vinda da festa para achar claridade no céu da noite, mas as estrelas estavam ainda cintilando aqui e ali. Elas tiveram que lutar com a poluição, Annabel pensou, a fim de brilhar. Era uma poluição de luz, de brilho. De alguma forma que parecia errado.

—Cinco minutos, - disse ela em voz alta. Em cinco minutos ela voltaria para a festa. Em cinco minutos ela teria recuperado o equilíbrio. Em cinco minutos, seria capaz de colocar um sorriso de volta no rosto e fazer uma reverência ao homem que acabara de atacá-la. Em cinco minutos ela diria a si mesma que poderia se casar com ele.

E com sorte, em dez minutos ela poderia acreditar nisto.

Mas enquanto isso tinha mais quatro minutos para ela mesma. Quatro minutos. Ou não.

Aos ouvidos de Annabel chegaram sons de sussurros, e com uma careta, ela virou no banco e olhou de volta para a casa. Podia ver duas pessoas aparecendo através das portas francesas, um homem e uma mulher, a julgar pelas silhuetas. Ela gemeu para si mesma. Eles devem estar saindo furtivamente para o lado de fora para se encontrarem. Não poderia existir nenhuma outra explicação. Se eles buscaram este lado do jardim, e escolheram àquela porta, então estavam tentando evitar serem descobertos.

Annabel não queria ser ela a estragar as coisas para eles.

Ela pulou e ficou de pé, pretendendo encontrar uma rota alternativa de volta para casa, mas o casal estava avançando rapidamente, e não havia nenhuma maneira que ela pudesse ir a qualquer lugar, a não ser mais para as sombras se quisesse evitá-los. Moveu-se rapidamente, não correndo realmente, mas definitivamente fazendo algo que era mais que caminhar, até que chegou a cerca viva

que era claramente o limite da propriedade. Particularmente não apreciou o pensamento de pressionar-se no espinheiro, por isso apressou-se em direção a esquerda, onde podia ver uma abertura na sebe, presumivelmente conduzia para fora do jardim.

O jardim. O enorme espaço, maravilhoso e glorioso que era tudo o que Londres não era. Este definitivamente não era o lugar onde ela deveria estar. Definitivamente, definitivamente não. Louisa ficaria perplexa. Seu avô ficaria furioso. E a avó dela...

Bem, sua avó, provavelmente iria rir, mas Annabel há muito percebeu que não deveria basear qualquer de seus julgamentos morais sobre o comportamento da avó.

Perguntou-se se seria capaz de achar outro caminho de volta do jardim sobre o gramado de Trowbridge. Era uma propriedade enorme; Seguramente existiam aberturas múltiplas para escolher. Mas enquanto isso...

Ela olhou para o firmamento. O quão surpreendente era achar um lugar desses tão perto da cidade. Era feroz e escuro, e o ar tinha uma claridade nítida que ela não tinha percebido que sentia falta. Não era apenas porque era limpo e fresco, ela sabia o que tinha perdido, desde o primeiro dia que respirou rapidamente o gás opaco que cobria o ar em Londres. Houve uma ferroadada de ar, algo frio, algo penetrante. Cada respiração fazia doer os pulmões.

Era o paraíso.

Ela olhou para cima, querendo saber se as estrelas seriam mais visíveis ali. Não eram, não muito de qualquer maneira, mas, no entanto, manteve o rosto para o céu, caminhando lentamente para trás, contemplou uma parte da lua aparecendo acima da copa das árvores.

Era o tipo da noite que deveria ser mágica. E teria sido, se ela não tivesse sido atacada por um homem com idade para ser seu avô. Isso teria sido se tivesse sido autorizada a usar vermelho, o que favorecia sua tez muito mais do que essa cor pálida de rosa. Teria sido mágico se o vento soprasse ao compasso de uma valsa. Se o farfalhar das folhas fossem castanholas espanholas, e houvesse um belo príncipe esperando na névoa.

É claro que não havia névoa, e mais uma vez, não havia príncipe, tampouco. Apenas um homem horrível e velho que queria fazer coisas horríveis com ela. E, finalmente, ela teria que deixar.

Três vezes em sua vida que tinha sido beijada. O primeiro foi Johnny Metham, que agora insistia em ser chamado de Jonh, mas ele tinha oito anos quando encostou os lábios nos dela, definitivamente Johnny.

O segundo havia sido Fenstone Lawrence, que tinha roubado um beijo num dia de maio, três anos antes. Tinha sido sombrio, e alguém tinha colocado rum em ambas as jarras de ponche, e todos no povoado perderam a razão. Annabel havia sido surpreendida, mas não irritada, e de fato quando ele

tentou colocar a língua na boca dela ela riu.

Parecia a coisa mais ridícula.

Lawrence não tinha achado divertido, e ele ficou magoado, o orgulho viril aparentemente muito zangado para continuar. Ele não falou com ela de novo por um ano inteiro, não até voltar de Bristol com uma tímida noiva loira, pequena, e sem cérebro. Tudo que Annabel não era, e ficou aliviada ao notar, no muito que ela não importava de ser.

O terceiro beijo foi hoje à noite, quando lorde Newbury tinha pressionado o corpo contra o dela, e depois fez o mesmo com a boca.

De repente aquele episódio inteiro com língua do Lawrence Fenstone não mais pareceu tão divertido.

Lorde Newbury tinha feito a mesma coisa, tentando enfiar a língua entre seus lábios, mas ela cerrou os dentes com tanta força que pensou que poderia quebrar o maxilar. E então ela saiu correndo. Ela sempre achou que fugir era covardia, mas agora, depois de ter corrido, percebeu que às vezes era a única ação prudente, mesmo que isso significasse que agora se visse sozinha em um descampado, com um casal amoroso bloqueando o caminho de volta para o salão de baile. Era quase cômico.

Quase.

Deixou as bochechas inflarem com ar, em seguida, soltou o ar, ainda caminhando lentamente para trás. Que noite tinha sido esta. Não foi mágica absolutamente. Não foi...

—Oh!

Seu salto de sapato tinha encostado-se a algo - Deus querido era uma perna? — e ela caiu para trás. E tudo que ela podia pensar - tão macabro quanto sua perspectiva se tornou— foi que tinha tropeçado em um cadáver.

Ou pelo menos ela esperava que ele estivesse morto. Um cadáver certamente faria menos danos à sua reputação do que um vivo.

Sebastian era um homem paciente, e ele não se importava de esperar vinte minutos de forma que ele e Elizabeth pudessem sair respeitavelmente separados do salão de baile. A adorável lady Cellars tinha uma reputação a manter, ainda que ele não tivesse. Não que a ligação deles fosse um segredo. Elizabeth era bonita e jovem, já havia dado ao marido dois filhos, e Sebastian achava isso conveniente, Lorde Cellars estava muito mais interessado em seu secretário do sexo masculino do que estava na esposa.

Ninguém esperava que Lady Cellars permanecesse fiel. Ninguém.

Mas as aparências tinham que ser mantidas, e assim Sebastian alegremente permaneceu no cobertor (contrabandeado por um laçao empreendedor) e refletia sobre o céu noturno.

Era notavelmente pacífico ali no jardim, ainda que ele pudesse ouvir os sons da festa levados pelo vento. Não tinha se aventurado muito além dos limites da propriedade Trowbridge, uma vez que Elizabeth não era tão aventureira assim. Mas, ainda assim, se sentiu extremamente sozinho.

O mais estranho era, que ele gostava.

Não se beneficiava frequentemente da solidão. Na verdade, quase nunca o fazia. Mas havia algo encantador sobre estar fora no jardim, ao céu aberto. Lembrou-se da guerra, de todas aquelas noites sem nada para cobrir a cabeça do que a copa de uma árvore.

Ele odiava aquelas noites.

Não fazia muito sentido que algo que trouxe de volta memórias da guerra lhe daria tal contentamento agora, mas nem tudo que passava por sua cabeça fazia sentido. Não queria se questionar.

Fechou os olhos. O interior das suas pálpebras eram um preto acastanhado, de modo algum o mesmo que o roxo meio da noite. A escuridão tinha tantas cores. Era estranho, e talvez um pouco inquietante. Mas,...

—Oh!

Um pé bateu em sua panturrilha esquerda, e ele abriu os olhos a tempo de ver uma mulher caindo para trás. Diretamente para o cobertor dele.

Ele sorriu. Os deuses ainda o amavam.

—Boa noite, - ele disse, apoiando-se sobre os cotovelos.

A mulher não respondeu nenhuma surpresa em relação a isso, já que ela ainda estava ocupada, tentando entender, como tinha acabado caindo de traseiro no chão. Ele observou enquanto ela tentava ficar de pé. Ela não estava tendo uma tarefa fácil. O chão era irregular sob o cobertor, e ela certamente estava tendo dificuldade em se equilibrar, se a respiração ofegante fosse qualquer indicação.

Ele se perguntou se ela também tinha um encontro. Talvez houvesse outro Lorde ali no jardim escuro, espreitando no fundo, esperando para agarrá-la.

Sebastian inclinou a cabeça para o lado, e analisou a roupa que ela vestia, e então decidiu que, provavelmente não. Ela não tinha aquela aparência furtiva sobre ela. Além disso, estava vestindo branco ou rosa claro, ou algum outro tom virginal. As debutantes não podiam ser seduzidas e Sebastian nunca fez isso; Ele subscreveu para si um código moral, não que ninguém já tivesse dado

crédito a ele por isto. Mas, ele percebeu que era necessário cortejar as virgens em certas situações. Ela certamente não iria caminhar através de um gramado e no jardim para própria ruína. Até as mais estúpidas das meninas teria um senso comum antes de alcançar seu destino.

A menos que...

Agora, isso poderia ser interessante. Talvez a dama desajeitada já houvesse sido deflorada. Talvez estivesse a caminho para encontrar o amante. O inteligente cavalheiro teria de ter feito um trabalho muito bom à primeira vez já que o encontro estava se repetindo. Sebastian sabia que eram raras as mulheres que apreciavam a primeira vez.

Então, novamente, sua amostragem científica podia estar distorcida. Todas as mulheres que tinha dormindo com ele recentemente tiveram suas primeiras vezes com os maridos. Que era, quase por definição, ruim na cama. Caso contrário, por que as esposas teriam procurado as atenções de Sebastian?

De qualquer forma, tão delicioso quanto suas ponderações poderiam ser, era extremamente improvável que esta jovem dama estivesse a caminho para encontrar um amante. A virgindade era apenas uma mercadoria permitindo as jovens e solteiras do sexo feminino um meio de persuasão, e elas geralmente não a desperdiçavam.

Então o que ela estava fazendo ali fora? Sozinha? Ele sorriu. Ele amava um bom mistério. Quase tanto como um bom melodrama.

—Posso ser útil? —Perguntou, já que ela não tinha respondido à anterior saudação.

—Não, - disse ela, fazendo um movimento rápido com a cabeça. — Sinto muito. Eu vou embora. Eu realmente não posso... —Ela olhou para ele então, e engoliu em seco.

Será que ela o conhecia? Certamente parecia que tinha o reconhecido. Ou talvez ela só percebeu o que era uma espécie de libertino, ninguém com quem deveria encontrar-se sozinha.

Ele não podia acusá-la por aquela reação.

Ele não sabia quem ela era, do que estava certo. Raramente esquecia um rosto, e ele certamente não teria esquecido o dela. Ela era adorável em uma maneira selvagem, quase como se pertencesse ao jardim. O cabelo era escuro e provavelmente bastante ondulado; As poucas mechas que escapavam do penteado formavam caracóis soltos que colavam contra o pescoço. Era como se para ela fosse fácil rir, com uma boca endiabrada e até agora, quando estava claramente perturbada e envergonhada.

Acima de tudo, ela parecia... Ardente.

Ele encontrou-se curioso com a escolha dos adjetivos. Ele não conseguia se lembrar de usá-lo

antes, e não acerca de uma completa estranha. Mas ela parecia quente, como se a personalidade dela fosse apaixonada, rir seria excitante e a amizade dela também.

E na cama... Ela seria apaixonada lá, também.

Não que ele estivesse pensando no assunto. Mesmo com todo esse ardor, ela irradiava virgindade.

O que significava que ela estava muito fora dos limites.

Alguém em quem não tinha interesse. Nenhum. Ele não poderia nem mesmo ser amigo das virgens, porque alguém, sem dúvida, compreenderia ou interpretaria mal, e então haveria recriminações ou pior, expectativas, e então ele encontrar-se—ia fora em algum pavilhão de caça, na Escócia, só para ficar longe de tudo isso.

Sebastian sabia o que deveria fazer. Ele sempre soube o que deveria fazer. A dificuldade, a dificuldade dele, pelo menos foi no fazer.

Ele poderia ajudá-la a ficar de pé como o cavalheiro que era, colocando-a na direção da casa, e enviá-la para o caminho correto.

Ele poderia, mas qual seria a graça disso?

## CAPÍTULO 4



Quando o cadáver disse: - Boa noite —, Annabel teve que enfrentar a triste conclusão que não estava tão morto quanto ela esperava.

Ela estava feliz por ele, claro, não estar morto e tudo mais, pensou para si mesma, a não morte dele foi espetacularmente inconveniente.

Senhor querido, ela quis gemer, a noite só precisava disto.

Ela recusou educadamente a oferta de ajuda que lhe foi feita, e de alguma forma conseguiu se levantar sem atrapalhar-se ainda mais.

—O que faz aqui no jardim? — o não morto perguntou, como se eles estivessem conversando num local normal e adequado ao invés de em um jardim.

Ela olhou para ele. Ele ainda estava deitado no cobertor – um cobertor! Ele tinha um cobertor?

Isso não poderia ser bom.

—Por que quer saber? —ouviu-se perguntar. O que lhe pareceu à prova concreta de que tinha perdido completamente a sanidade. Evidentemente que ela deveria tê-lo contornado e corrido de volta para a casa. Ou passado por cima dele. Ou sobre ele. Mas, acima de tudo, ela não deveria ter engajado em uma conversa. Mesmo se ela corresse para o outro lado ia esbarrar no casal amoroso no jardim, que devia ser menos perigoso para a sua reputação do que ser pega sozinha com um homem estranho no jardim.

Se ele estava planejando atacar e violentar, contudo, não deu nenhuma indicação de estar com pressa de fazê-lo. Ele apenas deu de ombros e disse:

—Estou curioso.

Ela olhou para ele por um momento. Ele não lhe parecia familiar, mas estava escuro. E ele estava falando como se tivessem sido apresentados antes.

—Eu o conheço? —Perguntou ela. Ele sorriu misteriosamente.

—Eu acho que não.

—Eu deveria?

Ele riu e disse com firmeza:

—Absolutamente não. Mas isso não significa que não podemos ter uma conversa perfeitamente

agradável.

A partir disso Annabel deduziu que ele era um libertino e bem ciente disso, certamente não era uma companhia apropriada para uma dama solteira. Ela olhou na direção da casa. Deveria ir. Realmente deveria.

—Eu não mordo, - ele garantiu. — ou qualquer outra coisa que você precisa se preocupar. Sentou-se e deu um tapinha no cobertor ao lado dele. — Sente-se.

—Eu ficarei de pé, - disse ela. Porque não tinha perdido completamente o juízo. Pelo menos esperava que não.

—Tem certeza? —Ele deu um sorriso sedutor. — É muito mais confortável aqui.

Disse a aranha para a mosca. Annabel mal conseguiu evitar soltar um chio de riso nervoso.

—Você está evitando alguém? —Perguntou ele.

Ela estava olhando para trás em direção a casa novamente, vendo como poderia se conduzir depressa ao redor dele.

—Acontece com os melhores de nós, - disse ele, quase se desculpando.

—Você está evitando alguém, então?

—Não exatamente, - ele admitiu, inclinando a cabeça de uma maneira que era quase como um encolher de ombros. — É mais como estar esperando minha vez.

Annabel realmente quis parecer impassível, mas ela sentiu as sobrancelhas subirem.

Ele olhou para ela, os lábios curvados em um ínfimo sorriso. Não havia nada de mal em sua expressão, e ainda assim ela sentiu, todavia, um arrepio de antecipação, uma pitada de emoção pressionando através dela.

—Eu poderia lhe dar os detalhes, —ele murmurou, — mas suspeito que não seria apropriado.

Nada nesta noite tinha sido apropriado. Não poderia ficar pior.

—Eu não quero fazer suposições, —continuou ele sem problemas, — mas com base na cor do seu vestido, só posso deduzir que você seja solteira.

Ela deu um aceno rápido.

—O que significa que sob nenhuma circunstância eu deveria estar dizendo a você que eu estava aqui com uma mulher que não é minha esposa.

Ah, ela deveria estar escandalizada. Realmente deveria. Mas ela não conseguia controlar. Ele era tão encantador. Isso exsudava dele. Ele estava sorrindo para ela agora, como se eles estivessem

compartilhando uma piada secreta, e ela não podia remediar, ela queria estar na brincadeira. Queria fazer parte do clube, do grupo, de qualquer coisa dele. Havia algo nele, um carisma, um magnetismo e sabia, ela apenas sabia que se pudesse voltar no tempo e no espaço, ela supunha a Eton ou onde ele passou seus anos de formação, ele seria o menino de quem todos queriam ficar perto.

Algumas pessoas nascem assim.

—Quem você está evitando? —Ele perguntou. — O candidato mais provável seria um pretendente muito ansioso, mas isso não explica sua corrida por todo o caminho até aqui. É tão fácil perder-se em uma multidão, e muito menos perigoso para a própria reputação.

—Eu não deveria dizer. —ela murmurou.

—Não, claro que não, — ele concordou. — Isso seria indiscreto. Mas será muito divertido se você fizer.

Ela apertou os lábios, tentando não sorrir. —Ninguém vai sentir sua falta? —ele questionou. — Eventualmente.

Ele balançou a cabeça. —a pessoa que você está evitando?

Annabel refletiu sobre Lorde Newbury, e seu orgulho ferido. —Eu imagino que tenho um pouco de tempo antes que ele comece a me procurar.

—Ele? —o cavalheiro disse. — A trama se complica.

—Trama? Ela respondeu com uma careta. — Essa é uma má escolha de palavras. Não seria um livro que desejaria ler. Confie em mim.

Ele riu com isso, então bateu levemente no cobertor de novo.

—Sente-se. Está ofendendo todos meus nobres princípios varonis enquanto fica de pé e eu sentando.

Ela lhe deu sua melhor imitação de superioridade. —Talvez você devesse se levantar.

—Oh não, eu não poderia fazer isso. Isso faria tudo tão formal, você não acha?

—Considerando que não fomos apresentados, a formalidade pode ser apenas uma ação.

—Oh não. —ele protestou. — Você tem tudo para trás. —Então, devo me apresentar?

—Não faça isso. —disse ele, com a indisfarçável insinuação de drama. — Faça o que fizer não me diga seu nome. É provável que desperte a minha consciência, e essa é a última coisa que queremos.

—Você tem uma consciência, então? —Infelizmente, sim.

Isso foi um alívio. Ele não ia puxá-la para a escuridão, e não ia atacá-la como Lorde Newbury fez. Independentemente disso, ela deveria retornar a festa. Consciência ou não, ele não era o tipo de cavalheiro com quem uma dama solteira deveria ficar sozinha. Estava absolutamente certa disso.

Mais uma vez, ela pensou em Lorde Newbury, que era o tipo de homem com quem, se supunha, ela deveria estar.

Ela se sentou ao lado dele. —Escolha excelente, — ele aclamou.

—É só por um instante, — ela murmurou. —Claro.

—Não é por você, — ela disse, sentindo um pouco atrevida. Mas não queria que ele pensasse que estava ficando por causa dele.

—Não é?

—Lá. —Ela apontou para o jardim lateral, sacudindo o pulso em uma pequena onda. — Há um homem e uma mulher, er...

—Apreciando companhia um do outro? —Exatamente.

—E você não pode voltar para a festa. —Eu realmente prefiro não interromper.

Fez um aceno compassivo. —Constrangedor. —Muito.

Ele franziu a testa, pensativo.

—Um homem e um homem seria mais constrangedor, eu acho.

Annabel engasgou, embora realmente não sentia a indignação que deveria. Era muito intoxicante estar perto dele, sentir-se incluída no humor dele.

—Ou uma mulher com outra mulher. Eu não me importaria de ver isso. Ela virou-se, instintivamente querendo esconder o rubor, então se sentiu tola, porque estava muito escuro e ele provavelmente não poderia vê-la, de qualquer maneira.

Ou talvez ele pudesse. Ele parecia o tipo de homem que poderia dizer quando uma mulher ruborizava com base no cheiro do vento, ou o alinhamento das estrelas.

Ele era um homem que conhecia as mulheres.

—Eu suponho que você não deu uma boa olhada neles? Perguntou, em seguida, acrescentou: — Nossos amigos amorosos.

Annabel abanou a cabeça.

—Eu estava mais preocupada em sair dali.

—Claro que sim. Muito sensato da sua parte. E muito ruim, no entanto. Se eu soubesse quem são,

poderia ter uma ideia melhor de quanto tempo levaria.

—Sério?

—Nem todos os homens são criados iguais, você sabe, — disse modestamente.

—Suspeito que não deveria ouvir essa declaração, — ela disse corajosamente.

—Não, se você realmente for sensata. —Ele sorriu para ela novamente, e céus, isso a fez perder o fôlego.

Quem era este homem, ele tinha sido visitado muitas vezes pelos deuses da odontologia. Os dentes dele eram brancos e o sorriso era largo e contagiante.

Era injusto e desleal. Seus próprios dentes inferiores eram uma desordem, como de todos os seus irmãos. Um cirurgião disse uma vez que poderia corrigi-los, mas quando ele foi atrás dela com um alicate, Annabel saiu correndo.

Mas este homem, ele tinha um sorriso que chegava aos olhos, iluminando seu rosto, iluminando toda a sala. O que era uma afirmação ridícula, porque eles estavam do lado de fora. E estava escuro. Ainda assim, Annabel teria jurado que o ar ao redor deles começou a brilhar e esquentar.

Ou isso, ou ela tinha bebido o ponche da vasilha errada. Havia uma para jovens damas e outro para os demais, e Annabel tinha certeza que... ou pelo menos quase certeza. Havia tomado o da direita. Louisa tinha dito que era o certo, não tinha?

Bem, ela tinha cinquenta por cento de chance, no mínimo.

—Você conhece todo mundo? — Ela perguntou, porque, realmente, tinha que perguntar. E tinha sido ele quem iniciou o assunto.

As sobrancelhas dele se levantaram com a incompreensão. —Perdão.

—Você pediu uma descrição do casal, — explicou ela. — Você conhece todo mundo, ou apenas os que se comportam com indiscrição?

Ele riu alto.

—Não, eu não conheço todo mundo, mas, infelizmente, ainda mais triste do que a existência da minha consciência, eu conheço quase todo mundo.

Annabel refletiu algumas das pessoas que conheceu nas últimas semanas e deu um sorriso irônico.

—Eu posso ver como isso pode ser desalentador.

—Uma dama com inteligência e discernimento, — disse ele. — o meu tipo favorito.

Ele estava flertando com ela. Annabel lutou contra o frisson de prazer que parecia deslizar em sua pele. Ele era realmente muito bonito. O cabelo era escuro, provavelmente em algum lugar entre cor de noqueira e chocolate, e era arrojado e rebelde da mesma forma que todos os jovens cavalheiros passavam horas tentando conseguir. O rosto dele era... Bom, Annabel não era artista e nunca soube como descrever um rosto, mas era de algum modo desigual e perfeito ao mesmo tempo.

—Estou muito feliz por você ter consciência, — ela sussurrou.

Ele olhou para ela e inclinou-se um pouco, os olhos brilhantes com diversão.

—O que você disse?

Ela sentiu-se corar, e dessa vez sabia que ele podia vê-la. O que deveria dizer agora? *Estou tão feliz que você tenha uma consciência, porque se você decidisse me beijar, eu acredito que deixaria?*

Ele era tudo o que Lorde Newbury não era. Jovem, bonito, inteligente. Um pouco arrojado, bastante perigoso. Era o tipo de cavalheiro que jovens damas deveriam evitar, mas que secretamente sempre sonhavam. E pelos próximos minutos, tinha-o todo para si.

Apenas mais alguns minutos. Ela iria permitir-se mais alguns minutos. Isso era tudo.

Ele deve ter percebido que não repetiria o que tinha dito, então ao invés, ele perguntou (mais uma vez, como se isso fosse uma conversa normal), — É sua primeira temporada?

—É.

—E você está se divertindo?

—Isso depende de que momento você pergunta. Ele sorriu com ironia.

—Uma verdade incontestável, tenho certeza. Você está se divertindo agora?

Coração de Annabel acelerou.

—Muito, — disse até mesmo incapaz de acreditar como sua voz soou. Ela devia estar ficando melhor na encenação, de modo que mudou para conversa da cidade.

—Estou tão contente de ouvir isso. —Ele se inclinou em direção a ela ainda que levemente, a cabeça caindo para o lado, num gesto que era quase de desdém. — Me orgulho de ser um excelente anfitrião.

Annabel olhou para o cobertor, então olhou de volta para ele com olhos duvidosos.

Ele a olhou calorosamente.

—É preciso ser um bom anfitrião, não importa o quão humilde domicílio se tenha.

—Certamente não está tentando me dizer que mora em Hampstead Heath. —Claro que não. Sou muito afeiçoado ao conforto para isso. Mas seria divertido, você não acha, por um dia ou dois?

—De alguma forma suspeito que a novidade de tudo isso fosse desaparecer com a luz da manhã.

—Não, — ele meditou. Seus olhos assumiram uma expressão distante, e ele disse: — Talvez um pouco depois disso, mas não pela luz da manhã.

Ela queria perguntar o que ele queria dizer, mas não sabia exatamente como fazê-lo. Ele parecia tão perdido nos próprios pensamentos que quase parecia rude interromper. E assim ela esperou, olhando-o com uma expressão curiosa, sabendo que se ele se virasse para ela, ele iria ver o questionamento em seus olhos.

Ele não se virou para ela, mas depois de um minuto ou mais, ele disse, — É diferente de manhã. A luz é nivelada. Mais vermelha. Pega a névoa no ar, quase como se arrastasse de cima para baixo. Tudo é novo, — disse suavemente.

— Tudo.

Annabel estava com a respiração presa. Ele soou tão melancólico. Fez com que ela quisesse permanecer onde estava, no cobertor ao lado dele, até que o sol começasse a subir no horizonte ao leste. Ele a fazia querer ver o jardim na luz matutina. A fez querer vê-lo a luz da manhã.

—Eu gostaria de tomar um banho nela, ele murmurou. — A luz da manhã, e nada mais.

Devia ser chocante, mas Annabel percebeu que ele não estava falando com ela. Ao longo da conversa ele tinha incitado e provocado, testando o quão longe poderia ir antes que ela virasse uma puritana e fugisse. Mas isso... Talvez tenha sido a coisa mais sugestiva que ele tinha dito, e ainda assim ela sabia...

Não tinha sido para ela.

—Acho que você é um poeta, — disse, e estava sorrindo, porque, por algum motivo, isso a deixou muito feliz.

Ele soltou um suspiro e uma breve gargalhada. —Isso seria ótimo, se fosse verdade.

Virou-se na direção dela, e ela sabia que o momento havia desaparecido. Qualquer que fosse a parte escondida de si mesmo que tivesse mergulhado, trouxe de volta, o guardou bem apertado, e mais uma vez era o encantador diabo, o homem com quem todas as moças queriam estar.

O homem que todos os homens queriam ser. E ela nem sequer sabia o nome dele.

Era melhor assim, contudo. Descobriria quem ele era eventualmente e ele faria o mesmo, e então ele sentiria pena dela, a pobre menina forçada a casar com Lorde Newbury. Ou talvez ele a

desprezasse a sua vez, pensando que ela estava fazendo isso por dinheiro, o que era a verdade.

Ela recolheu as pernas, não exatamente ajoelhando, mas descansando no quadril direito. Era a maneira favorita de se sentar, absolutamente errado para Londres, mas sem dúvida a maneira como seu corpo gostava de acomodar-se. Olhou em frente, percebendo que ele estava olhando para longe da casa. Tinha algo apropriado nisso. Ela não estava certa como uma bússola deve apontar, entretanto, ela estava virada para o oeste, na direção de casa? Ou para o leste, para o Continente, onde ela nunca foi e provavelmente nunca iria. Lorde Newbury não parecia o tipo que gostava de viajar, e como o seu interesse por ela limitava-se a seus talentos para engravidar, duvidava que ele permitisse que se aventurasse sem ele.

Ela sempre quis ver Roma. Provavelmente nunca teria ido, mesmo se não houvesse Lorde Newbury que cobiçava seu largo quadril, que era bom para o parto, mas sempre haveria uma chance.

Fechou os olhos por um momento, quase em luto. Já estava pensando como se o casamento fosse um fato consumado. Havia dito a si mesma que ainda poderia recusar, mas isso foi apenas o canto desesperado de seu cérebro tentando se afirmar. A parte prática já tinha aceitado isso.

Então, lá estava. Realmente casaria com Lorde Newbury se ele pedisse. Por mais repulsivo e horripilante que fosse ela faria isto. Suspirou, sentindo-se completamente derrotada. Não haveria Roma para ela, nenhum romance, nem uma das centenas de outras coisas que nem mesmo poderia pensar. Mas sua família seria sustentada, e como a avó havia dito talvez Newbury morresse em breve. Era um pensamento perverso e imoral, mas não acha que poderia entrar no casamento sem agarrar-se a isso como se fosse sua salvação.

—Você parece um pouco pensativa. —veio à cálida voz do lado dela. Annabel balançou a cabeça lentamente.

—Um centavo por eles.

Ela sorriu melancolicamente. —Só pensando.

—Sobre todas as coisas que você precisa fazer. —Ele adivinhou. Só que não sou como uma pergunta.

—Não. —Ela ficou quieta por um momento e depois disse: — Todas as coisas que eu nunca conseguirei fazer.

—Compreendo. —Ele ficou em silêncio por um momento, e então disse: — Sinto muito.

Ela se virou de repente, sacudindo a névoa dos olhos e fixando-se no rosto dele com um olhar franco.

—Você já foi a Roma? É uma pergunta maluca, eu sei, porque nem sei seu nome, e eu não quero saber seu nome, pelo menos não esta noite, mas você já foi a Roma?

Ele balançou a cabeça. —Você já?

—Não.

—Eu fui a Paris, — ele disse. — E Madri.

—Você era um soldado. — afirmou. Porque o que mais ele teria sido, vendo essas cidades em tal momento?

Ele deu de ombros.

—Não é a maneira mais agradável de ver o mundo, mas atinge o objetivo. —Este é o mais distante que eu já estive de casa, — disse Annabel. —Aqui?—Ele olhou para ela, piscou, então, apontou o dedo diretamente para baixo. — Este jardim?

—Este jardim, — ela confirmou. — Eu acho que Hampstead está mais longe de casa do que Londres. Ou talvez não.

—Será que isso importa?

—Sim, na verdade, — disse ela, surpreendendo-se com a resposta, porque, obviamente, isso não importa.

E ainda assim, sentiu que deveria.

—Não se pode argumentar com esse tipo de segurança, — disse ele num sussurro sorridente.

Ela sentiu-se sorrir.

—Eu gosto muito de estar certa. —Não estamos todos?

—O melhor de nós, talvez, — disse maliciosamente, entrando no espírito do jogo.

—Alguns dizem que é imprudente estar tão eternamente certo. —Alguns?

—Oh, não eu, -assegurou ele, — mas alguns.

Ela riu, profunda e verdadeiramente, todo o percurso desde seu estômago. Era sonora e rústica, mas era maravilhoso.

Ele riu junto com ela, então, perguntou:

—Roma, presumo, está em sua lista de coisas que você nunca conseguirá fazer?

—Sim, — disse ela, os pulmões ainda tremendo de alegria. Já não parecia tão triste que nunca veria Roma. Não quando há pouco tinha rido tão forte e tão profundamente.

—Ouvi que pode ser árido.

Ambos estavam virados para frente, então ela se virou, o perfil alinhado sobre o ombro.

—Sério?

Ele virou-se, também, então eles estavam olhando diretamente um para o outro.

—Quando não chove.

—Isso é o que você ouviu, — afirmou.

Ele sorriu, mas apenas um pouco, e nem mesmo com a boca. —Isto foi o que ouvi.

Os olhos dele... Ah, os olhos. Encontraram com os dela com a franqueza mais surpreendente. E o que viu lá... Não era paixão, porque razão seria paixão? Mas ainda era algo fantástico, algo quente e cúmplice, e...

Devastador. Era devastador. Porque, enquanto ela o encarava, este belo homem que poderia muito bem ter sido uma invenção de sua imaginação, tudo que ela podia ver era o rosto de Lorde Newbury, corado e flácido, e a voz dele soou em seus ouvidos, rindo, zombando e Annabel foi subitamente abalada por uma tristeza avassaladora.

Este momento... Qualquer momento como este...

Não eram para ser dela.

—Eu deveria estar voltando, — ela disse tranquilamente. —Tenho certeza de que deveria, — disse ele, com igual seriedade. Ela não se mexeu. Simplesmente não conseguia fazê-lo.

E então assim ele se levantou, porque ele era como ela havia suspeitado um cavalheiro. Não apenas no nome, mas em ações. Ele estendeu a mão para ela, que aceitou, e então — foi como se ela flutuasse até ficar de pé—ela levantou, inclinou o queixo e olhou aos olhos dele, e então ela viu — a vida dela, à sua frente.

Todas as coisas que ela não teria. Ela sussurrou:

—Será que você me beijaria?

## CAPÍTULO 5



Havia mil motivos porque Sebastian não deveria fazer o que a jovem pedia, e um único — desejo — por que deveria.

Foi com o desejo.

Ele não tinha sequer percebido que a desejava. Ah, ele tinha notado que ela era adorável, sensual até, de uma forma deliciosamente bastante inconsciente. Mas ele sempre notava essas coisas sobre as mulheres. Era tão natural para ele como observar o tempo. Lydia Smithstone tinha um lábio inferior excepcionalmente atraente não era muito diferente de como a nevoa procurava um pouco a chuva.

Pelo menos não para a mente dele.

Mas quando ela tinha tomado a mão dele, sua pele tocou a dela, algo flamejou dentro dele. O coração pulou, e a respiração parecia saltar, e quando ela se levantou, era como se fosse algo mágico e sereno, se movendo ao vento para os braços dele.

Exceto que quando ela ficou de pé não estava em seus braços. Estava de pé na frente dele. Perto, mas não perto suficiente.

Ele sentia-se desolado.

—Beije—me, — ela murmurou, e ele não mais poderia negar—lhe mais do que poderia negar a própria pulsação. Ele levou os dedos aos lábios dela, em seguida, a tocou na bochecha. Os olhos dela encontraram os dele, profundos e cheios de ânsia.

E então, ele também estava cheio de ânsia. Fosse o que fosse que ele viu nos olhos dela, de alguma forma mudou dentro dele, também, gentil e doce. Até, melancólico.

Melancólico. Ele não conseguia recordar a última vez que tinha sentido algo que se aproximava ao melancólico.

Isso fez com que ele quisesse este beijo — a quisesse — com estranha intensidade.

Ele não sentia calor. Ele não se sentia quente. Mas algo dentro dele — talvez a sua consciência, talvez sua alma — estava em chamas.

Ele não sabia o nome dela, não sabia nada sobre ela, exceto que ela sonhava sobre Roma e cheirava a violetas.

E que ela tinha gosto de creme de baunilha. Isso, ele sabia agora. Isso pensou, enquanto sua língua roçava o interior macio do lábio superior dela, ele nunca iria esquecer.

Quantas mulheres ele havia beijado? Muitas até para contar. Ele vinha beijando meninas muito antes que soubesse que havia algo mais a ser feito com elas, e nunca tinha parado. Como um jovem rapaz, em Hampshire, como um soldado na Espanha, como um libertino em Londres... Sempre achou as mulheres intrigantes. E lembrava-se de todas elas. Ele realmente lembrava. Tinha o sexo feminino na mais alta estima para permitir que elas se dissolvessem na confusão nebulosa de sua mente.

Mas esta era diferente. Não era só a mulher que ele não esqueceria, era o momento. Era à sensação dela em seus braços, e o cheiro da pele, e o gosto, e o toque, o som incrivelmente perfeito que ela fez quando a respiração virou num gemido.

Lembraria-se da temperatura do ar, da direção do vento, da sombra precisa de prata que o luar refletia sobre a grama.

Ele não ousou beijá-la profundamente. Ela era uma inocente. Era sábia, e era reflexiva, mas era inocente, e se ela foi beijada mais que duas vezes antes disto ele comeria o chapéu. E então ele lhe deu o primeiro beijo que meninas jovens sonham. Suave. Gentil. Um leve roçar dos lábios, uma leve fricção, mostrando, o mais ímpio toque da língua.

E isso tinha de ser tudo. Havia algumas coisas que um cavalheiro simplesmente não podia fazer, não importa o quão mágico o momento. E assim, com grande relutância, ele se afastou.

Mas só até onde pudesse descansar o nariz contra o dela. Ele sorriu. Sentiu-se feliz.

E então ela falou. —É só isso?

Ele ficou absolutamente imóvel. —Perdão?

—Eu pensei que poderia haver mais, — disse ela, não cruelmente. Na verdade, mais do que qualquer outra coisa, ela parecia perplexa.

Ele tentou não rir. Sabia que não deveria. Ela parecia tão séria, seria mais que um insulto rir dela. Ele apertou os lábios, tentando conter a bolha de diversão que estava a saltar de dentro dele.

—Foi bom, — disse ela, e quase soava como se ela estivesse tentando reanimá-lo.

Ele teve que morder a língua. Foi o único jeito.

—Está tudo bem, — disse ela, dando—lhe um simpático sorriso que dá a uma criança que não é boa nas brincadeiras.

Ele abriu a boca para dizer o nome dela, então se lembrou que não sabia. Levantou uma mão. Um dedo, para ser mais preciso. Uma simples, concisa diretiva. Hesitando, dito claramente. Não diga

outra palavra.

As sobancelhas dela levantada em questionamento. —Há mais, —disse ele.

Ela começou a dizer alguma coisa.

Ele levou o dedo e pressionou contra a boca de Annabel. —Oh, há mais.

E desta vez, ele realmente a beijou. Ele apanhou os lábios dela com os dele, explorou, mordiscou, devorou. Passou os braços em volta dela, apertando-a contra si, firme, até que pudesse sentir cada uma das sensuais curvas contra seu corpo.

E ela era deliciosa. Não, era exuberante. Tinha corpo de mulher, arredondado e quente, com curvas suaves que imploraram ser tocadas e apertadas. Ela era o tipo de mulher na qual um homem podia perder-se, alegremente entregando todo senso e razão.

Era o tipo de mulher que um homem não abandonaria no meio da noite. Seria quente e suave, um travesseiro e cobertor lânguidos, todo em um só. Era uma sereia. Uma deslumbrante mulher sedutora e exótica que era de certa forma totalmente inocente. Que não tinha ideia do que estava fazendo. Inferno, provavelmente não tinha ideia do que ele estava fazendo, também. E, no entanto bastou um sorriso inexperiente, um pequeno suspiro, e ele se perdeu.

Ele a queria. Queria conhecê-la. Cada centímetro dela. Seu sangue queimava, seu corpo cantava, e se não tivesse, de repente ouvido uma exclamação estridente da direção da casa, só o céu saberia o que ele teria feito.

Ela enrijeceu também, tirando a cabeça um pouco para a direita, apontando a orelha em direção ao tumulto.

Foi justamente o suficiente para Sebastian recuperar os sentidos, ou pelo menos uma pequena parte deles. Ele afastou-a, mais bruscamente do que pretendia, e colocou as mãos nos quadris, respirando com dificuldade.

—Isso foi mais, — disse ela, parecendo atordoada.

Ele a olhou. O cabelo não estava completamente desfeito, mas certamente em um estilo mais frouxo do que tinha estado antes. E os lábios — ele pensou que eram cheios e carnudos antes, mas agora parecia categoricamente que havia sido picada por uma abelha.

Qualquer um que já tivesse sido beijado saberia que ela havia acabado de ser beijada. Completamente.

—Você vai querer arrumar seu cabelo, — ele disse, e estava bastante certo que este era o comentário pós—beijo menos apropriado que ele já havia feito. Mas não conseguia reunir seu talento habitual. Estilo e graça aparentemente exigiam presença de espírito.

—Oh, — ela disse, a mão acariciando os cabelos imediatamente, tentando, sem grande sucesso alisá-lo para baixo. — Sinto muito.

Não que ela tivesse que pedir desculpa por alguma coisa, mas Sebastian estava muito ocupado tentando encontrar o próprio cérebro para dizer isso.

—Isso não deveria ter acontecido, — disse finalmente. Porque era a verdade. E sabia bem. Ele não flertava com inocentes, e certamente não em (quase) plena vista de um salão de baile cheio.

Ele não perdia o controle. Simplesmente não era seu jeito. Estava furioso com ele mesmo. Furioso. Era uma emoção pouco conhecida, e completamente desagradável. Sentia pena, e bastante escárnio próprio, e podia escrever um livro sobre uma moderada contrariedade. Mas fúria?

Não era algo que ele desejasse de sentir. Não relativamente a outros, e certamente não a respeito dele mesmo.

Se ela não tivesse perguntado... Se ela não o tivesse olhado com aqueles enormes olhos insondáveis e sussurrado: — *Beije-me*—, ele nunca teria feito isso. Era uma desculpa muito pobre e ele sabia disso, mas havia algum consolo em saber que não tinha dado início ao conflito.

Alguns, mas não muito. Por todos seus pecados, não tinha muito de mentiroso.

—Sinto muito, eu pedi, — disse ela com firmeza. Ele sentia-se um canalha.

—Eu não tinha que concordar, — respondeu ele, mas não tão graciosamente como deveria.

—É evidente que eu sou irresistível, — ela balbuciou.

Ele lhe deu um olhar afiado. Porque ela era. Tinha o corpo de uma deusa e o sorriso de uma sereia. Mesmo agora, ele estava usando cada grama de vontade para não lançar-se para ela. Jogá-la no chão. Beijá-la novamente... e novamente...

Ele estremeceu. Isso não era bom. —Você deveria ir, — disse ela.

Ele conseguiu erguer o braço para frente em um movimento gentil. —Depois de você.

Os olhos dela arregalaram.

—Eu não vou voltar pra lá primeiro.

—Você realmente acha que eu vou entrar e deixá-la sozinha no jardim? Ela colocou as mãos nos quadris.

—Você me beijou sem saber meu nome.

—Você fez a mesma coisa, — retrucou.

Annabel abriu a boca em um suspiro indignado, e Sebastian sentiu uma alarmante satisfação por

tê-la superado. O qual foi ainda mais inquietante. Ele adorava uma boa interação verbal, mas isso era um baile, pelo amor de Deus, não uma droga de competição.

Por um momento interminável ficaram se olhando, e Sebastian não estava certo se estava esperando que ela deixasse escapar o nome dela ou o pedido de que ele revelasse o dele.

Ele suspeitava que ela estava perguntando-se à mesma coisa. Mas ela não disse nada, apenas o encarou.

—Ao contrário do meu comportamento recente, — ele disse finalmente, porque um deles tinha que agir de forma madura, e suspeitou que deveria ser ele,— sou um cavalheiro. E como tal, não posso em boa consciência, abandoná-la num lugar deserto.

As sobrancelhas dela subiram, e ela olhou para os lados. —Você chama isso de deserto?

Ele começou a imaginar quando uma garota o tinha deixado tão louco. Porque por Deus, ela podia ser irritante quando se propunha.

—Perdão? —disse ele, com sofisticação urbana suficiente para fazê-lo sentir um pouco mais como ele.— É claro que me enganei. —Ele sorriu, maliciosamente.

—E se o casal ainda estiver... —as palavras dela foram sumindo enquanto indicava com a mão o gramado lateral.

Sebastian soltou um suspiro irritado. Se estivesse sozinho, que era o que deveria ter acontecido,teria passeado de volta para o gramado com um alegre: —

*Passando! Quem não está com a pessoa a quem têm obrigação legal, por favor afastem-se!*

Teria sido delicioso. E justamente o que a sociedade espera dele. Mas impossível com uma dama solteira a reboque.

—Eles certamente já se foram, — disse ele, enquanto se aproximava da abertura na sebe e olhava. Voltando-se, acrescentou, — E se não, eles não querem ser vistos mais do que você quer vê-los. Ponha sua cabeça para baixo e passe direto.

—Você parece ter uma grande experiência com essas coisas, — afirmou. —Uma grande experiência. —Bem, ele tinha.

—Entendo. —A mandíbula dela ficou dura, se ele chegasse mais perto, com certeza ia ouvi-la ranger os dentes.— Eu deveria estar feliz., —disse ela.— Estou tendo lições de um mestre.

—Sorte sua.

—Você é sempre horrível com as mulheres? —Quase nunca, — disse sem pensar.

Os lábios dela se separaram, e ele sentiu como chutando a si mesmo. Ela escondeu bem —

claramente, que era uma jovem de rápidos reflexos emocionais

— mas antes da surpresa transformar-se em indignação, ele viu um clarão de pura magoa.

—O que eu quis dizer, —começou ele, não exatamente lutando contra a vontade de gemer,— é que quando eu... Não. Quando você...

Ela o olhou com expectativa. Ele não tinha ideia do que dizer. E ele percebeu, enquanto estava lá como um idiota, que havia pelo menos dez razões porque este era um cenário totalmente inaceitável.

**Um:** Ele não tinha ideia do que dizer. Isso pode parecer repetitivo, só que **dois:** Ele sempre sabia o que dizer, e **Três:** especialmente com as mulheres. O que conduziu conveniente para **Quatro:** Um feliz subproduto de sua volubilidade foi **Cinco:** ele nunca havia insultado uma mulher em sua vida, a não ser que ela realmente merecesse, o que **Seis:** esta mulher não merecia. O que significa que **Sete:** Ele precisava se desculpar e **Oito:** Ele não tinha ideia de como fazê-lo.

A facilidade de pedir desculpas depende de uma disposição a se comportar de uma forma que as exigem. O que ele não fez. Essa era uma das poucas coisas em sua vida da qual era excessivamente orgulhosos.

Mas isso trouxe de volta ao **Nove:** Ele não tinha ideia do que dizer, e **Dez:** Alguma coisa nessa garota o deixava completamente estúpido.

Estúpido.

Como o resto da humanidade suportava isso, este silêncio constrangedor no rosto de uma mulher? Sebastian achou intolerável.

—Você me pediu para beijá-la, — disse. Não foi a primeira coisa que veio à mente, mas foi à segunda.

Do suspiro dela — que ele suspeitava ser grande e o suficiente para mudar a maré— tinha uma sensação de que deveria ter esperado pela sétima, pelo menos.

—Você está me acusando de... —Ela cortou a palavra, os lábios estavam apertados em uma linha, com raiva e frustração. — Bem, seja lá o que for... Que... Está me acusando... —E então, quando ele pensou que ela tinha desistido, ela terminou com — de...

—Eu não estou acusando você de nada, — disse. — Estou apenas apontando que você queria um beijo, e eu concordei e...

E o quê? O que ele estava falando? E onde tinha ido a sua mente? Ele não podia pensar uma frase completa, muito menos falar uma.

—Eu poderia ter tirado vantagem de você — ele disse duramente. Bom Deus, ele parecia um

pedaço de pau.

—Você está dizendo que não tirou?

Ela poderia ser tão inocente? Ele se inclinou para baixo, furando os olhos nos dela.

—Você não tem nenhuma ideia de quantos modos eu poderia ter me aproveitado de você, — disse a ela. — Quantos modos eu podia ter feito. Quantos...

—O que? —Ela estalou.— O quê?

Ele segurou a língua, ou talvez mais com precisão, mordeu a coisa maldita. Não existia nenhum modo de dizer a ela de quantas maneiras ele quis aproveitar-se dela.

Dela. A senhorita sem nome. Era melhor assim, com certeza.

—Oh, pelo amor de Deus. —ouviu-se dizer. — Qual diabo é seu nome? —Eu posso ver que você está mais ansioso para saber — ela cortou. —Seu nome. —ele mordeu.

—Antes me diga o seu?

Ele exalou uma frustrada e longa lufada de ar, em seguida, passou a mão sobre o couro cabeludo.

—Era minha imaginação, ou nós tivemos uma conversa perfeitamente civilizada há dez minutos mais cedo?

Ela abriu a boca para falar, mas ele não deixou.

—Não, não, — continuou ele, talvez um pouco grandioso— era muito mais do que civilizada. Eu poderia até me atrever a chamá-la de agradável.

Os olhos dela suavizaram, e não para o ponto onde ele poderia ter considerado com maleável, oh muito bem, nem mesmo perto disso, no entanto, mais suavizada.

—Eu não deveria ter pedido para você me beijar. —disse ela.

Mas ele percebeu que ela não se desculpava por isso. E notou que ficou muito contente por ela não fazer isso.

—Certamente você entende —ela continuou calmamente— que é muito mais importante que eu saiba seu nome do que ao contrário.

Ele olhou para as mãos dela. Elas não estavam dançando, ou em punhos, ou rígidas em garras. Mãos sempre dizem algo das pessoas. Ficam tensas, ou as agitam, ou agarraram uma a outra como se pudessem — através de algum tipo de bruxaria impossível— salvarem-se de qualquer destino negro que os aguardam.

Esta garota estava segurando o tecido da saia. Firmemente. Estava nervosa. Ainda assim estava

mantendo-se com uma dignidade notável. E Sebastian sabia que ela falava a verdade. Não havia nada que ela pudesse fazer para arruiná-lo, enquanto ele, por meio de uma palavra indevida ou falsa, poderia destruí-la para sempre. Não era a primeira vez que ele ficava contente por não ter nascido do sexo feminino, mas foi a primeira vez que presenciou uma clara demonstração de que era mais fácil para os homens.

—Meu nome é Sebastian Grey. —disse ele, fazendo um reverencia respeitosa.— Estou muito feliz em conhecê-la lady...

Mas ele não teve possibilidade de continuar, porque ela engasgou, depois empalideceu, em seguida pareceu categoricamente doente.

—Asseguro—disse incerto se a nota aguda na voz era de diversões ou irritação— que a minha reputação não é tão perversa como parece.

—Eu não deveria estar aqui com você — disse ela freneticamente. —Isso nós já sabíamos.

—Sebastian Grey. Oh meu Deus, Sebastian Grey.

Ele observava com certo interesse. Algum aborrecimento, também, mas isso era de se esperar. De fato, ele não era tão ruim assim.

—Asseguro—disse ele, começando a se sentir um pouco incomodado pelo número de vezes que estava precisando começar as frases de tal forma: — que não tenho nenhuma intenção de permitir que sua reputação seja destruída através de sua associação comigo.

—Não, claro que não. —ela disse, em seguida arruinou a coisa inteira com uma gargalhada de pânico. — Você não iria querer fazer isto. Sebastian Grey. — Ela olhou para o céu, e ele meio que esperou que ela agitasse o punho para os deuses. —Sebastian Grey. —ela disse novamente.

—Devo entender com isso que você foi avisada sobre mim?

—Ah, sim. —foi à resposta muito rápida. E então ela retrucou, olhando-o diretamente nos olhos. — Tenho que ir. Agora.

—Como você pode lembrar era o que eu havia dito a você. —ele murmurou.

Ela olhou para o jardim lateral, fazendo uma careta diante da ideia de passar por um gramado com amantes.

—Cabeça para baixo. —disse ela para si mesma.— Passar direto. —Alguns vivem a vida inteira por esse lema. —ele disse alegremente.

Ela olhou-o bruscamente, claramente perguntando se ele tinha enlouquecido nos últimos dois segundos. Ele deu de ombros, não querendo se desculpar. Finalmente começando a sentir-se como

ele mesmo novamente. Tinha todo o direito de sentir-se alegre.

—Você vive? —Perguntou ela.

—Absolutamente não. Eu prefiro que a vida tenha um pouco mais de estilo. É tudo sobre sutilezas, você não acha?

Ela olhou para ele. Piscou algumas vezes. Então disse: —Eu deveria ir.

E foi. Colocou a cabeça para baixo e correu. Sem lhe dizer o nome dela.

## CAPÍTULO 6



### *À tarde do dia seguinte*

—Você está terrivelmente quieta hoje — disse Louisa.

Annabel sorriu debilmente para a prima. Elas estavam passeando com o cão de Louisa no Hyde Park, acompanhadas, teoricamente, pela tia de Louisa. Mas Lady Cosgrove havia encontrado com um de seus muitos conhecidos, e embora ainda estivesse ao alcance da vista, não estava ao alcance da voz.

—Só estou cansada. —disse Annabel. — Tive dificuldade para dormir após toda a emoção da festa. —Não era toda a verdade, mas também não era uma mentira. Ficou acordada durante horas na noite anterior, fazendo um estudo elaborado do interior das pálpebras.

Recusou-se a olhar para o teto. Por princípios. Sempre se sentiu daquela maneira. Na busca pelo sono, abrir os olhos era uma clara admissão de derrota.

Ainda assim, não importava para onde olhava, era impossível escapar da magnitude do que ela tinha feito.

*Sebastian Grey.*

*Sebastian Grey.*

As palavras soaram como um gemido miserável em sua cabeça. Na lista dos homens que ela não deveria beijar, ele era o primeiro da lista, junto com o Rei, Lorde Liverpool, e o limpador de chaminé. E, francamente, suspeitava que ele estivesse mais acima ainda na lista do que o limpador de chaminé.

Ela não sabia muito sobre o Sr. Grey antes da festa de Trowbridge, só que era herdeiro de Lorde Newbury, e que os dois homens não toleravam a companhia um do outro. Mas uma vez que se tornou público que Lorde Newbury estava perseguindo-a, todo mundo pareceu ter algo para dizer sobre o conde e o sobrinho.

Ah, muito bem, nem todos, já que a maioria da sociedade não estava nem um pouco interessado nela, mas todo mundo que ela conhecia tinha uma opinião.

Ele era bonito. (O sobrinho, não o conde). Ele era um canalha. (Novamente, o sobrinho).

Ele, provavelmente, não tinha dinheiro e passava uma boa parte de tempo com os primos do

outro lado da família. (Definitivamente, o sobrinho, e de fato, era melhor ser o sobrinho, porque se Annabel casasse com Lorde Newbury e ele ficasse sem dinheiro, ela ficaria furiosa.)

Annabel tinha deixado o baile imediatamente após o desastroso interlúdio no jardim, mas, aparentemente, o Sr. Grey não. Ele deve ter deixado Louisa bastante impressionada, porque nesta manhã, céus, era só nisso que ela falava.

Mr. Grey isso, Sr. Grey aquilo e como era possível que Annabel não o tinha visto na festa? Annabel deu de ombros e fez alguma espécie de não consigo imaginar esse tipo de comentário, mas isso não importava, porque Louisa ainda estava falando tolamente sobre o sorriso dele e dos olhos que eram cinzentos e, oh, isso não era apenas a coincidência mais maravilhosa e, oh sim, todos tinham percebido que ele partiu nos braços de uma mulher casada!

Esta última parte não foi surpresa para Annabel. Ele tinha lhe falado muito claramente que estava flertando com uma mulher casada antes de ela tropeçar nele.

Mas Annabel tinha a sensação de que esta era outra mulher casada. A outra do cobertor foi cuidadosa com a reputação dela, partindo da cena bem antes que o Sr. Grey. Ninguém que tenha praticado tal discricção seria tão descarada a ponto de parir nos braços dele. O que significava que tinha de ser outra pessoa, o que significava que ele estava com duas mulheres casadas. Deus do céu, ele era ainda pior do que as pessoas diziam.

Annabel pressionou os dedos às têmporas. Não era de admirar que a cabeça dela doesse. Estava pensando demais. Demais e sobre coisas extremamente frívolas. Se ela tivesse que desenvolver uma obsessão, não poderia ser sobre algo que valesse a pena? O cruel e impróprio tratamento do Decreto sobre o gado seria muito melhor. Ou, o sofrimento dos pobres. Seu avô vinha discursando sobre ambos esta semana, assim Annabel não tinha nenhuma desculpa para não se interessar.

—Sua cabeça está incomodando? —Louisa perguntou. Mas não estava prestando muita atenção. Frederick, o basset hound [f11](#) ridiculamente gordo, tinha visto um companheiro canino à distância e tomou a liderança. — Frederick. —ela gritou, tropeçando um passo ou dois antes de equilibrar-se.

Frederick parou, embora não ficou claro se foi devido a Louisa ter segurado com força a guia ou pelo cansaço. Ele soltou um suspiro enorme e, honestamente, Annabel ficou surpresa por ele não ter desmoronado no chão.

—Eu acho que alguém deu salsichas escondido para ele novamente. — Louisa resmungou.

Annabel olhou para outro lugar. —Annabel!

—Ele parece tão faminto. —Annabel insistiu.

Louisa apontou o cão, cuja barriga deslizou sobre a grama. —Isso parece faminto?

—Os olhos dele pareciam famintos. Luísa deu-lhe um olhar cético. —Seu cachorro é um bom mentiroso.

Louisa sacudiu a cabeça. Provavelmente estava revirando os olhos também, mas Annabel estava assistindo Frederick, que deixava escapar um bocejo entediado.

—Ele seria muito bom nas cartas. —Annabel disse distraidamente.— Se ele pudesse falar. Ou se tivesse polegares.

Luísa deu—lhe mais um daqueles olhares. Era muito boa nisso, Annabel considerou, ainda que ela os mantivesse para família.

—Ele ganharia contra você. —Annabel disse.

—Isto dificilmente é um elogio. —Louisa respondeu.

Era verdade. Louisa era horrível no jogo de cartas. Annabel tentou de tudo Piquet<sup>[2]</sup>, Uíste<sup>[3]</sup>, Vingt-et-un<sup>[4]</sup>. Para alguém que era tão bom em manter afastadas todas as emoções do rosto em público, Louisa era terrível quando se tratava de jogos. Ainda assim, elas jogaram, sobretudo porque Louisa era tão ruim que fazia ficar divertido.

Ela era boa em esporte, Louisa.

Annabel olhou para Frederick, que, após cerca de trinta segundos de pé no lugar, deitou sobre a grama.

—Eu sinto falta do meu cachorro. —disse ela.

Louisa olhou por cima do ombro em direção a tia, que ainda estava absorta na conversa.

—Qual era o nome dele mesmo? —Mouse.

—Isso foi muito cruel da sua parte. —Chamá-lo de Mouse?

—Ele não é um galgo<sup>[5]</sup>?

—Eu poderia ter colocado tartaruga.

—Frederick! —Louisa gritou, correndo para remover algo, e com toda a honestidade Annabel preferia não saber o que, da boca do cão.

—É melhor do que Frederick. —Annabel disse.— Deus do céu, é o nome do meu irmão.

—Vamos lá, Frederick. —Louisa murmurou. Então, ainda agarrando o que fosse que estava na boca dele, olhou para trás para Annabel.— Ele merece um nome digno.

—Porque ele é um cão digno.

Louisa levantou uma sobrancelha, parecendo em polegada a filha de um duque.

—Os cães merecem nomes próprios.

— Os gatos também?

Louisa soltou um desconsiderado pfft.

— Os gatos são completamente diferentes. Eles caçam ratos.

Annabel abriu a boca para perguntar como, exatamente, isso dizia respeito a nomes próprios, mas antes de fazer um som, Louisa agarrou o antebraço dela, sibilando seu nome.

—Oh. —Annabel se abaixou e tentou soltar os dedos de Louisa. — O que aconteceu?

—Lá. —Louisa sussurrou urgentemente. Sacudiu a cabeça para a esquerda, mas de um modo que dizia que estava tentando ser discreta. Só que ela não era. Nem um pouco. — Sebastian Grey. — Louisa finalmente chiou.

Annabel tinha ouvido a expressão *coração descer ao estômago* antes, e ela já havia dito, também, mas esta foi a primeira vez que ela realmente entendeu. Seu corpo inteiro parecia errado, como se o coração estivesse no estômago e os pulmões nas orelhas, e o cérebro em algum lugar ao leste da França.

—Vamos, — disse ela.— Por favor. Louisa pareceu surpresa.

—Você não quer conhecê-lo?

—Não. —Annabel não se importava de parecer desesperada. Ela só queria fugir.

—Você está brincando, não é? Deve estar curiosa.

—Não estou. Eu garanto. Quero dizer, sim, claro que estou, mas se vou encontrar esse homem, não quero fazê-lo assim.

Louisa piscou algumas vezes. —Assim como?

—Eu apenas, não estou preparada. Eu...

—Suponho que você está certa. —disse Louisa pensativa. Graças a Deus.

—Ele provavelmente vai pensar que você é leal ao tio dele e por consequência julgá-la.

—Exatamente. —Annabel disse, agarrando-se a isso como um salva-vidas.

—Ou ele tentará falar com você fora isso.

Annabel lançou um olhar nervoso para o local onde Louisa tinha visto o Sr. Grey. Sutilmente, claro, e sem realmente se virar. Se ela apenas pudesse escapar antes que ele a visse...

—Claro, acho que você deveria falar sobre isso. —Louisa continuou. — Não me importo quanto dinheiro Lorde Newbury tenha, nenhuma jovem deveria ser obrigada a casar com ele.

—Eu não concordei com nada ainda. —Annabel praticamente chorou. — Por favor, podemos ir?

—Temos que esperar minha tia, — disse Louisa franzindo a testa. — Você viu onde ela foi?

—Luísa.

—O que há de errado com você

Annabel olhou para baixo. Suas mãos tremiam. Ela não podia fazer isso. Ainda não. Não poderia enfrentar o homem que tinha beijado e que passou a ser o herdeiro do homem que ela não queria beijar, mas com quem provavelmente ela se casaria. Ah, sim, e ela não podia esquecer que, ia se casar com o homem que ela não queria beijar, ela poderia dar a ele um novo herdeiro, por conseguinte, prejudicar o homem que ela queria beijar.

Oh, ele realmente iria gostar dela.

Teria de ser apresentada ao Sr. Grey eventualmente, não havia com evitar. Mas tinha que ser agora? Seguramente ela merecia um pouco de tempo para se preparar.

Ela não pensava que era covarde. Não, não era covarde. Qualquer pessoa em sã consciência iria fugir de tal situação, e provavelmente metade dos loucos, também.

—Annabel, — Louisa disse, a voz soando exasperada.— Por que é tão importante sair daqui?

Annabel tentou pensar em um motivo. Realmente tentou. Mas havia apenas a verdade, que ela não estava preparada para compartilhar, então em vez disso, ela ficou ali muda, perguntando-se, ela ia sair dessa situação.

Mas infelizmente, aquele momento particular de pânico foi breve. Para ser substituído por um momento muito, muito mais terrível de pânico. Porque logo se tornou evidente que ela não ia conseguir sair daquela situação. A dama no braço do Sr. Grey parecia ter reconhecido Louisa, e Louisa já acenava em cumprimento.

—Louisa. —Annabel chiou.

—Eu não posso ignorá-la. —Louisa sussurrou de volta. — É Lady Olivia Valentim. O pai dela é o Conde de Rudland, o primo do Sr. Grey casou com ela no ano passado.

Annabel gemeu.

—Eu pensei que ela estava fora da cidade. —Louisa disse com uma careta.

— Ela deve ter voltado. —Então se virou para Annabel com uma expressão séria.

— Não se deixe enganar pela aparência. Ela é muito gentil.

Annabel não soube se ficava horrorizada ou confusa. Não se deixe enganar pela aparência? O que isso queria dizer?

—Ela é muito bonita. —explicou Luísa. —O que faz...

—Não, eu quero dizer... —Louisa interrompeu a si mesma, claramente insatisfeita com sua capacidade de transmitir o grau de encanto Lady Valentine.

— Você tem que ver por si mesma.

Felizmente, a incrivelmente bela Lady Olivia pareceu não estar andando muito rápido. Contudo, Annabel julgou não ter mais de quinze segundos antes deles cruzarem com elas. Ela agarrou o braço de Louisa.

—Não diga a eles sobre lorde Newbury. —ela chiou. Louisa arregalou os olhos de espanto.

—Você não acha que eles já sabem?

—Eu não sei. Talvez não. Não acho ainda, que todo mundo sabe.

—Claro que não, mas se alguém sabe, você não acha que seria o Sr. Grey? —Talvez não pelo nome. Todos se referem a mim como — a garota Vickers. Era verdade. Annabel estava sendo apresentada por Lorde e Lady Vickers, e ninguém nunca tinha ouvido falar da família do pai dela, o que seu avô era rápido em apontar, foi como deveria ser. Na opinião dele, a filha teria feito muito melhor se nunca tivesse se tornado uma Winslow.

Louisa franziu o cenho nervoso.

—Tenho certeza que eles sabem que sou neta dos Vickers também. Annabel segurou a mão de Louisa em pânico total.

—Então, não diga a eles que sou sua prima. —Eu não posso fazer isso!

—Por que não? Louisa piscou.

—Não sei. Mas, isso talvez não seja apropriado.

—Esqueça o que é adequado. Apenas faça isso por mim, por favor. —Muito bem. Mas ainda acho que você está um pouco estranha.

Annabel não podia argumentar. Ela tinha feito várias coisas no último dia e realmente, estranhas era o mínimo.

## CAPÍTULO 7



*Cinco minutos mais cedo*

—É realmente muito ruim você ter se casado com meu primo. —Sebastian murmurou, guiando Olivia para longe de um enorme monte de estrume de cavalo que alguém não tinha limpado. — Acho que você pode ser a mulher perfeita.

Olivia olhou para ele com uma perfeita sobrancelha arqueada.

—Porque permito que você coma o café da manhã em minha casa todas as manhãs?

—Ah! Você não poderia ter posto um fim a isso. —Seb respondeu, dando a ela um sorriso torto. — O hábito estava muito enraizado antes de você entrar em cena.

—Porque não o repreendo pelas três dúzias de furos de dardo na porta do quarto de hóspedes?

—Todas as falhas de Edward. Tenho uma mira perfeita. —Ainda assim, Sebastian, é uma casa alugada.

—Eu sei, eu sei. Curioso que você a tenha mantido este ano. Não deseja ficar um pouco mais distante de seus pais?

Quando Olivia casou com Harry, o primo de Sebastian, ela se mudou para casa dele, que era precisamente ao lado da casa da família dela em Londres. Eles tinham conduzido a metade do namoro através de suas janelas. Sebastian achava a história bastante charmosa.

—Eu gosto dos meus pais. —disse Olivia. Sebastian balançou a cabeça.

—Um conceito tão estranho que acho que deve ser antipatriótico. Olivia se virou para ele com alguma surpresa.

—Eu sei que os pais de Harry foram.. —Ela agitou levemente a cabeça. — Bem, não importa. Mas eu não tinha pensado que os seus foram tão terríveis.

—Eles não foram. Mas eu não escolheria passar tempo com eles. — Sebastian considerou isso. — Principalmente meu pai. Visto que ele está morto.

Olivia revirou os olhos.

—Deve haver algo nesta declaração que obrigará que você seja banido da igreja.

—É muito tarde para isso. —murmurou Seb.

—Acho que você precisa de uma esposa. —disse Olivia, voltando-se para ele e estreitando estrategicamente os olhos.

—Está em perigo de perder seu status como a mulher perfeita. -alertou. —Você nunca me disse o que eu fiz para merecê-lo.

—Primeiro e principal foi sua outrora retenção em chatear-me sobre casamento.

—Não vou pedir desculpas.

Ele balançou a cabeça em confirmação.

—Mas há também sua sublime propensão a não se chocar com tudo o que eu digo.

—Oh, estou chocada. —disse Olivia. — Simplesmente escondo bem. —Precisamente melhor. —disse Seb.

Caminharam por alguns instantes, e então ela disse novamente. —Você deveria se casar, você sabe.

—Dei alguma indicação de que estou evitando isso?

—Bem, — Olivia disse lentamente, — você não tem uma esposa...

—Unicamente porque não encontrei a mulher perfeita. —Ele deu um sorriso sem graça. — Infelizmente, Harry conheceu você primeiro.

—Sem falar que você irá se arranjar melhor se casar antes que seu tio gere outro herdeiro.

Sebastian se virou para ela com choque perfeitamente fingido. Por que, Olivia Valentine, isto é categoricamente mercenário de sua parte.

—É verdade.

—Sou de certo modo um empreendimento arriscado. —Sebastian disse com um suspiro.

—Você é! —Olivia exclamou, com suficiente excitação que ele pensou que deveria ficar com medo. — Isso é exatamente o que você é! Você é uma aposta. Um risco. Um...

—Vai me oprimir com elogios. Olivia ignorou.

—Confie em mim quando digo que todas as jovens damas o preferem ao seu tio.

—Mais uma vez, os elogios.

—Mas se ele tiver um herdeiro, você não tem nada. Então elas se arriscarão com você? O belo libertino que poderia herdar ou o conde corpulento que já tem o título?

—Essa é uma descrição quase amável que jamais ouvi aplicada ao meu tio.

—Muitas poderiam escolher o pássaro na mão, mas outras poderiam pensar: — Se eu aguardar minha vez poderia ter o belo libertino e o título.

—Você faz seu gênero soar tão atraente. Olívia deu um encolher de ombros.

—Nem todos podem se casar por amor. —E então, quando ele decidiu que isto deveria deprimi-lo, ela bateu no braço dele e disse: — Mas você deveria. É extremamente belo para não fazê-lo.

—E, novamente, estou convencido. —Seb murmurou. — A mulher perfeita. Olívia lhe deu um pálido sorriso.

—Diga, — Sebastian disse, conduzindo-a para longe de outra pilha asquerosa, desta vez da variedade canina, — onde está o marido perfeito da mulher perfeita? Ou em outras palavras, por que você requereu meus serviços nesta manhã agradável? Além de aprimorar suas habilidades de casamenteira, é claro.

—Harry está absorto em seu projeto atual. Ele não vai ver a luz do dia por uma semana ao menos e eu..., — ela acariciou a barriga, apenas arredondada o suficiente para indicar a gravidez,— preciso de ar.

—Ainda trabalhando nos romances de Sarah Gorely? —Ele perguntou casualmente.

Olivia abriu a boca para falar, mas antes que ela pudesse emitir um som, o ar foi quebrado pelo som de tiros.

—O que diabos foi isso? —Sebastian quase gritou. Bom Deus, eles estavam na droga do parque. Ele olhou em volta, consciente de que sua cabeça estava virando de um lado para outro, deixando-o confuso. Mas seu coração estava batendo, e o condenado som do tiro ainda ecoava em sua cabeça e...

—Sebastian, — disse Olivia suavemente. E em seguida: — Sebastian. —O que?

—Meu braço. —disse ela.

Viu-a engolir, então olhou para baixo. Ele estava segurando o antebraço dela com um feroz aperto. Solto imediatamente.

—Desculpe. — ele murmurou. — Eu não percebi.

Ela sorriu fracamente e esfregou o local com a outra mão. —Não é nada.

Não foi nada, mas ele não queria que ocorresse frequentemente. —Quem está atirando no parque? —ele perguntou irritado.

—Creio que há algum tipo de competição, — disse Olivia. — Edward mencionou esta manhã.

Sebastian sacudiu a cabeça. Uma competição de tiro no Hyde Park. Exatamente durante a hora mais movimentada do dia. A loucura de seus colegas nunca deixa de surpreendê-lo.

—Você está bem? —Olivia perguntou.

Ele virou-se, perguntando-se se ela pensou no que estava falando. —O ruído. —ela esclareceu.

—Não foi nada. —Não foi...

—Não foi nada. —disse secamente. E então, porque se sentiu como um idiota por usar esse tom de voz, acrescentou, — Fui pego de surpresa.

Era verdade. Ele podia se sentar e ouvir armas explodindo todo o dia, enquanto sabia o que estava por vir. Inferno, provavelmente poderia dormir com a cacofonia, assumindo que ele era capaz de adormecer em primeiro lugar. Isso ocorreu justamente quando não esperava. Ele odiava ser pego de surpresa.

Isso pensou secamente, tinha sido o trabalho dele. Senhor Vigia. Morto pela surpresa.

Senhor Vigia. Hmmm. Talvez deveria dedicar-se ao espanhol. —Sebastian?

Ele olhou para Olivia, que ainda o olhava com alguma preocupação. Ele se perguntava se Harry tinha reações como estas, também; se o coração dele disparava como um coelho com barulhos inesperados. Harry não havia dito nada, mas outra vez, Seb não disse também.

Era uma coisa estúpida para falar.

—Estou bem. —disse a Olivia desta vez em um tom muito mais típico de voz. — Como eu disse, foi apenas a surpresa.

Outra bala estalou na distância, e Seb nem sequer hesitou.

—Viu? —Disse. — Nada. Agora, então do que nós estávamos falando? —Eu não tenho ideia. - admitiu Olivia.

Seb pensou por um momento. Ele não se lembra também.

—Ah, os livros Gorely. —Olivia exclamou. — Você tinha perguntado sobre o trabalho de Harry neles.

—Certo. —Engraçado que tivesse esquecido. — E como vai?

—Muito bem, eu acho. —Olivia deu de ombros. — Ele reclama o tempo todo, mas acho que secretamente os adora.

Sebastian animou-se. —Sério?

—Bem, talvez não adore. Ele ainda acha que são terríveis. Mas adora traduzi-los. É muitíssimo mais divertido do que os documentos do Escritório de Guerra.

Não é mais de um leve elogio, mas Seb não poderia se ofender. —Talvez Harry devesse traduzi-los para francês, quando terminar.

Olivia franziu a testa pensativa.

—Talvez ele faça. Não sei se ele já pegou alguma coisa e o traduziu em duas línguas diferentes. Imagino que iria gostar do desafio.

—Ele tem um cérebro ferozmente matemático. —murmurou Sebastian. —Eu sei. —Olivia abanou a cabeça. — É um milagre que tenhamos alguma coisa para conversar. E oh! Não olhe agora,

mas alguém está apontando para você.

—Mulher, eu espero? Olivia revirou os olhos.

—Elas sempre são do sexo feminino, Sebastian. É, —ela estreitou os olhos— Lady Louisa McCann, eu acho.

—Quem?

—A filha do Duque de Fenniwick. Ela é muito doce. Sebastian pensou por um momento.

—A magra que quase não fala?

—Você tem tanto jeito com as palavras. Seb sorriu lentamente.

—Eu tenho, não tenho?

—Não a assuste Sebastian. —Olivia advertiu.

Ele se virou para ela com uma indignação não totalmente sincera. —Assustá-la? Eu?

—Seu charme pode ser aterrorizante.

—Creio que se você colocar dessa maneira não posso ajudar, mas ser bajulado.

Olivia deu um sorriso seco.

—Posso olhar agora? —Ele perguntou. Porque estava começando a ficar tedioso isso de fingir não saber que estava sendo apontado.

—Hmm? Ah, sim, eu já acenei. Não conheço a outra, contudo.

Sebastian não estava de costas para a dupla que se aproximava, então só precisava se virar um pouco para encontrá-las. Então, ficou extremamente feliz que esse movimento o deixou longe de Olivia, porque quando viu quem estava caminhando em direção a ele...

Ele gostava de se considerar um mestre em manter uma fachada impassível, mas até ele tinha seus limites.

—Você a conhece? —Olivia perguntou.

Sebastian balançou a cabeça enquanto olhava para ela, sua deusa de cabelos encaracolados, com a esplendida boca rosa.

—Não, absolutamente. —ele murmurou.

—Ela deve ser nova. — Olivia disse com um ligeiro encolher de ombros. Esperou pacientemente que as duas damas terminassem de cruzar a distância, então, sorriu.

—Ah, Lady Louisa, é tão bom ver você de novo.

Lady Louisa retribuiu a saudação, mas Sebastian não estava prestando atenção. Ele estava muito mais interessado em observar a outra diligentemente tentando evitar o contato visual com ele.

Ele manteve o olhar no rosto dela, só para tornar tudo ainda mais difícil. —Já encontrou meu querido primo o Sr. Grey? —Olivia perguntou a Lady Louisa.

—Er, acredito que tenhamos sido apresentados. —Lady Louisa respondeu.

—Bobagem minha até mesmo perguntar. —disse Olivia que se virou para Sebastian com uma insinuação de travessura mal dissimulada nos olhos. — Você é apresentado a todos, não é Sebastian?

—Quase. —disse ele secamente.

—Oh não, perdoe—me. —Lady Louisa disse. — Permitam—me apresentar minha, e... — Tossiu. — Desculpe-me. Sinto muito. Deve ser poeira em minha garganta. —acenou a mulher ao lado dela. — Lady Olivia, Sr. Grey, esta é a Senhorita Winslow.

—Senhorita Winslow. —disse Olivia. — Que prazer conhecê-la. É nova na cidade?

A senhorita Winslow fez uma reverência educada. —Sou. Obrigada por perguntar.

Sebastian sorriu e murmurou o nome dela e, em seguida, porque sabia que iria confundi-la, pegou a mão dela e a beijou. Era em momentos como este que ficava bastante grato por sua reputação. Olivia não pensaria duas vezes sobre seu flerte.

A Senhorita Winslow, no entanto, corou com o mais charmoso tom de rosa. Ela era ainda mais atraente com a luz do dia, ele decidiu. Os olhos eram um matiz muito bonito de cinza esverdeado. Combinado com o resto da coloração, quase a fazia parecer um pouco espanhola. E gostou bastante da pequena quantidade de sardas sobre a ponta do nariz. Ela não teria a aparência sensual sem elas.

Ele também aprovou o vestido de passeio verde—esmeralda. Combinava muito melhor do que qualquer que fosse o tom pastel que ela estava usando na noite anterior.

Mas ele não podia permitir que sua leitura fosse excessivamente longa. Ela poderia interpretar muito com isso e, além disso, não deveria ignorar a amiga dela. Ele se afastou da Senhorita Winslow, sem sequer simular a demora.

—Lady Louisa, — disse com uma reverência educada de sua cabeça.— Como é bom vê-la de novo. Estou desolado de que nossos caminhos não tenham se cruzaram até agora nesta temporada.

—Parece haver uma grande multidão incomum neste ano, — disse Olivia.

— Será que ninguém decidiu ignorar? —Virou para lady Louisa. — Estive ausente por várias semanas, por isso estou completamente ultrapassada.

—Estava no país? —Lady Louisa perguntou educadamente.

—Sim, em Hampshire. Meu marido tinha um trabalho importante, e ele acha difícil se concentrar na cidade.

—Minha culpa. —Sebastian opinou.

—Notem que eu não discordei. —disse Olivia alegremente. Ela fez um gesto em direção a ele com uma inclinação de cabeça. — Ele é terrivelmente perturbador.

Sebastian não podia deixar isso passar. —É um dos meus melhores atributos.

—Não prestem atenção em nada do diz ele. —Olivia disse balançando a cabeça. Virou-se para as moças e começou a tagarelar sobre uma coisa ou outra e Sebastian ficou com a mais estranha sensação de irritação. Ele não poderia começar a contar o número de vezes que Olivia fez um comentário como não prestem atenção em nada que ele diz.

Esta foi, no entanto, a primeira vez que isso o incomodou.

—Você está gostando de sua estadia em Londres Senhorita Winslow? — Olivia perguntou.

Sebastian virou-se para Senhorita Winslow e a fitou com um sorriso malicioso. Estava muitíssimo interessado na resposta dela.

—Er, sim. —A senhorita Winslow gaguejou. — É muito divertida. —Divertida. — Sebastian murmurou. — Que palavra interessante. Ela olhou para ele alarmada. Ele apenas sorriu.

—Você permanecerá na cidade para o resto da temporada, Lady Olivia? — Lady Louisa perguntou.

—Acho que sim. Depende se o meu marido será capaz de se concentrar com tantas distrações.

—Em que Sir Harry está trabalhando? —Sebastian perguntou, uma vez que Olivia não chegou a dizer que romance Harry estava traduzindo. — Tentei importuná-lo esta manhã, mas ele me dispensou. —olhou a senhorita Winslow e Lady Louisa e disse: — Alguém poderia pensar que ele não gosta de mim.

Lady Louisa riu. A Senhorita Winslow manteve a expressão de pedra. —Meu marido é um tradutor. —disse Olivia as damas, ignorando Sebastian com um revirar de olhos. — Neste momento está traduzindo um romance em russo.

—Sério? —A senhorita Winslow perguntou e Sebastian teve que admitir que ela parecia sinceramente interessada.— Qual romance?

—*Senhorita Truesdale e o Cavalheiro silencioso*. O autor é Sarah Gorely. Você já leu?

A senhorita Winslow sacudiu a cabeça, mas Lady Louisa praticamente pulou para frente exclamando:

—Não!

Olívia piscou. —Er... Sim?

—Não, queria dizer que não li esse ainda, — Lady Louisa explicou.— Li todos os outros, é claro. Como poderia ter perdido?

—Você é um fã, então? —Sebastian perguntou. Adorava quando isso acontecia.

—Oh, sim, — disse ela. — Eu pensei que tinha lido todos eles. Não sou capaz de nem de começar a dizer como estou animada em saber que há mais um.

—Devo confessar que estou tendo dificuldade em terminá-lo. —disse Olivia.

—Sério? —Sebastian perguntou.

Os lábios de Olívia se curvaram em um sorriso indulgente. —Sebastian também é um grande fã, — disse para as jovens damas.

—Da Sra. Gorely? —Louisa perguntou. — Ela possui as mais fascinantes tramas.

—Se você não se importar com o ocasionalmente implausível. —Olivia interferiu.

—Mas isso é o que os torna mais divertidos. —disse Louisa.

—Por que você está tendo dificuldades com Senhorita Truesdale? — Sebastian perguntou a Olivia. Sabia que não deveria pressionar, mas não podia parar. Ele vinha tentando fazê-la gostar de seus livros desde que ela havia dito que ele empregou a palavra alcance incorretamente.

Não que ela soubesse que era ele.

E ademais, alcance era uma palavra ridícula. Ele estava planejando bani-la de seu vocabulário.

Olivia deu um de seus encantadores encolher de ombros.

—É muito maçante, — disse ela. — Parece haver um grau incomum de descrição.

Sebastian balançou a cabeça, pensativo.

—Eu não acho que foi o melhor de Lady Gorely. —Ele não ficou plenamente satisfeito com a versão final, contudo certamente não achava que merecia as críticas de Olívia.

Dificuldade em terminar. Bah.

Olívia não saberia o que é um bom livro mesmo se ele batesse na cabeça dela.

## CAPÍTULO 8



Levou menos de um segundo para Annabel perceber que Louisa não tinha brincado sobre Lady Olivia Valentim e a beleza estonteante da mesma. Quando ela se virou e sorriu, Annabel realmente teve que piscar com o brilho dele. A jovem lady era impressionantemente linda, tudo desde olhos incrivelmente azuis ao cabelo loiros, a pele de leite e as bochechas altas.

Era tudo o que Annabel podia fazer para não odiá-la a princípio.

E então, como se o encontro não pudesse ficar pior (e realmente, só o simples fato de que ela e Sr. Grey tivessem se encontrado era ruim o bastante), ele teve que avançar e beijar a mão dela.

Desastres.

Annabel ficou totalmente desorientada, balbuciando algo que poderia ter passado por uma saudação em uma sociedade pré-verbal. Ela ergueu os olhos por um momento, pois mesmo ela sabia que não poderia passar toda uma apresentação olhando para o chão. Mas foi um erro. Um erro enorme. O Sr. Grey que era muito bonito à luz do luar, era ainda mais bonito, do tipo de parar o coração, na luz do dia.

Deus do céu, não deveria ser permitido que ele se exibisse com Lady Olívia. Os dois provavelmente iriam cegar as boas pessoas de Londres com esses encantos juntos.

Ou isso ou enviar o resto da humanidade soluçando para cama, porque realmente, quem poderia competir com isso?

Annabel tentou acompanhar a conversa, mas estava muito distraída com seu próprio pânico. E pela mão direita do Sr. Grey que estava descansando levemente contra a perna dele. E pela astuta curva da boca, a qual ela estava se esforçando muito para não olhar, mas de alguma maneira ali estava, bem na sua visão periférica. Sem mencionar o som da voz dele, quando disse algo sobre...

Bem... Alguma coisa

Livros. Eles estavam falando sobre livros.

Annabel se manteve em silêncio. Ela não tinha lido os livros em questão e, além disso, achou melhor inserir-se na conversa menos o possível. O Sr. Grey, todavia, furtivamente dava um olhar ocasional na direção dela e isso parecia ridículo para lhe dar uma razão para fazê-lo abertamente.

Claro que foi quando ele virou à direita para ela com aqueles diabólicos olhos cinzentos e perguntou:

—E quanto a você, Senhorita Winslow? Já leu algum dos livros de Gorely? —Receio que não.

—Oh, você deve, Annabel, — Louisa disse entusiasmada. — Você vai adorá-los. Devemos ir à livraria hoje. Gostaria de lhe emprestar os meus, mas todos estão em Fenniwick.

—Você possui toda a série, Lady Louisa? —O Sr. Grey perguntou.

—Oh, sim. Com exceção de Senhorita Truesdale e o Cavalheiro Silencioso, é claro. Mas isso deve ser corrigido imediatamente. —Virou-se para Annabel. — O que temos na agenda para esta noite? Espero que seja algo que podemos ignorar. Não quero nada mais do que uma xícara de chá e meu novo livro.

—Acredito que temos que comparecer a ópera, — Annabel respondeu. Louisa família tinha um dos melhores camarotes do teatro e Annabel estava ansiosa para assistir a uma apresentação por semanas.

—Sério? —Louisa disse com total falta de entusiasmo.

—Você prefere ficar em casa e ler? —O Sr. Grey perguntou. —Oh, definitivamente. Você não?

Annabel observou a prima com algo entre surpresa e incredulidade. Louisa normalmente era tão tímida, mas ali estava ela, animadamente discutindo romances com um dos solteiros mais notórios de Londres.

—Suponho que isso depende da ópera, — o Sr. Grey disse, pensativo.— E do livro.

—A Flauta Mágica, — Louisa informou. — E a Senhora Truesdale.

—A Flauta Mágica? —Lady Olivia exclamou. — Eu perdi no ano passado. Terei que fazer planos para comparecer.

—Eu poderia escolher *Senhorita Truesdale* sobre as *Bodas de Fígaro*, — o Sr. Grey disse, — mas talvez não *A Flauta Mágica*. Há algo tão animador sobre o inferno fervendo no coração de alguém.

—Excitante, precisamente. Annabel murmurou.

—O que você disse Senhorita Winslow? —ele questionou.

Annabel engoliu. Ele estava sorrindo benignamente, mas ela podia ouvir a ponta do pequeno golpe na voz dele e francamente, isso a aterrorizava. Ela não poderia entrar em uma batalha com esse homem e vencer. Disso ela estava certa.

—Eu nunca vi *A Flauta Mágica*. —ela anunciou. —Nunca? —Lady Olivia disse. — Mas como pode isso?

—A Opera raramente é apresentada em Gloucestershire, receio. —Você tem que ir vê-la. —

disse Lady Olivia. — Você simplesmente tem.

—Eu estava planejando ir esta noite, — disse Annabel. — A família de Lady Louisa havia me convidado.

—Mas você não pode ir se ela está em casa lendo um livro. —Lady Olivia terminou astutamente, virando-se para Louisa. — Você terá que adiar Senhorita Truesdale e seu Cavalheiro Silencioso até amanhã. Não pode permitir que a Senhorita Winslow perca a ópera.

—Por que você não se juntar a nós? —Louisa perguntou. Annabel pensou que poderia matá-la.

—Você disse que perdeu no ano passado. —Louisa continuou. — Temos um camarote grande, que nunca fica cheio.

O rosto de Lady Olivia se iluminou com prazer. —Isso é muito gentil de sua parte. Eu adoraria ir.

—E, claro, você está convidado também Sr. Grey. —Louisa disse. Annabel definitivamente ia matá-la. Do meio mais doloroso imaginável.

—Eu ficaria encantado, — disse ele. — Mas você deve me permitir lhe dar uma cópia da Senhorita Truesdale e o Cavalheiro Silencioso em troca da honra.

—Obrigada. —disse Louisa, mas Annabel podia jurar que ela parecia desapontada. — Isso seria...

—Isso será entregue à sua casa esta tarde, — ele prosseguiu sem problemas—, de modo que você possa começar imediatamente.

—O senhor é muito além de previdente Sr. Grey. —Louisa murmurou. E corou. Ela corou! Annabel ficou horrorizada.

E com ciúmes, mas preferiu não pensar nisso.

—Haverá espaço para o meu marido também? —Lady Olivia perguntou. — Ele se tornou um pouco eremita ultimamente, mas acho que podemos convencê-lo a sair para a ópera. Eu sei que a Rainha da ária da Noite é a favorita dele.

—Todos fervendo no inferno. —disse Grey. — Quem poderia resistir a isso?

—É claro. —Louisa respondeu a Lady Olívia.— Eu ficaria honrada em conhecê-lo. O trabalho dele parece fascinante.

—Eu estou com ciúmes. —O Sr. Grey murmurou.

—Do Harry? —Lady Olívia perguntou, virando-se para ele surpresa.

—Não consigo imaginar felicidade maior do que ficar deitada, lendo romances o dia inteiro.

—Muito bons romances de todos os modos. —Louisa interferiu. Lady Olivia riu, mas disse:

—Ele faz um pouco mais que ler. Há a pequena questão da tradução. —Pfft. —O Sr. Grey descartou um agitar das mãos. — Uma coisa sem importância.

—Traduzir para o russo? —Annabel perguntou com ar de dúvida.

Ele se virou para ela com uma expressão que poderia ter sido condescendente.

—Eu estava empregando uma hipérbole.

Ele tinha falado em voz baixa, contudo, e Annabel achou que tampouco Louisa ou Lady Olivia o ouviram. Elas estavam conversando sobre uma coisa ou outra e se afastaram um pouco para a direita, deixando Annabel com o Sr. Grey. Não sozinhos, nem mesmo remotamente sozinhos, mas de alguma forma parecia, apesar de tudo.

—Você tem um nome específico Senhorita Winslow? —ele perguntou baixinho.

—Annabel. —ela respondeu com voz afetada e breve e realmente bastante desagradável.

—Annabel. —repetiu ele. — Eu diria que é adequado a você, exceto, claro, como eu iria saber?

Ela apertou os lábios, mas seus dedos estavam se mexendo inquietamente nas botas.

Ele sorriu como um lobo.

—Já que nós nunca nos encontramos.

Mesmo assim ela manteve a boca fechada. Não confia em si própria para falar.

Isso só pareceu diverti-lo mais. Ele inclinou a cabeça na direção dela, o próprio modelo de um educado cavalheiro Inglês.

—Eu ficarei encantado em vê-la de novo esta noite. —Você ficará?

Ele riu.

—Que acidez! Categoricamente azedo de sua parte. —Azedo. —disse ela secamente. — Verdade.

Ele inclinou-se.

—Por que, eu me pergunto. Você não gosta muito de mim? Annabel lançou um olhar frenético à prima.

—Ela não pode me ouvir. — Ele disse. —Você não sabe.

Ele olhou para Luísa e Lady Olivia, que estavam agora se ajoelhado ao lado de Frederick.

—Elas estão muito ocupadas com o cachorro. Contudo... —Ele fez uma careta. — Como Olivia vai voltar a ficar de pé em seu estado está além de mim.

—Ela vai ficar bem. —Annabel disse sem pensar.

Ele se virou para ela com as sobrancelhas levantadas. —Ela não está avançada o suficiente.

—Normalmente, eu diria que essa afirmação vem de uma voz da experiência, mas como eu sei que você não tem experiência, exceto comigo, eu...

—Sou a mais velha de oito. —Annabel vociferou. — Minha mãe esteve grávida praticamente durante toda a minha infância.

—Uma explicação que não considere. — admitiu. — Odeio quando isso acontece.

Annabel queria não gostar dele. Realmente queria. Mas ele estava tornando isso difícil, com seu sorriso torto e simples encanto.

—Por que aceitou o convite de Louisa para ir à ópera? — ela perguntou.

Ele olhou a olhou inexpressivamente, ainda que ela soubesse que o cérebro dele estava zumbindo longitudinalmente na velocidade tripla.

—É o camarote dos Fenniwick. — ele disse como se não pudesse haver outra explicação. — Provavelmente não conseguirei obter um bom lugar novamente.

Era verdade. A tia de Louisa tinha elogiado a localização.

—E é claro que você parecia tão infeliz, — acrescentou. — Foi difícil resistir. Ela lhe lançou um olhar feio.

—Honestidade em todas as coisas. — brincou. — É meu novo credo. —Novo?

Ele deu de ombros.

—A partir desta tarde, ao menos. —E até esta noite?

—Certamente até chegar à casa de ópera. — ele disse com um sorriso malicioso. Quando ela não retornou a palavra, ele acrescentou: — Ora essa senhorita Winslow, certamente você tem senso de humor.

Annabel quase gemeu. Havia tantas razões para que esta conversa não fosse engraçada que ela mal sabia por onde começar. Havia tantas razões para não ser engraçado que, era quase engraçado.

—Não precisa se preocupar. —ele disse calmamente.

Ela olhou para cima. O rosto dele estava sério. Não sombrio, nem grave, apenas... Sério.

—Eu não vou dizer nada. —disse ele.

De alguma forma ela sabia que ele estava dizendo a verdade. —Obrigada.

Ele se inclinou e beijou a mão dela novamente.

—Acredito que hoje, terça—feira, é um lindo dia para tomar conhecimento de uma jovem dama.

—É quarta—feira. — ela lhe disse.

—É? Sou péssimo com datas. É o meu único defeito.

Ela realmente queria rir. Mas não se atreveu a chamar a atenção. Louisa e Lady Olivia ainda estavam conversando e quanto mais tempo elas estivessem distraídas, melhor.

—Você está sorrindo. —ele disse. —Não, não estou.

—Você quer. Os cantos de sua boca estão contraindo-se. —Não estão!

Ele deu um sorriso astuto. —Eles estão agora.

Ele estava certo, o perverso. Ele conseguiu fazê-la rir, ou pelo menos fazê-la sorrir na luta para não rir, em menos de um minuto.

Era de se admirar que ela tivesse pedido a ele para beijá-la? —Annabel!

Annabel virou-se com alívio ao som da voz de Louisa.

—Minha tia está acenando de um lado ao outro para nós. —disse Louisa e com certeza, Lady Cosgrove estava começando a atravessar a grama até eles, parecendo muito severa.

—Eu imagino que ela não aprova sua conversa comigo. —disse o Sr. Grey, — embora acho que a presença de Olívia seria suficiente para me fazer respeitável.

—Eu não sou tão respeitável. —Lady Olivia disse. Os lábios de Annabel se separaram em choque.

—Ela é completamente respeitável. —Louisa apressadamente sussurrou para Annabel. — Ela só, oh, não importa.

Mais uma vez, todo mundo sabia alguma coisa sobre todos os outros. Exceto Annabel.

Annabel apenas suspirou. Ou realmente não. Ela não poderia suspirar perto de semelhante aglomeração, seria irremediavelmente rude. Mas ela queria suspirar. Algo dentro dela parecia querer suspirar.

Lady Cosgrove chegou ao local e imediatamente tomou o braço de Louisa. —Lady Olivia. — disse com um aceno cordial. — Sr. Grey.

Eles retornaram a saudação, o Sr. Grey com uma elegante inclinação e lady Olivia com uma reverência tão graciosa que deveria ser crime.

—Convidei Lady Olivia e o Sr. Grey a se juntarem a nós hoje à noite na ópera. —disse Louisa.

—Claro. —Lady Cosgrove disse educadamente. — Lady Olivia, por favor, dê os meus cumprimentos à sua mãe. Eu não a vejo faz um século.

—Ela esteve um pouco resfriada. —Lady Olivia respondeu, — mas ela está quase recuperada. Tenho certeza que ela ficaria muito feliz se for visitá-la.

—Talvez eu faça isso.

Annabel assistiu a troca com interesse. Lady Cosgrove não havia cortado o Sr. Grey, mas conseguiu não dizer uma palavra na direção dele após cumprimentá-lo. Foi curioso. Ela não achava que ele fosse uma *persona non grata*. Afinal de contas, ele era o herdeiro do condado de Newbury, mesmo que apenas o herdeiro presumível.

Ela teria que perguntar a Louisa sobre isso. Quando terminasse de matá-la por convidá-lo para a ópera.

Outras amabilidades foram trocadas, mas era evidente que Lady Cosgrove pretendia afastar suas tuteladas e partir. Sem mencionar Frederick, que parecia como se quisesse realizar algum negócio no matagal.

—Até esta noite Senhorita Winslow. —O Sr. Grey disse, inclinando-se sobre a mão dela mais uma vez.

Annabel tentou reagir como se o toque dos lábios dele em sua mão não enviasse um ardor até seu braço.

—Até esta noite. —ela repetiu.

E ao vê-lo ao longo do passeio não conseguia se lembrar de quando tinha esperado tão ansiosamente por algo mais.

## CAPÍTULO 9



Sebastian estava um pouco surpreso com o quanto ele estava ansioso para a ópera naquela noite. Não que não fosse fã, ele era, mesmo que já tivesse visto *A Flauta Mágica* vezes suficiente para recitar ambas as árias da Rainha da Noite de memória.

Outro item a ser adicionado à sua lista de talentos inúteis.

Ele não estava muito certo porque as companhias teatrais da Grã-Bretanha continuavam insistindo em apresentar a mesma ópera, uma e outra vez. Imaginava que fosse para o benefício de alguns ingleses teimosos demais para aprender uma língua estrangeira. Era mais fácil, na opinião de Seb, continuar com uma comédia do que uma tragédia. Ou pelo menos, saber quando rir.

Mas tanto quanto queria ver a ópera da elevada posição do camarote dos Fenniwick, ele queria mais ainda vê-la.

Senhorita Winslow. Senhorita Annabel Winslow. Annabel.

Ele gostava desse nome. Havia algo de bucólico sobre ele, algo que cheirava a limpo, como a relva.

Ele sabia que muitas mulheres que não achariam essa comparação um elogio, mas de alguma forma, ele suspeitava que a Senhorita Winslow poderia.

Fora isso, ele sabia pouco sobre ela, exceto o fato de que tinha amizade com a filha de um duque. Era uma jogada inteligente para qualquer jovem dama à procura de elevar-se nas fileiras da sociedade, mas a senhorita Winslow e Lady Louisa pareciam realmente apreciar a companhia uma da outra.

Outro ponto a favor da Senhorita Winslow. Sebastian não poderia respeitar aqueles que fingiam amizade para avançar sua posição.

Ele também sabia que ela tinha um pretendente indesejado. Isso não era nada fora do comum; A maioria das jovens damas de razoável aparência ou fortuna tinha um ou dois pretendentes indesejados. O interessante era que ela, efetivamente tinha fugido da festa para evitar o homem. Isso poderia significar que ele era particularmente abominável.

Ou que ela era dada ao comportamento tolo.

Ou o que dito pretendente tinha feito um avanço indesejado. Ou que ela exagerou.

Sebastian considerava as opções enquanto ia em direção a ópera. Se ele estivesse escrevendo a história (e não descartava a possibilidade de que algum dia o fizesse, e isso soava como algo saído de um romance de Gorely), como faria?

O pretendente deverá ser terrível. Muito rico, talvez com um título, alguém que poderia exercer pressão sobre a família pobre, sem um tostão. Não que ele tivesse a menor ideia se a família da Senhorita Winslow era pobre e sem dinheiro, mas isso tornava a trama melhor de qualquer jeito.

Ele a teria atacado em um canto escuro, longe da festa. Não, isso não conviria. Seria muito prematuro esse tipo de drama no romance e provavelmente, muito chocante para seu público. Seus leitores não querem realmente ver uma mulher afastar um avanço indesejado, eles só querem ler sobre as pessoas fofocando sobre isso depois do ocorrido.

Ou pelo menos isso foi o que o editor lhe disse.

Muito bem, se ela não foi atacada, então talvez tenha sido chantageada. Sebastian se animou. Chantagem sempre era um elemento de uma boa história. Ele usava isso quase sempre.

—Guv!

Sebastian piscou e olhou para cima. Não havia percebido que tinha chegado à casa de ópera. Ele contratou um coche de aluguel por mais desagradável que isso fosse. Não mantinha um transporte próprio e disse a Olívia que ela e Harry não precisavam pegá-lo no caminho. Era melhor dar ao *não-realmente-recém-casados* algum tempo a sós.

Harry o agradeceria por isso mais tarde, Seb tinha certeza. Sebastian pulou, pagou o motorista, e fez o seu caminho para dentro. Ele estava adiantado, mas já havia algumas poucas pessoas zanzando, vendo e sendo vistos em seus trajes de gala.

Ele fez seu caminho lentamente por entre a multidão, conversando com conhecidos, sorrindo, como sempre fazia as jovens damas que menos esperavam. A noite prometia todo tipo de prazer, e então, justo quando quase terminava de cruzar toda a escada...

O tio dele.

Sebastian enrijeceu, mal suprimindo um gemido. Não sabia por que ficou surpreso, fazia todo o sentido que o Conde de Newbury fosse assistir a ópera, principalmente se ele estivesse à espreita de uma nova esposa. Entretanto, ele estava de muito bom humor. Parecia quase um crime que seu tio estivesse ali para estragá-lo.

Normalmente, ele teria mudado o percurso de modo a evitá-lo. Seb não era covarde, mas realmente, por que não deixar um caminho para não enfrentar um aborrecimento?

Infelizmente, não havia como escapar dele neste momento. Newbury tinha visto Sebastian e

Sebastian sabia que ele sabia que ele o tinha visto também. Mais evidente, cerca de quatro outros cavalheiros tinham visto que eles viram um ao outro, e embora Seb não se considerasse um covarde por ficar fora do caminho de Newbury, estava ciente de que os outros o considerariam.

Ele não era tão iludido para pensar que não se importava com a boa opinião dos outros. Estaria condenado se permitisse que metade de Londres sussurrasse que estava com medo do tio.

E assim, já que a evasão não foi possível, ele empregou táticas antagônicas, fez confiante o caminho que o levou diretamente ao lado de Newbury.

—Tio. —disse parando brevemente para reconhecê-lo.

Seu tio fez uma careta, mas estava claramente tão surpreendido pelo ataque direto que não teve tempo para planejar uma réplica mordaz. Em vez disso, fez um breve aceno de cabeça acompanhado de um grunhido, uma vez que obviamente era incapaz de fazer a boca formar o nome de Sebastian.

—Que agradável vê-lo como sempre. —disse Sebastian com um sorriso largo. — Não tinha percebido que você gostava de música. —E então, antes que Newbury pudesse fazer algo mais do que ranger os dentes, deu um aceno de despedida e foi embora.

Em suma, um encontro bem-sucedido. O qual seria melhor uma vez que o conde percebesse que o sobrinho estava sentado no camarote dos Fenniwick. Newbury era um esnobe horrível e certamente ficaria furioso por Sebastian estar sentado em uma localização melhor.

O que não foi sua intenção ao aceitar o convite de Lady Louisa, mas realmente, quem era ele para discutir com uma benção inesperada?

Quando Sebastian chegou ao camarote viu que Lady Louisa e a Senhorita Winslow já haviam chegado, juntamente com Lady Cosgrove e Wimbledon, quem, se bem lembrava, eram irmãs do Duque de Fenniwick. Quem não estava presente, apesar do nome dele estar atribuído ao camarote.

Sebastian observou que Lady Louisa estava flanqueada pelas duas tias. A Senhorita Winslow, por outro lado, havia sido deixada de lado, sentada sozinha na primeira fila. Sem dúvida, Lady C e W estavam agindo para proteger a pupila da insidiosa influência dele.

Ele sorriu. Mais vantagem para influenciar a Senhorita Winslow, que, ele não pôde deixar de notar, estava deliciosa em um vestido verde— maçã.

—Sr. Grey! —Lady Louisa exclamou em saudação. Ele se curvou.

—Lady Louisa, Lady Cosgrove, Lady Wimbledon. —E depois, virando um pouco, e sorrindo de maneira diferente. — Senhorita Winslow.

—Sr. Grey. —disse ela. As bochechas dela estavam um pouco cor de rosa, pouco perceptível à luz de velas à noite. Mas foi o suficiente para fazê-lo sorrir por dentro.

Sebastian avaliou a escolha de lugar e imediatamente ficou feliz por ter decidido chegar mais cedo e sozinho. Suas opções eram na frente com a Senhorita Winslow, o último assento do meio ao lado da carrancuda Lady Wimbledon, ou atrás, esperando quem mais pudesse chegar.

—Não posso permitir que a Senhorita Winslow sente-se sozinha. - anunciou e imediatamente se sentou ao lado dela.

—Sr. Grey. —disse ela novamente. — Pensei que seus primos tinham planejando vir também.

—Eles virão. Mas não era conveniente para eles para me pegar no caminho. —Ele se virou em seu assento para incluir Lady Louisa na conversa. — Uma vez não estou exatamente no caminho.

—Foi muito gentil de sua parte não insistir nisso. —disse Lady Louisa.

—Bondade não tem nada a ver com isso. — mentiu. — Eles insistiram em enviar a carruagem para mim antes, mas eu teria de estar completamente pronto uma hora mais cedo.

Lady Louisa riu e, em seguida, como se o pensamento tivesse irrompido de repente em sua mente, disse:

—Oh! Devo lhe agradecer pelo livro. —Foi um prazer. —ele murmurou. —O livro? —Uma das tias perguntou.

—Eu teria enviado um para você também. —disse a Senhorita Winslow, enquanto Lady Louisa deliberava com a tia, — mas eu não sabia seu endereço.

A Senhorita Winslow engoliu desconfortavelmente e disse:

—Er, isso é bastante certo. Tenho certeza que poderei ler o de Lady Louisa quando ela terminar.

—Oh não, — Lady Louisa disse, inclinando-se para frente.— Eu nunca poderia emprestar esse. Está assinado pela autora.

—Assinado pela autora? —Lady Cosgrove exclamou. — Como, no entanto, você encontrou um exemplar autografado?

Seb deu um encolher de ombros.

—Eu tropecei nele no ano passado. Achei Lady Louisa poderia apreciá-lo.

—Oh, eu apreciei, — ela disse com convicção. — É sinceramente um dos presentes mais atenciosos que eu já recebi.

—Você tem me deixar vê-lo, — Lady Wimbledon disse a Lady Louisa.— A Sra. Gorely é um dos meus autores favoritos. Que imaginação!

Seb se perguntou quantos livros autografados por Gorely seria plausível que ele pudesse achar. Evidentemente que este era melhor presente do que qualquer outra coisa que pudesse dar. Decidiu

que seria melhor estabelecer as bases para a sua história agora:

—Eu encontrei um conjunto completo autografado em uma livraria no último outono, — disse bastante satisfeito com sua criatividade. Agora tinha três oportunidades para presentes autografados. Quem sabe quando eles poderiam vir a calhar?

—Realmente não posso pedir que se desfaça de algum, — Lady Louisa murmurou, claramente esperando que ele dissesse a ela que não era incômodo.

—Não é incômodo, — assegurou. — É o mínimo que posso fazer em troca de um maravilhoso assento para assistir a ópera. —Ele aproveitou a oportunidade para engajar a Senhorita Winslow na conversa. — É muito afortunada por sentar aqui em sua primeira ópera.

—Estou ansiosa por isso. —disse ela.

—O suficiente para não se importar de ficar ao meu lado? —Disse ele em voz baixa.

Ele a viu tentar não sorrir. —Realmente.

—Eu disse que sou muito fascinante. — ele disse a ela. —Você?

—Fascinante?

—Não. —Ela tentou mais uma vez não sorrir. — Disse que você é assim.

—Ah. De vez em quando. Não para minha família, é claro. Desta vez ela sorriu. Sebastian ficou absurdamente contente. —Naturalmente, eu vivo para importuna-los. —disse ele. Ela riu.

—Você não deve ser o filho mais velho. —Por que você diz isso?

—Porque nós odiamos os que importunam. —Oh, nós odiamos?

Ela piscou surpresa. —Você é mais velho?

—Único, eu receio. Uma decepção para meus pais. —Ah, bem, isso explica tudo.

Uma resposta da qual ele não poderia resistir. —Por favor, diga.

Ela se virou, claramente envolvida na conversa. Sua expressão tivesse talvez um vestígio de orgulho, mas ele descobriu que gostava desse olhar astuto dela.

—Bem, — disse ela, oficiosamente o suficiente para que se antes ele não soubesse que ela era a filha mais velha, agora teria certeza. — Como filho único você teria crescido desprovido de companhia e, portanto, nunca aprendeu a interagir adequadamente com seus pares.

—Eu fui à escola. —disse ele suavemente. Ela acenou.

—Mesmo assim.

Ele esperou um momento, e depois repetiu: —Mesmo assim?

Ela piscou.

—Certamente há mais na sua argumentação. Ela pensou por um momento.

—Não.

Ele esperou mais um momento, e desta vez, ela acrescentou. —Deveria haver?

—Aparentemente não, se você é a filha mais velha e grande o suficiente para bater em seus irmãos por uma banalidade.

Os olhos dela se arregalaram, e então ela deu uma gargalhada, um som gutural lindo que não era nem um pouco musical. Ela não riu delicadamente.

E ele adorou.

—Eu não bati em ninguém que não merecesse. —Disse a ele, uma vez que recuperou a postura.

Ele sentiu-se rindo junto com ela.

—Mas Senhorita Winslow, — disse ele simulando uma expressão séria, — acabamos de nos conhecer. Como posso confiar em seu julgamento na matéria?

Ela lhe deu um sorriso maroto. —Você não pode.

O coração de Sebastian bateu perigosamente. Ele não conseguia tirar os olhos do canto daquela boca, aquele pequeno local onde a pele faz uma covinha e vira para cima. Ela tinha lábios maravilhosos, cheios e rosa, e ele pensou que gostaria de beijá-la novamente, agora que teve a chance de vê-la na luz do dia. Ele se perguntou se seria diferente havendo uma imagem perfeitamente colorida dela em sua mente quando a beijassem novamente.

Perguntou-se se seria diferente sabendo o nome dela.

Ele inclinou a cabeça, como se o movimento pudesse deixá-la mais nítida. Isso ocorreu, de alguma forma e ele percebeu que sim, iria ser diferente.

Melhor.

Ele foi salvo de ter que ponderar o significado disso por conta da aparição de seus primos. Harry e Olivia chegaram com bochechas rosadas e os cabelos um pouco despenteados e após saudações trocadas ao redor, os *não-realmente-recém-casados* sentaram na fileira de trás.

Sebastian ficou alegremente tranquilo em seu lugar. Não era como se ele estivesse sozinho com a Senhorita Winslow, havia outras seis pessoas no camarote, sem mencionar as centenas abaixo na platéia, mas eles estavam sozinhos em sua fileira e, no momento, isso parecia suficiente.

Ele se virou para olhar para ela. Ela estava olhando para fora sobre a beirada do camarote, os

olhos brilhantes de excitação. Sebastian tentou se lembrar da última vez que sentira tal antecipação. Estava em Londres desde seu regresso da guerra — e isso, as festas, as óperas, os contatos— tornaram-se rotina. Ele apreciava isso tudo, é claro, mas não poderia dizer que havia algo que tivesse realmente esperado...

Ela virou-se então. Olhou para ele e sorriu. Até agora.

## CAPÍTULO 10



Annabel prendeu a respiração quando as luzes do Royal Opera House esmaeceram. Tinha estado ansiosa por esta noite desde que chegou a cidade, mal podia esperar para relatar todos os detalhes em uma longa carta para suas irmãs. Mas agora, com as cortinas levantadas para revelar um cenário estranhamente estéril, ela percebeu que não queria apenas que essa performance fosse de tirar o fôlego, ela precisava que fosse assim.

Porque se não fosse surpreendente, se não fosse tudo o que ela sonhava, não ia distraí-la do cavalheiro no assento ao seu lado, cujo cada movimento parecia de alguma forma romper o ar apenas o suficiente para fazer sua pele formigar.

Ele não tinha sequer que tocá-la para que se sentisse entorpecer. O que era mesmo uma péssima notícia.

—Você está familiarizada com a história? —Veio uma cálida voz em seu ouvido.

Annabel assentiu, apesar de ter apenas um conhecimento superficial do libreto. O programa continha uma sinopse, que Luísa havia lhe dito que era obrigatória para quem não entendia alemão, mas Annabel não teve tempo de lê-lo cuidadosamente antes do Sr. Grey chegar.

—Eu conheço um pouco. —ela sussurrou. —Alguna coisa. —Aquele é Tamino, —disse ele, apontando para o jovem que havia entrado no palco. —Nosso herói.

Annabel começou a assentir com a cabeça, então arquejou no momento em que uma serpente monstruosa, subiu ao palco, se contorcendo e sibilando.

—Como eles fizeram isso? —Ela não pode deixar de sussurrar. Mas antes que o Sr. Grey pudesse oferecer um parecer, Tamino desmaiou de medo.

—Nunca o achei muito heroico. —disse o Sr. Grey. Ela o olhou.

Ele deu de ombros.

—Um herói realmente não deve desmaiar na primeira página. —Primeira página?

—Na primeira cena. —ele corrigiu.

Annabel estava disposta a concordar. Ela estava muito mais interessada no estranho homem coberto de pena, que havia entrado em cena, juntamente com três damas que prontamente mataram a cobra.

—Não covardes. —ela murmurou para si mesma.

Ao seu lado ouviu o Sr. Grey rir. Ela ouviu o riso dele. Como era possível ela não sabia, mas quando deu uma olhada para o perfil dele, viu que era verdade. Ele estava olhando os cantores, o queixo ligeiramente erguido quando olhou para a multidão abaixo e os lábios estavam curvados em um pequeno sorriso de afinidade.

Annabel respirou. Ali, na meia-luz do teatro se lembrou de como o viu pela primeira vez, no escuro jardim. Isso ocorreu apenas na noite anterior? Parecia estranho que apenas 24 horas haviam se passado desde o encontro accidental. Sentia-se diferente por dentro, mudada muito mais do que um dia deveria permitir.

Ela deixou seus olhos penderem sobre os lábios dele. O sorriso tinha dissolvido e agora ele parecia absorvido, concentrado no drama. E então,...

Ele se virou.

Ela quase desviou o olhar. Mas não fez. Ela sorriu. Só um pouquinho.

Ele sorriu de volta.

Ela moveu as mãos sobre o estômago, que estava fazendo revirando estranhamente. Ela não deveria estar flertando com esse homem. Era um jogo perigoso que levaria a lugar nenhum e ela sabia muito bem, realmente sabia. Mas não conseguia se conter. Havia algo tão atraente, tão contagiante sobre ele. Ele era seu sonho pessoal e quando estava perto dele sentia-se...

Sentia-se diferente. Especial. Como se fosse possível existir por alguma outra razão que não fosse para arranjar um marido e fazer um bebê e especificamente, nessa ordem, com a pessoa adequada, como o escolhido por seus avôs e...

Ela virou para o palco. Não queria pensar nisso agora. Esta era para supostamente ser uma boa noite. Uma noite maravilhosa.

—Agora ele vai se apaixonar. — O Sr. Grey sussurrou em seu ouvido.

Ela não olhou de volta para ele. Não confiava em si mesma. —Tamino. —ela murmurou.

—As mulheres estão mostrando a ele um retrato de Pamina, a filha da Rainha da Noite. Ele se apaixonará imediatamente.

Annabel se inclinou para frente, não que fosse capaz de ver o retrato dali do camarote. Ela sabia que o conto era apenas uma fantasia, mas sem dúvida, deveria ser um retratista extraordinário.

—Eu sempre me perguntei sobre o retratista. —disse o Sr. Grey. — Ele deve ser brilhantemente talentoso.

Annabel virou-se bruscamente e piscou. —O que foi? —Perguntou ele.

—Nada. —ela disse sentindo-se vagamente atordoada. — Apenas... Eu estava pensando a mesma coisa.

Ele sorriu novamente, mas desta vez foi diferente. Quase como se...

Não, não poderia ser isso. Ele não poderia estar sorrindo para ela como se tivesse encontrado uma alma gêmea. Porque eles não poderiam ser almas gêmeas. Annabel não podia permitir isso. Seria insuportável.

Decidido a aproveitar a ópera mais do que ela estava apreciando o Sr. Grey começou uma intermitente narração, ela voltou a atenção para o palco, permitindo-se ser arrebatada na história. Era um conto ridículo, de verdade, mas a música era tão maravilhosa que ela não se importou.

A cada minuto o Sr. Grey prosseguia com comentários, que Annabel teve de admitir ajudava imensamente a sua compreensão. As palavras dele eram parte narração e parte observação e Annabel não podia deixar de ser entretida. Ela ouvia o farfalhar das roupas quando ele se inclinou e em seguida sentiu o calor da pele dele conforme os lábios se aproximaram orelha dela. Depois vieram suas palavras, sempre astutas, muitas vezes divertidas, agradando seus ouvidos, fazendo seu coração saltar.

Tinha que ser a maneira mais maravilhosa de assistir a Opera. —Esta é a cena final. —ele murmurou, conforme uma espécie de atuação judiciosa começava no palco.

—Da peça? —Ela perguntou surpresa. O herói e a heroína não haviam sequer se conhecido ainda.

—Do primeiro ato. — ele disse a ela.

—Ah. Claro. —Ela virou-se para frente novamente, e dentro de poucos minutos, Tamino e Pamina, finalmente, bateram os olhos um no outro e num instante se abraçaram...

...E foram separados.

—Bem. —Annabel disse quando a cortina caiu, — Suponho que não haveria muito de um segundo ato, se eles não fossem separados no final da cena.

—Você parece desconfiar do romance. —Disse o Sr. Grey

—Você tem que admitir, é um pouco exagerado que ele deva cair apaixonado pelo retrato dela, e ela deva se apaixonar po... —Annabel sentiu a ruga na testa. — Por que ela se apaixona por ele?

—Porque Papageno lhe disse que ele estava vindo para salvá-la, - Louisa disse, inclinando-se para frente.

—Oh, é claro, — Annabel respondeu, revirando os olhos.— Ela se apaixonou porque um homem vestindo penas disse que ela seria salva por um homem que ela nunca viu.

—Você não acredita em amor à primeira vista Senhorita Winslow? —O Sr. Grey perguntou.

—Eu não disse isso. —Então, você acredita?

—Eu não acredito ou acredito, — respondeu Annabel, não confiando no brilho nos olhos dele.  
— Eu mesma não testemunhei, mas isso não quer dizer que não exista. E não foi amor à primeira vista. Como pode ser amor à primeira vista, se ela nem sequer o viu?

—É difícil argumentar com essa lógica — ele murmurou. —Espero que sim.

Ele riu com isso, então franziu o cenho enquanto olhava para a fila de trás.

—Harry e Olivia parecem ter desaparecido. —disse. Annabel se retorceu e olhou por cima do ombro. —Espero que não seja nada mal.

—Oh, eu asseguro que nada está mal — disse o Sr. Grey misteriosamente.

Annabel corou, não inteiramente certa do que ele quis dizer, mas certamente, todavia, que não poderia ser apropriado.

O Sr. Grey deve ter a visto ficar rosa, porque deu uma risadinha, depois se inclinou em direção a ela com um malicioso brilho nos olhos. Havia algo perigosamente íntimo em sua expressão, como se a conhecesse, ou como se devesse conhecê-la, ou desejasse conhecê-la, ou...

—Annabel. —Louisa disse em voz alta, — você virá comigo ao toalete?

—Claro. — Annabel não tinha nenhuma necessidade especial em ir ao — toalete —, mas se havia uma coisa que tinha aprendido em Londres, era que nunca se recusa um convite para acompanhar outra dama ao toalete. Por que isto era assim, ela não estava certa, mas se recusou uma vez e foi informada de que tinha sido uma péssima maneira de se comportar.

—Aguardo seu retorno. —disse o Sr. Grey ficando de pé.

Annabel assentiu com a cabeça e seguiu Louisa para fora. Deram apenas dois passos para fora do camarote quando Louisa agarrou seu braço e sussurrou com urgência:

—Sobre o que você estava falando? —Com o Sr. Grey?

—É claro com o Sr. Grey. Vocês dois estavam praticamente tocando cabeças durante todo o espetáculo.

—Isso não pode ser verdade.

—Eu lhe asseguro, pode. E você estava sentada na frente. Todo mundo deve ter visto.

Annabel começou a se sentir nervosa. —O que você quer dizer com todo mundo?

Louisa olhou furtivamente ao redor. Multidões iam começando a sair dos camarotes, todos adornados com seus trajes mais finos.

—Eu não sei se Lorde Newbury está presente, — ela sussurrou—, mas se não, certamente irá ouvir sobre isso em breve.

Annabel engoliu nervosamente. Ela não queria comprometer seu iminente casamento com o conde, mas, ao mesmo tempo...

Ela desesperadamente queria.

—Não é Lorde Newbury que me preocupa, — Louisa continuou, circulando Annabel com seu braço até trazê-la para perto. — Você sabe que eu rezo para que esse casamento não dê certo.

—Então...

— Vovó Vickers, —Louisa falou — E Lorde Vickers. Eles ficarão lívidos se acharem que você está propositalmente sabotado o namoro.

—Mas eu...

—Eles não poderiam pensar outra coisa. —Louisa engoliu e baixou a voz quando viu alguém fazer um curioso desvio em sua direção. — Sebastian Grey, Annabel.

—Eu sei! —Annabel respondeu, grata por finalmente ter a palavra.

— Você está só falando. Você esteve flertando com ele a noite toda. Louisa parecia ferida, mas apenas por um momento.

—Oh, meu céu, — disse ela. —Você está com ciúmes. —Eu não estou.

—Está. — seus olhos se iluminaram. — Isso é maravilhoso. E um desastre, — acrescentou, quase como um adendo.— É um esplendido desastre maravilhoso.

—Louisa. —Annabel quis esfregar os olhos. Subitamente se sentiu exausta. E não muito certa de que a dama de aparência astuta frente a ela era sua normalmente prima tímida.

—Pare. Ouça. —Louisa olhou em volta e soltou um gemido frustrado. Puxou Annabel em uma alcova e puxou a cortina de veludo em torno delas para dar—lhes um pouco de privacidade. — Você tem que ir para casa.

—O que? Por quê?

—Você tem que ir para casa agora. Não será escandaloso o suficiente como está.

—Tudo o que fiz foi falar com ele!

Louisa colocou as mãos sobre os ombros de Annabel e olhou direto e duramente nos olhos.

—É o suficiente. Confie em mim.

Annabel olhou para a expressão sombria da prima e deu um aceno de cabeça. Se Louisa disse que tinha de ir para casa, então ela tinha que ir para casa. Ela conhecia este mundo melhor do que Annabel. Ela entendia como navegar nas águas turvas da sociedade londrina.

—Com alguma sorte, alguém irá fazer uma cena no segundo ato e esquecerão tudo sobre você. Vou dizer a todos que você adoeceu e então... — os olhos de Louisa se encheram de alarme.

—O que?

Ela balançou a cabeça.

—Vou ter apenas que assegurar que o Sr. Grey permaneça durante toda a apresentação. Se ele partir cedo também, todo mundo irá supor que vocês tenham ido embora juntos.

O sangue esvaiu do rosto de Annabel. Luísa chacoalhou cabeça.

—Eu posso fazer isso. Não se preocupe.

—Você tem certeza? —Porque Annabel não tinha. Louisa não era conhecida por sua assertividade.

—Não, eu posso, — Louisa disse, soando como se estivesse convencendo a si mesma tanto quanto Annabel. — Ele é, na verdade, muito mais fácil conversar do que a maioria dos homens.

—Eu tinha notado. —Annabel disse debilmente. Louisa suspirou.

—Sim, eu suponho que você tenha. Muito bem, você deve ir para casa e eu vou...

Annabel esperou.

—Eu irei com você, — Louisa terminou de forma decisiva. — É uma ideia muito melhor.

Annabel só podia piscar.

—Se eu for com você, ninguém suspeitará de nada, mesmo se o Sr. Grey partir bem. —Louisa deu um embaraçado encolher de ombros. — É uma vantagem de uma excelente reputação.

Antes que Annabel pudesse indagar quanto ao que disse sobre sua reputação, Louisa cortou:

—Você é uma incógnita. Mas eu... Ninguém jamais suspeitou algo de mim.

—Você está dizendo que eles deveriam? —Annabel perguntou com cuidado.

—Não. —Louisa sacudiu a cabeça quase melancolicamente. — Nunca faço nada de errado.

Mas conforme elas faziam o caminho de seu esconderijo nas cortinas, Annabel podia jurar que

ouviu Louisa sussurrar — Infelizmente.

Três horas depois, Sebastian entrou em seu clube, ainda um pouco irritado pela forma como a noite tinha se transformado. A senhorita Winslow, lhe disseram, adoecera durante o intervalo e partiu com Lady Louisa, que insistiu em acompanhá-la.

Não que Sebastian acreditou em uma palavra. A senhorita Winslow tinha sido tal qual a imagem da saúde, a única maneira que ela poderia ter adoecido era se ela tivesse sido atacada por um leproso na escadaria.

Lady Cosgrove e Wimbledon, liberadas de suas funções como acompanhantes, partiram também, deixando seus convidados sozinhos no camarote. Olivia imediatamente se mudou para a fila da frente, ajustando a cadeira ao lado dela para Harry, que tinha ido para o lobby.

Sebastian teve que ficar para o segundo ato, sobretudo porque Olivia insistiu nisso. Tinha tudo preparado para ir para casa e escrever (o leproso na escadaria havia lhe dado todo o tipo de ideias), mas ela tinha lhe puxado categoricamente para o assento ao lado dela e sussurrado:

—Se você sair todos irão pensar que partiu com a senhorita Winslow e não vou permitir que você arruíne a pobre moça em sua primeira temporada.

—Ela saiu com Lady Louisa. — protestou. — Sou realmente imprudente em pensar em participar de um *ménage a trois* com elas?

—O que?

—Você sabe o que eu quero dizer. —disse ele com uma carranca. —Todo mundo vai pensar que um ardil. —explicou Olívia. — A reputação de Lady Louisa pode ser impecável, mas a sua não é, e do jeito que você estava indo com a senhorita Winslow durante o primeiro ato...

—Eu estava conversando com ela.

—Sobre o que vocês estão falando? —Era Harry, que retornou do lobby, precisando passar por eles para chegar ao seu lugar.

—Nada. — ambos vociferaram, ajustando as pernas para deixá-lo passar.

As sobrancelhas de Harry ergueram, mas ele simplesmente bocejou.

—Onde foi todo mundo? —Perguntou ao sentar-se.

—A senhorita Winslow adoeceu, — Olivia disse a ele—, e Lady Louisa a acompanhou para casa. As duas tias partiram também.

Harry deu de ombros, uma vez que geralmente era mais interessado em ópera do que em fofocas, e pegou seu programa.

Sebastian se virou para Olívia, que tinha retomado o seu brilho. —Você ainda vai me repreender?

—Você deveria ter pensado melhor. —disse Olivia em voz baixa. Sebastian olhou para Harry. Ele estava imerso no libreto, aparentemente alheio à conversa.

Que, conhecendo Harry, significava que ouviu cada palavra. Sebastian decidiu que não se importava.

—Desde quando você se tornou a defensora da senhorita Winslow? —Perguntou.

—Eu não sou, — disse, encolhendo seus ombros elegantes.— Mas é óbvio que ela é nova para a cidade e que precisa de orientação. Aplauda Lady Louisa por levá-la para casa.

—Como você sabe que Lady Louisa a levou para casa?

—Oh, Sebastian. —disse, dando—lhe um olhar impaciente. — Como você pode até mesmo perguntar?

E esse foi o fim. Até que ele chegou ao clube. Que foi quando o mundo desabou.

# CAPÍTULO 11



—Desgraçado!

Sebastian era normalmente um sujeito atento, abençoado com reflexos rápidos e um saudável senso de auto-preservação, mas sua mente estava estranhamente presa em um único tópico, a curva dos lábios da Senhorita Winslow, e ele não estava prestando muita atenção ao seu redor quando entrou no clube.

Portanto, não tinha visto o tio. Ou o punho de seu tio.

—Que diabos?

A força do golpe lançou Sebastian na parede, o que levou seu ombro a ficar apenas um pouco menos doloroso do que o olho, que provavelmente já estava ficando preto.

—Desde o momento que você nasceu — Seu tio transbordava, — Eu sabia que você seria sem moral ou disciplina, mas isso...

Isto? Que isso?

—Isto, — continuou seu tio, a voz tremendo de fúria, — está abaixo até de você mesmo.

Desde o momento que nasci, Seb pensou com algo que era quase exasperação. Desde o momento que nasci. Bem, seu tio estava certo sobre isso, pelo menos. Voltando para suas primeiras lembranças, seu tio estava com raiva e severo, sempre insultando, sempre achando novas maneiras de fazer um garoto se sentir pequeno. Sebastian teve que reconhecer mais tarde que o rancor era inevitável. Newbury nunca tinha gostado do pai de Sebastian, que era apenas onze meses mais jovem. Adolphus Grey tinha sido mais alto, mais atlético e mais bonito do que o irmão mais velho. Provavelmente mais inteligente, também, embora Sebastian tivesse que admitir seu pai nunca foi fã dos livros.

Quanto à mãe de Seb, Lorde Newbury a considerou muito que terrivelmente abaixo da família.

Sebastian, ele considerou a semente do diabo.

Seb aprendeu a conviver com isso. E ocasionalmente a fazer jus a isso. Na verdade, ele não se importava muito. Seu tio era um chato, um tanto desagradável, embora grande, inseto. A estratégia era a mesma: evitar, e se isso se mostrasse impossível, esmagar.

Mas ele não disse isso. Porque realmente, qual seria o objetivo? Em vez disso, ele cambaleou

sobre os pés, vagamente consciente de que uma audiência estava se aglomerando.

—Sobre o que diabo você está falando? —Senhorita Vickers. —Newbury assobiou.

—Quem? —Seb perguntou distraidamente. Provavelmente deveria dar mais atenção sobre o que quer que fosse que seu tio estava tagarelando, mas maldição, seu olho estava realmente machucado. O ferimento, provavelmente, ficaria por uma semana. Quem veria isso nele?

—O nome dela não é Vickers. —disse alguém.

Sebastian tirou a mão do olho, piscando com cuidado. Que inferno. Sua visão ainda estava embaçada. O que seu tio faltava em músculo, tinha em peso e aparentemente colocou tudo no soco.

Vários cavalheiros estavam perto, presumivelmente na esperança de que fosse acontecer uma briga, o que naturalmente não iria. Sebastian nunca golpearia o tio, não importa quão claramente ele merecesse. Se ele golpeasse Newbury, certamente revelaria uma sensação muito sedutora para resistir e, em seguida Seb o esmagaria. O que seria péssimo.

Além disso, ele não perdeu a calma. Jamais. Todos sabiam e, se não, deveriam.

—Quem, suplico que diga, é senhorita Vickers? —Sebastian perguntou, moldando seu corpo em um desleixo insolente.

—Ela não é Vickers, — alguém disse. — Sua mãe era uma Vickers. Seu pai era outra pessoa.

—Winslow. -o conde disse não muito satisfeito. — O nome dela é Winslow.

Seb sentiu os dedos começarem a formigar. Sua mão direita poderia ter formado um punho.

—Que quer dizer com senhorita Winslow? —Você finge não saber?

Seb encolheu os ombros, embora o movimento casual tomou toda sua concentração.

—Eu não finjo nada.

Os olhos do tio brilhavam desagradavelmente. —Ela, em breve, será sua tia, querido sobrinho.

A respiração desapareceu do corpo de Sebastian e agradeceu a qualquer deus ou arquiteto que garantiu ter uma parede próxima para repousar seu ombro.

Annabel Winslow era neta de Lorde Vickers. Ela era a exuberante, voluptuosa criatura pela qual Newbury estava arquejando atrás, era tão fértil que as aves cantavam para ela.

Tudo fazia sentido agora. Ele estava se perguntando como uma senhorita do interior poderia tornar-se amiga íntima da filha de um duque. Ela e Lady Louisa eram primas de primeiro grau. É claro que elas seriam amigas.

Lembrou-se de sua conversa com o primo, a parte sobre os quadris férteis e aves cantando. A

imagem da senhorita Winslow era tão espetacular quanto Edward havia descrito. Quando Sebastian pensou sobre a forma como os olhos de Edward ficaram vidrados quando descreveu os seios dela...

Seb sentiu um gosto ácido. Ele poderia ter golpeado Edward. Seu tio estava fora dos limites devido à idade, mas Edward era um jogo justo.

A senhorita Annabel Winslow era na verdade um pedaço de fruta madura. E o tio dele estava planejando se casar com ela.

—Você vai ficar longe dela. —disse seu tio em voz baixa.

Sebastian ficou em silêncio. Ele não tinha uma observação sarcástica pronta ou uma replica, então não disse nada. Foi melhor assim.

—Embora, sabe Deus se eu ainda a quero, dado ao duvidoso lapso em seu bom senso.

Sebastian concentrou-se em sua respiração, que estava acelerando perigosamente.

—Você pode ter aparência e juventude, —Newbury continuou, — mas eu tenho o título. E serei condenado antes de colocar suas ávidas mãos nele.

Seb encolheu os ombros. —Eu não quero esse título.

—Claro que quer. —Newbury zombou.

—Eu não, — disse Sebastian negligentemente. Estava começando a sentir-se mais ele mesmo. Incrível o que um toque de insolência e atitude poderia fazer para restaurar um homem. — Eu gostaria que você apenas se apressasse e gerasse logo um novo herdeiro. A coisa toda é malditamente inconveniente.

A face Newbury ficou ainda mais corada, não que Sebastian imaginasse que isso fosse possível.

—Inconveniente? Você se atreve a chamar o condado de Newbury inconveniente?

Seb começou a dar um encolher de ombros novamente, então pensou que seria melhor se inspecionou as unhas. Depois de um momento, olhou de volta.

—Eu chamo. E você é um chato.

Foi talvez um pouco além do limite. Tudo bem foi muito além do limite e evidentemente, Newbury concordava, porque ele blasfemou incoerentemente, enviando saliva e sabe Deus o que mais através do ar e finalmente, lançou o conteúdo de seu copo no rosto de Sebastian. Não havia muito nele; provavelmente tinha derramado a metade quando ele socou Seb mais cedo. Mas foi o suficiente para fazer arder os olhos de um homem e suficiente para escorrer por seu nariz. E, como Sebastian estava lá, parecendo uma criança com meleca no nariz precisando de um lenço, ele sentiu a raiva crescer dentro dele. Uma raiva como nenhuma experimentada antes. Mesmo na guerra, ele

havia negado esta sede de sangue. Ele era um atirador de elite, treinado para ser frio e calmo, para pegar o inimigo de longe.

Ele agia, mas não se envolvia.

O coração batia em seu peito, o sangue corria em suas orelhas e ele ainda ouviu o suspiro coletivo, ainda viu os homens se reunirem ao redor, esperando ele retaliar.

E ele fez. Mas não com os punhos. Isso ele nunca faria.

—Por respeito à sua idade e fragilidade, — disse friamente, — não vou golpeá-lo. —Ele deu um passo para longe e, então, incapaz de manter toda a sua fúria guardada, virou-se e acrescentou ainda no habitual tom espontâneo, — além disso, eu sei que você está desejando um filho. Se eu o derrubasse no chão, e honestamente, todos nós sabemos que eu poderia... —Sebastian suspirou, como se lamentando um conto triste, triste. — Bem, eu não tenho certeza se sua virilidade sobreviveria ao golpe.

Houve um silêncio sepulcral, seguido pelas incoerentes reclamações de Newbury, mas Sebastian não ouviu nada disso. Ele simplesmente virou as costas e saiu.

Foi mais fácil dessa maneira.

Na manhã seguinte toda a cidade sabia. O primeiro dos abutres chegou a Vickers House no inconveniente horário das dez. Annabel estava de pé e ocupada, ela frequentemente estava, estava encontrando dificuldade para largar o horário do campo. Ficou tão surpresa ao ouvir que duas condessas estavam perguntando por ela, que sequer pode pensar em sugerir ao mordomo que ela não estava recebendo.

—Senhorita Winslow. —veio a voz intrometida de Lady Westfield. Annabel imediatamente se levantou e fez uma reverência e depois repetiu o gesto em direção a Lady Challis.

—Onde está sua avó? —Lady Westfield perguntou. Ela entrou na sala com uma resolução notável. A boca estava apertada em uma linha de desagradável e sua atitude parecia sugerir que ela estava sentindo cheiro de algo podre.

—Ela ainda está deitada. —Annabel respondeu, lembrando que Lady Westfield e Vickers eram boas amigas. Ou talvez apenas amigas. Ou talvez nem isso, mas elas conversavam frequentemente.

O que contava para alguma coisa, Annabel presumiu.

—Então só podemos imaginar que ela não saiba. —Lady Challis disse.

Annabel virou-se para Lady Challis, que era uns bons 25 anos mais jovem que a companheira e ainda assim conseguia ostentar um semblante descarnado e irritadiço.

—Não saiba o quê, minha Lady?

—Não banque a tímida jovem.—Eu não estou. —Annabel olhou aquelas faces hipócrita. Do que elas estavam falando? Certamente uma simples conversa com o Sr. Grey não justificava tal censura. E ela tinha ido embora durante o intervalo, como Luísa insistiu que ela deveria fazer.

—Você é uma menina corajosa. —Lady Challis disse, — jogar o tio contra o sobrinho.

—Eu... Eu não sei o que você quer dizer. —Annabel gaguejou. Mas é claro que ela sabia.

—Pare com isso neste instante. —Lady Westfield vociferou. — Você é uma Vickers, apesar do homem terrível com quem sua mãe se casou e você é muito inteligente para fugir com semelhante encenação teimosa.

Annabel engoliu.

—Lorde Newbury está furioso. — Lady Westfield chiou. — Furioso. E eu não posso dizer que é culpa dele.

—Eu não fiz nenhuma promessa. —Annabel disse, desejando que sua voz soasse um pouco mais firme.— E eu não sabia...

—Você tem alguma ideia a honra que ele outorgou sobre você, apenas lhe dando atenção?

Annabel sentiu a boca abrir e fechar. E abrir e fechar. Ela se sentiu como uma idiota. Como um peixe, uma mula muda. Se ela estivesse em casa, teria sido rápida para se defender, habilmente capaz de retorquir represália após represália. Mas nunca tinha enfrentado duas condessas furiosas em casa, olhando-a com lascas de gelo saltando dos olhos de gelo sobre o severo e elegante nariz.

Foi o suficiente para fazer uma menina querer se sentar, ela estava se permitindo sentar na companhia de duas condessas de pé.

—Naturalmente, — Lady Challis disse, — ele tomou medidas para proteger sua reputação.

—Lorde Newbury? —Annabel perguntou.

—É claro que eu quero dizer Lorde Newbury. O outro não se importa com a reputação dele e nunca se importou.

Mas de alguma forma Annabel não acreditava que fosse verdade. O Sr. Grey era um patife conhecido, mas não havia mais nele do que isso. Ele tinha senso de honra e ela suspeitava que isso fosse muito valorizado por ele.

Ou talvez ela estivesse sendo fantasiosa, romantizando-o em sua mente. O quanto ela o conhecia, afinal?

Nem um pouco. Eles eram conhecidos de dois dias. Dois dias! Ela tinha que recuperar a razão.

Imediatamente.

—O que fez Lorde Newbury? Annabel perguntou com cautela. —Ele defendeu a honra dele, tão bem como deveria. —disse Lady Westfield no que Annabel julgou ser uma explicação insatisfatória vaga.

— Onde está sua avó? —Ela repetiu, olhando agudamente pela sala como se pudesse achá-la escondida atrás de uma cadeira. — Alguém deve acordá-la. Esta não é uma questão banal.

Desde que viera morar em Londres, Annabel havia visto a avó antes do meio dia, mas apenas em duas ocasiões anteriores. Nenhuma das duas tinha terminado bem.

—Procuramos acordá-la apenas em emergências. —disse ela. —Que diabos você acha que é isso, criança ingrata? —Lady Westfield quase gritou.

Annabel hesitou como se golpeada e sentiu as palavras se formarem em sua boca: Sim, claro, minha Lady. Imediatamente, minha Lady. Mas então ela olhou para cima, direto nos olhos de Lady Westfield e viu algo tão feio, tão mesquinho que foi como se um raio de eletricidade disparasse diretamente em sua espinha dorsal.

—Eu não vou acordar minha avó. —disse com firmeza. — E eu espero que você não o tenha feito com sua gritaria.

Lady Westfield recuou.

—Pense duas vezes sobre a maneira como fala comigo senhorita Winslow.

—Não mostro nenhum desrespeito, minha Lady. Muito pelo contrário, eu lhe garanto. Minha avó não é ela mesma antes do meio dia e tenho certeza que, como amiga dela, você não deseja causar-lhe desconforto.

Os olhos da condessa se estreitaram e ela olhou para a amiga, que parecia igualmente insegura sobre o que fazer com relação a declaração de Annabel.

—Diga a ela que vim procurá-la. —Lady Westfield disse finalmente com a voz cortada em pequenas sílabas severas.

—Eu direi. —Annabel prometeu a ela, mergulhando em uma reverência baixa o suficiente para ser respeitosa, porém sem afundar na subserviência.

Quando tinha aprendido as sutilezas de como fazer uma reverência? Deve ter absorvido um conhecimento mais rarefeito em Londres do que tinha percebido.

As duas Ladys espreitadas para fora, mas Annabel mal teve tempo de desmoronar no sofá antes do mordomo anunciar outro par de visitas: Lady Twombley e Sr. Grimston.

O estômago de Annabel foi embrulhando com alarme. Foi apresentada ao casal apenas de passagem, mas eles eram bem conhecidos dela. Fofoqueiros horríveis, Louisa havia dito, insidiosos e cruéis.

Annabel saltou, tentando segurar o mordomo, antes que ele os admitisse, mas já era tarde demais. Ela já havia recebido um par de convidados, não era culpa dele, se assumisse que estava “em casa” para todos. Isso teria feito pouca diferença, de qualquer maneira, a sala ficava bem à vista da porta da frente e ela já podia ver Lady Twombley e Mr. Grimston fazendo o caminho a frente.

—Senhorita Winslow. —Lady Twombley disse, entrando em um chicotear gracioso de musselina rosa. Ela era uma matrona incrivelmente linda e jovem, com cabelos cor de mel e olhos verdes, mas ao contrário de Lady Olivia Valentim, cuja boa aparência pálida irradiava simpatia e humor, Lady Twombley apenas parecia astuta. E não no bom sentido.

Annabel fez uma reverência.

—Lady Twombley. Que gentileza sua fazer uma visita. Lady Twombley apontou para seu companheiro.

—Você conheceu meu querido amigo o Sr. Grimston, não é mesmo?

Annabel assentiu. —Foi no...

—Baile Mottram. —Mr. Grimston concluiu.

—Claro. —Annabel murmurou surpresa que ele se lembrasse. Ela certamente não o fazia.

—Basílio possui a memória mais marcante quando se trata de jovens ladies. —Lady Twombley disse com um gorjeio. — Isso é provavelmente porque ele é como um especialista em moda.

—Moda para ladies? —Annabel perguntou.

—Todo tipo de moda. —Mr. Grimston respondeu, olhando com desdém para a sala.

Annabel teria gostado de ter se ressentido com ele pela expressão, mas ela tinha que concordar, era tudo um pouco opressivamente malva.

—Vemos que você aparenta boa saúde. —Lady Twombley disse, sentando-se em um sofá sem ser convidada.

Annabel imediatamente seguiu o exemplo. —Sim, claro, porque não estaria?

—Oh, meu céu. — os olhos de Lady Twombley tornou-se a imagem de choque gentil e ela colocou a mão sobre o coração.— Você não ouviu. Oh, Basil, ela não ouviu.

—Ouvi o quê? — Annabel rilhou, embora, verdade fosse dita, ela não tinha certeza se queria saber. Se ele desse a Lady Twombley esta grande alegria, isso não seria nada bom.

—Se tivesse acontecido comigo. —Lady Twombley continuou, — Eu estaria de cama.

Annabel olhou para o Sr. Grimston para ver se ele poderia estar disposto a realmente dizer do que Lady Twombley estava falando, mas ele estava ocupado parecendo entediado.

—Tal insulto. —Lady Twombley murmurou. — Tal insulto. Para mim? Annabel queria perguntar. Mas ela não ousou.

—Basílio viu a coisa toda. —disse Lady Twombley com um aceno em direção ao amigo.

Agora, se aproximando do pânico, Annabel virou-se para o cavalheiro, que suspirou e disse:

—Foi um alvoroço absoluto.

—O que aconteceu? —Annabel finalmente gritou.

Finalmente satisfeito com o nível de angústia de Annabel, Lady Twombley disse:

—Lorde Newbury atacou o Sr. Grey. Annabel sentiu o sangue sumir do rosto.

—O que? Não. Isso não é possível. — O Sr. Grey era jovem e extremamente em boa forma. E Lorde Newbury não... Era.

—O socou justamente na cara. —O Sr. Grimston disse como se não fosse nada fora do comum.

—Oh meu Deus. —disse Annabel com a mão cobrindo a boca. — Ele está bem?

—Presume-se que sim. —O Sr. Grimston respondeu.

Annabel olhou de Lady Twombley ao Sr. Grimston e vice-versa. Que droga, eles a fariam perguntar novamente.

—O que aconteceu depois? —Ela perguntou, não sem irritação. —Palavras foram trocadas, — o Sr. Grimston disse com um bocejo educado, — então Lorde Newbury jogou seu drink no rosto do Sr. Grey. —Eu teria gostado de ter visto isso. —Lady Twombley murmurou. Annabel lhe lançou um olhar horrorizado e ela só encolheu os ombros.

—O que não podemos evitar, —disse, — podemos muito bem testemunhar.

—O Sr. Grey revidou? —Annabel perguntou ao Sr. Grimston, e para horror próprio percebeu que estava um pouco tonta. Não devia desejar que uma pessoa causasse dor em outra e ainda assim...

O pensamento de Lorde Newbury sendo derrubado no chão...

Depois do que ele tentou fazer com ela...

Ela tinha que tentar arduamente manter a ansiedade fora do rosto. —Ele não fez. —disse o Sr. Grimston. — Os outros ficaram surpresos pela contenção dele, mas eu não.

—Ele é um grande patife. —Lady Twombley disse, inclinando-se com um brilho significativo

nos olhos, — mas ele não é um tipo imprudente, se você entende o que quero dizer.

—Não. —Annabel cortou, completamente sem paciência com comentários vagos, — eu não entendo.

—Ele revidou. —o Sr. Grimston disse. — Não de um modo direto. Mesmo ele não se atreveria, eu acho. Mas acredito que ele colocou em questão a virilidade de Sua Senhoria.

Annabel engasgou.

Lady Twombley riu.

—Do jeito que eu vejo, — disse o Sr. Grimston continuou, — uma de duas coisas é provável que aconteça.

Pela primeira vez, Annabel pensou, ela não teria que perguntar. A julgar pelo brilho em voraz nos olhos dele, não havia como o Sr. Grimston manter seus pensamentos para si mesmo.

—É muito provável, — continuou ele, claramente satisfeito com silêncio de expectativa que enchia a sala, — que Lorde Newbury irá se casar com você imediatamente. Ele precisará defender a honra dele e a maneira mais rápida de fazer isso seria ará-la muito satisfatoriamente.

Annabel recuou, em seguida, sentiu-se ainda mais doente com o Sr. Grimston olhando-a de cima abaixo.

—Você me parece do tipo que reproduz rapidamente. —disse ele. —De fato. —Lady Twombley adicionou com um movimento no pulso.

—Perdão?! —Annabel disse duramente.

—Ou, — o Sr. Grimston acrescentou, — o Sr. Grey irá seduzi-la. —O que?

Isso chamou a atenção de Lady Twombley instantaneamente. —Você realmente acha isso, Basil? —Perguntou.

Ele se virou para ela, completamente virando as costas para Annabel.

—Oh, pode estar certa. Você pode pensar em uma maneira melhor de executar a vingança contra o tio?

—Vou ter que pedir aos dois para irem embora. —disse Annabel. —Oh, eu pensei em uma terceira! —Lady Twombley soou, como se Annabel não tivesse acabado de tentar expulsá-la. O Sr. Grimston era todo ouvidos.

—Sério?

—O conde poderia escolher outra pessoa, claro. A senhorita Winslow dificilmente é a única garota solteira em Londres. Ninguém pensaria menos dele por procurar em outro lugar depois do que

aconteceu ontem à noite na ópera.

—Nada aconteceu na ópera. —Annabel rilhou. Lady Twombley olhou para ela com pena.

—Não importa se aconteceu algo ou não. Certamente você percebe isso?

—Continue Cressida. —Sr. Grimston disse.

—É claro. —disse ela como se estivesse concedendo uma dádiva. — Se Lorde Newbury escolher alguém, o Sr. Grey terá poucos motivos para perseguir a Senhorita Winslow.

—O que acontece então? —Annabel perguntou, embora soubesse que não deveria.

Ambos olharam para ela com expressões idênticas em branco. —Por que, você será um pária. — Lady Twombley disse, como se nada pudesse ser mais óbvio.

Annabel emudeceu. Não tanto com as palavras, mas com a maneira. Essas pessoas haviam ido a casa dela, casa dos seus avós, mas de fato, era dela no momento, e a insultam de todas as maneiras possíveis. Que provavelmente estivessem certos em suas previsões, apenas piorava a situação.

—Estamos tão arrependidos de sermos portadores de notícias desagradáveis. —Lady Twombley arrulhou.

—Acho que vocês deveriam ir. —disse Annabel, ficando de pé. Ela teria gostado de ter feito o pedido de uma forma bem diferente, mas ela estava muito consciente de que sua reputação estava pendurada por um fio e essas pessoas, essas terríveis, horríveis pessoas, tinham o poder de sacar sua pequena tesoura e cortar esse fio.

—É claro. —disse Lady Twombley, ficando de pé. — Você deve estar confusa, tenho certeza.

—Você parece corada. —o Sr. Grimston acrescentou. — Apesar de que só poderia ser o borgonha de seu vestido. Você faria bem para encontrar uma tonalidade com ao menos um toque de azul.

—Vou levar isso em consideração. —Annabel disse firmemente. —Oh, você deve, Senhorita Winslow. —Lady Twombley disse, partindo porta. — Basil tem um olho tão hábil para a moda. Sinceramente.

E foi assim que eles se foram. Quase.

Eles mal haviam chegado no salão da frente quando Annabel ouviu a voz da avó. Era — céus! Annabel olhou para o relógio – por volta das dez e meia! O que na terra poderia ter conseguido colocar Lady Vickers para fora da cama há essa hora?

Annabel passou os próximos dez minutos em pé perto do vão da porta aberta, ouvindo a avó acolher o evangelho de acordo com Grimston e Twombley. Que alegria, ela pensou sem rodeios,

ouvir tudo de novo. Em detalhes tão impecáveis. Finalmente, a porta da frente foi aberta e fechada e um minuto depois Lady Vickers invadiu a sala.

—Eu preciso de uma bebida, —ela anunciou— e você também. Annabel não discutiu.

—Que par de fuinhas irritantes eles são, — disse a avó, virando em um só gole o brandy. Ela serviu outro, tomou um gole, depois serviu um para Annabel. — Mas eles estão certos, foi tudo por água baixo. É uma boa confusão essa que você arrumou para si mesma, minha menina.

Annabel levou o brandy aos lábios. Bebendo no meio da manhã. O que sua mãe diria?

Sua avó, balançou a cabeça.

—Tola, menina tola. O que você estava pensando? Annabel esperava que fosse uma pergunta retórica.

—Bem, suponho que você não estava pensando em nada. —Lady Vickers arrematou o conteúdo do copo e se sentou em sua poltrona favorita. — Você tem sorte por seu avô ser tão bom amigo do conde. Já vamos salvar o casamento.

Annabel assentiu respeitosamente, desejando...

Desejando...

Apenas desejando. Por algo. Por alguma coisa boa.

—Graças aos céus Judkins teve o bom senso de me alertar sobre todos seus visitantes. —a avó continuou. — Eu digo Annabel, faz pouca diferença o tipo de marido que você tomar, mas um bom mordomo vale o seu peso em ouro.

Annabel não poderia nem mesmo começar a pensar numa resposta.

Sua avó tomou outro gole do copo.

—Judkins disse que Rebecca e Winifred estiveram aqui mais cedo? Annabel assentiu com a cabeça, supondo que isso significava Lady Westfield e Lady Challis.

—Nós vamos ser inundadas. Simplesmente inundadas. —olhou para Annabel com os olhos apertados. — Espero que você esteja preparada.

Annabel sentiu algo desesperador desenrolar em seu estômago. —Não podemos dizer que não estamos em casa?

Lady Vickers bufou.

—Não, nós não podemos dizer que não estamos em casa. Você se meteu nessa confusão e vai levá-la como uma dama, o que significa manter a cabeça erguida, recebendo todos os convidados e lembrando-se de cada palavra para que possa ser dissecado para análise posterior.

Annabel sentou-se, então, levantou-se quando Judkins entrou, anunciando o próximo par de visitantes.

—É melhor você terminar esse brandy, — sua avó lhe disse.— Você vai precisar dele.

## CAPÍTULO 12



### *Três dias depois*

—Se você não fizer algo para consertar o que você fez, eu nunca mais vou falar com você de novo.

Sebastian olhou por cima dos ovos a face magnificamente furiosa da esposa de seu primo. Olivia não ficava furiosa frequentemente e sinceramente, era um espetáculo para ser visto.

Apesar de todas as coisas consideradas, ele teria observado preferivelmente se fosse sobre outro alguém.

Seb olhou para Harry, que estava lendo o jornal sobre o próprio café da manhã. Harry apenas deu de ombros, o movimento indicava claramente que ele não julgava ser problema dele.

Sebastian tomou um gole do chá, engoliu, depois olhou para trás até Olivia com um semblante cuidadosamente em branco.

—Perdão? —disse alegremente. — Você estava falando comigo? —Harry! —ela exclamou, soltando um huff de indignação. Mas o marido apenas balançou a cabeça, nem sequer olhar para cima.

Os olhos de Olivia se estreitaram ameaçadoramente e decididamente Seb ficou muito contente de não estar no sapato de Harry quando ele tivesse de enfrentar a esposa naquela noite.

Embora, realmente, seria de esperar que Harry estivesse descalço nesse momento.

—Sebastian! —Olivia disse severamente. — Você está me ouvindo? Ele piscou focando o rosto dela.

—Eu estou preso em cada palavra sua, querida prima. Você sabe disso.

Ela puxou a cadeira em frente a ele e se sentou.

—Você não quer tomar o café da manhã? —Ele perguntou suavemente.

—Mais tarde. Primeiro eu...

—Eu ficaria feliz em arrumar seu prato. — ofereceu. — Você não quer ficar sem o sustento adequado a sua condição, você sabe.

—Minha condição não é o problema em questão. —disse ela, apontando um dedo longo e gracioso na direção dele. — Sente-se.

Seb inclinou a cabeça interrogativamente. —Eu estou sentado.

—Você estava pensando em se levantar. Ele se virou para Harry.

—Como você a aguenta?

Harry olhou por cima do jornal, pela primeira vez naquela manhã e sorriu maliciosamente.

—Há certas vantagens. —ele murmurou. —Harry! —Olivia chiou.

Sebastian ficou satisfeito ao ver que ela corou. —Muito bem, —disse ele,— o que eu fiz agora?  
—É a senhorita Winslow.

Senhorita Winslow. Seb tentou não fazer cara feia quando pensava nela. O que era irônico, porque ele passou a maior parte dos dois últimos dias franzindo a testa enquanto tentava não pensar nela.

—O que sobre a senhorita Winslow?

—Você não mencionou que ela estava sendo cortejada pelo seu tio. —Eu não sabia que ela estava sendo cortejada pelo meu tio. As palavras haviam soado um pouco tensas? Isso não era possível. Ele precisava ter um firme controle sobre seu aspecto e atitude. Houve um instante de silêncio. E então:

—Você deve estar muito zangado com ela. —Pelo contrário. —disse Sebastian indiferente.

Os encantadores lábios de Olivia abriram em surpresa. —Você não está zangado com ela?

Seb encolheu os ombros.

—Requer muita energia para ficar zangado. —Ele ergueu os olhos de seu alimento, dando um sorriso suave.— Eu tenho coisas melhores para fazer com meu tempo.

—Você tem? Quero dizer, é claro que sim. Mas você não concorda...

Sebastian pensou que deveria fazer alguma coisa sobre esta preocupante irritação espetando—  
lhe sob as costelas. Era muito desagradável e ele achou muito mais fácil passar despercebido, deixando os insultos nas suas costas. Mas, realmente, Olivia achava que ele ficava sentado comendo bombons durante todo o dia?

—Sebastian? Você está me ouvindo? Ele sorriu e mentiu:

—Claro.

Olivia deixou escapar um ruído que era algo entre um gemido e um grunhido. Mas ela caminhava vagarosamente.

—Muito bem, você não está bravo com ela, embora, em minha opinião, você tem todo o direito

de estar. Ainda...

—Se você estivesse sendo perseguida por meu tio, —Sebastian interrompeu, — não desejaria alguns últimos instantes de alegria? Digo isto não por ser arrogante — embora eu seja uma muito boa companhia, se assim posso dizer — mas eu realmente não acho que isso seja uma disputa. Eu sou uma companhia muito mais agradável do que Newbury.

—Ele tem um ponto. —disse Harry. Olivia fez uma careta.

—Eu pensei que você não estava escutando.

—Eu não estou. —respondeu ele. — Estou apenas sentado aqui, enquanto meus ouvidos são agredidos.

—Como é que você o aguenta? —Sebastian murmurou. Olivia cerrou os dentes.

—Há seus benefícios. —ela rebateu.

Contudo, Sebastian pensou que Harry poderia não receber nenhum benefício nessa noite.

—Então é isso. —disse Sebastian a Olivia. — Eu a perdoo. Ela deveria ter dito alguma coisa, mas eu entendo porque ela não fez e suspeito que qualquer um de nós teria feito o mesmo.

Houve uma pausa e em seguida, Olivia disse: —É muita generosidade de sua parte.

Ele deu de ombros.

—Não é bom para a constituição carregar rancor. Basta olhar para Newbury. Ele não seria tão gordo e corado se não me odiasse tanto. —Ele se virou para o café da manhã, perguntando o que Olivia poderia fazer com esse lance de lógica.

Ela esperou cerca de dez segundos antes de continuar.

—Estou aliviada de saber que você não abriga por ela nenhuma má intenção. Como eu disse, ela está precisando de sua ajuda. Depois de sua pequena cena no White's...

—O que? —Sebastian explodiu, quase não resistindo à vontade de bater a mão na mesa. — Espere um minuto. Não era minha cena de forma alguma. Se quiser levar alguém para o serviço, vá encontrar meu tio.

—Muito bem, eu sinto muito. —disse Olivia, com suficiente desconforto que ele acreditou nela. — Foi totalmente culpa do seu tio, eu compreendo isso, mas o resultado final é o mesmo. A senhorita Winslow está em uma situação terrível e você é a única pessoa que pode salvá-la.

Sebastian abocanhou mais um pouco de comida, então, cuidadosamente limpou a boca. Havia ao menos dez coisas na afirmação de Olivia que ele poderia ter levado em consideração, com exceção de que, se ele fosse o tipo de cavalheiro que levasse em consideração a exceção às declarações

feitas por uma fêmea de mau humor. Para começar:

*Um*: A situação da senhorita Winslow não era tão terrível, porque *dois*: ela estava aparentemente muito perto de se tornar a condessa de Newbury, que *três*: vinha com todo o tipo de fortuna e prestígio, apesar de também vir com o Conde de Newbury, a quem ninguém poderia julgar como um prêmio.

Para não falar do *Quatro*: Sebastian estava com um olho roxo e *Cinco*: ele também foi o único que teve bebida jogada em seu rosto, tudo porque *Seis*: ela não achou adequado dizer que estava sendo cortejada por seu tio, apesar do fato de que *sete*: ela sabia muito bem da conexão, pois *oito* : quase desmaiou de choque quando ele disse a ela o nome dele naquela noite no jardim.

Mas talvez ele realmente devesse se concentrar mais na segunda parte da declaração de Olívia, algo sobre ser a única pessoa que poderia salvar a senhorita Winslow. Porque *Nove*: ele não viu nenhuma razão para que este fosse o caso e *Dez*: ele também não via porque ele deveria se importar.

—Então? —Olivia exigiu. — Você tem alguma opinião sobre o assunto?

—Muito pouco, na verdade. —ele disse uniformemente. E voltou para seu café da manhã. Após alguns instantes, ele olhou para cima. Olivia estava segurando a mesa com tanta força que os nós dos dedos estavam ficando brancos e ao olhar em seu rosto...

—Cuidado aí. —ele murmurou. — Você está fazendo o leite coalhar.

Harry. —ela cortesmente gritou. Harry baixou o jornal.

—Enquanto aprecio a sua solicitação de minha opinião, tenho certeza que não tenho nada para oferecer nesta conversa. Duvido até que pudesse reconhecer a senhorita Winslow se me deparasse com ela na rua.

—Você passou uma noite inteira na ópera com ela. —disse Olivia com descrença.

Harry considerou isto.

—Acho que eu poderia reconhecer a parte de trás da cabeça dela, foi a vista que ela me ofereceu.

Sebastian riu, em seguida, muito rapidamente mudou a expressão. Olivia não achou graça.

—Oh, muito bem. —disse ele, segurando as mãos na direção dela em modo de súplica. — Diga-me como tudo é minha culpa e o que eu posso fazer para corrigir isso.

Olivia olhou para ele por intermináveis segundos antes de dizer muito afetadamente:

—Estou feliz por você ter perguntado.

Harry engasgou com algo na mesa. Provavelmente o riso. Sebastian esperava que fosse com a

língua.

—Você tem alguma ideia do que as pessoas estão dizendo sobre a senhorita Winslow? —Olivia perguntou.

Como Sebastian tinha passado os últimos dois dias enfiado em seu apartamento, trabalhando para conseguir que a fictícia Senhorita Spencer saísse debaixo da cama fictícia do escocês fictício, ele realmente, não sabia o que as pessoas estavam dizendo sobre a senhorita Winslow.

—Então? —Olivia exigiu. —Eu não tenho. -admitiu.

—Elas estão dizendo, — ela inclinou-se neste momento, e sua expressão era de tal forma que Sebastian quase não resistiu ao impulso de inclinar para trás— que é apenas uma questão de tempo antes de você seduzi-la.

—Ela não seria a primeira—dama sobre a qual isso foi dito. —Seb apontou.

—É diferente, —disse Olivia entre dentes, — e você sabe disso. A senhorita Winslow não é uma de suas viúvas alegres.

—Eu adoro uma boa viúva alegre, — ele murmurou, só porque sabia que iria afligi-la.

—As pessoas estão dizendo, —ela fundamentou, — que você irá arruiná-la somente para contrariar seu tio.

—Estou bastante certo de que não é o meu plano, —disse Sebastian, — e espero que o resto da sociedade venha a descobrir isso quando percebem que sequer procurei por ela.

E ele nem pretendia. Sim, gostou bastante da senhorita Winslow e sim, passou muitas de suas horas de vigília ponderando as diversas maneiras que gostaria de amarrá-la a uma cama, mas ele não tinha absolutamente nenhuma intenção de dar prosseguimento a essa fantasia especial. Ele poderia tê-la perdoado, mas não tinha planos para qualquer contato posterior. Ao que a ele dizia respeito, se Newbury a queria, Newbury poderia tê-la.

E foi o que disse a Olivia, embora, talvez, com um pouco mais de delicadeza. Isso, no entanto, só lhe valeu um olhar furioso, seguido por:

—Newbury não a quer mais. Esse é o problema.

—Para quem? —Seb perguntou desconfiado. — Se eu fosse a senhorita Winslow, veria isso como algo mais semelhante a uma solução.

—Você não é a senhorita Winslow, além disso, você não é uma dama.

—Graças a Deus. —disse ele, sem nenhum pouco de simpatia. Ao lado dele, Harry bateu três vezes na mesa.

Olivia fez uma careta a ambos.

—Se você fosse uma dama, —disse ela, — você entenderia que isso é um desastre. Lorde Newbury ainda não a visitou nenhuma vez desde a sua altercação.

Sebastian levantou as sobrancelhas. —Sério?

—Sim. Você sabe quem a tem visitado?

—Eu não, — respondeu ele, não porque ela fosse reter a informação, de qualquer maneira.

—Todos os demais. Todo mundo!

—A sala de estar tem estado completamente ocupada. —ele murmurou.

—Sebastian! Você sabe quem —todo mundo— inclui?

Ele considerou brevemente uma resposta sarcástica, então decidiu, por motivos de pura autopreservação, que deveria manter a boca fechada.

—Cressida Twombly, — Olivia relativamente assobiou.— e Basil Grimston. Eles estiveram lá três vezes.

—Três vezes... Como você sabe disso? —Eu sei tudo. —disse Olivia com desdém.

Isto, ele acreditou. Se Olivia estivesse na cidade antes de conhecer a senhorita Winslow no parque, nada disso teria acontecido. Ela saberia que Annabel Winslow era prima de Lady Louisa. Ela provavelmente saberia a data do aniversário e a cor favorita também. E certamente saberia que a senhorita Winslow era neta dos Vickers e, portanto, vítima do tio dele.

E Sebastian teria se mantido distante. Aquele beijo no jardim seria nada além de uma fraca lembrança (embora deliciosa). Ele certamente não teria aceitado o convite para a ópera, não teria sentado ao lado dela e não saberia que os olhos dela — com um claro, realce de cinza — tornam-se um pouco verde quando ela se veste com essa cor. Ele não saberia que a sensibilidade dela era muito parecida com a dele, ou que ela apertava o interior do lábio inferior entre os dentes quando estava concentrada em algo. Ou que ela não era muito boa em ficar parada.

Ou que ela cheirava levemente como violetas.

Se ele soubesse quem era, nenhum dessas malditas informações ficariam agitando seu cérebro, ocupando espaço de algo importante. Como uma análise aprofundada do lançamento no boliche versus o lançamento no críquete. Ou a formulação precisa do soneto de Shakespeare — *Oh! Que miséria a minha musa traz à tona*—, que ele citou erroneamente em sua cabeça por pelo menos um ano.

—A senhorita Winslow tornou-se motivo de chacota, —Olivia disse, — e isso não é justo. Ela

não fez nada. —Nem eu. -apontou Sebastian.

—Mas você tem o poder de consertar as coisas. Ela não.

—Oh, que miséria minha posição traz à tona, — ele murmurou. —O que? —Olivia perguntou impaciente.

Ele acenou o comentário anterior distante. Não valia a pena tentar explicar. Em vez disso, ele deu um olhar direto e perguntou:

—O que quer que eu faça? —Vá visitá-la.

Sebastian virou para Harry, que ainda estava fingindo ler o jornal. —Ela, simplesmente, não acabou dizer que todos em Londres acham que planejo seduzi-la?

—Ela fez isso, — Harry confirmou.

—Bom Deus. —Olivia blasfemou, com força suficiente para fazer com que os dois homens piscassem. — Vocês dois são tão obtusos.

Ambos olharam para ela, o silêncio confirmando sua afirmação. —Neste momento parece que ambos a abandonaram. O conde, aparentemente, não a quer e aparentemente, nem você. Deus sabe o que as damas da sociedade estão risonhas por trás dos leques.

Sebastian podia imaginar. A maioria diria que a senhorita Winslow exagerou e a sociedade adora nada mais do que assistir a humilhação de uma mulher ambiciosa.

—Agora as pessoas a estão procurando por curiosidade. —disse Olivia. — E, — acrescentou com um significativo estreitar de olhos— crueldade. Mas não se engane Sebastian. Quando tudo isso acabar, ninguém irá vê-la. A não ser que você faça a coisa certa agora.

—Por favor, me diga que a coisa certa não implica em uma proposta de casamento, — disse ele. Porque, por mais deliciosa que fosse a senhorita Winslow, dificilmente ele tinha se comportado de uma forma que justificasse isso.

—Claro que não, — disse Olivia. — Você precisa apenas ir procurá-la. Mostrar a sociedade que você ainda a acha encantadora. E você deve fazer tudo o que é adequado. Se você fizer qualquer coisa que indique sedução, ela será arruinada.

Sebastian começou a fazer um dos seus habituais comentários irreverentes, mas uma pequena punhalada de indignação começou a desenrolar-se dentro dele e no momento que ele abriu a boca não poderia negar.

—Por que isso, — ele quis saber— essas pessoas, pessoas que, devo acrescentar, me conhecem há vários anos, alguns até há décadas, acreditam que sou o tipo que pode seduzir uma jovem inocente

por vingança?

Ele esperou por um momento, mas Olívia não tinha resposta. E nem, aparentemente, Harry, que desistiu de toda a pretensão de ler o jornal.

—Esta não é uma pergunta indolente, — disse Sebastian irritado.

— Já me comportei de forma a sugerir uma coisa dessas? Diga-me o que fiz para tornar-me um bandido tão predatório. Porque devo confessar que estou perdido. Você sabe que eu nunca, nem uma única vez, dormi com uma virgem? —Ele dirigiu esse comentário a Olivia, principalmente porque estava com vontade de chocar e ofender. — Mesmo quando eu era virgem.

—Sebastian isso é o suficiente. —disse Harry calmamente.

—Não, eu não acho que isso seja. O que, pergunto-me, as pessoas pensam que pretendo fazer com a senhorita Winslow uma vez que a seduza? Abandoná-la? Matá-la e jogar o corpo no Tamisa?

Por um momento, seus primos não podiam fazer nada mais do encará-lo. Foi o mais próximo que Sebastian chegou a levantar a voz desde...

Desde...

Desde nunca. Mesmo Harry, que o conhecia desde a infância, através da escola e do exército com ele, nunca o ouviu falar alto.

—Sebastian. —disse Olivia suavemente. Ela chegou do outro lado da mesa para colocar a mão sobre a dele, mas ele a afastou.

—É isso o que você pensa de mim. —perguntou ele.

—Não! —Ela disse, com olhos cheios de horror. — Claro que não. Mas eu conheço você. E... Aonde você vai?

Ele já estava de pé e rapidamente alcançando a porta. —Fazer uma visita a senhorita Winslow. —ele rosnou.

—Bem, não vá neste humor, — disse ela, apressando-se fora de sua cadeira.

Sebastian parou no caminho e a olhou.

—Eu... Er... —Ela olhou para Harry, que também tinha ficado de pé. Ele respondeu a pergunta silenciosa, simplesmente erguendo uma sobrancelha e inclinando a cabeça para a porta.

—Talvez eu deva ir com você. —disse Olivia. Engoliu em seco, em seguida, rapidamente colocou a mão no braço de Sebastian. — Isso vai fazer parecer mais adequado, você não acha?

Sebastian deu um breve aceno, mas a verdade era que ele não sabia mais o que pensar. Ou talvez ele simplesmente não ligasse.



## CAPÍTULO 13



—Brandy? —Lady Vickers perguntou, segurando um copo a sua frente.

Annabel balançou a cabeça. Após o segundo recebendo visitas matinais com a avó (que não podia enfrentar qualquer hora antes do meio-dia, sem a bebida adequada) aprendeu que era melhor ficar com limonada e chá até depois do jantar.

—Isso vai me dar uma dor de estômago. —disse ela.

—Isto? —Lady Vickers perguntou, olhando para o copo, curiosa. — Que estranho. Faz-me sentir positivamente serena.

Annabel assentiu. Não havia outra maneira de responder. Ela passou mais tempo com a avó nos últimos dias do que passou todo o mês anterior. Quando Lady Vickers disse a ela para levar o escândalo como uma Lady, havia se referido a ela também e, aparentemente, isso significava ficar ao lado da neta como cola.

Foi Annabel compreendeu a mais tangível amostra de amor que a avó havia demonstrado com relação a ela.

—Bem, vou dizer uma coisa, — Lady Vickers proclamou, — por mais que isto seja um escândalo, eu vi meus amigos mais do já havia visto em anos.

Amigos? Annabel sorriu fracamente.

—Acho que talvez esteja morrendo. —Lady Vickers continuou. — Foram trinta e três visitantes no primeiro dia, trinta e nove no segundo e apenas vinte seis ontem.

Annabel ficou de boca aberta. —Você está contando?

—Claro que eu estou contando. O que você anda fazendo? —Ehrm... Sentar aqui e tentando levar tudo como uma dama? Sua avó deu uma risadinha.

—Você provavelmente não pensou que eu pudesse contar até tanto.

Annabel balbuciou e gaguejou e começou a se arrepender de ter recusado o conhaque.

—Pfft. —Lady Vickers repudiou sua aflição com um cortante aceno de mão.

—Tenho todos os tipos de talentos escondidos.

Annabel assentiu com a cabeça, mas a verdade era que não estava certa se que queria mais que o talento de sua avó viesse à tona. Na verdade, ela tinha certeza disso.

—Uma Lady deve ter sua própria reserva pessoal de segredos e força, — prosseguiu a avó. — Confie em mim. —Ela tomou um gole da bebida, deixou escapar uma exalação satisfeita e tomou outro. — Quando você estiver casada irá entender o que quero dizer.

Noventa e oito visitantes, Annabel pensou, fazendo a soma mentalmente. Noventa e oito pessoas haviam ido a casa dos Vickers, ansiosas para ver o escândalo mais recente. Ou espalhá-lo. Ou dizer a ela o quanto havia se espalhado.

Isso tinha sido horrível.

Noventa e oito pessoas. Ela afundou-se. —Sente-se direito! —A avó vociferou.

Annabel obedeceu. Talvez não completamente noventa e oito. Várias pessoas vieram mais de uma vez. Lady Twombley ia todo dia.

E onde estava o Sr. Grey em tudo isso? Ninguém parecia saber. Ele não tinha sido visto desde a briga no clube. Annabel estava bem certa de que isso era verdade, porque lhe disseram isso, nada menos que noventa e oito vezes.

Mas Annabel supôs que não estava zangada com o Sr. Grey. Nada disso era culpa dele. Ela deveria ter dito a ele que estava sendo cortejada pelo tio dele. Ela era a única que poderia ter evitado o escândalo. Isso era o pior. Ela passou todos os três dias sentindo-se constrangida, irritada e pequena e não tinha a quem culpar senão a si mesma. Se ela tivesse dito a verdade a ele, não no momento que soube o nome dele, mas ao menos quando se encontraram no Hyde Park...

—Visitantes, minha Lady. -anunciou o mordomo.

—Nossos dois primeiros do dia. —Lady Vickers disse secamente. Ou foi zombeteiramente? — Quem é Judkins?

— Lady Olivia Valentim e o Sr. Grey.

—É o maldito tempo. —Lady Vickers resmungou. E então, quando Judkins conduziu os convidados para dentro, ela disse de novo. — É maldito tempo. O que lhe tomou tanto tempo?

Annabel queria morrer de mortificação.

—Eu estive muito bem. —Grey disse suavemente, com um meio sorriso irônico que vinham de seus olhos.

Os olhos dele. Parecia horrível. Terrivelmente vermelhos um pouco inchados e com uma contusão azulada que se espalhou partindo da parte baixa ao redor do canto externo. Annabel ofegou em voz alta, ela não podia evitar.

—Estou bastante assustador de se olhar. —ele murmurou, tomando-lhe a mão e inclinando-se

para beijá-la.

—Sr. Grey, — ela disse: — Sinto muitíssimo sobre seu olho. Ele se endireitou.

—Eu até que gostei um pouco. Isso me dá um brilho perpétuo. Annabel começou a sorrir e então tentou evitar.

—Um brilho mais macabro, — ela concordou.

—E aqui eu pensei que era arrojado, — murmurou ele.

—Sente-se, — Lady Vickers disse, apontando para o sofá. Annabel se dirigiu ao local, mas a avó disse: — Não. Ele. Você lá. —Então ela marchou para a porta e gritou: — Judkins, não estamos em casa para ninguém. —e firmemente fechou a porta.

Depois de Lady Vickers acabar de dirigir todos nos lugares escolhidos, ela não perdeu tempo em iniciar a conversa.

—O que você pretende fazer? —Ela perguntou, dirigindo a pergunta não ao Sr. Grey, mas a prima dele, que até então conseguiu permanecer em silêncio durante o intercâmbio.

Mas Lady Olivia estava serena. Evidentemente ela também não julgou nenhum dos dois capazes de gerir o próprio escândalo.

—É por isso que estamos aqui, — disse ela de forma eficiente. — Meu primo está horrorizado com os potenciais prejuízos para a reputação da sua neta e mais pesarosos sobre qualquer coisa que ele possa ter tido no escândalo.

—Como ele deveria estar, — Lady Vickers disse acidamente. Annabel lançou um olhar para o Sr. Grey. Para seu alívio, ele parecia um pouco divertido. Talvez até um pouco aborrecido.

—Coreto — Lady Olivia disse suavemente, — sua participação foi completamente acidental. Como todos sabem Lorde Newbury deu o primeiro soco.

—O único soco, — o Sr. Grey interrompeu.

—Sim, — Lady Vickers disse, reconhecendo o ponto com um grande aceno de seu braço.— Mas quem poderia culpá-lo? Ele poderia ter sido sufocado com choque. Conheço Newbury toda a minha vida adulta. Ele é um homem de sensibilidade delicada.

Annabel quase rosnou em voz alta ao ouvir isso. Ela olhou para o Sr. Grey novamente, para ver se ele sentia o mesmo. Assim como ela o fez, porém, os olhos dele se arregalaram com alarme.

Espere um pouco... Alarme? Mr. Grey engoliu desconfortável.

—Sim, —Lady Vickers disse com um sorriso afetado, — mas agora a coisa inteira foi colocada em risco. Queríamos tanto um conde para Annabel.

—EEEP!

Annabel e Lady Olivia juntamente olharam para o Sr. Grey, que, se os ouvidos de Annabel não se enganaram, simplesmente chiou. Ele sorriu rigidamente, parecendo pouco à vontade como ela nunca o viu. Não que ela o tivesse visto muito, mas ele parecia o tipo de cavalheiro que raramente era nada mais que absolutamente confortável em sua própria pele.

Ele se mexeu na cadeira. Annabel olhou para baixo.

E viu a mão de sua avó na coxa dele.

—Chá, — ela praticamente gritou, pulando em pé. — Temos de tomar chá. Vocês não acham?

—Eu concordo Sr. Grey disse com muita percepção, usando a oportunidade para correr o mais longe de Lady Vickers que o sofá permitiria. Foram apenas alguns centímetros, mas ainda assim o suficiente para que ela não conseguia agarrá-lo sem ser ridiculamente óbvia sobre o assunto.

—Eu adoro chá, — Annabel balbuciou, movendo-se para puxar a campainha. — Sabe? Minha mãe sempre disse que nada poderia ser resolvido sem um bule de chá.

—E será que o inverso é verdadeiro? —Sr. Grey perguntou. — Que tudo pode ser resolvido com ele?

—Nós vamos descobrir em breve, não vamos? —Annabel assistiu com horror como a avó movia-se no sofá em direção a ele. — Oh meu Deus! —Disse ela, com o que foi certamente muita ênfase. — Isto emperrou. Sr. Grey, você se importaria de me ajudar com isso? —Ela estendeu o cordão, cuidado para não puxá-lo sem tocar.

Ele praticamente saltou em pé.

—Eu ficaria feliz. Vocês me conhecem, — disse ele para as outras damas. — Eu vivo para salvar donzelas em perigo.

—É por isso que estamos aqui, — Lady Olivia disse suavemente. —Cuidado, — Annabel disse assim que ele tomou a corda das mãos dela. — Você não quer puxar muito forte.

—Claro que não, — ele murmurou, então fez uma careta,— Obrigado.

Eles ficaram lá por um momento e, em seguida, confiante de que sua avó e Lady Olivia estavam entretidas na conversa, Annabel disse:

—Sinto muito sobre seu olho.

—Oh, isso, — disse ele, acenando para longe. Ela engoliu em seco.

—Eu também sinto muito por não ter dito nada. Isso não foi legal da minha parte.

Ele deu um acentuado e estranho encolher de ombros.

—Se eu estivesse sendo cortejado por meu tio, não tenho certeza se gostaria de anunciá-lo, tampouco.

Ela tinha a sensação de que deveria rir, mas tudo o que sentiu foi um desespero terrível. Ela conseguiu um sorriso, não é um muito bom, e disse...

Nada. Aparentemente, o sorriso era tudo que ela conseguia. —Você vai se casar com ele? —O Sr. Grey perguntou.

Ela olhou para os pés. —Ele não pediu. —Ele irá.

Annabel tentou não responder. Tentou pensar em outra coisa a dizer, qualquer coisa que pudesse mudar de assunto sem ser dolorosamente óbvia. Ela mudou o peso de lado, então olhou para o relógio, então...

—Ele quer um herdeiro, — disse o Sr. Grey. —Eu sei, — ela disse calmamente.

—Ele precisa de um rápido. —Eu sei.

—A maioria das jovens damas ficaria lisonjeada com a atenção dele.

Ela suspirou.

—Eu sei. —E então ela olhou para cima e sorriu. Era um daqueles tipos desajeitados de sorrisos que são pelo menos três quartos riso nervoso. — Eu estou, — disse ela. Enquanto engolia em seco. — Lisonjeada, é isso.

—É claro que você esta, — ele murmurou.

Annabel manteve-se, tentando não bater o pé. Outro dos hábitos que a avó lamentava. Mas era tão difícil ficar parada quando não estava se sentindo bem consigo mesma.

—É um ponto discutível, — ela disse apressadamente. — Ele não apareceu. Suspeito que ele tenha mudado de perspectiva.

—Pelo que espero que você esteja grata, — Grey disse calmamente. Ela não respondeu. Ela não podia. Porque ela estava grata. Mais do que isso, estava aliviada. E se sentia tão malditamente culpada por se sentir desse jeito. O casamento com o conde teria salvado sua família inteira. Ela não deveria se sentir grata. Ela deveria estar prostrada com tristeza por ter perdido tudo.

—Sr. Gre...ey! —A Avó vibrou do outro lado da sala.

—Lady Vickers, — disse ele, solícito, caminhando de volta para a sala de estar.

Contudo, ele não se sentou.

—Nós pensamos que você deve cortejar minha neta, — anunciou ela.

Annabel sentiu sua pele ficar da cor de uma beterraba e teria adorado ter se arrastado em uma cadeira, mas o pânico se instalou, e ela apressou-se, exclamando:

—Oh, vovó, você não pode estar falando sério. —E então para o Sr. Grey: — Ela não está falando sério.

—Eu estou falando sério, — a avó disse de forma sucinta. — É o único jeito.

—Oh não, Sr. Grey, — Annabel interferiu absolutamente mortificada de que ele estava sendo condenado a cortejá-la. — Por favor, não pense...

—Eu sou tão ruim assim? —Disse ele secamente. —Não! Não. Quero dizer, não, você sabe que não é. —Bem, eu esperava... —ele murmurou.

Annabel olhou para as outras duas damas para ajudar, mas elas não estavam oferecendo isso.

—Nada disso é culpa sua, — Annabel disse com firmeza.

—No entanto, — disse ele solenemente: — Eu não posso ficar de lado enquanto uma donzela está em perigo. Que tipo de cavalheiro que eu seria?

Annabel olhou para Lady Olívia. Ela estava sorrindo de uma forma que a alarmou.

—Não é nada sério, é claro, — Lady Vickers disse. — Tudo para a plateia. Vocês podem se separar até o final do mês. Amigavelmente, é claro. —Ela deu um sorriso de lobo. — Nós poderíamos odiar o Sr. Grey para que ele não se sentisse bem vindo aqui em na casa dos Vickers.

Annabel arriscou um olhar para o cavalheiro em questão. Ele parecia um pouco enjoado.

—Por favor, se sente de novo. —Lady Vickers disse, dando tapinhas no sofá ao lado dela. — Você me faz sentir-me uma anfitriã da mais incompetente.

—Não! —Annabel explodiu, sem sequer a começar a ponderar sobre as ramificações dessa única palavra.

—Não? —A Avó ecoou.

—Devemos sair para uma caminhada, — disse Annabel. —Nós deveríamos? —O Sr. Grey disse. — Oh, nós deveríamos. —Com certeza, vocês devem. —Lady Olivia disse.

—O tempo está bom, — disse Annabel.

—E todo mundo vai nos ver e pensar que estamos namorando, — disse Grey finalizando. Ele pegou o braço de Annabel com entusiasmo e anunciou: — E assim partimos!

Eles correram da sala, sem dizer uma palavra até chegar à escada da frente, quando o Sr. Grey se virou para ela e soltou um sincero:

—Obrigado.

—Foi um prazer, — disse Annabel, pisando levemente na calçada. Ela se virou e sorriu. — Eu vivo para resgatar cavalheiros em perigo.

## CAPÍTULO 14



Antes de Sebastian poder responder com uma declaração devidamente enérgica, a porta da frente da casa dos Vickers abriu e Olívia surgiu. Ele olhou para ela e levantou uma sobrancelha.

—Eu sou sua acompanhante, — explicou ela.

Antes que ele pudesse responder energicamente a isso, acrescentou, — a criada da senhorita Winslow tem a tarde livre, por isso seria eu ou Lady Vickers.

—Estamos muito contentes de tê-la, — disse ele com firmeza.

—O que aconteceu lá? —Olívia perguntou, descendo para a calçada.

Sebastian olhou para a senhorita Winslow, que parecia mais interessada em uma árvore.

—Eu não poderia discutir o assunto, — disse ele, virando-se para Olívia. — É muito doloroso.

Pensou ter ouvido a senhorita Winslow resfolegar. Ele gostava de seu senso de humor.

—Muito bem, — disse Olivia, fazendo um movimento enxotando com a mão. — Vão à frente. Vou ficar para trás, fazendo-me de chaperone (dama de companhia).

—Isso é uma palavra? —Porque realmente, ele tinha que perguntar. Após a extensão do incidente, ela não tinha direito de estar utilizando um vocabulário impróprio.

—Se não for, deveria ser — anunciou ela.

Sebastian tinha todos os tipos de respostas concisas para isso, mas infelizmente todas os envolviam a revelação de sua identidade secreta, tal como era. Mas como ele era constitucionalmente incapaz de permitir que o comentário passasse sem dizer algo para irritar Olivia, ele se virou para a senhorita Winslow e disse:

—Essa é a primeira vez dela.

—A primeira...? —a senhorita Winslow retorceu-se em direção a Olivia, com o rosto deliciosamente confuso.

—Como uma dama de companhia, — esclareceu ele, tomando-lhe o braço. — Ela irá tentar impressioná-la.

—Eu ouvi isso!

—É claro que você ouviu, — disse ele agradavelmente. Ele se inclinou um pouco mais perto da

senhorita Winslow e sussurrou em seu ouvido: — Teremos dificuldades para nos livrar dela.

—Sebastian!

—Fique para trás, Olivia, — ele gritou. — Fique para trás.

—Isso não parece certo, — disse Annabel. Seus lábios fizeram uma careta muito adorável e Seb encontrou-se ponderando todas as maneiras que a careta dela poderia ser derretida com algo um pouco mais sedutor. Ou seduzível.

—Hmmm? —Ele murmurou.

—Não é como se ela fosse uma tia solteira, — disse ela, para em seguida: — Lady Olivia, por favor. Você deve avançar e se juntar a nós.

—Estou bastante certa de que não é o que Sebastian quer, — Olivia disse, mas Seb percebeu que tinha muita energia em seus passos quando chegou lado a lado. — Não se preocupe Seb, — disse a ele. — Lady Vickers me deu o jornal. Vou encontrar um banco bem limpo para sentar e os dois podem vaguear conforme desejarem.

Ela estendeu o jornal, com a clara intenção de que ele o carregasse, o que ele fez. Ele nunca discutia com mulheres a menos que fosse absolutamente necessário.

Eles caminharam para o parque, conversando sobre nada em particular e fiel à sua palavra, Olivia encontrou imediatamente um banco e passou a ignorá-los. Ou pelo menos fez um bom trabalho ao fingir ignorá-los.

—Vamos dar uma volta? —Ele perguntou a senhorita Winslow. — Podemos imaginar que esta é uma sala muito Grande e andar o perímetro.

—Isso seria ótimo. —Ela olhou para Olívia, que estava lendo seu jornal.

—Oh, ela está observando, não se preocupe. —Você acha mesmo? Ela parece muito entretida.

—Minha querida prima certamente pode ler o jornal e nós vigiar ao mesmo tempo. Ela provavelmente poderia pintar uma aquarela e conduzir uma orquestra, também. —Ele levantou a cabeça em direção a senhorita Winslow em saudação. — Mulheres, eu aprendi, podem fazer pelo menos seis coisas ao mesmo tempo sem pausa para respirar.

—E os homens?

—Oh, nós somos muito preguiçosos. É um milagre podermos andar e falar ao mesmo tempo.

Ela riu, em seguida, acenou para os pés.

—Você parece estar conseguindo de forma admirável. Ele fingiu ficar surpreso.

—Bem, olhe para isso. Eu devo estar melhorando.

Ela riu de novo, um adorável som gutural. Ele sorriu para ela, já que era o que se fazia quando uma dama ria na presença de alguém e por um momento ele se esqueceu de onde estava. As árvores, a grama, o mundo inteiro simplesmente sumiu e tudo que viu foi o rosto, o sorriso e os lábios dela, tão cheios e rosa, tão deliciosamente curvados nos cantos.

Seu corpo começou a tamborilar com uma luminosa sensação inebriante. Não era luxúria, nem desejo, ele sabia exatamente como eram. Isto era diferente. Excitação, talvez. Talvez antecipação, embora ele não estivesse certo por quê. Eles estavam apenas andando no parque. Ainda assim, ele não conseguia afastar a sensação de que estava esperando por algo bom.

Era uma sensação excelente.

—Acho que gosto de ser resgatado, — disse ele, enquanto passeavam tranquilamente em direção a Stanhope Gate. O tempo estava bom, a senhorita Winslow era fascinante e Olivia estava bem fora do alcance da voz.

O que mais um homem pode querer em uma tarde?

Exceto, possivelmente após o meio-dia. Ele olhou para o céu. Definitivamente ainda era de manhã.

—Eu sinto tanto pela minha avó, — a senhorita Winslow disse. Com ternura.

—Tsc tsc, você não sabia que não deveria mencionar essas coisas? Ela suspirou.

—Sério? Não posso nem mesmo pedir desculpas?

—Claro que não. —Ele sorriu para ela. — Você deveria varrer para debaixo do tapete e esperar que eu não notasse.

As sobancelhas dela subiram dúvida. —Que a mão dela estava em seu... Er...

Ele acenou com a mão, embora a verdade fosse que ele estava gostando de vê-la corar.

—Eu não consigo lembrar-me de nada.

Por um instante, o rosto dela ficou perfeitamente em branco e depois apenas balançou a cabeça.

—A sociedade de Londres me deixa perplexa.

—Não há sentido para ela, com certeza, — ele concordou. —Basta olhar para a minha situação.

—Eu sei. É uma vergonha. Mas é a forma como as coisas funcionam. Se eu não a quero e meu tio não a quer, — aí ele olhou para ela, tentando avaliar se isso era uma decepção— tampouco ninguém irá querer.

—Não, isso eu entendo, — disse ela. — Acho que é monstruosamente injusto...

—Concordo. —ele observou.

—... Mas eu entendo. Porém ainda assim, desconfio que haja todos os tipos de nuances dos quais sou completamente ignorante.

—Ah, com certeza. Por exemplo, a nossa performance aqui no parque, há toda uma série de detalhes que devem ser jogados de forma precisamente correta.

—Eu não tenho ideia do que está falando.

Ele ajustou sua posição de modo que ficou de frente para ela. —Está tudo em como eu olho para você.

—Perdão?

Ele sorriu para ela, olhando-a encantado seu rosto. —Algo como isso, — ele murmurou.

Seus lábios se separaram e por um momento ela não respirou.

Ele adorava que pudesse fazer isso com ela. Quase tanto quanto ele amava saber que ela não respirava. Deus, como gostava de ser capaz de ler as mulheres.

—Não, não, — ele advertiu. — Você não pode olhar de volta para mim assim.

Ela piscou atordoada. —O que?

Ele inclinou-se mais um centímetro para baixo e escarneceu sussurrando:

—As pessoas estão olhando.

Os olhos dela se arregalaram e ele poderia dizer o momento exato em que seu cérebro retrucou a atenção. Ela tentou ser furtiva, enquanto olhava para a esquerda e depois para a direita e, em seguida, lentamente e com a maior confusão, de volta para ele. Mas, realmente, ela não tinha ideia do que estava fazendo.

—Você é muito ruim nisso, — ele disse a ela.

—Sou totalmente uma causa perdida, — ela admitiu. —Provavelmente porque você não tem ideia do que está fazendo, — disse ele suavemente. — Permita-me que a instrua: Estamos no parque. Annabel levantou uma sobrancelha.

—Eu estou ciente.

—Com cerca de uma centena ou mais de nossos conhecidos mais próximos.

Ela virou a cabeça novamente, desta vez em direção a Rotten Row, onde vários pequenos grupos de damas estavam fingindo não olhar para eles.

—Não seja tão óbvia, — disse ele, dando um aceno de saudação à Sra. Brompton e a filha

Camila, que estava sorrindo para eles e olhando de forma *eu reconheço, mas talvez não deveriam se expor desta forma*.

Annabel quis ficar irritada, realmente, quem olhava para outra pessoa assim? Mas então ela não pode deixar de felicitar-se por ter conseguido interpretar uma expressão multifacetada.

Por mais que isso pudesse ser rude. —Você parece aborrecida, —Sr. Grey disse. —Não. Bem, talvez sim.

—Você entende o que estamos fazendo, — ele verificou. —Eu pensei que sim, — ela murmurou.

—Você deve ter notado que se tornou um objeto de especulação, — disse ele.

Annabel lutou contra o impulso de bufar. —Poderia dizer isso.

—Porque, senhorita Winslow, eu detecto uma insinuação de sarcasmo em sua voz?

—Só uma insinuação.

Ele parecia prestes a rir, mas não o fez. Isso era atitude comum para ele, ela percebeu. Ele via humor em todos os lugares. Era um dom raro, que e, possivelmente, porque todos gostavam de estar perto dele. Ele era alegre e se alguém pudesse estar perto de uma pessoa feliz, talvez pudesse se contagiar. Felicidade podia ser como um resfriado. Ou cólera.

Contagante. Ela gostava disso. Se contagiar com felicidade.

Ela sorriu. Não podia evitar. Olhou para ele, porque não podia evitar, tampouco e ele olhou para baixo, os olhos curiosos. Ele estava prestes a fazer uma pergunta, provavelmente, sobre o porquê ela de repente começou a sorrir como uma maluca, quando...

Annabel saltou para trás. —Isso foi um tiro?

Ele não disse nada e quando ela olhou para ele de perto, percebeu que ele estava terrivelmente pálido.

—Sr. Grey? —Ela colocou a mão em seu braço. — Sr. Grey? Você está bem?

Ele não falou nada. Annabel sentiu seus olhos aumentarem e mesmo sabendo que ele não poderia ter sido baleado, ela se viu olhando-o de cima para baixo, meio que esperando ver sangue.

—Sr. Grey? —Ela disse novamente, porque nunca tinha visto ele assim. E embora ela não pudesse reivindicar um conhecimento extenso, ela sabia que algo estava terrivelmente errado. O rosto dele estava calmo e tenso e seus olhos estavam em outro lugar.

Eles estavam bem ali em sua cabeça, olhando para um ponto além do ombro dela e ainda assim era como se ele não estivesse ali.

—Sr. Grey? —Disse ela novamente e desta vez deu um pequeno aperto no braço, como se

pudesse acordá-lo. Ele pulou e virou a cabeça na direção dela. Ele a olhou por alguns segundos antes de realmente vê-la, ela pensou e mesmo assim ele piscou várias vezes antes de dizer:

—Minhas desculpas.

Ela não sabia o que dizer sobre isso. Não havia nada que possivelmente ele precisasse se desculpar.

—É essa maldita competição, — ele murmurou.

Ela sabia muito bem que deveria repreendê-lo por seu linguajar. —Que competição?

—Algum estúpido concurso de tiro. No meio do Hyde Park, — ele retrucou. —Um bando de idiotas. Quem faria uma coisa dessas?

Annabel começou a dizer algo. Ela sentiu seus lábios se moverem, mas nada realmente saiu. Então ela calou a boca. Melhor ficar calada do que dizer alguma tolice.

—Eles estavam fazendo isso na semana passada também — ele murmurou.

—Acho que eles estão um pouco mais acima, — Annabel disse, apontando para trás. O tiro parecia bastante próximo, na verdade. Nada para deixá-la pálida e trêmula, uma garota não cresce no interior, sem ouvir rifles serem disparados, com um bocado de regularidade. Ainda assim, foi bastante alto e ela supôs que para alguns seria como se tivesse retornado a guerra...

A guerra. Deveria ser isso. O seu avô paterno lutou nas colônias e até o dia em que morreu, saltava todas as vezes que ouvia um barulho alto. Ninguém nunca disse nada sobre isso. A conversa poderia perder o compasso, mas nunca mais do que isso e então tudo continuava como se nada tivesse acontecido. Tinha sido uma regra não escrita na família Winslow. E todos se ajustaram muito bem.

Ou isso teria se ajustado?

Foi adequado o resto da família, mas e quanto ao seu avô? Ele nunca perdeu o olhar vazio dos olhos. E não gostava de viajar depois do anoitecer. Ninguém gostava, Annabel imaginou, mas todos faziam quando necessário. Exceto seu avô. Quando a noite caía, ele estava em casa. Qualquer casa. Mais do que uma vez ele terminou como um inesperado hospede de alguém.

E Annabel perguntou se ninguém nunca lhe perguntou sobre isso? Ela olhou para o Sr. Grey, de repente, sentindo-se como se o conhecesse muito melhor do que o conhecia apenas um minuto antes. Mas talvez não bem o suficiente para dizer alguma coisa.

Ele arrastou a olhar para o rosto dela do que quer que fosse que ele estivesse olhando e começou a dizer algo, mas então...

Outro disparo. —Merda.

Os lábios de Annabel se separaram de surpresa. Ela olhou para um lado esperando que ninguém tivesse ouvido o palavrão. Ela não se importava, é claro, nunca tinha sido muito exigente com essas coisas, mas...

—Desculpe-me, — ele murmurou e então se virou na direção dos tiros, a sua marcha longa e proposital. Annabel levou um momento para reagir, impeliu a atenção e correu atrás dele.

—Aonde você vai?

Ele não respondeu, ou se o fez, ela não pode ouvi-lo porque ele não virou. E era uma pergunta estúpida, de qualquer maneira, porque era perfeitamente claro para onde ia: para a competição de tiro, embora a razão, ela não tinha ideia. Ele iria repreendê-los? Pedir para parar? Ele poderia mesmo fazer isso? Se as pessoas estavam atirando no parque, eles teriam que obter permissão para fazê-lo. Será que não?

—Sr. Grey! —Ela gritou, tentando manter-se. Mas ele tinha pernas longas, e ela teve que se mover quase duas vezes mais rápido para corresponder ao ritmo dele. No momento em que ela chegou a área de competição, estava sem fôlego e suando sob o espartilho.

Mas ela seguiu em frente, perseguindo-o até que ficou apenas alguns passos atrás. Ele entrou como um furacão na aglomeração de participantes — cerca de meia dúzia de jovens, nenhum deles teria mais de vinte anos, se Annabel não se enganava.

—Que diabo vocês pensam que estão fazendo? —Perguntou ele. Só que a voz dele não estava elevada. Annabel achou estranho, considerando como ele estava irritado.

—Competição—, um dos jovens cavalheiros, disse, afetando o tipo de sorriso irritantemente alegre que sempre fazia Annabel revirar os olhos. —Nós estamos nisso a semana toda.

—Assim eu soube— Grey respondeu.

—Nós esvaziamos área detrás —, o cavalheiro disse, acenando com o braço em direção ao alvo. —Não se preocupe.

—E quando será concluído?— Grey perguntou friamente. —Quando alguém acertar o centro do alvo.

Annabel olhou para baixo em direção ao alvo. Ela tinha visto sua parcela de competições de tiro e podia dizer que este estava definitivamente distante. E suspeitava que pelo menos três dos homens estavam bebendo. Eles deveriam estar ali a tarde toda.

—Você gostaria de participar?—, Um dos rapazes perguntou, segurando uma pistola na direção do Sr. Grey.

Ele deu um sorriso seco e pegou a arma. —Obrigado.

E então, diante dos olhos extremamente arregalados de Annabel, ele levantou o braço, puxou o gatilho e entregou a arma de volta ao dono.

—Ai está—, anunciou secamente. —Está feito. —Mas...

—Acabou—, disse ele, em seguida, virou-se para Annabel com o rosto totalmente tranquilo. —Vamos continuar o nosso passeio?

Annabel emitiu um sim, mas não estava certa se havia sido muito claro, pois sua cabeça estava indo para frente e para trás entre o Sr. Grey e o alvo. Um dos rapazes tinha acabado de verificar o que ele acertou e logo estava gritando algo e soando extremamente surpreso.

—Foi no alvo—, ele gritou, correndo na direção deles. —Acertou na mosca.

Os lábios de Annabel se separaram de espanto. O Sr. Grey nem mesmo havia apontado. Ou pelo menos ele não parecia ter mirado.

—Como você faz isso?— Os jovens estavam perguntando. E então um deles acrescentou: —Você poderia fazer isso de novo?

—Não—, ele respondeu secamente, — e não se esqueça de limpar depois de usar.

—Oh, nós não terminamos ainda, — um dos rapazes disse — bastante tolamente, na opinião de Annabel. — o tom do Sr. Grey era leve, mas só um idiota teria perdido o brilho duro em seus olhos.

—Nós vamos montar outro alvo—, continuou ele. —Temos até duas e meia. Você realmente não conta, já que você não faz parte da competição.

—Desculpe-me, — O Sr. Grey disse suavemente para Annabel. Ele soltou o braço e caminhou de volta para os outros homens. —Posso pegar sua arma?—, Perguntou a um deles.

Silenciosamente lhe foi entregue e mais uma vez o Sr. Grey levantou o braço e sem concentração aparente, apertou o gatilho.

Um dos postes de madeira que segurava o alvo estilhaçou, não, evaporou e toda a coisa foi caindo ao chão.

—Agora vocês terminaram—, disse o Sr. Grey disse, entregando a arma de volta ao dono. —Bom dia.

Ele caminhou de volta para o lado de Annabel, pegou o braço dela e disse, antes que ela pudesse perguntar:

—Eu era um Atirador de elite. Na guerra.

Ela assentiu quase certa de já saber como os franceses haviam sido derrotados. Ela olhou para o

lavo, agora cercado por homens, então, voltou ao Sr. Grey, que parecia completamente indiferente. Então, porque não conseguia parar a si mesma, ela voltou a olhar o alvo, vagamente consciente da pressão em seu braço quando ele tentava afastá-la.

—Aquilo foi... Foi...

—Nada—, ele disse. —Absolutamente nada.

—Eu não chamaria aquilo de nada—, disse ela cautelosamente. Ele não parecia querer um elogio, mas ao mesmo tempo, ela não podia deixar de dizer alguma coisa.

Ele deu de ombros. —É um talento.

—Er, um útil, eu devo acreditar. — Ela queria olhar para trás mais uma vez, mas não seria capaz de ver algo e em todo caso, ele não olhou para trás uma vez sequer.

—Gostaria de um sorvete?— Ele perguntou. —Perdão?

—Um sorvete. Estou sentindo um pouco de calor. Poderíamos ir ao Gunter's —.

Annabel não respondeu ainda desconcertada pela mudança abrupta na conversa.

—Nós temos que levar Olivia, é claro, mas ela é boa companhia. — Ele franziu a testa, pensativo. —E ela provavelmente está com fome. Eu não tenho certeza se ela tomou o café da manhã.

—Bem, é claro... — Annabel disse, embora não porque sabia do que ele estava falando. Ele a estava olhando com expectativa e ela claramente deveria dar uma resposta.

—Excelente. Então Gunter's será. —Ele sorriu, os olhos brilhando daquele jeito agora familiar, e Annabel queria agarrá-lo pelos ombros e sacudi-lo. Era como se todo o episódio com as armas e alvo nunca tivesse acontecido.

—Você gosta de laranja?—, Perguntou ele. —O de laranja é particularmente bom, perdendo apenas para o de limão, embora eles nem sempre tenham.

—Eu gosto de laranja—, ela disse, de novo, porque parecia uma resposta adequada.

—O de chocolate também é muito delicioso. —Eu gosto de chocolate.

E assim foi, uma conversa sobre nada, todo o caminho para o Gunter's. Onde, Annabel não estava particularmente orgulhosa de dizer, ela esqueceu tudo sobre o incidente no parque. O Sr. Grey insistiu em pedir um de cada sabor e Annabel insistiu que seria rude não provar todos eles (com exceção do de rosa, que ela nunca poderia aguentar, era uma flor, pelo amor de Deus, não um sabor). Então Lady Olivia, declarou-se incapaz de tolerar o cheiro do sorvete de bergamota, o que significava que, naturalmente, o Sr. Grey tinha que agitá-lo sob o nariz dela. Annabel não conseguia lembrar a última vez que se divertiu tanto.

Diversão. Pura, simples, diversão. Uma coisa muito boa, realmente.

## CAPÍTULO 15



### *Dois dias depois*

Até o momento Annabel havia dançando com Lorde Rowton, seguiu dançando com o Sr. Berbrooke, depois dançou com o Sr. Albansdale, continuou a dançar com o Sr. Berbrooke, depois com o Sr. Cavender, que seguiu — céus — a dança com um príncipe russo, após dançou com Sir Harry Valentim, onde depois dançou com o Sr. St. Clair, que (ela teve que tomar um fôlego aqui, só de pensar nisso!), em seguida dançou com o Sr. Grey...

Suficiente dizer que, se ela ainda não havia entendido a natureza instável da sociedade de Londres, agora entendia. Ela não sabia quantos dos cavalheiros a convidaram para dançar porque o Sr. Grey pediu a eles e quantos lhe perguntaram por que todos os outros cavalheiros pareciam estar fazendo isso, mas uma coisa era clara: Ela era a última moda. Nesta semana, pelo menos.

A caminhada no parque fez sua magia, como fez o passeio ao Gunter's. Annabel foi vista por todos os membros da *ton* com Sebastian Grey agindo (nas palavras dele), como um tolo apaixonado. Ele tinha a certeza de que todos os maiores fofoqueiros o viram beijando a mão dela e rindo de suas piadas e, para aqueles que se aproximaram deles enquanto conversavam o olhar encantado (mas não luxurioso) que a olhava.

E sim, ele realmente usou a palavra — luxurioso. Que a teria chocado, exceto porque ele tinha uma maneira tão divertida de dizer as coisas. Tudo o que ela podia fazer era rir, o que, segundo ele informou, só era justo porque ele não podia estar rindo das piadas dela e não vice-versa.

O que a fez rir novamente.

Eles repetiram a charada na tarde seguinte e depois disso também, fizeram um piquenique com Sir Harry e Lady Olivia. O Sr. Grey a levou de volta para a casa de seus avôs com instruções estritas para não chegar ao baile Hartside naquela noite até nove e meia, no mínimo. A carruagem dos Vickers chegou às nove quarenta e cinco e quando ela entrou no salão, cinco minutos depois, o Sr. Grey estava justamente por acaso de pé perto da porta, conversando com um cavalheiro que ela não conhecia. Quando ele a viu, no entanto, imediatamente interrompeu a conversa e foi na direção dela.

Que ele tivesse passado por três mulheres muito bonitas para chegar até ela não foi Annabel suspeitou um acidente.

Dois minutos depois eles estavam dançando. E cinco minutos depois disso, ela estava dançando com o cavalheiro com quem ele esteve conversado. E assim por diante, direto para o príncipe russo,

ambos os Berbrookes, para Lorde Rowton. Annabel não tinha certeza se queria viver a vida dela como a garota mais popular da cidade, mas teve que admitir que por uma noite, pelo menos, foi maravilhosamente divertido.

Lady Twombley se aproximou, toda veneno e fel, mas mesmo ela não poderia torcer a fofoca em algo desagradável. Ela não era páreo para Lady Olivia Valentim, que (Annabel foi informada) casualmente mencionou que o Sr. Grey podia verdadeiramente ser afetado por três dos seus amigos mais próximos.

—Os três, sem qualquer critério—, Sir Harry murmurou.

Lady Olivia, Annabel começava a perceber, tinha uma ideia muito astuta sobre a mecânica da fofoca.

—Annabel!

Annabel viu Louisa acenando para ela, e assim que fez uma reverência lorde Rowton e agradeceu gentilmente pela dança, fez seu caminho para o lado da prima.

—Somos gêmeas—, declarou Luísa, apontando para os vestidos, que eram de um idêntico matiz salvia pálido.

Annabel não pode deixar de rir. Com certeza duas primas nunca seriam menos parecidas.

—Eu sei—, disse Louisa. —É uma cor horrível para mim.

—Claro que não, — Annabel garantiu a ela, exceto que, talvez fosse um pouco.

—Não minta—, disse Louisa. —Como minha prima, é seu dever de dizer a verdade quando ninguém mais diz.

—Muito bem, não é sua melhor cor...

Louisa suspirou. —Eu sou sem cor.

—Claro que não!— Annabel exclamou, exceto que esta noite, o verde salvia, parecia tão terrível nela, talvez um pouco, ela estava. A pele de Louisa sempre foi clara, mas a pouca luz e o vestido pareciam sugar até a última gota de rosa das bochechas dela. —Eu gostei bastante do azul que você usou na ópera. Ficou muito elegante em você.

—Você acha mesmo?— Louisa perguntou quase esperançosa. —Eu me senti elegante com ele.

—Às vezes acho que isso é metade da batalha—, Annabel disse. —Bem, você fica extremamente elegante usando verde salvia—, disse Louisa. —Você é absolutamente a bela do baile.

—Não tem nada a ver com a cor do meu vestido—, disse Annabel —, como você bem sabe.

—O Sr. Grey tem estado muito ocupado —, disse Louisa. —De fato.

Ficaram por um tempo, vendo o resto da multidão e, em seguida Louisa disse:

—Ele foi muito bom em interceder.

Annabel assentiu com a cabeça e murmurou seu acordo. —Não, quero dizer que foi muita bondade dele.

Annabel virou para ela.

—Ele não precisava fazer isso—, Louisa disse a voz não muito severa, mas... Quase. —A maioria dos cavalheiros não teria feito.

Annabel observava atentamente a prima, procurando no rosto dela por algum significado oculto. Mas Luísa não estava olhando para ela. Seu queixo estava levantado e ela ainda estava olhando ao longo da multidão, a cabeça movendo-se tão ligeiramente, como se estivesse procurando alguém.

Ou talvez apenas olhando.

—O que o tio fez... — Louisa disse suavemente. —Foi imperdoável. Ninguém teria criticado-o por revidar.

Annabel esperou por mais. Uma explicação. Instruções. Qualquer coisa. Finalmente, ela soltou um suspiro reprimido.

—Por favor—, disse ela. —Não você, também. Louisa virou-se.

—O que você quer dizer?

—Exatamente isso. Por favor, apenas diga o que você tem vontade de dizer. É cansativo tentar determinar o que todo mundo está me dizendo quando não tem nada a ver com as palavras que estão realmente saindo de suas bocas.

—Mas eu estava—, disse Louisa. —Você precisa entender como tem sido notável o comportamento dele. Depois do que o tio fez a ele, e isso publicamente, ele não poderia ser considerado culpado se desejasse lavar as mãos de todo o assunto e deixá-la com seu escândalo.

—Não, você vê que, — Annabel exclamou aliviada por Louisa ter finalmente explicado o que ela queria dizer, mesmo se o tópico fosse menos do que agradável. —É isso o que eu estava falando. Perfeitamente claro. Isso é o que eu queria ouvir.

—O que você queria ouvir? Annabel quase pulou para trás. —Sr. Grey! —, Ela chiou.

—Ao seu serviço —, disse ele, fazendo uma alegre reverência. Ele usava um adesivo sobre o olho ferido, que na maioria dos homens teria sido ridículo. Ele, no entanto, parecia totalmente arrojado e perigoso, Annabel realmente desejava não ter ouvido duas damas comentando que gostariam de ser saqueada por aquele pirata.

—Vocês pareciam tão absortas—, disse ele a ela. —Preciso saber o que vocês estavam falando.

Annabel não viu nenhuma razão para não ser completamente honesta.

—Apenas que acho desgastante interpretar o que todo mundo diz aqui em Londres.

—Ah—, disse ele, — você dançou com o príncipe Alexei. Não se preocupe com ele. Ele tem um sotaque muito turvo.

Louisa riu.

Annabel lutou contra o impulso de dar a ela um olhar feio. —Ninguém diz que o que realmente quer dizer—, disse ela ao Sr. Grey.

Ele a olhou com uma expressão extremamente neutra, então disse: —Você esperava que fosse de outra maneira?

Outro resfolegar surgiu da boca de Louisa. Seguido por uma tosse discreta e delicada, uma vez que Luísa nunca seria tão ousada a ponto de gargalhar em público.

—Eu gosto de falar em enigmas—, disse o Sr. Grey.

Annabel sentiu algo pulsar em seu peito. Poderia ser surpresa. Ou talvez decepção. Ela olhou para ele, incapaz de mascarar a expressão e disse:

—Você gosta?

Os olhos dele mantiveram seu olhar por um longo momento e ele disse, soando quase perplexo:

—Não.

Os lábios de Annabel se separaram, mas ela não falou nada. Ela não respirava. Algo incomum tinha acabado de ocorrer entre eles, algo notável.

—Eu acho... — ele disse lentamente. —Eu acho que deveria lhe pedir uma dança.

Annabel assentiu quase atordoada.

Ele estendeu a mão, em seguida, a retirou, sinalizando para que ela esperasse onde estava.

—Não se mova—, disse ele. —Eu voltarei logo.

Eles estavam parados perto da orquestra e Annabel viu como ele caminhou para o maestro.

—Annabel!— Louisa sibilou.

Annabel avançou. Ela se esqueceu que a prima estava lá. Ela esqueceu que qualquer pessoa estava lá. Por alguns momentos perfeitos, a sala ficou vazia. Não havia nada, além dela, ele e o suave som de suas respirações.

—Você já dançou com ele — Louisa disse. Annabel assentiu.

—Eu sei.

—As pessoas vão falar.

Annabel virou e piscou, tentando focar o rosto da prima. —As pessoas já estão falando—, disse ela.

Louisa abriu a boca como se planejasse dizer mais, mas depois apenas sorriu.

—Annabel Winslow — disse suavemente, — eu acredito que você está apaixonada.

Isso tirou Annabel de seu torpor. —Eu não estou.

—Oh, você está. —Eu mal o conheço.

—Aparentemente, você o conhece o suficiente.

Annabel viu que ele estava voltando e algo semelhante a pânico subiu em seu peito.

—Louisa, feche sua boca. Isso tudo é para manter as aparências. Ele está me fazendo um favor.

Louisa deu um espontâneo encolher de ombros. —Se você pensa assim.

—Louisa, — Annabel assobiou, mas sua prima se afastou para o lado para o Sr. Grey, que havia retornado passar.

—É uma valsa—, anunciou ele, como se ele não tivesse pedido ao maestro para tocá-la.

Ele estendeu a mão. Ela quase aceitou.

—Luís—, disse ela. —Você deve dançar com Louisa. Ele vasculhou seu rosto.

—E então comigo—, disse ela baixinho. —Por favor.

Ele se curvou, em seguida, virou-se para Louisa, mas ela murmurou uma desculpa, inclinando a cabeça levemente em direção a Annabel.

—Tem que ser você, Senhorita Winslow—, disse ele suavemente. Ela assentiu com a cabeça e deu um passo a frente, permitindo-o pegar a mão dela na dele. Ao redor, ela ouviu cochichos, olhares e sentiu, mas quando olhou para cima e o viu olhando fixamente para ela, seus olhos tão claros e cinza, tudo se dissolveu. O tio dele... As fofocas... Nada disso importava. Ela não iria deixá-lo.

Eles caminharam até o centro do salão e ela se virou para ele, tentando ignorar o arrepio de antecipação que deslizou através dela quando ele colocou a outra mão na parte baixa de suas costas. Annabel nunca entendeu porque a valsa foi considerada tão escandalosa.

Agora ela sabia.

Ele a estava segurando devidamente, um total de doze polegadas entre eles. Ninguém poderia encontrar uma falha em seu comportamento. E ainda Annabel sentia como se o ar ao redor deles tivesse sido aquecido, como se sua pele tivesse sido esfregada com alguma estranha, cintilante magia. Cada respiração parecia encher os pulmões de forma diferente e ela estava ciente de seu próprio corpo, de como era a sensação de estar dentro dele, de como cada curva movia e fluía com a música.

Sentia-se como uma sereia. Uma deusa. E quando o olhou, ele a estava olhando com uma expressão crua, faminta. Ele estava consciente do corpo dela, também, ela percebeu e isso a deixou, ainda mais tensa por dentro.

Por um breve momento ela fechou os olhos, lembrando-se que isso era tudo uma farsa. Eles estavam encenando, reabilitando-a aos olhos da sociedade. Apenas por dançar com ela, o Sr. Grey estava tornando-a desejável. E se ela sentia-se desejada — por ele — então ela precisava clarear a mente. Ele era um homem honrado, generoso, mas ele era também um ator consumado na cena social. Ele sabia exatamente como olhar para ela, sorrir para ela, de modo que todos pensariam que ele estava encantado.

—Por que você me pediu para dançar com sua prima?—, Perguntou ele, mas sua voz soava estranha. Quase um pouco estrangulada.

—Eu não sei—, ela admitiu. E ela não sabia. Ou talvez simplesmente não quisesse admitir para si mesma que havia se assustado. —Ela não tinha dançado ainda.

Ele assentiu com a cabeça.

—E isso não seria bom para a farsa—, disse ela, tentando pensar em seus pés — você dança com minha prima? Você não se incomodaria com isso, se você pretende apenas...

—Apenas o que?—, Perguntou ele. Ela lambeu os lábios. Estava seco. —Seduzir.

—Annabel—, disse ele, surpreendendo-a com o uso de seu nome de batismo. —Nenhum homem olha para você e pensa em outra coisa senão sedução.

Ela olhou para ele, espantada com a pontada de dor que a declaração provocou. Lorde Newbury a queria por suas curvas, pelos seios generosos e o quadril largo e fértil. E o céu sabia que ela nunca se acostumou aos olhares lascivos que atraía de todos, ao mais adequado cavalheiro. Mas o Sr. Grey... Ela pensou de alguma forma, que ele fosse diferente.

—A questão, — ele disse baixinho, — é se eles pensam em algo, além disso.

—Você pensa?— Ela sussurrou.

Ele não respondeu imediatamente. Mas então ele disse, quase como se ele estivesse avaliando si

mesmo, também, — eu acho que poderia.

Ela prendeu a respiração e procurou no rosto dele, tentando traduzir a declaração em algo que pudesse entender. Não ocorreu a ela que talvez ele não tivesse entendido, também, que ele pudesse estar tão confuso quanto ela por esta estranha atração entre eles.

Ou talvez ele quisesse dizer nada. Ele era aquele tipo raro de homem que sabia ser amigo de uma mulher. Talvez fosse tudo o que ele quis dizer, que achou a sua companhia divertida, que ela era boa para um riso e um sorriso, e talvez até mesmo valesse à pena levar um soco na cara.

Talvez isso fosse tudo.

E então, assim, a dança acabou. Ele estava fazendo uma mensura e ela fez uma reverência, e foram caminhando de volta para o canto da sala, em direção à mesa de limonada, pelo que Annabel ficou excessivamente grata. Ela estava com sede, mas o que realmente precisava era de algo em suas mãos, algo para distraí-la, para evitar que ficasse impaciente. Devido a sua pele ainda estar quente e a barriga revirando, se ela não tivesse algo para segurar, não se achava capaz de manter-se imóvel.

Ele lhe entregou um copo e Annabel tinha acabado de tomar o primeiro gole grato quando ouviu alguém chamando seu nome. Ela se virou e viu uma matrona, talvez de quarenta anos movendo-se na direção deles, acenando com a mão e vibrando.

—Oh, Sr. Grey! Sr. Grey!

—Sra. Carruthers —, disse ele, dando um aceno de cabeça respeitoso. —Encantado em vê-la.

—Eu ouvi agora a pouco mais surpreendente das notícias—, disse a Sra. Carruthers.

Annabel se preparou para algo terrível, provavelmente envolvendo-a, mas a Sra. Carruthers centrava toda a sua atenção no Sr. Grey e disse:

—Lady Cosgrove me disse que o senhor possui livros autografados pela Sra. Gorely.

Era isso? Annabel estava quase desapontada. —Sim, possuo—, disse O Sr. Grey confirmando.

—O Senhor tem que me dizer onde os conseguiu. Eu sou uma fã devota e não poderia considerar a minha biblioteca completa se possuir um autografado.

—Encontrei em uma livraria, ah, Oxford, na verdade, eu acho. —Oxford—, disse a Sra. Carruthers, visivelmente desapontada.

—Acho que não valeria a pena uma viagem para procurar mais—, disse ele. —Havia apenas um conjunto de cópias autografadas e o livreiro disse que nunca viu outros.

A Sra. Carruthers levou a junta do dedo indicador à boca, franzindo os lábios enquanto pensava.

—É tão intrigante—, disse ela. —Eu me pergunto se ela é de Oxford. Talvez ela seja casada com

um professor.

—Há algum professor lá chamado Gorely?— Annabel perguntou.

A Sra. Carruthers se virou para ela e piscou, como se só agora, percebesse que ela estava ali, ao lado do Sr. Grey.

—Sinto muito—, ele murmurou e fez as apresentações.

—Há?— Annabel perguntou novamente. —Parece que esta seria a maneira mais eficiente de determinar se ela é esposa de um professor.

—É improvável que Gorely seja seu verdadeiro nome—, explicou a Sra. Carruthers oficiosamente. —Eu não consigo pensar que uma dama que permitiria que seu nome fosse colocado em uma novela.

—Se não é seu verdadeiro nome, — Annabel perguntou, —então o autógrafo sequer tem valor?

Isto foi recebido com silêncio.

—Além disso, — Annabel continuou, —como você sabe que é a assinatura dela? Eu poderia ter assinado o nome na contra capa.

A Sra. Carruthers olhou para ela. Annabel não poderia dizer se estava horrorizada com suas perguntas ou simplesmente aborrecida. Depois de um momento a velha virou-se decididamente para o Sr. Grey e disse:

—Caso o senhor se depare com outro conjunto autografado, ou até mesmo um único livro, por favor, efetue a compra e saberei recompensá-lo.

—Será um prazer—, ele murmurou.

A Sra. Carruthers assentiu e se afastou. Annabel a viu partir, então disse:

—Eu não acho que me encantei com ela. —Não—, ele concordou.

—Eu pensei que minha pergunta sobre o valor da assinatura fosse pertinente—, disse ela com um encolher de ombros.

Ele sorriu.

—Estou começando a entender sua obsessão com as pessoas dizendo o que eles realmente querem dizer.

—Não é uma obsessão—, protestou ela.

Ele ergueu uma sobrancelha. O movimento foi escurecido por seu tapa-olho, mas de alguma forma ainda mais instigante.

—Não é, — Annabel insistiu. —É senso comum. Basta pensar em todos os mal-entendidos que poderiam ser evitados se as pessoas simplesmente falassem uns aos outros em vez de dizer a uma pessoa que pode dizer a outro que pode dizer a outro, que pode...

—Você está confundindo duas questões—, ele a cortou — Uma é prosa enrolada, a outra é apenas fofoca.

—Ambas são igualmente insidiosas.

Ele olhou para ela com um ar vagamente condescendente. —Você é muito dura com seu companheiro, Senhorita Winslow. Ela se irritou.

—Eu não acho que isso é pedir demais. Ele balançou a cabeça lentamente.

—Tudo igual, eu acho que poderia ser um pouco se meu tio não tivesse dito o que quis dizer na quarta-feira a noite.

Annabel engoliu, sentindo-se um pouco enjoada. E, certamente, culpada.

—Creio que aprecio sua honestidade. Em um nível puramente filosófico, é claro. —Deu precisamente um meio sorriso. —Em termos práticos, no entanto, eu acho que sou mais bonito sem o tapa-olho.

—Sinto muito—, disse ela. Não era bem a coisa certa a dizer, mas foi o melhor que pode pensar. E pelo menos ele não estava errado.

Acenou ao pedido de desculpas.

—Todas as novas experiências são boas para a alma. Agora eu sei exatamente o que é levar um soco no rosto.

—Isso é bom para a sua alma?— Ela perguntou com ar de dúvida. Ele deu de ombros, olhando para a multidão.

—Nunca se sabe quando precisaremos saber como descrever alguma coisa.

Annabel achou esta declaração extremamente estranha, mas não disse nada.

—Além disso—, disse ele jovialmente, — se não fosse pelos mal-entendidos, seria lamentável deficiente a vasta literatura.

Ela olhou para ele interrogativamente. —Onde estariam Romeu e Julieta? —Vivos.

—É verdade, mas pense nas horas de entretenimento que o resto de nós teria perdido.

Annabel sorriu. Ela não podia evitar. —Prefiro comédias.

—Você? Acredito que sejam mais divertidas. Mas, então, ninguém nunca experimentará o

aumento da sensação de drama concedido pelas tragédias. —Ele se virou para ela com aquela expressão que ela estava começando a acostumar, com a máscara educada que ele usava para a sociedade, que o rotulou como um *Bon vivant* entediado, por mais paradoxo que fosse. E, de fato, ele soltou um suspiro ligeiramente afetado, antes de dizer: — O que seria da vida sem momentos sombrios?

—Bastante bela, eu acho. — Annabel considerou seu recente momento sombrio, nas mãos, ou melhor, patas, de Lord Newbury. Ela teria sido muito feliz por ter viver sem isso.

—Hmmm. — Isso foi tudo o que disse, ou melhor, hmmmmed. Annabel sentiu uma estranha necessidade de preencher o silêncio, então deixou escapar:

—Eu fui eleita a *Winslow Mais Provável de falar o que pensa*. Isso chamou a atenção dele.

—Sério?— Seus lábios tremeram. —E quem conta entre o eleitorado?

—Er, os outros Winslows. Ele riu.

—Há oito de nós—, explicou ela. —Dez com meus pais, bem, nove, agora que meu pai se foi, mas ainda assim, mais do que suficiente para uma votação decente.

—Sinto muito sobre seu pai—, disse ele.

Ela assentiu, esperando pelo familiar nó em sua garganta. Mas isso não aconteceu.

—Ele era um bom homem—, disse ela.

Ele balançou a cabeça em reconhecimento, então, perguntou: —Que outros títulos você ganhou?

Ela fez uma careta culpada.

—A *Winslow com maior probabilidade de adormecer na Igreja*. Ele riu alto com isso.

—Todo mundo está olhando—, ela sussurrou urgentemente. —Não me importo. No fim é tudo para o seu benefício.

Certo. Annabel sorriu sem jeito. Isso era tudo sobre sua atuação, não era?

—Mais alguma coisa?—, Perguntou ele. —Não que algo pudesse ser melhor que o anterior.

—Eu tirei em terceiro no *Winslow Mais Provável de ultrapassar um Peru*.

Ele não riu desta vez, mas pareceu exigir um grande esforço da sua parte.

—Você é uma garota do campo—, disse ele. Ela assentiu com a cabeça.

—É tão difícil superar um peru? —Não para mim.

—Continue—, insistiu ele. —Acho isso fascinante. —Está certo—, disse ela. —Você não tem irmãos.

—Uma falta da qual eu nunca estive tão desolado como essa noite. Somente em pensar nos títulos que eu poderia ter vencido.

—O Grey Mais Provável de embarcar em um navio pirata?—, Sugeriu, com um aceno de cabeça em direção ao tapa olho.

—Corsário, se não se importar. Eu sou muito refinado para a pirataria.

Ela revirou os olhos um pouco, então, ofereceu:

—Grey com maior probabilidade de se Perder em um Jardim? —Você é uma mulher cruel. Eu sabia onde estava o tempo todo.

Eu estava pensando em O Grey com maior probabilidade de ganhar uma fortuna nos Dardos.

—O Grey Mais Provável para abrir uma biblioteca?— Ela tentou. Ele riu.

—O Grey Mais Provável de estragar a Opera. Ela abriu a boca.

—Você canta?

—Eu tentei uma vez. — Ele se inclinou confidencialmente. —Foi um momento para nunca mais ser repetido.

—Provavelmente, sábio—, ela murmurou, — assumindo que você deseje manter seus amigos.

—Ou pelo menos, permitir que meus amigos mantenham sua audição.

Ela sorriu, começando a sentir-se tonta com a brincadeira. —O *Grey Mais Provável de escrever um livro!*

Ele congelou.

—Por que você disse isso?

—Eu... Eu não sei—, disse ela, perplexa com a reação dele. Ele não estava zangado, mas estava absolutamente sério.

—Eu acho que você tem jeito com as palavras. Uma vez eu não disse que era um poeta?

—Você?

—Antes de saber quem você era—, explicou. —No jardim. —Ah, certo. — Ele apertou os lábios, pensando.

—E você mostrou grande interesse em Romeu e Julieta. Na peça, isto é, não os personagens. Por essa razão você estava notavelmente indiferente.

—Alguém precisa ser insensível—, disse ele. —Bem colocado, — ela disse com um suspiro. — Eu tento.

Então se lembrou.

—Ah, e claro há a Sra. Gorely! —Há?

—Sim, você é um admirador. Eu realmente deveria ler um dos seus livros, — Annabel meditou.

—Talvez eu lhe dê um dos meus exemplares autografados.

—Oh não, você não deve fazer isso. Você deve reservar para os verdadeiros devotos. Eu nem sei se vou gostar. Lady Olivia parece não gostar.

—Sua prima gosta—, ressaltou.

—É verdade. Mas Luísa também gosta desses romances horríveis da Sra. Radcliffe, que, honestamente, eu não consigo aguentar.

—A Sra. Gorely é muito superior a Sra. Radcliffe, — ele disse com firmeza.

—Você já leu as duas?

—Claro que sim. Não há comparação.

—Hmmm. Bem, eu deveria dar uma chance. Julgar por mim mesma.

—Então vou lhe dar uma das minhas cópias autografadas.

—Você tem várias edições?— Meu Deus, ela não percebeu que ele era tão fã assim.

Ele deu de ombros.

—Eu tinha todos eles antes de encontrar o conjunto autografado. —Oh, é claro. Eu não tinha considerado. Muito bem, qual é o seu favorito? Vou começar com esse.

Ele pensou por um instante, depois disse, com um aceno de cabeça.

—Eu não poderia escolher. Eu gosto de coisas diferentes sobre cada um deles.

Annabel sorriu.

—Você soa como meus pais, sempre que exigíamos saber qual de nós amava mais.

—É muito semelhante, eu acho—, ele murmurou.

—Se você deu à luz um livro—, ela respondeu, apertando os lábios para não rir.

Mas ele não estava. Rindo, apesar de tudo. Ela piscou surpresa.

E então ele riu. Mais uma gargalhada, mas era estranho, porque era como se tivesse cinco segundos atrás da brincadeira, o que era contrário a ele. Não era?

—Francamente falando, Senhorita Winslow?—, Ele perguntou, com um sorriso seco transformando a pergunta em uma espécie de ternura.

—Sempre—, disse ela alegremente.

—Eu acho que você poderia... — Mas então ele parou.

—O quê?— Ela estava sorrindo quando disse isso, mas depois viu que ele estava olhando sobre sua cabeça, em direção à porta. E ele parecia triste.

Ela molhou os lábios nervosamente e engoliu. E virou. Lorde Newbury havia entrado no salão.

—Ele parece com raiva, — ela sussurrou.

—Ele não tem direito sobre você, — O Sr. Grey replicou.

—Nem você, — ela disse suavemente. Olhou para a porta lateral, que levava a sala de descanso das damas. Mas o Sr. Grey colocou a mão em seu pulso e segurou firme.

—Você não pode fugir—, disse ele. —Se fizer isso, todo mundo irá supor que fez algo errado.

—Ou,— ela devolveu, odiando a onda de pânico que a estava invadindo—, eles podem olhá-lo e pensar que qualquer mulher jovem e sadia dariam a ele um amplo ancoradouro.

Mas é claro que eles não iriam. E ela sabia disso. Lorde Newbury estava caminhando em direção a eles com dura intenção, e a multidão se afastava rapidamente para permitir a passagem. Separavam-se e depois se juntavam, é claro, em direção a Annabel. Se não ocorreria uma cena, ninguém queria perder.

—Eu estarei bem aqui do seu lado—, disse o Sr. Grey baixinho. Annabel assentiu. Foi incrível — e assustador—quanto conforto isso deu a ela.

## CAPÍTULO 16



—Tio, — disse Sebastian jovialmente, visto que há muito tempo ele aprendeu que era o tom mais eficaz de empregar —, que maravilha vê-lo novamente. Embora eu deva dizer tudo parece diferente através de apenas um olho. —Ele sorriu maliciosamente. —Até mesmo você.

Newbury o olhou severamente, depois se virou para Annabel. —Senhorita Winslow.

—Milorde. — Ela fez uma reverência. —Teremos a próxima dança.

Era uma ordem, não um pedido. Sebastian enrijeceu, à espera da resposta incisiva de Annabel, mas ela simplesmente engoliu em seco e assentiu. Ele achou compreensível. Ela tinha pouco poder contra um conde e Newbury sempre foi uma imponente presença, imperioso. Ela provavelmente tinha seus avôs para atender, também. Eram amigos de Newbury, ela não poderia envergonhá-los, recusando uma simples dança.

—Certifique-se de trazê-la de volta ao meu lado—, disse Sebastian, dando ao tio um sorriso de lábios fechados completamente falso.

Newbury retornou a atitude com um olhar gelado e neste mesmo instante Sebastian soube que havia cometido um erro terrível. Nunca deveria ter tentado restaurar a posição de Annabel. Ela teria estado muito melhor sendo uma proscrita. Poderia ter voltado à vida no campo, encontrar um fidalgo rural que falasse tão francamente quanto ela, e viver satisfeita para sempre.

A ironia era quase demais para suportar. Todos achavam que Sebastian havia ido atrás dela, porque seu tio a queria, mas a verdade acabou por ser exatamente o oposto.

Newbury tinha lavado as mãos dela. Até assumiu que Sebastian poderia realmente estar falando sério. E agora ele a queria mais do que nunca.

Sebastian pensou que poderia haver um limite para o quanto seu tio o odiava, mas aparentemente não.

—A senhorita Winslow e eu temos um entendimento—, afirmou Newbury.

—Você não acha que cabe a senhorita Winslow decidir?— Sebastian disse despreocupadamente.

Os olhos de seu tio dilataram, e por um momento Sebastian pensou que ele poderia tentar agredi-lo novamente, mas Newbury não foi pego de surpresa desta vez e ele deve ter tido um melhor domínio sobre seu temperamento, porque simplesmente cuspiu:

—Você é um impertinente.

—Simplesmente me esforço em restabelecê-la ao seio da sociedade—, Sebastian disse suavemente. Acusadoramente. Se de fato Newbury teve um entendimento com ela, nunca deveria tê-la deixado aos lobos.

Com isso, o olhar de Newbury caiu para o seio de Annabel. Sebastian sentiu-se mal.

Newbury olhou para cima, seus olhos brilhando com o que só poderia ter sido descrito como o orgulho de propriedade.

—Você não tem que dançar com ele—, disse Sebastian tranquilamente. Pendure os avôs dela, pendure todas as expectativas da sociedade. Nenhuma dama deve ter que dançar com um homem que olhe para ela desta maneira em público.

Mas Annabel apenas olhou para ele com os olhos mais tristes e disse:

—Eu acho que devo.

Newbury deu um sorriso triunfante, pegou-a pelo braço e a levou embora.

Sebastian assistiu, queimando por dentro, odiando esse sentimento, odiando que todo mundo estivesse olhando para ele, esperando para ver o que ele faria.

Ele havia perdido. De alguma forma, ele havia perdido. Ele se sentiu perdido, também.

### *À tarde do dia seguinte*

Visitantes. Annabel era atormentada por eles.

Agora que tanto Lorde Newbury quanto o Sr. Grey pareciam estar interessado nela, toda a sociedade sentiu a necessidade de vê-la por si mesmos. Não parecia importar que estas mesmas pessoas a tivessem, visto no começo da semana quando ela era algo de causar pena.

No início da tarde, Annabel estava desesperada para escapar, por isso ela inventou uma história ridícula sobre a necessidade de um chapéu da cor exata do vestido lavanda novo e sua avó, finalmente, acenou com a mão e disse:

—Fora daqui! Não posso ouvir nem mais um instante de sua tolice. Que Annabel nunca antes demonstrou tal ardor para a moda, não pareceu preocupá-la. Nem tampouco notou que, para alguém que estava tão obcecado com o matiz apropriado, Annabel não viu necessidade de realmente levar o vestido com ela para a modista.

Então, novamente, Lady Vickers voltou a ficar absorta em seu jogo de paciência, e ainda mais em sua garrafa de conhaque. Annabel provavelmente poderia ter amarrado um cocar de índio na testa e ela não diria uma palavra.

Annabel e sua camareira doméstica, Nettie, seguiram para a Bond Street, tomando os caminhos menos movimentados ao destino. Annabel teria ficado na rua menos movimentada completamente, se isso fosse possível. Mas ela não poderia voltar sem algo novo que pudesse ser colocado em sua cabeça, então ela se arrastou, esperando que o ar pudesse ajudá-la a clarear os pensamentos.

Não conseguiu, é claro, e a multidão na Bond Street só piorou a situação. Todo mundo parecia ter saído nesse dia e Annabel foi empurrada e espremida, enlouquecida pelo burburinho das conversas e os relinchos dos cavalos na rua. Estava muito quente, também e ela sentiu como se não houvesse ar suficiente ao redor.

Ela estava presa. Lorde Newbury havia deixado bem claro na noite anterior que ainda planejava se casar com ela. Era apenas uma questão de tempo antes que ele tornasse sua intenção oficial.

Ela ficou tão aliviada quando parecia que ele havia decidido que não a queria. Ela sabia que sua família precisava de dinheiro, mas se ele não pedisse sua mão, ela não teria de dizer sim. Ou não.

Ela não teria que se comprometer com um homem que achava repulsivo. Ou recusá-lo e viver para sempre com a culpa de seu próprio egoísmo.

Para piorar a situação, recebeu uma carta naquela manhã de sua irmã. Mary era a mais velha depois de Annabel e elas sempre foram próximas. De fato, se Mary não tivesse padecido de uma doença pulmonar na primavera, ela teria ido a Londres também.

—Duas pelo preço de uma, — Lady Vickers havia dito, quando a princípio ofereceu para apresentar as meninas. —Tudo é mais barato assim.

A carta de Mary era alegre e brilhante, cheia de novidades de casa, da aldeia, da assembléia local e do melro que, de alguma forma ficou preso na igreja, agitado e, eventualmente, indo empoleirar-se na cabeça do vigário.

Foi fascinante, e isso fez Annabel sentir tão intensamente saudades de casa que mal podia suportar. Só que não foi tudo o que estava na carta de Mary. Havia pequenos pedaços sobre economizar e de mamãe teve que deixar a governanta ir, a embaraçosa ceia de duas semanas atrás, quando o baronete local e a esposa apareceram sem aviso prévio, e havia apenas um tipo de carne na mesa.

O dinheiro estava acabando. Mary não disse isso em tantas palavras, mas estava lá, claro como o dia. Annabel soltou um suspiro profundo e triste enquanto pensava na irmã. Mary estava, provavelmente, sentada em casa, imaginando que Annabel estava atraindo a atenção de um nobre arrojado, bonito e incrivelmente rico. Ela o levaria para casa, resplandecente de felicidade e ele regaria todos com dinheiro até que seus problemas estivessem resolvidos.

Em vez disso, Annabel tinha um extremamente rico, incrivelmente horrível, nobre, e

provavelmente um pobre, incrivelmente belo, libertino. Quem a fazia sentir...

Não. Ela não podia pensar nisso. Não importava o que o Sr. Grey a fazia sentir, porque o Sr. Grey não pretendia lhe oferecer casamento, e mesmo se fizesse, ele quase não possuía meios para ajudá-la a sustentar a família. Annabel normalmente não dava atenção a esse tipo de fofoca, mas pelo menos doze dos dezoito visitantes que ela suportou naquela manhã consideraram útil assinalar que ele não tinha onde cair morto. Sem mencionar o resultado que veio após a briga no White's.

Todos tinham a sua própria opinião sobre o Sr. Grey, isso parecia, mas a única coisa que todos concordavam era que ele não possuía grande riqueza. Ou na verdade, riqueza nenhuma.

E mesmo assim, ele não havia feito proposta alguma. Tampouco pretendia.

Com o coração pesado, Annabel virou a esquina na Brook Street, permitindo Nettie tagarelar sobre o chapéu extravagantemente cheio de plumas que tinha visto em uma vitrine na Bond Street. Ela estava cerca de seis casas próxima a sua casa quando avistou uma grande carruagem se aproximando na outra direção.

—Espere—, disse ela, colocando uma mão para parar Nettie.

A criada a olhou de soslaio, mas parou. E ela se aquietou.

Annabel viu com pavor como Lorde Newbury descia à calçada e marchava até os degraus. Não poderia haver dúvida quanto à razão pela qual ele estava lá.

—Oh! Senhorita...

Annabel virou-se para Nettie, percebendo que ela estava segurando o braço da pobre moça como um torno.

—Sinto muito—, disse com pressa, soltando-a em seguida, — mas eu não posso ir para casa. Ainda não.

—Você quer um chapéu diferente?— Nettie olhou para o pacote que estava carregando. —Havia aquele com as uvas, mas eu o achei muito escuro.

—Não. Eu... Eu... Eu não posso ir para casa. Ainda não. — Totalmente em pânico, Annabel agarrou a mão de Nettie e a puxou de volta para o caminho tinham vindo, nem mesmo fez uma pausa para respirar até que estavam fora da vista da Vickers House.

—O que foi isso?— Nettie perguntou, sem fôlego.

—Por favor—, suplicou Annabel. —Por favor, não pergunte—. Ela olhou ao redor. Ela estava em uma rua residencial. Não podia ficar ali a tarde toda. —Eh, vamos... — Ela engoliu em seco. Onde poderiam ir? Não queria voltar para a Bond Street. Tinha acabado de vir de lá, e certamente

alguém que a tinha visto ainda estaria lá para notar a sua reaparição. —Vamos comprar um doce!—, Disse, muito alto. —É justamente o necessário. Você não está com fome? Eu estou faminta. Você não?

Nettie a olhou como se ela tivesse enlouquecido. E talvez ela tivesse. Annabel sabia o que tinha de fazer. Sabia há mais de uma semana. Mas não queria fazê-lo naquela tarde. Seria pedir muito?

—Vamos—, disse Annabel com urgência. —Há uma loja de doces em... — Onde?

—Em Clifford Street?— Nettie sugeriu.

—Sim! Sim, eu acho sim. —Annabel apressou o passo, mal olhando para onde estava indo, tentando segurar as lágrimas que ardiam em seus olhos. Ela teve de se dominar. Não podia entrar em um estabelecimento, mesmo em uma loja de doces humildes, dessa maneira. Ela precisava tomar um fôlego, e se acalmar, e...

—Oh, Senhorita Winslow!

Annabel congelou. Meu Deus, ela não queria falar com ninguém. Por favor, não agora.

—Senhorita Winslow!

Annabel respirou fundo e se virou. Era Lady Olivia Valentim, sorrindo para ela enquanto entregava alguma coisa para a própria empregada e andava para frente.

—Como é bom ver você—, disse Olivia animadamente, — eu ouvi... Oh, Senhorita Winslow, qual o problema?

—Não é nada, — Annabel mentiu. —Eu só...

—Não, claramente aconteceu algo—, disse Olivia com firmeza. — Aqui, venha comigo. — Ela pegou o braço de Annabel e a puxou para trás alguns passos. —Esta é minha casa—, informou ela. —Você pode descansar aqui.

Annabel não argumentou grata por ter um lugar aonde ir, grata de ter alguém para lhe dizer o que fazer.

—Você precisa de chá—, disse Olivia, deixando-a em uma sala de estar. —Eu preciso de chá só de olhar para você. — Ela chamou por uma criada e ordenou o serviço de chá, então se sentou ao lado dela, tomando uma das mãos Annabel entre as suas. —Annabel—, disse ela. —Posso chamá-la de Annabel?

Annabel assentiu.

—Existe algo que eu possa fazer para ajudá-la? Annabel balançou a cabeça.

—Eu gostaria que você pudesse.

Olivia mastigou nervosamente o lábio inferior e então perguntou, com a voz cuidadosa.

—É meu primo? Será que Sebastian fez alguma coisa?

—Não!— Annabel exclamou. —Não. Não. Não, por favor, ele não fez. Ele tem sido todo amável e generoso. Se não fosse por ele... —Ela balançou a cabeça novamente, mas fez muito rapidamente e a estremeceu tanto que ela teve que colocar a mão na testa. —Se não fosse pelo Sr. Grey—, disse ela, quando ela sentiu estabelecida suficientemente para falar de maneira uniforme, — Eu deveria ser um pária.

Olivia balançou a cabeça lentamente.

—Então eu só posso supor que é Lorde Newbury.

Annabel assentiu com a cabeça. Olhou para o regaço, para suas mãos, uma ainda agarrada a de Olivia, a outra fechada em um punho.

—Estou sendo muito boba e muito egoísta. — Ela respirou fundo e tentou limpar a garganta, mas saiu como um terrível som asfixiante. O som foi feito antes do choro. —Eu não... Quero...

Ela não terminou a frase. Ela não precisava. Ela viu a pena nos olhos de Olivia.

—Ele pediu então, — Olivia disse suavemente.

—Não. Ainda não. Mas ele está na casa dos meus avôs agora. Eu vi seu carro. Eu o vi chegar — Ela olhou para cima. Não queria pensar sobre o que Olivia poderia ver em seu rosto, nos olhos dela, mas sabia que não poderia falar para seu regaço para sempre. —Eu sou uma covarde. Eu o vi e corri. Apenas pensei que, se não voltar para casa, então ele não pode me pedir em casamento e então eu não posso dizer que sim.

—Você não pode dizer não?

Annabel sacudiu a cabeça, completamente derrotada.

—Não—, disse ela, perguntando por que parecia tão exausta. — Minha família... Nós precisamos... — Ela engoliu, fechando os olhos contra a dor. —Depois que meu pai morreu, foi muito difícil, e...

—Está tudo bem—, disse Olivia, parando-a com um aperto suave de suas mãos. —Eu entendo.

Annabel sorria em meio às lágrimas, tão grata pela bondade dessa mulher, e ainda assim não conseguia parar de pensar que ela não conseguia entender. Não Olivia Valentim, com seu marido amoroso e rico, e pais nobres. Ela não poderia saber a pressão que estava caindo sobre os ombros de Annabel, o conhecimento de que ela poderia salvar sua família e tudo o que tinha que fazer era desistir de si mesma.

Olivia soltou um longo suspiro.

—Bem, — ela disse de forma eficiente — podemos atrasar tudo por um dia, pelo menos. Você pode permanecer aqui durante a tarde. Eu gostaria de companhia.

—Obrigada—, disse Annabel.

Olivia afagou-lhe a mão e depois parou. Ela andou até a janela e olhou para fora.

—Você não pode ver a casa dos meus avôs daqui—, disse Annabel. Olivia se virou, sorrindo.

—Eu sei. Eu só estava pensando. Eu tenho alguns dos meus melhores pensamentos nas janelas. Talvez eu dê uma caminhada em uma hora ou mais. Para ver se a carruagem do conde ainda está na frente da Vickers House.

—Você não deve—, disse Annabel. —Sua condição...

—Não me impede de caminhar—, Olivia terminou com uma expressão insolente. —Na verdade, eu deveria aproveitar o ar. Eu estou horrível para os três primeiros meses e de acordo com a minha mãe, provavelmente será ruim para os últimos três, então é melhor eu aproveitar esse meio tempo.

—É a melhor parte da gravidez, — Annabel confirmou.

Olivia inclinou a cabeça para o lado, dando Annabel um olhar interrogativo.

—Eu sou a mais velha de oito. Minha mãe passou quase toda minha juventude grávida.

—Oito? Céus. Eu sou única de três.

—É por isso que Lorde Newbury pretende se casar comigo—, Annabel disse categoricamente. —Minha mãe era uma de sete. Meu pai, um de dez. Sem mencionar que, segundo boatos, eu sou tão fértil que os pássaros cantam quando me aproximo.

Olivia fez uma careta. —Você ouviu isso. Annabel revirou os olhos. —Até achei engraçado.

—É bom que você tenha senso de humor sobre isso.

—É preciso, — Annabel disse com um encolher de ombro fatalista. —Se não, então... — Ela suspirou incapaz de terminar a declaração. Era muito deprimente.

Ela desmoronou, deixando o olhar cair sobre a curva ornamentada do pé de uma mesa de apoio próxima. Olhou-a até que ficou impreciso então dividido em dois. Seus olhos devem ter ficado vesgos. Ou ela poderia estar ficando cega. Talvez se ela ficasse cega então Lorde Newbury não a quisesse mais. Alguém poderia ficar cego, mantendo os olhos vesgos por alguns dias?

Talvez. Poderia valer à pena tentar. Ela inclinou a cabeça para o lado.

—Annabel? Senhorita Winslow? Você está bem?

—Estou bem—, disse Annabel automaticamente, ainda olhando para a mesa.

—Ah, o chá está aqui!— Olivia exclamou claramente aliviada por quebrar o silêncio constrangedor. —Aqui estamos. — Ela se sentou e colocou a xícara em um pires. —Como você toma o seu?

Annabel relutantemente tirou os olhos da mesa e piscou, permitindo aos olhos voltarem ao normal.

—Leite, por favor. Sem açúcar.

Olivia esperou o chá terminar de macerar, conversando sobre isto e aquilo e nada em particular. Annabel estava feliz, não, grata por apenas sentar e ouvir. Ouviu sobre a cunhada de Olivia, que não gostava muito de vir à cidade, e seu irmão gêmeo, que era (em dias ímpares), a cria do diabo. Em dias pares, Olivia disse, seus olhos piscaram para o céu, — Eu admito que o amo.

Enquanto Annabel bebia o líquido quente, Olivia contou a ela sobre o trabalho do marido.

—Ele costumava traduzir documentos horríveis. Terrivelmente aborrecidos. Poderíamos pensar que os documentos para o Ministério da Guerra estariam cheios de intrigas, mas confie em mim, não é o caso.

Annabel bebeu e balançou a cabeça, bebeu e acenou.

—Queixa-se sobre os livros da Gorely o tempo todo—, Olivia continuou. —A escrita é realmente terrível. Mas acho que ele secretamente ama traduzi-los. —Olhou para cima, como se tivesse acabado de pensar em algo. —Na verdade, ele tem de agradecer a Sebastian pelo trabalho.

—Sério? Como foi isso?

Olivia abriu a boca, mas somente vários segundos depois que ela realmente falou:

—Honestamente, eu não sei bem como descrever isso. Mas Sebastian fez uma leitura para o príncipe Alexei. Quem eu acredito você conheceu na noite passada.

Annabel assentiu. Então, franziu o cenho. —Ele fez uma leitura?

Olivia parecia como se ainda não conseguisse acreditar.

—Foi notável. — Ela balançou a cabeça. —Eu ainda não consigo acreditar. Ele deixou as criadas chorando.

—Oh, Deus. — Ela realmente precisa ler um desses livros da Gorely.

—De qualquer forma, o príncipe Alexei caiu de amores pela história. Senhorita Butterworth e o Barão Louco. Ele pediu a Harry para traduzi-lo de forma que seus compatriotas pudessem ler também.

—Deve ser uma boa história. —Ah, é. Morte por pombos. Annabel engasgou com o chá. —Você

está brincando.

—Não. Juro para você, a mãe da Senhorita Butterworth é bicada até a morte por pombos. E isso, depois da pobre mulher, ser o único membro da família, com exceção da Senhorita Butterworth, é claro, a sobreviver à praga.

—A peste?— Annabel perguntou de olhos arregalados.

—Oh, não, desculpe, era a varíola. Eu gostaria que tivesse sido peste.

—Preciso ler um desses livros—, disse Annabel.

—Eu posso lhe dar um. — Olivia depositou o chá e ficou de pé, andando pela sala. —Temos muitos exemplares aqui. Harry, às vezes, marca as páginas, por isso tivemos de comprar vários. — Ela abriu um pequeno armário e inclinou-se para olhar dentro. —Oh, querida, eu esqueci que eu estou ficando um pouco pesada.

Annabel começou a levantar-se. —Você precisa de ajuda?

—Não, não. — Olivia soltou um pequeno gemido quando se endireitou. —Aqui estamos. Senhorita Sainsbury e o Coronel Misterioso. Eu acredito que foi o livro de estreia da Sra. Gorely.

—Obrigada. — Annabel pegou o livro e o olhou, passando os dedos sobre as letras douradas na frente. Abriu a primeira página e leu a introdução.

*A luz obliqua da alvorada estava ondulando através da vidraça e a Senhorita Anne Sainsbury amontoada sob o cobertor puído, imaginando como sempre fazia como iria conseguir dinheiro para a próxima refeição. Ela olhou para o fiel collie, deitado em silêncio sobre o tapete ao lado da cama, e ela sabia que havia chegado o momento de tomar uma decisão importante. A vida de seus irmãos dependia disso.*

Ela fechou o livro com força.

—Há algo de errado?— Olivia perguntou.

—Não, simplesmente... Nada— Annabel bebeu mais chá. Ela não tinha certeza se queria ler sobre uma menina de deveria tomar decisões importantes, naquele momento. Especialmente aquela que tinha irmãos e irmãs dependendo dela. —Acho que vou ler mais tarde—, disse.

—Se você quiser ler agora eu ficarei mais do que feliz em deixá-la em paz—, disse Olivia. — Ou eu poderia acompanhá-la. Ainda estou na metade do jornal de hoje.

—Não, não. Vou começar esta noite. —Ela sorriu pesarosamente. —Será uma distração bem-vinda.

Olivia começou a dizer algo, mas justo então ouviu alguém entrando pela porta da frente.

—Harry?— Olivia gritou. —Só eu, receio eu.

Annabel congelou. Era o Sr. Grey.

—Sebastian!— Olivia gritou, olhando nervosa para Annabel. Annabel sacudiu a cabeça freneticamente. Ela não queria vê-lo.

Não agora, quando estava se sentindo tão frágil.

—Sebastian, eu não estava esperando por você—, disse Olivia, correndo em direção à porta da sala.

Ele entrou, inclinando-se para beijar a bochecha dela. —Desde quando você me aguarda ou não?

Annabel se encolheu no sofá. Talvez ele não a visse. Seu vestido era azul, quase o mesmo tom que o sofá. Talvez ela se confundisse. Talvez ele estivesse cego por ter apertado os olhos por alguns dias. Talvez...

—Annabel? Senhorita Winslow? Ela sorriu debilmente.

—O que você está fazendo aqui?— Ele caminhou rapidamente toda a sala, a testa franzida de preocupação. —Há algo errado?

Annabel sacudiu a cabeça, incapaz de falar. Ela pensou que estivesse sob controle. Tinha rido com Olívia, pelo amor de Deus. Mas um olhar para o Sr. Grey e tudo o que ela tentou tão duramente manter no fundo retornou a superfície, pressionando atrás dos olhos, apertando a garganta.

—Annabel—, ele perguntou, ajoelhando-se diante dela. Ela começou a chorar.

## CAPÍTULO 17



Sebastian viu Annabel apenas uma vez na noite anterior depois dela dançar com seu tio. Seus olhos estavam fechados e ela parecia deprimida, mas não havia nada que pudesse predizer isso. Ela estava chorando como se o mundo estivesse prestes a cair sobre os ombros dela.

Seb sentiu como se tivesse recebido um soco no estômago.

—Bom Deus—, disse ele, virando-se para Olívia. —O que aconteceu com ela?

Olívia apertou os lábios e não disse nada. Ela simplesmente inclinou a cabeça para Annabel. Seb teve a impressão de que ele tinha acabado de ser repreendido.

—Não é nada, — Annabel soluçou.

—Não é nada—, disse ele. E olhou para Olivia novamente, dando um urgente e irritado olhar.

—Não é nada—, Olivia confirmou. Seb praguejou em voz baixa.

—O que Newbury fez?

—Nada—, Annabel disse, abanando a cabeça. —Ele não fez nada... Por que... Por que...

Sebastian engoliu, não gostando da sensação incômoda que estava surgindo em sua barriga. Seu tio não tinha uma reputação de infâmia ou a crueldade, mas nem mulher alguma teve motivos para chamá-lo de gentil. Newbury era o tipo que infligia dor por descuido, ou mais precisamente, por egoísmo. Ele tomava o que queria, porque achava que merecia. Se as suas necessidades entrassem em conflito com alguém, sinceramente, ele não se importava muito.

—Annabel—, disse ele, — você tem que me dizer o que aconteceu. Mas ela ainda estava chorando, engolindo com grande dificuldade e seu nariz...

Ele entregou o lenço dele.

—Obrigada—, ela pegou e usou. Duas vezes.

—Olivia—, ele redarguiu, girando de frente para ela, — você vai me dizer o que diabos está acontecendo?

Olívia aproximou-se e cruzou os braços, olhando justamente como só uma mulher poderia.

—A senhorita Winslow acredita que seu tio está prestes a propor-lhe casamento.

Ele soltou um longo suspiro. Ele não ficou surpreso. Annabel era tudo que o tio queria em uma

noiva, ainda mais agora que ele pensava que Sebastian a queria também.

—Aqui agora—, disse ele, tentando ser reconfortante. Ele pegou uma das mãos dela e apertou. —Tudo vai dar certo. Eu estaria chorando também, se ele me pedisse para casar com ele.

Ela olhou como se fosse rir, mas depois apenas chorou novamente. —Você não pode dizer não? —, Perguntou ele. —Ela não pode dizer não?—, Ele perguntou a Olivia. Olivia cruzou os braços. —O que você acha?

—Se eu soubesse o que pensar, dificilmente teria perguntado, não é?—, Ele cuspiu, ficando de pé.

—Ela é a mais velha de oito irmãos, Sebastian. Oito!

—Pelo amor de Deus—, ele explodiu —, você vai dizer o que você pretende?

Annabel olhou para cima, momentaneamente silenciada.

—Agora entendo seus sentimentos com precisão—, ele disse a ela. —Não há dinheiro sobrando —, Annabel disse em voz baixa. —

Minhas irmãs não têm governanta. Meus irmãos serão enviados de volta para casa.

—E seus avôs?— Certamente Lorde Vickers tinha dinheiro suficiente para pagar as poucas contas da escola.

—Meu avô não falou com minha mãe por 20 anos. Ele nunca a perdoou por ter se casado com meu pai. —Ela parou por um instante, num suspiro bem profundo e, em seguida, usando o lenço. —Ele só me trouxe porque a minha avó insistiu. E ela só fez isso por que... Bem, eu não sei por quê. Acho que ela pensou que seria divertido.

Seb olhou para Olívia. Ela ainda estava ali de pé com os braços cruzados, olhando um pouco como uma mãe guerreira super-protetora.

—Desculpe-me—, disse a Annabel, e então segurou o pulso de Olívia e a arrastou através da sala. —O que quer que eu faça?—, Ele assobiou.

—Eu não sei do que você está falando.

—Pare de brincadeiras. Você esteve me encarando desde que eu cheguei.

—Ela está chateada!

—Eu posso ver isso—, disparou.

Ela cutucou-o no peito. —Bem, então, faça algo.

—Não é minha culpa!— E não era. Newbury queria Annabel muito antes de Sebastian ter se

envolvido no caso. Ela provavelmente estaria exatamente na mesma posição se Seb nunca a tivesse conhecido.

—Ela precisa se casar, Sebastian. Oh, pelo amor de Deus.

—Você está sugerindo que eu proponha?—, Ele perguntou, sabendo muito bem que era o que ela estava sugerindo. —Eu a conheço apenas a uma semana.

Ela olhou para ele como se ele fosse um canalha completo. Inferno, ele se sentia como um. Annabel estava sentada do outro lado da sala, chorando em seu lenço. Um homem teria que ter um coração de pedra para não querer ajudá-la.

Mas casamento? Que tipo de homem casava com uma mulher que conhecia há... Quanto tempo? Oito dias? A sociedade podia pensar que ele tolo e leviano, mas isso era só porque ele gostava que fosse assim. Ele cultivou essa imagem por que... Por que... Bem, inferno, ele não estava certo porque fez isso. Talvez só porque o divertia também.

Mas ele pensou que Olívia o conhecia bem.

—Eu gosto da senhorita Winslow, — ele sussurrou. —Eu gosto. E lamento que ela esteja nessa situação medonha. Deus sabe, eu sei mais do que ninguém que deve ser uma existência miserável, viver com Newbury. Mas não posso fazer nada. Também não é problema meu.

Os olhos de Olívia o fulminaram, cheios de desapontamento.

—Você se casou por amor—, ele lembrou.

A mandíbula dela mexeu e ele sabia que tinha obtido um sucesso. Ele não sabia, contudo, ao certo por que se sentiu tão culpado por isso. Ainda assim, ele não podia parar agora.

—Você me negaria o mesmo?—, Perguntou ele. Exceto...

Ele olhou para Annabel. Ela estava olhando tristemente para fora da janela. Seu cabelo escuro estava começando a se soltar dos grampos e um cacho frouxo tinha feito seu caminho de volta para baixo, revelando a extensão a alguns centímetros abaixo dos ombros.

Seria maior quando estivesse molhado, ele pensou distraidamente. Mas ele nunca iria vê-lo molhado.

Ele engoliu em seco.

—Você está certo—, disse Olivia de repente. —O quê?— Ele olhou para ela, piscando.

—Você está certo—, disse ela novamente. —Foi injusto da minha parte esperar que você se precipitasse e a salvasse. Ela não é a primeira menina em Londres, a se casar com alguém que não gosta.

—Não. — Ele olhou para ela, desconfiado. Será que ela estava tramando alguma coisa? Ela deveria estar. Ou não. Droga. Ele odiava quando não conseguia ler uma mulher.

—Não é como se você pudesse salvar a todos.

Ele balançou a cabeça, mas sem muita convicção.

—Muito bem—, disse Olivia vivazmente. —Nós podemos salvá-la por esta tarde, pelo menos. Eu lhe disse que pode permanecer até a noite. Certamente Newbury irá perder a paciência antes disso e ir para casa.

—Ele está na casa dela agora?

Ela deu um breve aceno de cabeça.

—Ela estava voltando para casa depois de ir... Bem, não sei de onde. Compras eu suponho. Ela o viu sair da carruagem.

—E ela está certa de que ele estava lá para fazer o pedido?

—Eu acho que ela não desejava permanecer tempo suficiente para descobrir—, Olivia respondeu sarcasticamente.

Ele balançou a cabeça lentamente. Era difícil se colocar no lugar de Annabel, mas ele supostamente teria feito o mesmo.

Olivia olhou para o relógio sobre a lareira. —Tenho um compromisso.

Isso ele não acreditou nem por um segundo, mas ainda assim disse:

—Eu ficarei com ela.

Olivia soltou um longo suspiro.

—Acho que vamos precisar enviar uma nota aos avôs. Eles vão sentir falta dela, em algum momento. Embora conhecendo sua avó, talvez não.

—Dizendo que você a convidou para uma visita—, sugeriu. —Eles não podem opor-se à relação — Olivia era uma das jovens damas mais populares de Londres, todos ficariam orgulhosos em tê-la acolhendo a filha ou neta sob sua asa.

Olivia assentiu e foi até Annabel. Sebastian serviu-se de uma bebida, e então, depois de virar em um só gole, serviu-se de outra. E uma para Annabel, também. Enquanto ele levava até ela, Olivia disse adeus e foi em direção à porta.

Ele estendeu a bebida.

—Ela tem um compromisso—, disse Annabel. Ele balançou a cabeça.

—Tome—, disse ele. —Você pode não querer. Mas precisa.

Ela pegou o copo, tomou um gole pequeno e baixou-o. —Minha avó bebe demais—,disse, com voz desoladoramente monótona.

Ele não disse nada, apenas sentou-se na cadeira mais próxima do sofá e fez algum tipo de som reconfortante. Ele não era bom com mulheres tristes. Ele não sabia o que dizer. Ou não.

—Ela não é uma bêbada ruim. Ela só fica um pouco boba.

—E amorosa?—, ele perguntou, com um sorriso peculiar. Foi um comentário muito inadequado, mas ele não podia suportar a tristeza nos olhos dela. Se ele pudesse fazê-la sorrir, valeria à pena.

E ela sorriu! Só um pouco. Mas, ainda assim, parecia uma vitória. —Ah, aquilo. — Ela cobriu a boca com a mão e balançou a cabeça.

—Sinto muito—, disse com muito tato. —Sinceramente, não sei quando me senti mais envergonhada. Nunca vi aquilo antes.

—Deve ser o meu encantador aspecto e belo rosto. Ela o olhou.

—Não vai dizer algo sobre minha modéstia e discrição?—, Ele murmurou.

Ela balançou a cabeça, o brilho começava a voltar aos seus olhos. —Eu nunca fui boa mentirosa.

Ele riu.

Ela tomou outro gole da bebida, então a baixou. Mas não a soltou. Seus dedos tamborilaram contra o vidro, traçando linhas rápidas perto da borda. Sua Annabel era inquieta.

Ele se perguntava por que isso o agradava. Ele não era assim. Sempre foi capaz de manter-se extraordinariamente parado. Provavelmente era por isso que ele era tão bom atirando. Na guerra às vezes ele tinha que ficar parado por horas em posição de atirador, esperando o momento ideal para puxar o gatilho.

—Eu só quero que você saiba... — ela começou.

Ele esperou. Fosse o que fosse que ela estava tentando dizer, não era fácil.

—Eu só quero que você saiba—, disse ela novamente, soando como se estivesse tentando reunir coragem —, que eu sei que isso não tem nada a ver com você. E eu não esperava...

Ele balançou a cabeça, tentando salvá-la de ter que fazer um discurso difícil.

—Calma, calma. Você não precisa dizer nada. —Mas Lady Olivia...

—Pode ser muito intrometida—, ele exclamou. —Vamos apenas, por agora, fingir que... —Ele se cortou. —É um livro da Gorely?

Annabel piscou e olhou para baixo. Ela parecia ter esquecido que estava em seu colo.

—Ah. Sim. Lady Olivia me emprestou. Ele estendeu a mão.

—Qual deles que ela te deu?

—Er... — Ela olhou para baixo. —Senhorita Sainsbury e o Coronel misterioso. — Ela entregou a ele. —Eu creio que você o leu.

—Claro. — Abriu o livro nas primeiras páginas. A luz oblíqua da madrugada, ele disse a si mesmo. Lembrou tão claramente de ter escrito essas palavras. Não, isso não era verdade. Lembrou de pensar nelas. Ele havia pensado em todo o início antes de escrever. Ele pensou sobre isso tantas vezes, editando em sua cabeça até que entendeu o jeito que queria.

Esse foi seu momento. Seu próprio ponto de divisão. Ele se perguntava se a vida de todos tinha um ponto de divisão. Um momento claro entre o antes e depois. Esse havia sido o dele. Naquela noite em seu quarto. Não tinha sido diferente de qualquer outra noite anterior. Ele não conseguia dormir. Não havia nada fora do comum a esse respeito.

Exceto por algum motivo, alguma razão inexplicável, miraculosa, ele começou a pensar em livros.

E então pegou uma caneta.

Agora ele estava no depois. Olhou para Annabel. Olhou para longe. Ele não queria pensar nela depois.

—Devo ler para você?—, Ele perguntou sua voz soando um pouco alta. Mas tinha que fazer algo para mudar a direção de seus pensamentos. Além disso, poderia animá-la.

—Tudo bem—, disse ela, os lábios formando um sorriso hesitante. —Lady Olivia disse que você é um leitor maravilhoso.

Não havia nenhuma maneira de Olivia ter dito isso. —Ela disse, não disse?

—Bem, não exatamente. Mas ela disse que fez as empregadas chorarem.

—De uma maneira boa—, garantiu ele.

Ela realmente deu uma risadinha. Sentia-se absurdamente feliz. —Aqui estamos nós—, disse ele. —Capítulo Um—. Ele pigarreou e continuou. —A luz oblíqua da alvorada estava ondulando através do vidro da janela e A Senhorita Anne Sainsbury estava deitada sob o cobertor puído, imaginando como ela sempre fazia como iria conseguir dinheiro para a próxima refeição.

—Eu posso imaginar precisamente a cena—, disse Annabel. Ele olhou com surpresa. E prazer.

—Você pode?

Ela assentiu com a cabeça.

—Eu costumava ser uma madrugadora. Antes de chegar a Londres. A luz é diferente na parte da manhã. É mais plana, creio eu. E mais dourada. Eu sempre pensei... —Ela mesma se interrompeu, inclinando a cabeça para o lado. As sobrancelhas juntas e franziu a testa. Foi uma expressão das mais adoráveis. Sebastian quase pensou que se ele olhasse com esforço suficiente, poderia realmente ver o pensamento dela.

—Você sabe exatamente o que quero dizer—, disse ela. —Eu?

—Sim. — Ela se endireitou, e seus olhos lampejaram com a lembrança. —Você disse isso. Quando eu o conheci na festa dos Trowbridge.

—O jardim—, disse ele com um suspiro. Parecia como uma lembrança, deliciosamente distante agora.

—Sim. Você disse algo sobre a luz da manhã. Você disse que... — Ela parou, corando furiosamente. —Esqueça.

—Devo dizer, agora realmente quero saber o que eu disse. —Oh... — Ela balançou a cabeça rapidamente. —Não.

—Annabel—, ele cutucou, gostando da forma como o nome dela parecia uma cadência musical.

—Você disse que gostaria de se banhar nela—, disse, as palavras saindo em uma única, mortificada pressa.

—Eu disse?— Estranho. Ele não se lembrava de ter dito isso. Às vezes, ele se perdia em seus próprios pensamentos. Mas isto soou como algo que ele diria.

Ela assentiu com a cabeça.

—Hmmm. Bem. Acho que eu faria.—Ele inclinou a cabeça na direção dela, do jeito que ele fazia com frequência quando estava prestes a fazer uma observação inteligente. —Muito embora, eu deveria querer alguma privacidade—.

—Claro.

—Ou talvez não muita privacidade, — ele murmurou. —Pare. — Mas ela não parecia ofendida. Não absolutamente.

Ele olhou para ela, quando ela pensava que ele não estava olhando. Ela estava sorrindo para si mesma, só um pouquinho. Suficiente para ele ver sua coragem, sua força. Sua capacidade de manter-se em linha reta no meio da adversidade.

Ele parou. Que diabos estava pensando? Tudo o que ela tinha feito era manter-se contra o seu

comentário picante. Isso dificilmente era semelhante à adversidade.

Ele precisava tomar cuidado, senão iria elevá-la a algo que não era. Era o que quase fazia todas as noites, enfurnado em seu quarto com papel e caneta. Criou personagens. Se permitisse que sua imaginação tirasse o melhor dele, ele a transformaria na mulher perfeita.

O que não era justo para nenhum dos dois. Ele limpou a garganta e fez sinal para o livro. —Devo continuar?

—Por favor.

—Ela olhou para seu fiel collie...

—Eu tenho um cachorro—, ela deixou escapar.

Ele a olhou surpreso. Não porque ela tivesse um cachorro. Ela parecia o tipo que teria. Mas ele não esperava outra interrupção tão rapidamente logo após a última.

—Você tem? —Um galgo. —Ele corre?

Ela balançou a cabeça. —Seu nome é Mouse.

—Você é uma mulher cruel, Annabel Winslow. —É um nome apropriado, tenho que dizer.

—Eu não acho que ele seria o vencedor no Winslow Mais Provável de Vencer uma competição de Peru.

Ela riu.

—Não.

—Você disse que ficou em terceiro—, ele a lembrou.

—Nós geralmente limitamos os candidatos aos da variedade humana. — Então acrescentou: — Dois dos meus irmãos são bastante ligeiros.

Ele pegou o livro novamente. —Quer que eu continue?

—Eu sinto falta do meu cão, — ela disse com um suspiro. Aparentemente não.

—Er, seus avôs não têm um?—, Perguntou ele. —Não. Há apenas o ridículo cão de caça de Louisa—. Ele lembrou o cão gordo que viu no parque.

—Ele era bem robusto.

Ela soltou um pequeno bufo.

—Quem coloca em um cachorro o nome de Frederick?

—Eh?— Ela estava pulando de um tópico a outro como um chapim.

Ela sentou-se um pouco mais ereta.

—Louisa colocou o nome no cão de Frederick. Você não acha isso ridículo?

—Não realmente, — ele admitiu. —Meu irmão se chama Frederick.

Ele não podia imaginar por que ela estava dizendo a ele tudo isso, mas parecia querer manter a mente fora de seus problemas, então ele a acompanhou.

—Será que Frederick um dos ligeiros?

—Na verdade ele é. Além disso, é o mais provável Winslow a não se tornar um vigário. —Ela sinalizou a si mesma com uma mão. —Eu certamente o teria derrotado, se as meninas não fossem desclassificadas por motivos religiosos.

—É claro—, ele murmurou. —Provavelmente adormecer na igreja e tudo isso. — Então, ocorreu a ele perguntar: — Você realmente fazia isso? Adormecer na igreja?

Ela soltou um suspiro cansado. —Toda... Semana.

Ele riu.

—Nós teríamos feito um bom par. —Você também?

—Oh, não. Eu nunca adormeci. Eu fui expulso por mau comportamento.

Ela se inclinou para frente, os olhos brilhando. —O que você fez?

Ele se inclinou para frente, sorrindo maliciosamente. —Eu nunca direi.

Ela recuou. —Isso não é justo.

Ele deu de ombros.

—Agora eu simplesmente não vou. —Nunca?

—Não. Para ser honesto, eu provavelmente iria cair no sono. —Ele também poderia. Os serviços religiosos eram muito mal cronometrados para as pessoas que não dormiam bem à noite.

Ela sorriu, mas havia algo de melancólico e então ela levantou-se. Ele começou a levantar também, mas ela levantou a mão.

—Por favor. Não por minha causa.

Sebastian assistiu enquanto ela andava até a janela, descansando a cabeça contra o vidro enquanto olhava para fora.

—Você acha que ele ainda está lá?—, Perguntou.

Ele não fingiu não saber exatamente do que ela estava falando. —Provavelmente. Ele é muito

tenaz. Se seus avôs disseram que esperam que você volte logo, ele irá esperar.

—Lady Olivia disse que poderia passar pela Vickers House após seu compromisso para ver se a carruagem dele está lá. — Ela virou, mas não chegou a olhar para ele quando disse, — Ela não tinha nenhum compromisso, não é?

Ele pensou em mentir. Mas ele não mentiu. —Eu acho que não.

Annabel balançou a cabeça lentamente e, em seguida seu rosto parecia se contorcer e tudo o que ele conseguia pensar era: Oh Deus, mais lágrimas não, porque ele não era bom com choro. Especialmente as lágrimas dela. Mas antes que pudesse pensar em alguma coisa adequadamente confortante para dizer, percebeu que...

—Você está rindo?

Ela balançou a cabeça. Enquanto ria. Ele chegou até ela.

—O que é tão engraçado?

—Sua prima, — ela gaguejou. —Acho que ela está tentando comprometê-lo.

Foi a coisa mais ridícula que ele ouviu. E era verdade.

—Oh, Annabel—, disse ele, caminhando na direção dela com a graça de um predador. —Eu estou comprometido há muito, muito tempo atrás.

—Eu sinto muito. — Ela ainda estava rindo. —Eu não queria dar a entender...

Sebastian esperou, mas o que quer que fosse que ela não queria dar a entender ficou perdido no fresco vendaval de risos.

—Oh!— Ela encostou-se na parede abraçando-se inclinada.

—Não foi tão engraçado—, ele disse. Mas ele estava sorrindo quando disse isso. Era impossível não sorrir enquanto ela estava rindo.

Ela tinha uma risada extraordinária.

—Não, não,— ela engasgou. —Não é isso. Eu estava pensando em outra coisa.

Ele esperou. Nada. Finalmente, ele disse: —Importaria de me dizer o quê?

Ela soltou um bufo de risada, talvez pelo nariz e bateu as duas mãos sobre a boca, ou melhor, sobre o rosto todo.

—Parece que você está chorando—, disse ele. —Eu não estou—, foi a resposta abafada.

—Eu sei. Só pensei em dizer no de caso chegar alguém e pense que eu a fiz chorar.

Ela espiou por entre os dedos. —Desculpe.

—O que é tão engraçado?— Porque realmente, até agora ele não sabia.

—Oh, é apenas... Na noite passada... Quando você estava falando com seu tio...

Ele encostou-se na parte de trás do sofá, esperando.

—Você disse que queria me reintroduzir ao seio da sociedade. —Não o mais elegante emprego da palavra, — ele permitiu.

—E tudo o que eu conseguia pensar era... — Ela olhou como se estivesse prestes a explodir de novo. —Eu não estou tão certa se gosto seio da sociedade.

—Não é meu seio favorito—, ele concordou, tentando duramente não olhar para o dela.

Isso só parecia fazê-la rir mais, o que a fez tremer bastante na área dos seios.

O que teve um grande efeito sobre algumas das áreas dele. Ele parou de se mover.

Ela cobriu os olhos de vergonha.

—Eu não posso acreditar que disse isso.

Ele parou de respirar. Ele só podia olhar para ela, olhar para os lábios, cheios e rosados, ainda suspenso em um sorriso.

Ele queria beijá-la. Ele queria beijá-la mais do que queria respirar. Queria beijá-la muito mais do que tinha sentido, porque se estivesse pensando de forma sensata, teria se afastado. Saído da sala. Ido tomar um banho muito frio.

Ao contrário, ele andou na direção dela. Colocou a mão sobre a dela, segurando-a gentilmente no local sobre os olhos.

Seus lábios se separaram e ele ouviu um suave sussurro do ar apressado. Se ela havia expirado ou engasgado, ele não sabia. Não se importava. Só queria seu hálito a sua respiração.

Ele se inclinou para frente. Lentamente. Ele não podia se apressar, não poderia arriscar perder um segundo. Queria lembrar-se disto. Queria cada momento passado queimado em sua memória. Ele queria saber o que era estar a dois centímetros de distância, e, em seguida, um, e então...

Ele tocou os lábios dela com os seus. Um toque, minúsculo, fugaz antes de mover-se para trás. Queria vê-la, para saber exatamente como ela era depois de um beijo.

Para saber exatamente como ela parecia ao esperar por outro. Enrolou os dedos nos dela e, lentamente, tirou a mão de seus olhos.

—Olhe para mim—, ele sussurrou.

Mas ela balançou a cabeça, mantendo os olhos fechados.

E então ele não podia esperar mais. Passou os braços em volta dela, puxando-a contra ele e trouxe os lábios dela aos dele. Mas foi muito mais do que um beijo. Suas mãos circundaram em volta e desceram até o traseiro dela e o apertou. Ele não sabia se estava tentando pressioná-la contra ele ou simplesmente divertir-se na exuberância daquele corpo.

Ela era uma deusa em seus braços, suave e suntuosa, e ele queria senti-la, cada centímetro. Ele queria tocar, afagar e amassar, e Bom Deus, ele quase esqueceu que estava beijando-a, também. Mas o corpo dela... Seu corpo era uma perfeição. Era um verdadeiro milagre nos seus braços e quando ele finalmente levantou a boca da dela para respirar, não pode evitar. Ele gemeu e depois deslizou para a mandíbula, à garganta. Simplesmente não queria só beijar a boca. Queria beijá-la por toda parte.

—Annabel—, ele gemeu e seus dedos agilmente encontraram os botões na parte de trás do vestido. Ele era bom. Sabia exatamente como despir uma mulher. Costumava fazer isso devagar, saboreando cada momento, cada centímetro de carne nova, mas com ela... Ele não podia esperar. Ele era como um louco, empurrando cada botão através de seu buraco até que fosse o suficiente para empurrar o vestido para baixo dos ombros.

Sua combinação era muito simples, sem seda, sem renda, apenas de algodão branco e fino. Mas isso o levou a loucura. Ela não precisava de enfeites. Ela tinha sido feita perfeitamente.

Com os dedos trêmulos, ele foi para os laços nos ombros e puxou, mal conseguia respirar enquanto as tiras finas de tecidos caíam.

Ele sussurrou o nome dela, depois de novo e de novo. Ele ouviu o gemido, um guincho suave pouco mais que um ruído, que se tornou mais profundo e rouco, enquanto sua mão deslizava sobre o ombro dela, para baixo na deliciosa curva dos seios. Ela só usava um corselete leve, mas que a pressionava para cima, deixando os seios impossivelmente altos e redondos.

Ele quase perdeu o controle de si mesmo em seguida.

Tinha que parar com isso. Era uma loucura. Ela era uma jovem dama e ele estava tratando-a como...

Ele pressionou um último beijo contra a pele, aspirando o cheiro quente dela, e, em seguida, afastou-se bruscamente.

—Sinto muito—, ele suspirou. Mas ele não sentia. Sabia que deveria sentir, mas não poderia se arrepender de tê-la segurado tão intimamente.

Ele começou a se virar, porque achava que não poderia vê-la e não tocá-la novamente, mas antes que ele fizesse, viu que os olhos dela estavam fechados.

Seu coração parou e correu para o lado dela.

—Annabel?— Ele tocou o ombro dela, então a bochecha. —O que há de errado?

—Nada—, ela sussurrou.

Seu dedo deslizou para a têmpora, até o canto do olho. —Por que seus olhos estão fechados?

—Eu estou com medo. —Do quê?

Ela engoliu em seco.

—De mim mesma. — E então ela abriu os olhos. —Do que eu poderia querer. E do que eu tenho que fazer.

—Você não quer... — Querido Deus, ela não o queria? Ele tentou pensar. Ela havia devolvido o beijo? Ela o tocou também? Ele não conseguia se lembrar. Ele estava tão oprimido por ela, por sua própria necessidade, que não conseguia lembrar o que ela tinha feito.

—Não, — ela disse suavemente. —Eu queria você também. Esse é o problema. —Fechou os olhos novamente, mas apenas por um momento. Ela parecia estar tentando recuperar algo dentro de si e então abriu de novo. —Você poderia me ajudar?

Ele começou a dizer que sim, que iria ajudá-la. Faria o que estivesse ao seu alcance para protegê-la de seu tio, para salvar sua família e manter seus irmãos na escola, mas depois viu que ela estava apontando para os laços da combinação e ele percebeu que tudo o que ela realmente queria era ajudar para se vestir.

Então ele a ajudou. Amarrou os laços e abotoou os botões, e não disse uma palavra quando ela tomou um assento perto da janela e ele um perto da porta.

Eles esperaram. E esperaram. E então, finalmente, depois do que pareceram horas, Annabel se levantou e disse:

—Ela está de volta.

Sebastian levantou-se, observando Annabel enquanto ela olhava pela janela para Olivia, saindo da carruagem. Ela virou e ele simplesmente deixou escapar:

—Quer se casar comigo?

## CAPÍTULO 18



Annabel quase caiu de cara no chão. —O quê?

—Não é precisamente a resposta que eu esperava—, murmurou Sebastian.

Ainda assim, ela não conseguia compreendê-lo. —Você quer casar comigo?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

—Acredito que foi o que justamente perguntei, sim.

—Você não tem que fazer isso, — Annabel garantiu a ele, por que...

Porque ela era um idiota, e estava claramente o quanto idiota era quando um homem a pedia em casamento. Elas diziam que não era necessário.

—Você está dizendo não?—, Perguntou ele. —Não!

Ele sorriu.

—Então você está dizendo sim.

—Não. — Querido Deus, sentia-se tonta. Ele deu um passo na direção dela.

—Você não está falando muito claramente, Annabel. —Você propositadamente me pegou de surpresa—, acusou.

—Eu peguei a mim mesmo de surpresa—, disse ele baixinho.

Ela agarrou a parte de trás da cadeira onde estava sentada. Era uma horripilantemente desconfortável peça de mobília, mas estava perto da janela, e ela queria olhar Lady Olivia, e... Oh pelo amor de Deus, porque estava pensando em uma cadeira de idiota? Sebastian Grey tinha acabado de pedi-la em casamento.

Ela olhou pela janela. Lady Olivia ainda estava na carruagem. Ela tinha dois minutos, três no máximo.

—Por quê?— Ela perguntou a Sebastian. —Você está me perguntando por quê? Ela assentiu com a cabeça.

—Eu não sou uma donzela em apuros. Bem, eu sou, mas não é sua responsabilidade me salvar.

—Não—, ele concordou.

Ela estava preparada para algum argumento. Não um coerente, mas ainda assim, um argumento.

Isso, no entanto, a aturdiu completamente.

—Não?

—Você está certa. Não é minha responsabilidade. —Ele se aproximou, sedutoramente diminuindo a distância entre eles. —Seria, no entanto, um prazer para mim.

—Oh, Deus. Ele sorriu.

—Estou de volta!— Era Lady Olivia, chamando de fora do salão. Annabel olhou Sebastian. Ele estava muito perto.

—Eu beijei você—, ele disse suavemente.

Ela não podia falar. Ela mal conseguia respirar. —Eu a beijei da maneira um marido beija a esposa.

De alguma forma ele estava ainda mais perto do que antes. Agora, ela definitivamente não podia respirar.

—Eu acho—, ele murmurou sua respiração agora perto o suficiente para aquecer a pele dela—, que você gostou.

—Sebastian?— Era Lady Olivia. —Oh!

—Mais tarde, Olivia—, disse ele, nem mesmo se virou. —E feche a porta.

Annabel ouviu a porta ser fechada. —Sr. Grey, não tenho certeza...

—Você não acha que é hora de começar a me chamar de Sebastian?

Ela engoliu em seco. —Sebastian, eu...

—Eu sinto muito. — Era Lady Olivia, novamente, entrando na sala

— Eu não posso.

—Você pode, Olivia, — Sebastian rangeu.

—Não, eu realmente não posso. É a minha casa, e ela é solteira,e...

—E eu estou pedindo a ela para se casar comigo. —Oh!— A porta se fechou novamente.

Annabel tentou manter a cabeça no lugar, mas era difícil. Sebastian estava sorrindo para ela como se quisesse morder a cabeça dela de cima abaixo e ela estava começando sentir as estranhas sensações em áreas do corpo que quase esqueceu que possuía. Mas não podia esquecer que Lady Olivia estava quase certamente de pé do lado de fora da porta, e ela também não podia esquecer que...

—Espere um momento!—, Exclamou, introduzindo as mãos entre eles. Ela lhe deu um pequeno empurrão, e quando isso não funcionou, tentou um empurrão.

Ele deu um passo para trás, mas não parava de sorrir.

—Você havia dito a ela que não quer se casar comigo—, disse ela. —Hmmm?

—Há apenas algumas horas atrás. Quando eu estava chorando. Você disse que me conhecia apenas há uma semana.

Ele parecia despreocupado. —Ah, aquilo.

—Você acha que eu não ouvi?

—Eu a conheço apenas há uma semana.

Ela não respondeu então Sebastian se inclinou e roubou um beijo rápido.

—Eu mudei de ideia.

—Em... —, ela olhou loucamente ao redor da sala por um relógio — duas horas?

—Duas horas e meia, na verdade. — Ele deu seu sorriso mais perverso. —Mas foram duas horas e meia, muito importantes, não acha?

Olivia veio bater na porta. —O que você fez com ela? Sebastian gemeu.

—Você seria uma espiã terrível, você sabia disso? Olivia praticamente voou pela sala.

—Você quis comprometê-la em minha sala?

—Não, — Annabel disse rapidamente. —Não. Não. Não, não, não.

Não.

Isso era bem um monte de não, Seb pensou irritado.

—Ele me beijou—, disse Annabel a Olivia —, mas isso foi tudo. Sebastian cruzou os braços.

—Quando você se tornou uma puritana, Olivia? —É a minha sala!

Ele não viu nenhum problema nisso. —Você não estava aqui—, ressaltou.

—É isso—, declarou Olivia, pisoteando por ele e tomando o braço de Annabel. —Você vem comigo.

Ah, não, ela não ia.

—Onde você pensa que está levando-a?—, Perguntou ele. —Para casa. Eu passei por lá. Newbury foi embora.

Seb cruzou os braços.

—Ela não me deu uma resposta ainda.

—Ela vai dar amanhã. — Olivia se virou para Annabel. —Você pode dar a resposta amanhã.

—Não. Espere um momento. —Sebastian estendeu a mão e puxou Annabel de volta. Olivia não iria assumir o controle sobre sua proposta de casamento.

Segurando Annabel firmemente a seu lado, virou-se para Olivia e disse:

—Você estava justamente me acoossando a pedi-la em casamento e agora você a está levando embora?

—Você estava tentando seduzi-la.

—Se eu tivesse tentando seduzi-la—, ele rosnou, — você teria encontrado um cenário muito diferente quando chegou.

—Eu ainda estou aqui—, disse Annabel.

—Eu posso ser a única mulher em Londres, que nunca se apaixonou por você—, disse Olivia, apontando o dedo para Sebastian —, mas isso não significa que eu não sei como você pode ser encantador.

—Por que, Olivia—, disse ele, — elogios tão encantadores. Annabel levantou a mão.

—Ainda estou aqui.

—Ela irá decidir na privacidade de sua própria casa, e não enquanto você está olhando para ela com esses... Esses olhos... —.

Por cerca de dois segundos Sebastian ficou em silêncio. Em seguida, ele se dobrou de tanto rir.

—O quê?— Olivia explodiu.

Seb deu uma cotovelada em Annabel, depois sacudiu a cabeça em direção a Olivia.

—Eu costumo olhar para ela com o meu nariz.

Annabel beliscou os lábios, obviamente, tentando não sorrir. Ela tinha um excelente senso de humor, sua Annabel.

Olivia cruzou os braços e virou-se para Annabel.

—Ele é melhor do que Lorde Newbury—, disse ela irritada —, mas apenas isso.

—O que está acontecendo aqui?— Era Harry, parecendo um pouco amarrotado, como se tivesse passado a mão pelo cabelo. Havia uma mancha de tinta no rosto. —Sebastian?

Seb olhou para o primo e depois Olívia, e então começou a rir tanto que teve que sentar em uma cadeira.

Harry piscou e deu de ombros, como se isso não fosse nada fora do comum.

—Oh, boa tarde, senhorita Winslow. Não vi você aí.

—Eu disse que você sabia como ela se parecia—, Olivia murmurou. —Eu estou procurando uma pena—, disse Sir Harry. E foi até uma escrivaninha e começou a procurar nas gavetas. —Eu quebrei três delas hoje.

—Você quebrou três penas?— Olivia perguntou. Ele abriu outra gaveta.

—É aquela mulher Gorely. Algumas daquelas frases... Meu Deus continua uma eternidade. Eu não sei se tenho a habilidade para traduzi-los.

—Tente com mais esforço—, disse Sebastian, ainda tentando recuperar o fôlego.

Harry olhou para ele.

—O que há de errado com você? Seb acenou com a mão no ar.

—Apenas me divertindo um pouco à custa de sua mulher.

Harry olhou para Olívia, que apenas rolou os olhos. Voltou-se para Annabel.

—Eles podem ser um pouco demais às vezes. Espero que você tenha sentido-se bem-vinda.

A pele de Annabel ficou corada de um rosa encantador. —Er, bastante—, ela gaguejou.

Harry, entretanto, era daltônico, e, portanto, alheio a corar de uma mulher.

—Ah, aqui estamos nós. — Ele segurou uma pena. —Não se preocupe comigo. Resume tudo o que você estava... —Ele olhou para Sebastian e balançou a cabeça. —Er... Fazendo —.

—Eu irei—, disse Sebastian solenemente. Soou um pouco como votos de casamento. Ele gostava disso.

—Eu deveria ir para casa—, disse Annabel, observando Harry se afastar.

Sebastian levantou-se, quase recuperado de seu ataque de riso. —Eu vou acompanhá-la.

—Não, você não vai—, Olivia cortando-o.

—Sim, eu vou—, ele devolveu. E então ergueu o queixo no ar e começou a olhar sobre o nariz para ela.

—O que você está fazendo?—, Ela explodiu.

—Eu estou olhando para você—, disse ele, sua voz quase melodiosa.

Annabel bateu a mão sobre a boca.

—Com meu nariz—, acrescentou ele, apenas no caso de Olívia não entender a piada pela primeira vez.

Olivia realmente cobriu o rosto com as mãos. E não porque estivesse rindo.

Sebastian inclinou-se lateralmente para Annabel, não uma manobra fácil quando ele estava tentando manter o nariz apontado para Olivia.

—Não meu seio favorito, — ele sussurrou.

—Eu não quero saber o que você disse, — Olivia gemeu por trás das mãos.

—Não—, Seb concordou, — provavelmente não—. Ele retomou a posição normal e sorriu. — Vou escotar Annabel de volta para casa.

—Oh, vá em frente—, Olívia suspirou.

Sebastian se inclinou para Annabel e murmurou: —Eu a esgotei.

—Você me esgotou.

—Não que eu não quisesse.

Annabel corou novamente. Sebastian decidiu que nunca tinha sido tão feliz por não ser daltônico, também.

—Você tem que dar a ela um dia, pelo menos, para considerar sua proposta—, Olivia insistiu.

Sebastian ergueu uma sobrancelha na direção dela. —Será que Sir Harry lhe deu um dia?

—Isso não é relevante—, Olivia murmurou.

—Muito bem—, disse Sebastian, virando-se para Annabel, — Eu vou ceder à experiência da minha querida prima. Harry foi, pelo menos, o décimo segundo homem a propor casamento a ela. Considerando que eu nunca sequer pronunciei a palavra “casamento” na presença de uma mulher antes de hoje.

Annabel sorriu para ele. Deu a sensação de um nascer do sol. —Vou visitá-la amanhã para ouvir resposta—, disse ele, sentindo seu próprio sorriso fluindo em seu rosto. —Mas enquanto isso... — Ele segurou o braço dela. —Vamos partir?

Annabel deu um passo em direção a ele, depois parou. —Na verdade, eu acho que gostaria de ir para casa sozinha. —Você gostaria?

Ela assentiu com a cabeça.

—Eu acredito que a minha empregada ainda esteja aqui para me acompanhar. Não é longe. E... —Ela olhou para baixo, mordendo o lábio inferior.

Ele tocou o queixo dela.

—Fale claramente, Annabel, — ele sussurrou. Ela não chegou a olhar para ele quando disse:

—Pode ser difícil pensar com clareza na sua presença.

Ele decidiu tomar isso como um muito bom sinal, de verdade.

Annabel fechou a porta cuidadosamente atrás de si e fez uma pausa, ouvindo. A casa estava em silêncio, talvez, com um pouco de sorte, seus avós tivessem saído. Ela colocou o livro sobre a mesa de entrada e ela tirou as luvas, depois o pegou de volta, pretendendo subir as escadas até seu quarto. Mas antes que ela pudesse dar três passos, sua avó apareceu na porta da sala.

—Aí está você,— Lady Vickers disse, parecendo muito descontente. —Onde diabos você esteve?

—Simplesmente fazendo compras, — Annabel mentiu. —Vi alguns amigos. E fomos tomar um sorvete.

A avó soltou um suspiro.

—Você vai arruinar a sua imagem.

Annabel deu um sorriso tenso e ergueu o livro que Lady Olivia tinha emprestado a ela.

—Eu vou ao meu quarto para ler.

Sua avó esperou até que ela estivesse com um pé na escada, então disse:

—Você perdeu a visita do conde. Annabel engoliu incômoda e se virou. —Ele veio aqui?

Sua avó estreitou os olhos, mas se desconfiava que Annabel estivesse evitando Lorde Newbury, não disse isso. Ela acenou em direção à sala de estar, claramente esperando Annabel segui-la. Annabel virou-se e o fez, de pé perto da porta, enquanto a avó ia até o aparador para se servir de uma bebida.

—Teria sido muito mais conveniente se você estivesse aqui, — Lady Vickers disse, — mas estou contente de dizer que o levou a agir. Ele passou a maior parte do tempo com seu avô.

—Ele passou?— A voz de Annabel saiu alta e vazia.

—Sim, e você ficará feliz em saber que eu tinha o meu ouvido na porta o tempo todo. — Ela tomou um gole e soltou um suspiro satisfeito. —Seu avô esqueceu-se de mencionar algo sobre sua família, em Gloucestershire, então eu mesma decidi intervir.

—Intervir?

—Eu posso ter cinquenta e três...

*Setenta e um.*

—... Mas eu ainda estou afiada como uma faca. — Lady Vickers deixou o copo sobre bater na mesa e se inclinou para frente, parecendo excessivamente satisfeita consigo mesma. —Newbury financiará o estudo de todos os seus quatro irmãos até a universidade, e irá comprar uma comissão

para qualquer um que quisesse. Quanto a suas irmãs, eu só consegui um dote insignificante, mas é mais do que você tem. —Ela tomou um longo gole e deu uma risadinha. —E você conseguiu um conde.

Era tudo o que Annabel poderia almejar. Todos os seus irmãos e irmãs teriam segurança. Eles teriam tudo o que fosse necessário.

—Ele não quer um compromisso longo, — Lady Vickers disse. — Você sabe que ele quer um filho, e rápido. Oh, não olhe para mim assim. Você sabia que isso iria acontecer.

Annabel balançou a cabeça.

—Eu, eu não estava olhando para você de maneira nenhuma. Eu apenas estava...

—Oh Deus, — Lady Vickers gemeu. —Eu tenho que ter a conversa com você?

Annabel claro não esperava.

—Eu fiz isso com sua mãe e sua tia Joan. Vou precisar de uma bebida bem maior se tiver que fazer com você.

—Está tudo certo—, disse Annabel rapidamente. —Eu não preciso conversar.

Isso chamou a atenção de sua avó.

—Sério?—, Perguntou ela, de repente, muito interessada.

—Bem, eu não preciso disso agora—, Annabel esquivou-se. —Ou talvez... Nunca. De você —, ela prosseguiu, embora mais discretamente.

—Eh?

—Eu sou do interior—, disse ela com falsa alegria. —Muitos dos animais... É... E... Er...

—Olha, — Lady Vickers disse. —Você pode saber coisas sobre as ovelhas que tenho certeza que não quero ouvir falar, mas eu ainda sei uma ou duas coisas sobre o casamento com um nobre acima de peso.

Annabel afundou em uma cadeira. Qualquer que fosse o conhecimento que sua avó estava prestes a dar, ela não tinha certeza de poder ouvir de pé.

—Tudo se resume a uma coisa,— Lady Vickers disse, sacudindo um dedo na direção dela. —Quando ele fizer, coloque as pernas para cima.

O sangue se esvaiu do rosto de Annabel.

—Não, faça isso—, insistiu a avó. —Confie em mim. Isso vai ajudar a manter as sementes dentro, e quanto mais cedo você começar a carregar, mais cedo poderá deixar de dormir com ele. Isso, minha cara, é a chave para um casamento bem sucedido.

Annabel pegou o livro e levantou-se, movendo-se como se estivesse em transe.

—Eu estou indo me deitar agora. Lady Vickers sorriu.

—Claro, querida. Oh! Eu quase me esqueci. Estamos deixando a cidade esta noite.

—O quê? Para onde? —E como é que ela avisaria Sebastian? —Winifred fez uma recepção de improviso no interior—, disse ela,

— e você irá. —Eu vou?

—Eu tenho que ir, também, o imbecil, estúpido...

Annabel ficou de boca aberta enquanto ouvia o fluxo de invectiva, impressionante até mesmo para sua avó.

—Eu odeio o interior, — Lady Vickers resmungou. —É um desperdício de ar perfeitamente bom.

—Nós temos que ir?

—É claro que temos que ir, sua pateta. Uma de nós tinha que cuidar do assunto.

—O que você quer dizer?— Annabel perguntou com cuidado.

—Ela é uma vaca calculista, mas Winifred me deve um favor—, a avó disse bruscamente. — Então ela garantiu que Newbury estará presente. Contudo, eu não podia impedi-la de convidar o outro, também.

—Seb... O Sr. Grey? —Annabel perguntou, largando o livro.

—Sim, sim,— Lady Vickers disse, soando muito aflita. Ela esperou por cerca de meio segundo, enquanto Annabel manuseava desajeitadamente, deixando cair o livro, mais uma vez antes de finalmente conseguir deixá-lo para baixo sobre uma mesa. —Eu creio que não posso culpá-la—, continuou ela. —Será a recepção da temporada.

—Ele concordou em comparecer? Mesmo sabendo que o tio vai estar lá?

—Quem sabe? Ela só enviou os convites esta tarde. —Lady Vickers deu de ombros. —Ele é muito bonito.

—O que isso tem a ver com... — Annabel calou a boca. Ela não queria saber a resposta.

—Saímos em duas horas,— Lady Vickers disse, terminando a bebida.

—Duas horas? Não conseguirei estar pronta até lá.

—Claro que você consegue. As criadas já arrumaram suas coisas. Os Winifred não vivem muito longe da cidade, o sol se põe tarde nesta época do ano. Com bons cavalos podemos chegar logo após o anoitecer. E eu prefiro ir esta noite. Eu detesto viajar de manhã.

—Você tem estado muito ocupada—, disse Annabel.

Lady Vickers endireitou os ombros, parecendo bastante orgulhosa de si mesma.

—Eu tenho. Você faria bem me imitar. Nós ainda temos que pegar o seu conde.

—Mas eu... — Annabel congelou imediatamente silenciada pelo olhar no rosto de sua avó.

—Certamente,— Lady Vickers disse, estreitando os olhos como duas lascas de gelo —, não estava a ponto de dizer que não o quer.

Annabel não disse nada. Ela nunca tinha ouvido a avó falar em um tom tão ameaçador. Lentamente, balançou a cabeça.

—Ótimo. Porque eu sei que você não iria querer fazer nada que pudesse tornar a vida de seus irmãos e irmãs mais difícil.

Annabel realmente deu um passo para trás. Poderia sua avó estar a ameaçando?

—Ah, pelo amor de Deus, — Lady Vickers estalou. —Não fique tão petrificada. Você acha que vou bater em você?

—Não! Só que...

—Você vai casar com o conde e continuar com o sobrinho ao lado. —Vovó!

—Não olhe para mim como uma puritana. Você não poderia esperar uma situação melhor. Se você tiver o bebê do homem errado, pelo menos, tudo fica em família.

Annabel emudeceu.

—Ah, a propósito, Louisa está chegando também. Aquela tia idosa e esquelética dela pegou um resfriado e não pode ser acompanhante dela essa semana, então eu disse que iria levá-la junto. Nós não queremos que ela fique mofando no quarto, não é?

Annabel balançou a cabeça.

—Ótimo. Prepare-se. Saímos em uma hora. —Você disse que duas horas.

—Eu?— Lady Vickers piscou, então encolheu os ombros. —Eu devo ter mentido. Melhor do que esquecer, em qualquer caso.

Annabel assistiu boquiaberta como a avó saía da sala. Certamente isso iria descer como o mais estranho e importante dia de sua vida.

Só que ela tinha a sensação de que amanhã poderia ser ainda mais estranho...

## CAPÍTULO 19



### *Na manhã seguinte*

Sebastian sabia exatamente por que havia sido convidado para a festa de Lady Challis. Ela nunca gostou dele e certamente nunca foi convidado para qualquer função dela antes. Mas Lady Challis, por todas as suas maneiras hipócritas, era uma anfitriã extremamente competitiva e se ela poderia organizar a festa do ano por ter Annabel, Sebastian e o Conde de Newbury, todos sob o mesmo teto, então, por Deus que ela iria fazer isso.

Seb particularmente não gostava de ser fantoche de ninguém, mas não estava disposto a permitir a Newbury acesso irrestrito sobre Annabel, recusando o convite.

Além disso, ele havia dito a Annabel que lhe daria um dia para considerar a proposta e pretendia manter a promessa. Se ela ia a Berkshire, para a casa de Lorde e Lady Challis, então ele também iria.

Seb não era tolo, embora, ele soubesse que Ladys Vickers, Challis e qualquer outra de suas comparsas estariam na festa torcendo por Newbury na batalha por Annabel. A maioria das guerras de sucesso nunca foi combatida sozinha, então ele arrastou Edward para fora da cama e o jogou na carruagem para Berkshire.

Edward não havia sido convidado, mas ele era jovem, solteiro, e, tanto quanto Sebastian sabia, na posse de todos os dentes. O que significava que ele nunca seria recusado em uma festa campestre. Nunca.

—Harry e Olivia sabem que você roubou a carruagem deles?— Edward perguntou, esfregando os olhos.

—O termo correto é confiscar e, sim, eles sabem. — Mais ou menos. Sebastian havia deixado um bilhete.

—Quem estará lá?— Edward bocejou. —Cubra a boca.

Edward deu a ele um olhar feio.

Sebastian levantou o queixo enquanto olhava impacientemente pela janela. A rua estava lotada, e a carruagem estava se movendo ao passo de tartaruga.

—Além da senhorita Winslow e meu tio, não tenho nenhuma ideia. —Senhorita Winslow—, Edward disse com um suspiro.

—Não — Seb rosnou. —O quê?

—Não faça essa cara quando está pensando sobre ela. —Que cara?

—A que você... — Seb deu um olhar estúpido e deixou a língua caída para o lado de fora da boca. —Essa.

—Bem, você deve admitir, ela é muito...

—Não diga isso—, avisou Seb.

—Eu ia dizer encantadora— Edward informou a ele. —Você não ia.

—Ela tem uns bons...

—Edward!

—... Olhos. — Edward deu um sorriso afetado.

Sebastian olhou para ele, cruzou os braços e olhou pela janela. Então descruzou os braços, olhou para Edward, mais uma vez para julgar, e o chutou.

—Para que foi isso?

—Para qualquer comentário inapropriado que estava prestes a fazer.

Edward caiu na gargalhada. E pela primeira vez, Seb não sentiu vontade de rir junto. Isso era definitivamente engraçado.

—Eu tenho que dizer, — Edward opinou, —é realmente muito engraçado que você tenha se apaixonado pela mulher de seu tio quer casar.

Sebastian se mexeu desconfortavelmente no assento. —Eu não estou apaixonado por ela.

—Não, — Edward disse ironicamente: — você só quer se casar com ela.

—Olivia lhe contou?— Droga, ele disse a Olivia para não contar nada.

—Ela não contou—, Edward disse com um sorriso. —Mas você sim.

—Filhotinho—, murmurou Seb. —Você acha que ela vai dizer sim?

—Por que ela não iria dizer sim?— Sebastian disse defensivamente. —Não me entenda mal, se eu fosse uma mulher, não poderia imaginar em mais ninguém com quem eu preferisse me casar...

—Eu acredito que eu falo por todos os homens no mundo quando digo que estou aliviado de que isso só seja uma contemplação.

Edward fez uma careta ao insulto, mas não se ofendeu. —Newbury pode torná-la uma condessa —, lembrou. —Eu também poderia— Seb murmurou.

—Eu pensei que você não se preocupasse com o condado.

—Eu não. — E ele não se preocupava. Exceto, talvez, agora que ele sim se preocupava. —Não por mim, de qualquer maneira.

Edward encolheu os ombros, inclinando a cabeça ligeiramente para o lado. Havia algo de familiar no movimento, algo que Sebastian não conseguia reconhecer.

Até que percebeu que era um pouco como olhar no espelho. —Ela o odeia—, ele deixou escapar.

Edward bocejou.

—Ela não seria a primeira mulher a se casar com um homem que odeia.

—Ele é três vezes mais velho que ela. —Mais uma vez, não seria a primeira.

Seb, finalmente, levantou as mãos em frustração. —Por que você está dizendo tudo isso?

O rosto de Edward ficou sério.

—Eu só acredito em estar preparado.

—Então você acha que ela irá dizer não.

—Honestamente, eu não tenho ideia. Eu nunca vi vocês dois no mesmo cômodo. Mas eu preferiria vê-lo agradavelmente surpreso a com o coração partido.

—Meu coração não será quebrado—, resmungou Seb. Porque ela não diria não. Ela lhe disse que não podia pensar claramente na presença dele. Se alguma vez uma mulher queria dizer sim a uma proposta de casamento era Annabel.

Mas estava querendo dizer sim o suficiente? Seus avôs não ficariam felizes se ela o escolhesse ao invés de Newbury. E ele sabia que ela estava extremamente preocupada com a falta de dinheiro da família. Mas com certeza ela não iria abandonar a própria felicidade para ganhar algumas moedas. Não era como se eles estivessem oscilando à beira de um asilo. Eles não poderiam estar não com os irmãos ainda na escola. E Sebastian tinha dinheiro. Não tanto quanto Newbury — Oh muito bem, nem de perto, — mas ele tinha algum. Certamente, o suficiente para pagar a educação dos irmãos dela.

No entanto, Annabel provavelmente não sabia disso. A maior parte das pessoas da sociedade pensava que ele fosse um vagabundo divertido. Até mesmo Harry pensava que ele tomava o café da manhã todos os dias com os Valentines, porque não podia comprar comida para ele mesmo.

Sebastian devia seu lugar na sociedade a sua boa aparência e charme. E porque sempre houve a possibilidade do tio morrer antes de gerar um novo herdeiro. Mas ninguém pensava que Sebastian tivesse qualquer fonte de renda.

Com certeza, ninguém suspeitava que ele ganhasse uma boa quantia escrevendo romances góticos

sob o nome de uma mulher.

Uma vez que a carruagem escapou do emaranhado tráfego de Londres, Edward caiu no sono. E permaneceu assim até que pararam em frente a Stonecross, a enorme mansão Tudor que servia como uma das sedes campestres dos Challis. Enquanto Seb descia, encontrou-se estudando o entorno com um olhar atento.

Ele quase se sentiu como se estivesse de volta à guerra, observando as locações, observando os jogadores. Isso foi o que ele fez. Observou. Ele nunca foi um dos soldados no front. Nunca havia se envolvido no combate corpo-a-corpo, nunca olhou nos olhos do inimigo. Foi retirado da ação, sempre observando, dando seus tiros de longe.

E ele nunca perdeu.

Ele possuía as duas qualidades encontradas em todos os grandes snipers, uma excelente mira e infinita paciência. Ele não puxava o gatilho até que não estivesse no alvo perfeito e nunca perdeu a cabeça. Mesmo quando Harry quase foi morto, quando um capitão francês se aproximou por trás, Sebastian estava perfeitamente imóvel. Viu e esperou, e não atirou até que fosse o momento certo. Harry nunca soube quão próximo chegou da morte.

Sebastian tinha vomitado no mato.

Estranho que se sentisse tanto como um soldado novamente. Ou talvez não tão estranho. Esteve em guerra com o tio toda a vida.

No café da manhã, naquela manhã, Lady Challis informou a Annabel e Louisa que a maioria dos convidados, inclusive Lorde Newbury, não deveria chegar até o final da tarde. Ela não mencionou Sebastian, e Annabel não perguntou. Tais questões seriam imediatamente comunicadas à sua avó e Annabel sinceramente não queria repetir o tipo de conversa que elas tiveram na noite anterior.

Era uma manhã de verão linda, então Annabel e Louisa decidiram caminhar até a lagoa, em grande parte, porque ninguém parecia querer ir. Quando elas chegaram, Louisa imediatamente pegou uma pedra e a fez saltar sobre o lago.

—Como você fez isso?— Annabel exigiu saber. —Fazer uma pedra quicar? Você não consegue?

—Não. Meus irmãos sempre afirmaram que nenhuma menina poderia.

—E você acreditou neles?

—Claro que não. Mas eu tentei por anos e nunca fui capaz de provar que estavam errados. — Annabel pegou uma pedra e tentou fazer com que quicasse. Ela afundou imediatamente.

Assim como uma pedra.

Louisa lhe deu um sorriso sublime, pegou outra pedra e a fez voar. —Um... Dois... Três... Quatro... Cinco!—, Ela gabou-se, contando os quiques. —Meu recorde é seis.

—Seis?— Annabel perguntou, sentindo muito derrotada. —Sério? Luísa deu um encolher de ombros, à procura de outra pedra. —Meu pai me ignora na Escócia, tanto quanto o faz em Londres. A única diferença é que ao invés de ter a temporada para me ocupar, tenho os lagos e pedras. —Ela encontrou uma boa pedra lisa e a pegou. —Tive uma enorme quantidade de tempo para praticar.

—Mostre-me como você...

Mas Louisa já havia enviado a pedra voando sobre a água.

—Um... Dois... Três... Quatro. — Ela deixou escapar um bufo, irritada. —Eu sabia que a pedra era muito pesada.

Annabel assistiu incrédula, enquanto a prima jogava mais três pedras sobre a lagoa, cada uma delas saltando cinco vezes.

—Acredito que eu estou com inveja—, ela finalmente anunciou. Louisa sorriu radiantemente.

—De mim?

—Você não parece forte o suficiente para levantar uma dessas pedras, muito menos jogá-las através do lago.

—Ora, Ora, Annabel—, Louisa a repreendeu, sorrindo o tempo todo. —Não seja má.

Annabel fingiu uma carranca.

—Eu não posso correr rápido—, disse Louisa. —Fui banida de todos os torneios de tiro ao alvo por preocupação com a segurança do resto dos participantes e eu não sei jogar cartas malditamente bem.

—Louisa!

Louisa havia amaldiçoado. Annabel não conseguia acreditar que ela tivesse amaldiçoado.

—Mas eu posso... —, Louisa enviou outra pedra através da lagoa —fazer as pedras quicarem como um mestre.

—Sim, você pode—, disse Annabel, devidamente impressionada. — Você vai me ensinar como fazer isso?

—Não. — Louisa a olhou arqueando os olhos. —Eu gosto de ter algo que onde sou muito melhor do que você.

Annabel mostrou a língua.

—Você diz que pode fazer seis quiques. —Eu posso—, Louisa insistiu.

—Eu não vi isso. — Annabel caminhou até uma grande rocha e deu um tapinha no topo, certificando-se que estava seca antes que ela de se sentar. —Tenho a manhã toda. E a tarde, também, agora que pensei nisso.

Louisa fez uma careta, então resmungou, em seguida pisoteou para encontrar mais pedras. Ela conseguiu cinco, depois quatro, depois cinco mais duas vezes.

—Estou esperando!— Annabel falou. —Eu estou acabando com as pedras boas!

—A desculpa apropriada. — Annabel olhou para as unhas para ver se tinha alguma sujeira sob delas enquanto pegava sua pedra patética. Quando olhou para cima, uma pedra foi velejar ao longo da superfície. Um... Dois... Três... Quatro... Cinco... Seis!

—Você fez isso!— Annabel exclamou, pulando para ficar de pé. —

Seis!

—Aquilo não fui eu—, disse Louisa. Elas se viraram.

—Senhoras—, disse Sebastian, curvando-se elegantemente. Ele parecia impossivelmente belo sob o sol matinal. Annabel nunca tinha percebido quanto reflexo vermelho havia no cabelo dele. Ela nunca tinha visto ele pela manhã, ela reconheceu. Eles se reuniram ao luar e à tarde. Na ópera, ela o viu à luz trêmula de centenas de velas.

A luz da manhã era diferente.

—Sr. Grey —, ela murmurou, sentindo-se, de repente, inexplicavelmente, tímida.

—Aquilo foi maravilhoso!— Exclamou Louisa. —Qual é o seu recorde?

—Sete.

—Sério?

Annabel não tinha certeza se já havia visto a prima tão animada. Exceto talvez quando falava sobre os livros Gorely. Os quais Annabel ainda precisava ler. Ela começou a Senhorita Sainsbury e o Coronel Misterioso na noite anterior, mas só os dois primeiros capítulos. Ainda assim, não pode deixar de ficar impressionada com as adversidades que a pobre senhorita Sainsbury conseguiu superar em apenas 24 páginas. Ela sobreviveu à cólera, uma infestação de ratos e torceu o tornozelo duas vezes.

Os problemas de Annabel não pareciam tão terríveis quando comparados.

—Você consegue quicar as pedras, senhorita Winslow?— Sebastian perguntou educadamente.

—Para minha eterna vergonha, não. —Eu posso fazer seis—, disse Louisa.

—Mas não hoje—, disse Annabel, incapaz de resistir à cotovelada.

Louisa levantou um dedo irritado e pisou na borda do banco, à procura de outra pedra adequada. Sebastian se aproximou e parou perto de Annabel, com as mãos despreocupadamente nas costas.

—Ela sabe?—, Ele perguntou baixinho, gesticulando com a cabeça na direção de Louisa.

Annabel abanou a cabeça. —Alguém sabe?

—Não. —Já vejo.

Ela não tinha certeza do que ele pensou ter visto, porque ela certamente não sabia.

—Um convite bastante repentino para o interior, você não acha?—, Ele murmurou.

Annabel revirou os olhos.

—Suspeito que a minha avó esteja por trás disso. —E ela me convidou?

—Não, na verdade acredito que ela disse que não poderia impedir que fosse convidado.

Ele riu.

—Eu sou tão amado.

Annabel coração saltou uma batida.

—O que é isso?—, Perguntou ele, capturando de repente a expressão assustada.

—Eu não sei. Eu...

—Isso!— Louisa anunciou, marchando de volta. Ela estava segurando um círculo no alto, uma pedra lisa. —Esta é a pedra perfeita.

—Posso ver?— Sebastian perguntou. —Só se você prometer que não jogá-la. —Eu lhe dou minha palavra.

Ela entregou a pedra e ele a virou na mão, testando para sentir o peso dela. Ele a devolveu com um encolher de ombros.

—Você não achou que é boa?— Louisa perguntou, olhando um pouco apagada.

—Não é ruim.

—Ele está tentando diminuir sua confiança, — Annabel disse. Louisa ofegou.

—Isso é verdade?

Sebastian deu a Annabel um sorriso preguiçoso. —Você me conhece tão bem, Senhorita Winslow. Louisa seguiu para beira da água.

—Isso foi positivamente rude, Sr. Grey.

Sebastian riu e encostou-se na pedra onde Annabel estava sentada.

—Eu gosto da sua prima—, disse ele. —Eu gosto dela, também.

Louisa respirou fundo, assumiu plena concentração e enviou a pedra para trás, com o que Annabel pensava ser um afiado agitar do pulso.

Eles todos contaram.

—Um... Dois... Três... Quatro... Cinco... Seis!

—Seis!— Louisa gritou. —Eu fiz isso! Seis! Ha! —Esta foi direto a Annabel. —Eu disse que eu poderia fazer seis.

—Agora você tem que fazer sete—, disse Sebastian. Annabel estalou em gargalhadas.

—Não hoje não faço—, declarou Louisa. —Hoje, minha glória, é Seisdom. (A palavra usada foi sixdom, mas não existe tradução, assim eu só mudei o incio para seis)

—Seisdom? —Seistude. (Sixitude) Annabel começou a rir.

—Seisulação—, Louisa proclamou. —Além disso—, acrescentou, inclinando a cabeça para Sebastian, — não vi você conseguir sete.

Ele ergueu as mãos em uma derrota. —Foi há muitos e muitos anos. Louisa deu a eles um sorriso régio.

—Para constar, acredito que devo me levar para comemorar. Vejo vocês mais tarde. Talvez muito mais tarde. —E com isso partiu, deixando Annabel e Sebastian completamente sozinho.

—Eu disse que gostava da sua prima?— Sebastian meditou. — Acredito que a amo. — Ele inclinou a cabeça com respeito. —Puramente platônico, é claro.

Annabel respirou fundo, mas quando ela deixou o ar escapar, sentia-se insegura e nervosa. Sabia que ele queria uma resposta e ele merecia uma. Mas ela não tinha nenhuma. Apenas uma terrível, sensação de vazio interior.

—Você parece cansado—, disse ela. Porque ele parecia. Ele deu de ombros.

—Eu não dormi bem. Raramente durmo.

A voz dele soou estranha e ela o olhou mais de perto. Ele não estava olhando para ela, seus olhos estavam fixos em algum lugar completamente aleatório no fundo. A raiz da árvore, pela aparência dela. Então, ele olhou para os pés, um dos quais estava empurrando a sujeira solta ao redor da terra. Havia algo de familiar em sua expressão e então veio a ela, parecia exatamente como naquele dia no parque, logo após atirar naqueles alvos distantes.

E depois não quis falar sobre o assunto.

—Sinto muito—, disse ela. —Odeio quando não consigo dormir. Ele deu de ombros novamente, mas o movimento estava começando a parecer forçado. —Estou acostumado com isso.

Ela não disse nada por um momento e então percebeu que a pergunta óbvia era:

—Por quê?

—Por quê?— Ele repetiu.

—Sim. Por que você tem dificuldade para dormir? Você sabe? Sebastian sentou ao lado dela, olhando para a água, onde havia ainda algumas ondulações onde a pedra deslizou ao longo da superfície. Ele pensou por um momento, depois abriu a boca como se pudesse dizer alguma coisa.

Mas ele não disse.

—Acho que eu tenho que fechar meus olhos—, disse ela.

Isso chamou a atenção dele.

—Quando estou tentando dormir—, explicou. —Tenho que fechar meus olhos. Se eu ficar lá, olhando para o teto, eu bem que poderia admitir a derrota. Não cair no sono com os olhos abertos, de qualquer maneira.

Sebastian considerou isso por um momento, sorrindo ironicamente.

—Eu fico olhando para o teto—, admitiu. —Bem, aí está seu problema.

Ele se virou. Ela estava olhando para ele, a expressão aberta, os olhos claros. E enquanto ele estava sentado ali, pensando que desejava que esse fosse o problema, de repente pensou, bem, talvez fosse. Talvez algumas das perguntas mais complicadas possuíssem as respostas mais simples.

Talvez ela fosse sua resposta simples.

Ele queria beijá-la. Isso o acertou de repente, de forma esmagadora. Ele apenas queria tocar seus lábios nos dela. Nada mais. Bastava um simples beijo de gratidão, de amizade, talvez até mesmo de amor.

Mas ele não ia beijá-la. Ainda não. Ela inclinou a cabeça para o lado e do jeito que estava olhando-o, — ele queria saber o que ela estava pensando. Ele queria conhecê-la. Queria saber seus pensamentos, esperanças e temores. Queria saber o que ela pensava nas noites em que não conseguia dormir e então saber o que era que ela sonhava quando finalmente conseguia dormir.

—Eu penso sobre a guerra—, ele disse suavemente. Ele nunca contou a ninguém.

Ela assentiu com a cabeça. Suavemente, um pequeno movimento que ele mal podia ver.

—Deve ter sido terrível.

—Nem tudo. Mas as partes que eu penso a noite... —Ele fechou os olhos por um momento, incapaz de banir o cheiro acre de pólvora, o sangue e o pior de tudo, o barulho.

Ela colocou a mão sobre a dele. —Sinto muito.

—Não é tão ruim como costumava ser.

—Isso é bom. — Ela sorriu encorajadoramente. —O que mudou em sua opinião?

—Eu... — Mas ele não disse. Ele não podia contar para ela. Ainda não. Como poderia contar a ela sobre seus livros quando nem sequer sabia se ela havia gostado? Ele nunca se incomodou de que Harry e Olivia achassem que os livros Gorely fossem tão horríveis — bem, não muito, pelo menos, mas se Annabel odiasse...

Era quase demais para suportar.

—Acho que foi só o tempo—, disse ele. —Cura todas as feridas, dizem.

Ela assentiu com a cabeça mais uma vez, um movimento tão pequenino ele gostava de pensar que só ele podia detectar. Ela o olhou com curiosidade, com a cabeça inclinada para o lado.

—O que foi?—, Ele perguntou, observando a ruga na testa.

—Acho que seus olhos podem ser exatamente da mesma cor dos meus—, disse ela admirada.

—Que bebês encantadores de olhos cinzentos teremos—, disse ele, antes que pudesse pensar direito.

O visual alegre caiu de seus olhos e ela desviou o olhar. Droga. Ele não tinha a intenção de pressioná-la. Pelo menos ainda não. Justo agora que ele simplesmente estava tão feliz. Perfeitamente e extremamente confortável. Ele havia contado a outro ser humano sobre seus segredos e o céu não veio ao chão. Foi impressionante o quão maravilhoso se sentiu.

Não, essa não era a palavra certa. Era frustrante, isso sim. Ele estava no negócio de encontrar as palavras certas e não sabia como explicar isso. Sentia-se...

Elevado.

Leve.

Descansado. E, ao mesmo tempo, como se quisesse fechar os olhos, colocar a cabeça no travesseiro ao lado dela e dormir. Ele nunca havia sentido nada parecido. E agora ele arruinou tudo. Ela estava olhando para o chão, o rosto comprimido e era como se a cor tivesse se esvaído dela. Ela não parecia exatamente à mesma, não estava pálida, nem corada, mas sem cor.

Aquilo vinha do interior dela. E partiu o coração dele.

Ele podia ver agora a vida dela como esposa de seu tio. Não iria quebrá-la, iria apenas sugá-la

lentamente até deixá-la seca.

Ele não podia permitir isso. Ele simplesmente não podia permitir. —Pedi que se casasse comigo ontem—, disse ele.

Ela desviou o olhar. Não para os pés desta vez, mas para longe. Ela não tinha uma resposta. Ele ficou surpreso com o quanto isso doeu. Ela não estava recusando-o, estava apenas pedindo por mais tempo.

Silenciosamente implorando, ele corrigiu. Talvez fosse melhor descrito como, evitando a questão completamente.

Ainda assim, ele a pediu em casamento. Será que ela achava que ele fazia tais ofertas levianamente? Ele sempre pensou que quando finalmente propusesse casamento, a mulher em questão iria explodir em lágrimas de alegria, ficar fora de si de felicidade e alegria. Um arco-íris iria aparecer no céu, borboletas dançariam e todo o mundo iria juntar as mãos em música.

Ou pelo menos, ela diria sim. Ele não se julgava o tipo de homem que pedia em casamento uma mulher que poderia dizer não.

Ele se levantou. Estava muito agitado para ficar sentado agora. Toda a paz, toda bela leveza, se foi.

Que diabos deveria fazer agora?

## CAPÍTULO 20



Annabel viu como Sebastian caminhou em direção à água. Ele estava perto da borda, quase perto o suficiente para conseguir molhar os sapatos. Ele olhou em direção à margem oposta, sua postura rígida e inflexível.

Era tão diferente dele. Era tão... Errado.

Sebastian era um ser relaxado, elegante. Cada movimento era uma dança secreta, cada sorriso um poema silencioso. Aquilo não estava certo. Não era ele.

Quando ela começou a conhecê-lo tão bem, que podia dizer pela linha de suas costas que ele não era ele mesmo? E por que doía tanto, saber que ela sabia isso? Que ela o conhecia.

Depois do que pareceu uma eternidade, ele virou e disse com desoladora formalidade.

—Pelo seu silêncio, devo deduzir que você não tem uma resposta para mim.

Ela moveu a cabeça em um minúsculo movimento, só o suficiente para dizer não.

—Isso mina a confiança—, disse ele, — roubando sua frase. —É tudo muito complicado—, disse Annabel.

Ele cruzou os braços e a observou com uma peculiaridade em seu rosto. E assim, ele estava de volta. A rigidez se foi, substituída por uma confiança fácil, e quando ele caminhou na direção dela, era com uma graça arrogante que a hipnotizava.

—Não é complicado—, disse ele. —Não poderia ser mais simples. Eu a pedi em casamento, você deseja. Tudo que você tem a fazer é dizer sim.

—Eu não disse...

—Você também quer—, disse ele, com um grau incrivelmente irritante de certeza. —Você sabe que quer.

Ele estava certo, é claro, mas Annabel não podia evitar se sentir, provocada pela arrogância dele.

—Você está bastante seguro de si.

Ele deu um passo em direção a ela, sorrindo lentamente. Sedutoramente.

—E não deveria estar?

—Minha família... — ela sussurrou.

—Não vai morrer de fome. — Ele tocou o queixo dela, inclinando o rosto suavemente em direção a ele. —Eu não sou um mendigo, Annabel.

—Somos oito.

Ele considerou isso.

—Muito bem, ninguém vai morrer de fome, mas todos podem emagrecer um pouco.

Ela soltou um suspiro de riso. Ela odiava que ele pudesse fazê-la rir em tal momento. Não, ela adorava isso. Não, ela o amava.

Oh Deus.

Ela saltou para trás.

—O que foi isso?—, Perguntou ele.

Ela balançou a cabeça.

—Diga-me, — ele a estimulou e a pegou na mão, puxando-a de costas para ele. —Alguma coisa acabou de acontecer. Eu vi isso nos seus olhos.

—Não, Senhor...

—Sebastian—, ele a lembrou, tocando os lábios na testa dela. —Sebastian—, ela resmungou. Era difícil falar quando ele estava tão perto. Era difícil pensar.

Os lábios se moviam à bochecha dela, leve e macio. —Eu tenho maneiras de fazer você falar, ele sussurrou. —O q... Quê?

Ele mordiscou o lábio inferior dela, em seguida, deslizou para o ouvido.

—O que você estava pensando?—, Ele murmurou. Ela só pôde gemer.

—Terei que ser mais persuasivo. — Suas mãos se moveram para as costas, descendo até que a parte inferior em forma de concha, pressionando-a contra si. Annabel sentiu sua cabeça inclinar para trás, longe de seu ataque sensual, mas ainda assim, ela mal conseguia respirar. Seu corpo estava tão duro e quente e ela podia sentir a excitação crescente contra ela.

—Eu quero você—, ele sussurrou. —E eu sei você me quer. —Aqui?—, Ela ofegou.

Ele riu.

—Eu sou um pouco mais refinado do que isso. Mas, — acrescentou, parecendo pensativo, — estamos bastante isolados.

Ela assentiu com a cabeça.

—Nenhum dos convidados chegou ainda. — Beijou a pele macia, onde a linha da orelha encontrava-se com a mandíbula. —E acho que é certo assumir que sua maravilhosa prima não irá nos perturbar.

—Sebastian, eu...

—Vamos fazer dela a madrinha de nossos filhos.

—O quê?— Mas ela mal conseguia compreender todas as palavras. A mão dele havia encontrado seu caminho sob a saia e estava se movendo incansavelmente até sua perna. E tudo que ela queria, — Oh meu Deus, ela era perversa, — era se torcer um pouco e abrir-se um pouco, e tornar mais fácil para ele fazer o que quisesse.

—Ela pode ensinar todos a quicar pedras—, disse ele, chegando ao local logo acima do joelho. Annabel estremeceu.

—Sensível aqui?—, Disse ele com um sorriso. Moveu mais para cima. —Teremos muitos filhos, eu acho. Muitos, vários e vários.

Ela precisava detê-lo. Ela precisava dizer algo, dizer que não havia se decidido ainda, que não poderia arriscar, não até que ela tivesse um pouco de tempo para pensar com clareza, o que ela obviamente não poderia fazer na presença dele. Ele estava falando sobre o futuro, sobre crianças e ela sabia que seu silêncio fazia parecer um assentimento.

Ele correu um dedo ao longo do interior de sua coxa.

—Eu só não acho possível, não termos muitos filhos—, ele murmurou. Os lábios encontraram o ouvido dela novamente. —Uma vez que não deixarei você sair da nossa cama.

Os joelhos dela dobraram.

O dedo dele escorregou ainda mais para cima, chegando à dobra onde a perna se junta ao quadril.

—Devo lhe dizer o que eu pretendo fazer lá? Em nossa cama? Ela assentiu com a cabeça.

Ele sorriu. Ela sentiu contra seu ouvido, sentiu o movimento dos lábios e da inclinação, ouviu a respiração dele cheia de alegria.

—Primeiro — ele disse baixinho, — Vou me dedicar ao seu prazer. Um gemido escapou dos lábios dela. Ou talvez tenha sido um grito. —Vou começar com um beijo—, disse ele, a voz quente e baixa contra a pele dela. —Mas onde, pergunto-me?

—Onde?—, Ela sussurrou. Não era realmente uma pergunta, mais de um eco da incredulidade.

Ele tocou a boca de Annabel.

—Nos lábios? Talvez. —O dedo fez uma trilha preguiçosa para baixo para a clavícula. —Eu gosto dessa sua parte. E esses... —Ele segurou um de seus seios, gemendo enquanto apertava. —Eu poderia me perder o dia todo neles.

Annabel arqueou as costas, querendo dar mais. Seu corpo tinha entendido e estava desesperado por ele. Ela não conseguia parar de pensar no que ele fez com ela na sala de visitas dos Valentines. Como ele tocou seus seios. Toda a vida ela os odiou, odiava o modo como homens olhavam e assobiavam e se tivessem bebido muito, pareciam pensar que ela estava pronta para ser colhida.

Mas Sebastian a fazia se sentir bonita. Ele amava o corpo dela e isso a fazia amar seu corpo também.

Ele mergulhou a mão no corpete do vestido, deslizou os dedos sob a camisa para que pudesse roçar sobre o mamilo.

—Você não tem ideia—, disse ele numa voz rouca, — como eu vou amar você aqui.

A respiração dela ficou presa e se sentiu desolada enquanto ele movia a mão novamente. Estavam em uma posição mais incomoda para ele e ela não podia ajudar, mas achava que se pudesse apenas empurrar a droga da coisa toda para baixo, ele poderia tocá-la em todos os lugares. Ele poderia apertar e massagear e chupar.

—Oh meu Deus—, ela gemeu.

—O que você está pensando?—, Ele sussurrou.

Ela balançou a cabeça. Não havia nenhuma maneira que ela pudesse dar voz aos devassos pensamentos em sua cabeça.

—Você está pensando onde mais eu poderia te beijar?

Meu Deus, ela confiava que ele não esperasse que ela respondesse. —Eu poderia beijá-la completamente em outra parte—, brincou ele. A outra mão, a sobre a perna— cobriu suavemente em torno da coxa e apertou. —Se eu quiser lhe dar prazer—, ele murmurou, — para dar prazer total, acho que terei que beijar você aqui.

Os dedos dele mergulharam entre as pernas dela.

Ela quase deu um pulo para trás. Ela teria, se o braço dele não estivesse envolvendo-a com tanta força.

—Você gosta disso?—, Ele murmurou, traçando pequenos círculos enquanto se aproximava de seu centro.

Ela assentiu com a cabeça. Ou talvez pensou que concordava. Mas definitivamente não diria não.

Um segundo dedo se juntou ao primeiro, e com dolorida suavidade ele brincava com a abertura dela, acariciando a pele úmida. Annabel sentiu seu corpo começar a tremer e sacudir, e ela agarrou firmemente os ombros dele, com medo de que se soltasse, simplesmente teria um colapso.

—Você tem gosto de céu, eu acho—, continuou ele, claramente sem vontade de parar até que ela explodisse em seus braços. —Eu a lamberia exatamente aqui. — Correu um dedo levemente ao longo de sua pele. —E então, bem aqui. — Ele repetiu a carícia do outro lado. —E então eu poderia vir aqui. — Mudou para o âmago mais sensível da carne e ela quase gritou.

A boca pressionando com mais força contra o ouvido dela. —Eu lamberia aqui, também.

Annabel o apertou ainda mais, pressionando seus quadris na mão dele.

—Mas mesmo isso pode não ser suficiente—, ele sussurrou. —Você é uma mulher exigente e pode me fazer trabalhar para o seu prazer.

—Ah, Sebastian — ela gemeu.

Ele riu alegremente contra a pele dela.

—Eu poderia ter te tocar um pouco mais profundamente. — Um dos dedos começou a circular na abertura, em seguida, deslizou suavemente para dentro. —Dessa forma. Você gosta disso?

—Sim—, ela ofegou. —Sim.

Ele começou a se mover dentro dela. —Você gosta disso?

—Sim.

Oh, ele era perverso e ela era imoral, ele estava fazendo coisas perversas com ela. E tudo o que ela conseguia pensar era que eles estavam lá fora e qualquer pessoa poderia vir atrás deles, o que de alguma forma tornou ainda mais delicioso.

—Vamos lá, Annabel—, ele sussurrou em seu ouvido.

—Eu não posso—, ela gemeu, apertando as pernas em volta dele. Ela estava ardendo por dentro. Ele estava causando seu anseio e ela não tinha ideia de como fazê-lo parar.

Ou se ela queria que ele parasse realmente. —Vamos—, ele sussurrou de novo.

—E... Eu...

Ele riu.

—Eu vou falar bem claramente, Anna...

—Oh!

Ela não tinha certeza se deixava ir ou não, mas algo dentro dela, pura e simplesmente se desfez.

Ela se agarrou aos ombros dele, segurando sua preciosa vida, e então, quando começou a ficar mole, ele a pegou nos braços e levou-a para um suave trecho de grama alguns metros de distância. Ela sentou e então deitou, permitindo que o sol aquecesse seu rosto.

—Eu a amo de verde—, disse ele. Ela não abriu os olhos.

—Eu estou vestindo rosa.

—Você ficaria melhor se tirasse tudo—, disse ele, lhe dando um beijo no nariz —, e então seria só você e a grama.

—Eu não sei o que você fez comigo—, disse ela. Ela parecia atordoada. Nunca pensou que poderia estar tão atordoado em sua vida.

Ele a beijou novamente.

—Posso pensar em dez coisas mais que eu gostaria de fazer. —Eu acho que acabaria me matando.

Ele riu alto com isso.

—Claramente, nós vamos precisar praticar mais. Aumentar sua resistência.

Ela finalmente abriu os olhos e olhou para ele. Ele estava descansando ao seu lado, a cabeça apoiada contra a mão. Estava com um trevo na mão.

Ele fez cócegas no nariz dela com ele. —Você é tão linda, Annabel.

Ela suspirou feliz. Sentia-se bonita. —Você vai se casar comigo?

Ela fechou os olhos novamente. Sentia-se tão perfeitamente lânguida.

—Annabel?

—Eu quero—, disse ela baixinho.

—Porque eu acho que não é a mesma coisa que um sim?

Ela soltou outro suspiro. Estava tão bom o sol em seu rosto. Ela não conseguia nem se preocupar com as sardas.

—O que vou fazer com você?—, Disse ele em voz alta. Ela ouviu ele se movendo e então a voz dele muito perto de seu ouvido. —Eu posso continuar com novas formas de comprometê-la.

Ela deu uma risadinha. —Deixe-me pensar. Número dez...

—Eu faço isso também—, disse ela, alegremente ainda estudando o interior das pálpebras. A luz do sol fazia parecer laranja avermelhado. Essa era uma cor agradável, quente.

—Fazer o quê?

—Contar em dezenas. É como um número inteiro. Ele beliscou a orelha dela.

—Eu gosto de coisas inteiras.

—Pare—. Mas, mesmo para ela não parecia que fosse isso que quis dizer.

—Sabe como eu sei que você vai se casar comigo?

Ela abriu os olhos com isso. Ele parecia muito seguro de si. —Como?

—Olhe para você. Tão feliz e contente. Se você não se casar comigo, poderá correr como um frango, não, desculpe, um peru gritando sobre o que eu fiz, o que você fez e o que nós fizemos?

—Estou pensando em todas essas coisas—, ela disse. Ele bufou.

—Certo.

—Você não acredita em mim. Ele a beijou.

—Nem por um segundo. Mas o dia não terminou ainda e eu sou um homem de palavra, por isso não vou amofinar você. —Ele se levantou e, em seguida, estendeu a mão para ela.

Annabel pegou e ficou de pé, sorrindo com descrença.

—Isso não foi amofinar?

—Minha querida Senhorita Winslow, eu nem sequer comecei a amofinar. — E então seus olhos adquiriram uma luz mais diabólica. — Hummm.

—O quê?

Ele riu para si mesmo e a levou colina acima pelo atalho.

## CAPÍTULO 21



### *Mais tarde naquela noite*

—Você foi vê-lo esta tarde?

Annabel teria olhado para Luísa, que tinha acabado de entrar no quarto, exceto que Nettie estava com os dedos apertados em seu cabelo.

—Ele quem?— Annabel perguntou. —Ai! Nettie!

Nettie puxou ainda mais forte, torcendo um pedaço e prendendo-o no lugar.

—Sente-se quieta e não vai demorar muito tempo. —Você sabe quem—, Louisa disse, puxando uma cadeira.

—Você está de azul,— Annabel disse, sorrindo para ela. —É a minha cor favorita em você.

—Não tente mudar de assunto. —Ela não o viu, — Nettie, disse. —Nettie!

—Bem, você não viu—, declarou a criada.

—Eu não vi—, Annabel confirmou. —Desde o almoço.

O almoço foi servido ao ar livre e como não havia nenhum lugar marcado, Annabel acabou em uma mesa para quatro pessoas com Sebastian, o primo dele Edward e Louisa. Eles tiveram um momento maravilhoso, mas, Lady Vickers solicitou uma conversa particular com Annabel.

—O que você acha que está fazendo?— Ela exigiu, uma vez que iam para o lado.

—Nada — Annabel insistiu. —Louisa e eu...

—Isto não é sobre sua prima — Lady Vickers a cortou. Agarrou firme no braço de Annabel. — Estou falando sobre o Sr. Grey, que não é, gostaria de salientar, o Conde de Newbury.

Annabel podia ver que a voz alta de sua avó estava atraindo a atenção, então abaixou a própria voz, esperando que sua avó pudesse seguir o exemplo.

—Lorde Newbury nem está aqui ainda—, disse ela. —Se ele estivesse eu teria...

—Sentado com ele?— Lady Vickers levantou uma sobrancelha extremamente cética. —Se pendurar em cada uma de suas palavras e agir para todo mundo como uma prostituta?

Annabel respirou fundo e recuou.

—Todo mundo está olhando para você — Lady Vickers assobiou. — Você pode fazer o que

quiser uma vez que estiver casada. Vou ainda lhe dizer como proceder para fazê-lo. Mas, por enquanto, você e sua reputação continuarão puras como a droga da neve.

—O que você acha que eu fiz?— Annabel disse em voz baixa. Certamente, sua avó não sabia o que tinha acontecido na lagoa. Ninguém sabia.

—Eu não lhe ensinei nada?— Os olhos de Lady Vickers, tão claros e sóbrios como Annabel nunca tinha visto, a olhava duramente. —Não importa o que você faz, importa o que as pessoas pensam que você faz. E você está olhando para aquele homem como se estivesse apaixonada por ele.

Mas ela estava.

—Eu vou tentar fazer melhor—, foi tudo o que Annabel disse.

Ela terminou a refeição, porque não havia nenhuma maneira de voltar para o quarto sem ser vista correndo após a repreensão de sua avó. Mas assim que acabou de comer, se desculpou e retirou-se para a tarde. Ela disse a Sebastian que precisava descansar. O que era verdade. E que não queria estar presente quando o tio dele finalmente chegasse.

O que também era verdade.

Então ela se deitou em sua cama com a Senhorita Sainsbury e o coronel misterioso. E disse a si mesma que merecia uma tarde para si. Tinha muita coisa para pensar.

Ela sabia o que queria fazer e sabia o que deveria fazer, e sabia que estas não eram as mesmas coisas no final de tudo.

Também sabia que se tivesse mantido a cabeça em um livro a tarde inteira, podia ser capaz de ignorar toda a bagunça terrível para algumas horas.

O que era notavelmente atraente.

Talvez se ela só esperasse o tempo suficiente, alguma coisa aconteceria e todos os problemas desapareceriam.

Sua mãe conseguiria encontrar um colar de diamantes há muito perdido.

Lorde Newbury pudesse encontrar uma garota com o quadril ainda maior.

Poderia haver uma inundação. Uma praga. Realmente, o mundo estava repleto de calamidades. Bastava olhar para a pobre senhorita Sainsbury. Do Capítulo três ao oito, ela caiu do lado de um navio, foi capturada por um corsário e quase pisoteada por uma cabra.

Quem era para dizer que as mesmas coisas não poderiam acontecer com ela?

Embora, considerando tudo, o colar de diamantes era um pouco mais atraente.

Mas uma garota podia esconder só por algum tempo, e agora ela estava sentada na frente do

espelho, o cabelo sendo puxado e enquanto Louisa a informava sobre o que ela perdeu.

—Eu vi Lorde Newbury—, Louisa disse. Annabel soltou uma espécie de gemido.

—Ele estava falando com Lorde Challis. Ele... ah... —Louisa engoliu nervosamente e puxou o adorno de renda do vestido. —Ele disse algo sobre uma licença especial.

—O quê? Ohh!

—Não se mova tão de repente, — Nettie a repreendeu.

—O que ele quis dizer sobre uma licença especial?— Annabel sussurrou urgentemente. Não que houvesse qualquer motivo real para sussurrar. Nettie sabia tudo o que estava acontecendo. Annabel já tinha prometido dois chapéus e um par de sapatos para que ficasse calada.

—Só que ele tem uma. Foi por isso que chegou tão tarde. Ele veio direto de Canterbury.

—Você falou com ele? Louisa abanou a cabeça.

—Eu nem acho que ele me viu. Estava lendo na biblioteca e a porta estava aberta. Eles estavam no corredor.

—Uma licença especial — Annabel repetiu em voz monótona. Uma licença especial. Isso significava que um casal poderia se casar com rapidez, sem os proclamas. Três semanas inteiras poderiam ser evitadas e a cerimônia poderia ser em qualquer lugar, em qualquer paróquia. A qualquer momento, embora a maioria dos casais ainda mantivesse a tradição do tradicional Sábado de manhã.

Annabel pegou seu próprio olhar no espelho. Era noite de quinta-feira.

Louisa estendeu a mão e pegou a mão dela. —Eu posso ajudá-la—, disse ela.

Annabel virou-se para a prima. Algo sobre a voz dela deixou-a inquieta.

—O que você quer dizer?

—Eu tenho... — Louisa parou, olhando para cima, Nettie, que ia espetar Annabel com outro alfinete. —Eu preciso falar em particular com minha prima.

—Eu só tenho esta última peça, — Nettie, disse, dando, o que Annabel considerou um toque mais vigoroso do que o necessário. Ela fixou no lugar o alfinete e saiu do quarto.

—Eu tenho dinheiro—, disse Louisa, tão logo a porta foi fechada. —Não muito, mas o suficiente para ajudar.

—Luísa, não...

—Eu nunca gastei todo o meu dinheiro extra. Meu pai me dá muito mais do que eu preciso. —Ela

deu de ombros um pouco triste. —É para compensar sua ausência em qualquer outro canto da minha vida, tenho certeza. Mas isso não importa. O ponto é, eu posso mandar um pouco para sua família. Será o suficiente para manter seus irmãos na escola por mais um período, pelo menos.

—E o período depois disso?— Annabel disse. Porque haveria um período depois disso. E depois outro. E por mais generosa que fosse a oferta de Louisa, não duraria para sempre.

—Nós vamos lidar com isso quando chagar. No mínimo, conseguiremos um pouco de tempo. Você pode conhecer alguém. Ou talvez o Sr. Grey...

—Louisa!

—Não, me escute—, Louisa interrompeu. —Talvez ele tenha algum dinheiro que ninguém sabe.

—Você não acha que ele teria dito algo se ele tivesse? —Ele não...

—Não, ele não tem—, Annabel cortou, odiando o modo como sua voz soava. Mas era difícil. Era difícil pensar em Sebastian e todos os motivos pelos quais ela não deveria casar com ele. —Ele disse que não é um mendigo e disse que não iríamos passar fome, mas quando eu lembrei que há oito de nós, ele fez uma piada sobre fazer dieta!

Louisa estremeceu, em seguida, tentou recusar.

—Bem, nós sabíamos que ele não era tão rico como o conde. Mas realmente, quem é? E você não precisa de joias e palácios, não é?

—Claro que não! Se não fosse por minha família, eu...

—Você o quê? O que, Annabel?

Eu casaria com Sebastian.

Mas ela não ousou dizer em voz alta.

—Você deve pensar em sua própria felicidade—, disse Louisa. Annabel soltou um grunhido.

—O que você acha que eu estive pensando? Se eu não estivesse pensando na minha felicidade provavelmente teria perguntado ao conde se ele casaria comigo.

—Annabel, você não pode casar com Lorde Newbury.

Annabel olhou para a prima em estado de choque. Era a primeira vez que ela ouviu Louisa levantar a voz.

—Eu não vou deixar você fazer isso—, disse Louisa insistentemente.

—Você acha que eu quero casar com ele? —Então, não case.

Annabel cerrou os dentes em frustração. Não com Louisa. Apenas com a vida.

—Eu não tenho as suas escolhas,— ela finalmente disse, tentando manter a voz uniforme e calma. —Eu não sou a filha do Duque de Fenniwick e eu não tenho um dote grande o suficiente para adquirir um pequeno reino nos Alpes, e eu não fui criada em um castelo, e...

Ela parou. O olhar ferido no rosto Louisa era suficiente. —Eu não quis dizer isso dessa forma—, ela murmurou. Luísa ficou em silêncio por um momento antes de dizer:

—Eu sei. Mas você sabe, eu não tenho as suas escolhas, também. Os homens nunca teriam brigado por mim no White. Ninguém jamais flertou comigo na ópera, e eu certamente nunca fui comparada a uma deusa da fertilidade.

Annabel soltou um pequeno gemido. —Você ouviu isso também, né? Louisa assentiu.

—Sinto muito.

—Não—. Annabel abanou a cabeça. —É engraçado, pelo menos eu acho.

—Não, não é—, disse Louisa, mas ela olhou como se estivesse tentando não sorrir. Lançou um olhar para Annabel, viu que ela também estava tentando não sorrir, e desisti. —Sim, é.

E elas riram.

—Oh, Louisa—, disse Annabel, uma vez que o riso derreteu em um sorriso melancólico: — Eu te amo.

Louisa esticou o braço e acariciou a mão dela.

—Eu também te amo, prima. — Então, ela afastou a cadeira e se levantou. —É hora de descer.

Annabel se levantou e seguiu até a porta. Louisa saiu para o corredor.

—Lady Challis afirma que haverá charadas, depois do jantar. —Charadas—, Annabel repetiu. De alguma forma, parecia ridiculamente adequado.

Lady Challis havia instruído seus convidados a se reúnem na sala antes do jantar. Annabel esperou até o último minuto possível para dirigir-se ao térreo. Lorde Newbury não era estúpido, ela esteve evitando-o por vários dias e suspeitava que ele sabia disso. Sem dúvida, quando ela entrou na sala, ele estava esperando perto da porta.

Então, ela percebeu, era Sebastian.

—Senhorita Winslow—, o conde disse, interceptando-a imediatamente —, temos que conversar.

—Jantar—, Annabel respondeu, controlando uma reverência ao mesmo tempo. —Er, acho que é quase hora de ir.

—Temos tempo—, afirmou Newbury secamente.

Pelo canto dos olhos, Annabel podia ver Sebastian movendo-se lentamente em sua direção.

—Falei com seu avô—, disse Newbury. —Está tudo combinado. Estava tudo arranjado? Estava na ponta da língua de Annabel para perguntar se ele ainda pensava em perguntar a ela. Mas ela se segurou. A segunda última coisa que ela queria era fazer uma cena na sala de Lady Challis. Sem mencionar que Lorde Newbury provavelmente tomaria isso como um convite para propor ali mesmo.

O que era a última coisa que ela queria.

—Certamente este não é a hora, meu Lorde—, ela garantiu.

Mas o rosto de Newbury endureceu. E Sebastian estava cada vez mais perto.

—Farei um anúncio, depois do jantar: — Lorde Newbury disse a ela.

Annabel ofegou.

—Você não pode fazer isso! Isso pareceu diverti-lo. —Sério?

—Você nem sequer me pediu—, protestou ela. E mordeu a língua quase de frustração. Tanta coisa para não dar abertura.

Newbury riu.

—É esse o problema, então? Seu orgulho foi ferido. Muito bem, vou lhe dar corações e flores, depois do jantar. —Ele sorriu lascivamente, o lábio inferior sacudindo com o esforço. —E talvez você deva me dar algo para mim em troca. — Ele colocou a mão em seu braço, em seguida, o deixou deslizar para baixo até a parte inferior.

— Lorde Newbury! Ele a beliscou.

Annabel pulou para longe, mas o conde já estava rindo para si mesmo e se dirigir à sala de jantar. E ao vê-lo ir, ela começou a sentir uma estranha sensação.

Liberdade.

Porque, finalmente, depois de evitar, adiar e esperar que alguma coisa acontecesse para que ela não tivesse que dizer sim ou não para o homem, cuja oferta de casamento resolveria todos os seus problemas familiares, ela percebeu que simplesmente não poderia fazê-lo.

Talvez na semana passada, talvez antes de Sebastian...

Não, ela pensou, tão belo e maravilhoso como era, por mais que ela o adorasse e esperava que ele a adorasse, ele não era a única razão pela qual não podia casar com Lorde Newbury. Ele, no entanto, forneceu uma alternativa excelente.

—O que diabos aconteceu?— Sebastian exigiu, ao seu lado em um instante.

—Nada—, respondeu Annabel e quase sorriu. —Annabel...

—Não, realmente. Não foi nada. Finalmente, não foi nada. —O que você quer dizer?

Ela balançou a cabeça. Todo mundo estava indo para o jantar. —Eu vou te dizer mais tarde.

Ela estava se divertindo muito com seus próprios pensamentos para compartilhá-los, até mesmo com ele. Quem teria pensado que um beliscão no fundo seria o que finalmente fez tudo ficar claro? Não tinha sido a pressão, na verdade, mas o olhar em seus olhos.

Como se ele fosse dono dela.

Nesse momento ela percebeu que havia pelo menos dez razões pelas quais ela nunca, jamais poderia comprometer-se com aquele homem no casamento.

Dez, mas provavelmente uma centena mais.

## CAPÍTULO 22



*Um*, Annabel pensou feliz enquanto tomava seu assento à mesa, Lorde Newbury era simplesmente velho demais. Sem mencionar que *dois*: ele estava tão desesperado por um herdeiro que provavelmente iria feri-la na tentativa, e certamente nenhuma mulher com uma fratura no quadril poderia carregar um bebê de nove meses. E, claro, havia...

—Porque você está sorrindo?— Sebastian sussurrou.

Ele estava em pé atrás dela, supostamente a caminho de seu próprio assento, que era diagonal ao dela, dois lugares próximos da cabeceira da mesa. Como alguém poderia pensar que o lugar dela ficava no caminho para o dele estava além dela, o que a levou a uma revisão do três: ela parecia ter atraído a atenção do homem mais charmoso e adorável da Inglaterra e quem era ela para deixar tal tesouro ir embora?

—Estou muito feliz de estar abaixo na outra extremidade da mesa com o resto dos plebeus—, ela sussurrou de volta. Lady Challis não era nada senão uma defensora da propriedade e não haveria desvios em dispor cada um de acordo com a posição social, quando fez a arrumação dos assentos. O que significava que, com cerca de quarenta convidados entre Annabel e a cabeceira da mesa, Lorde Newbury parecia a quilômetros de distância.

Ainda mais agradável, ela estava sentada junto a Edward, primo de Sebastian, cuja companhia lhe deu tanto prazer na hora do almoço. Como seria rude ficar perdida em seus pensamentos, ela rapidamente decidiu renumerar seus irmãos de quatro para dez. Com certeza a amavam o suficiente para não querer que ela entrasse em hedionda união a favor deles.

Ela se virou para o Sr. Valentim, radiante. Sorrindo tão amplamente, de fato, que ele parecia realmente surpreso.

—Não é uma noite maravilhosa?—, Perguntou ela, porque era. —Er, sim. — Ele piscou algumas vezes, em seguida, lançou um olhar rápido para Sebastian, quase como se pedindo aprovação. Ou talvez apenas para ver se ele estava assistindo.

—Estou tão feliz que você esteja participando—, continuou ela, olhando com alegria para a sopa. Ela estava com fome. A felicidade sempre a deixava com fome. Ela olhou para o Sr. Valentim, para que ele achasse que ela estava satisfeita com a sopa (embora ela estivesse, ela realmente estava) e acrescentou — Eu não imaginava que você estaria aqui — sua avó tinha obtido uma lista dos hóspedes de Lady Challis, e Annabel tinha certeza de que não havia Valentines nela.

—Eu fui uma adição muito recente.

—Tenho certeza de Lady Challis ficou muito feliz por tê-lo como convidado. — Ela sorriu de novo, não conseguia se conter. —Agora, então, o Sr. Valentine, devemos falar de assuntos muito mais importantes. Tenho certeza que você deve conhecer muitas histórias embaraçosas sobre seu terrível primo, o Sr. Grey. — Ela se inclinou um pouco, os olhos brilhando. —Eu quero ouvir todas elas.

Sebastian não poderia decidir se ficava intrigado ou furioso.

Não, não era verdade. Ele ponderou raiva por cerca de dois segundos, depois se lembrou que nunca ficava irritado e decidiu que intrigado era preferível.

Ele quase intercedeu quando Newbury encurralou Annabel na sala, na verdade ele tinha muito mais vontade de beliscar o tio na pálpebra depois que ele beliscou Annabel na bunda. Mas justo quando ele deu um passo à frente, Annabel sofreu a mais notável transformação. Por alguns instantes, foi quase como se ela não estivesse ali, como se sua mente tivesse decolado e ido a algum lugar distante e feliz.

Ela parecia elevada. Leve.

Sebastian não conseguia imaginar o que seu tio poderia ter dito para deixá-la tão feliz, mas reconheceu a inutilidade de tentar questioná-la enquanto todos estavam se sentando para o jantar.

Então decidiu que se Annabel não estava furiosa com o beliscão de Newbury, então ele também não ficaria.

No jantar, ela estava positivamente incandescente, que, dado os dois lugares-no final-de-toda-a-mesa referente a posição deles, era um pouco aborrecido. Ele não podia desfrutar do esplendor dela, nem podia levar o crédito por isso. Ela parecia estar desfrutando imensamente da conversa com Edward e Sebastian descobriu que se ele se inclinasse um pouco a sua esquerda, poderia ouvir quase metade do que eles estavam dizendo.

Poderia ter ouvido mais, exceto que também a sua esquerda estava a idosa Lady Millicent Farnsworth. Quem era quase surda.

Como ele certamente ficaria até o final da noite.

—Isso é pato?—, Ela gritou, apontando para um pedaço de ave que era, de fato, pato.

Sebastian engoliu, como se o movimento pudesse de alguma forma desalojar a voz de sua orelha e disse algo sobre o pato (que ele ainda não tinha provado) estar delicioso.

Ela balançou a cabeça.

—EU NÃO GOSTO DE PATO—. E então, num sussurro abençoado, ela acrescentou: — Dá-me

urticária.

Sebastian decidiu então que até que ele tivesse idade suficiente para ter netos, isso era mais do que queria saber sobre uma mulher com idade superior a setenta anos.

Enquanto Lady Millicent estava ocupada com a carne ao vinho, Sebastian esticou o pescoço apenas superficialmente mais longe do que era sutil, tentando ouvir o que Annabel e Edward estavam conversando.

—Eu fui uma adição muito recente—, Edward disse.

Sebastian presumiu que ele estivesse falando sobre a lista de convidados.

Annabel deu, a Edward, não a Sebastian, outro de seus sorrisos brilhantes.

Sebastian ouviu ele mesmo rosnar. —O QUÊ?

Ele se encolheu. Foi um reflexo natural. Ele gostava de sua orelha esquerda.

—Não é a carne deliciosa?—, Disse a Lady Millicent, apontando para esclarecer.

Ela concordou, disse algo sobre o Parlamento e espetou uma batata.

Sebastian olhou para Annabel, que estava conversando animadamente com Edward.

Olhe para mim, ele determinou. Ela não olhou.

Olhe para mim. Nada.

Olhe...

—O QUE O SENHOR ESTÁ OLHANDO?

—Só admirando sua pele clara, Lady Millicent—, disse Seb suavemente. Ele sempre foi bom nisso. —Você deve ser muito diligente sobre permanecer fora do sol.

Ela assentiu com a cabeça e murmurou: —Eu vigio o meu dinheiro.

Sebastian estava estupefato. Que diabos ela pensou que ele havia dito?

—COMA A CARNE. — Ela deu outra mordida. —É A MELHOR COISA NA MESA.

Ele comeu. Mas precisava de sal. Ou melhor, ele precisava do saleiro, que estava em frente à Annabel.

—Edward, — ele disse, —você poderia, por favor, pedir a senhorita Winslow o sal?

Edward virou para Annabel e repetiu o pedido, embora na opinião de Sebastian, não havia necessidade de os dele olhos viajar para qualquer lugar abaixo do rosto dela.

—É claro—, murmurou Annabel e pegou o saleiro. Olhe para mim.

Ela entregou a Edward. Olhe para mim.

E então... Finalmente. Ele deu a ela seu sorriso mais enternecedor, do tipo que prometia segredos e prazeres.

Ela corou. Do rosto, as orelhas, para a pele do peito, tão deliciosamente exposta acima do adorno rendado do corpete. Sebastian se permitiu um suspiro satisfeito.

—Senhorita Winslow?— Edward perguntou. —Está se sentindo bem?

—Perfeitamente bem—, disse ela, abanando-se. —Está quente aqui?

—Talvez um pouco—, disse ele, obviamente mentindo. Ele estava vestindo uma camisa, gravata, colete e jaqueta, e parecia fresco e confortável como um pedaço de gelo. Enquanto que Annabel, cujo vestido foi cortado baixo o suficiente para que metade do seio ficasse exposto ao ar, tinha acabado de tomar um longo gole de vinho.

—Minha sopa estava muito quente—, disse ela, dando um rápido olhar a Sebastian. Ele devolveu com uma lambida minúscula nos lábios.

—Senhorita Winslow?— Edward perguntou de novo, todo preocupado.

—Estou bem—, ela retrucou.

Sebastian riu. —PROVE O PEIXE.

—Acho que irei provar—, disse Seb, sorrindo para Lady Millicent. Ele pegou um pedaço do salmão, que realmente estava excelente, Lady Millicent aparentemente conhecia sobre peixe, então furtivamente deu um olhar a Annabel, que ainda parecia precisar de um copo de água. Edward, por outro lado, tinha aquele olhar vidrado nos olhos, o que parecia cada vez que pensava sobre os seios de Ann...

Sebastian o chutou.

Edward rosnou ao redor para enfrentá-lo.

—Tem alguma coisa errada, o Sr. Valentine?— Annabel perguntou. —Meu primo—, ele mordeu —, tem pernas excepcionalmente longas.

—Ele o chutou?— Ela virou-se rapidamente para Sebastian. — Você quis chutá-lo? — murmurou.

Ele deu outra bocado no peixe. Ela se virou para Edward.

—Por que ele faria uma coisa dessas?

Edward ruborizou até as pontas das orelhas. Sebastian decidiu deixar Annabel cuidar disso sozinha. Ela se virou e fez uma careta para ele, o que ele retornou com:

—Por que, senhorita Winslow, o que poderia estar errado? —ESTÁ FALANDO COMIGO?

—A senhorita Winslow estava me perguntando que tipo de peixe estamos comendo—, Sebastian mentiu.

Lady Millicent olhou Annabel como se ela fosse uma idiota, balançou a cabeça, e murmurou algo que Sebastian não conseguiu entender. Ele pensou ter ouvido salmão. Talvez carne também. E poderia jurar que ela disse algo sobre um cachorro.

Isso o preocupou.

Ele olhou para o prato, querendo ter certeza de que poderia identificar cada substância como carne e, em seguida, satisfeito de que tudo era o que deveria ser, comeu um pedaço de carne.

—Está bom—, disse Lady Millicent, dando nele uma cotovelada. Ele sorriu e assentiu, aliviado que ela parecia estar falando com uma voz mais calma.

—Deveria pegar um pouco mais. É a melhor coisa no prato. Sebastian não tinha certeza sobre isso, mas...

—Onde está a carne? E lá se foi seu ouvido.

Lady Millicent foi esticando o pescoço, procurando desta forma e daquela. Ela abriu a boca para gritar novamente, mas Sebastian levantou o que esperava que fosse uma mão pedindo silêncio e sinalizou para um lacaios.

—Mais carne bovina para a dama—, pediu.

Com uma expressão de dor, o lacaios explicou que não havia sobrado nada.

—Você pode conseguir algo que se pareça com carne? —Temos pato o mesmo molho.

—Deus, não. — Sebastian não tinha ideia de alergia Lady Millicent poderia ter, ou quanto tempo levaria para ela chegar lá, mas ele fervorosamente não queria descobrir.

Com um gesto exagerado para o extremo oposto da mesa, ele disse algo a ela sobre um cachorro, e enquanto ela estava olhando para o lado, rapidamente ele colocou o resto de sua carne no prato dela.

Ao não encontrar um cão (ou sapo, porco, ou gato) perto do final da mesa, Lady Millicent voltou com uma expressão de alguma irritação, mas Sebastian rapidamente segurou-se com:

—. Encontraram uma última porção.

Ela deu um gemido de prazer e voltou a comer. Seb arriscou um olhar para trás em Annabel, que parecia ter assistido todo o intercâmbio.

Ela estava sorrindo de orelha a orelha.

Seb pensou que de todas as mulheres que ele conheceu em Londres, algumas teriam olhado com horror, ou desgosto, ou se tivessem algum humor, teriam dissimulado o sorriso, ou tentariam escondê-los atrás da mão.

Mas não Annabel. Ela sorria como ria, magnífica e grandiosa. Seus olhos, verdes acinzentado transformados na luz da noite, brilharam com a travessura compartilhada.

E ele percebeu, logo ali na mesa lotada da sala de jantar de Lady Challis, que nunca poderia viver sem ela. Ela era tão linda, tão gloriosamente feminina, a respiração dele literalmente fluiu do corpo. O rosto, em forma de coração e com aquela boca que sempre parecia como se quisesse sorrir, a pele, não tão pálido como a moda pedia, mas absolutamente perfeita para ela. Ela parecia saudável, beijada pelo vento.

Ela era o tipo de mulher que um homem queria levar para casa. Não, ela era a mulher que ele queria levar para casa. Ele a pediu em casamento... Mas por quê? Ele mal conseguia se lembrar. Ele gostava dela, ele a desejava e Deus sabia, ele sempre amou mulheres que precisavam ser salvas. Mas ele nunca pediu uma para se casar com ele antes.

Podia seu coração ter conhecido algo que sua cabeça não conseguiu compreender bem?

Ele a amava. Ele a adorava.

Ele queria ir para a cama com ela todas as noites, fazer amor, como se não houvesse amanhã e depois acordar nos braços dela, na manhã seguinte, descansado e satisfeito, e pronto para se dedicar à tarefa singular de fazê-la sorrir.

Ele levou o copo aos lábios, sorrindo para o seu vinho. A luz bruxuleante das velas estavam dançando sobre a mesa e Sebastian Grey estava feliz.

No final da refeição, as damas se desculparam para que os cavalheiros pudessem desfrutar do porto. Annabel encontrou Louisa (que, infelizmente, ficou perto de Lorde Newbury na cabeceira da mesa) e as duas foram de braços dados para a sala de desenho.

—Lady Challis afirma que devemos ler, escrever e bordar até que os cavalheiros se reunam conosco—, disse Louisa.

—Você trouxe o bordado? Louisa fez uma careta.

—Acho que ela disse algo a providenciá-lo.

—A verdadeira finalidade da festa torna-se clara, — Annabel disse secamente. —Quando retornar a Londres, Lady Challis terá todo um novo conjunto de fronhas.

Louisa riu com isso e em seguida, disse:

—Vou pedir a alguém para buscar o meu livro. Devo pedir o seu também?

Annabel assentiu, esperando enquanto Louisa falava com uma criada.

Quando ela terminou, entraram na sala, pegando os lugares mais próximos do perímetro que podiam. Poucos minutos depois, a empregada chegou, carregando dois livros. Ela estendeu Senhorita Sainsbury e o Coronel misterioso, e ambas as damas estenderam as mãos para pegá-lo.

—Oh, que engraçado, estamos lendo o mesmo livro!— Exclamou Louisa, uma vez que ambos os volumes tinham o mesmo título.

Annabel olhou para a prima, surpresa. —Você ainda não leu?

Luísa deu um encolher de ombros.

—Eu tanto gostei tanto da Senhorita Truesdale e o cavalheiro silencioso que pensei em reler os outros três. — Olhou para cópia de Annabel. —Em qual parte você está?

—Ehrm... — Annabel abriu o livro e encontrou o lugar. —Acho que a senhorita Sainsbury havia acabado de se jogar sobre uma cerca. Ou talvez na cerca.

—Ah, o bode—, Louisa disse sem fôlego. —Adorei essa parte. — Ela levantou a cópia. — Ainda estou no começo.

Elas se instalaram com seus livros, mas antes que qualquer uma delas pudesse virar uma página, Lady Challis apareceu.

—O que vocês estão lendo?—, Perguntou ela.

—Senhorita Sainsbury e o Coronel Misterioso—, Louisa respondeu educadamente.

—E você, Senhorita Winslow? —Oh, o mesmo, na verdade.

—Vocês estão lendo o mesmo livro? Como querida! —Lady Challis apontou para uma amiga do outro lado da sala. —Rebeca, venha ver isso. Elas estão lendo o mesmo livro.

Annabel não estava certa porque isso era considerado tão notável, mas ela se sentou em silêncio e esperou Lady Westfield vir.

—Primas, — Lady Challis declarou. —Lendo o mesmo livro. —Na verdade eu já o li antes—, Louisa mencionou.

—Que livro é?— Lady Westfield perguntou.

—Senhorita Sainsbury e o Coronel Misterioso—, disse Annabel novamente.

—Oh, sim. Da Sra. Gorely. Eu gostei muito desse. Especialmente quando o pirata torna-se...

—Não diga nada!— Exclamou Louisa. —Annabel não acabou de ler.

—Ah sim, claro.

Annabel franziu a testa, folheando as páginas. —Eu achava que ele era um corsário.

—É um dos meus favoritos—, Louisa pontuou. Lady Westfield voltou sua atenção para Annabel.

—E você, Senhorita Winslow, está gostando?

Annabel limpou a garganta. Não tinha certeza se realmente estava apreciando o livro, mas ela não desgostava dele. E havia algo muito reconfortante sobre isso. Fazia lembrar-se de Sebastian, na verdade. A Sra. Gorely era uma das autoras favoritas dele e ela poderia ver o por que. A maioria das partes quase soavam como ele.

—Senhorita Winslow?— Lady Westfield repetiu. —Você está gostando do livro?

Annabel começou, então percebeu que não havia respondido a pergunta.

—Acho que sim. A história é bastante divertida, embora um pouco implausível.

—Um pouco?— Louisa respondeu rindo. —É completamente implausível. Mas isso é o que a torna tão maravilhosa.

—Eu imagino, — Annabel respondeu. —Eu só queria que a escrita fosse um pouco menos exuberante. Às vezes eu sinto como se estivesse vadeando através adjetivos.

—Oh, acabei de ter a ideia mais maravilhosa—, Lady Challis exclamou, batendo palmas. —Vamos deixar as charadas para outra noite.

Annabel soltou um enorme suspiro de alívio. Ela sempre odiou charadas.

—Em vez disso, teremos uma leitura! Annabel olhou-a bruscamente.

—O quê?

—Uma leitura. Nós já temos duas cópias aqui. Tenho certeza que tenho outra em nossa biblioteca. Três devem ser mais do que suficiente.

—Você pretende ler senhorita Sainsbury?— Louisa perguntou. —Oh, eu não—, Lady Challis disse, colocando uma mão sobre o coração. —A dona de casa nunca tem um papel.

Annabel estava bastante certa de que isso não era verdade, mas não havia muito que pudesse fazer sobre isso.

—Será uma de nossas participantes, senhorita Winslow?— Lady Challis perguntou. —Você tem um olhar teatral.

Entre outros itens, dos quais Annabel tinha certeza: este não era um elogio. Mas ela concordou em ler, porque, mais uma vez, não havia muito que pudesse fazer sobre isso.

—Você deveria pedir ao Sr. Grey para participar—, Louisa sugeriu. Annabel decidiu chutá-la mais tarde, já que não poderia alcançá-la no momento.

—Ele é um grande fã da Sra. Gorely—, Louisa continuou. —Ele é?— Lady Challis murmurou.

—Ele é—, Louisa confirmou. —Discutimos a nossa mútua admiração mútua pela autora recentemente.

—Muito bem, então — Lady Challis decidiu. —Deve ser o Sr. Grey. E você, também, Lady Louisa.

—Ah. Não. —Louisa corou furiosamente, o que em Louisa era impetuoso, de fato. —Eu não poderia. Eu sou, sou terrível em tais coisas.

—Não há tempo como o presente para a prática, você não acha? Annabel estava ansiosa por um pouco de vingança contra a prima, mas mesmo ela achava que isso era muito cruel.

—Lady Challis eu tenho certeza que podemos encontrar alguém que gostaria de participar. Ou talvez Louisa possa ser a nossa diretora!

—Você precisa de uma?

—Er, sim. Quero dizer, é claro que precisamos. Todos não precisam de um diretor de teatro? E o que é uma leitura, se não um teatro?

—Muito bem, — Lady Challis disse com um gesto. —Vocês podem resolver isso entre vocês. Se me dão licença, vou ver o que está tomando tanto tempo dos cavalheiros.

—Obrigada—, disse Louisa, assim que Lady Challis partiu. —Eu não poderia nunca ler na frente de todos.

—Eu sei—, disse Annabel. Ela não estava particularmente ansiosa para a leitura de Senhorita Sainsbury na frente de toda a festa, também, mas pelo menos ela tinha alguma prática nesse tipo de coisa. Ela e os irmãos realizavam frequentemente encenações e leituras em casa.

—Qual parte devemos escolher?— Louisa perguntou, folheando o livro.

—Eu não sei. Não estou nem na metade ainda. Mas não —, disse Annabel acentuadamente—, faça-me interpretar o bode.

Louisa riu disso.

—Não, não, você deve ser a Senhorita Sainsbury, é claro. O Sr. Grey será o coronel. Oh, querida, vamos precisar de um narrador. Talvez o primo do Sr. Grey?

—Acho que seria muito mais engraçado se o Sr. Grey interpretasse a Senhorita Sainsbury—, disse Annabel, totalmente indiferente.

Louisa ofegou. —Annabel, você é má.

Annabel deu um encolher de ombros. —Posso ser o narrador.

—Oh, não. Se você fará o Sr. Grey interpretar a Senhorita Sainsbury, você deve ser o coronel. O Sr. Valentine será o narrador. — Louisa franziu o cenho. —Ou talvez devêssemos perguntar ao Sr. Valentine se ele deseja participar antes de lhe atribuir um papel.

—Eu não tive escolha—, Annabel lembrou. Louisa considerou isso.

—Verdade. Muito bem, deixe-me encontrar uma passagem adequada. Quanto tempo você acha que a leitura deveria durar?

—O mais breve que possamos conseguir— Annabel disse com firmeza.

Louisa abriu o livro e, em seguida, virou várias páginas. —Isso pode ser difícil, se formos evitar o bode. —Louisa... — Annabel advertiu.

—Devo assumir que a sua proibição também se estende as ovelhas?

—A todas as criaturas de quatro patas. Louisa sacudiu a cabeça.

—Você está tornando isso muito difícil. Eu tenho que eliminar todas as cenas com ovelhas.

Annabel inclinou sobre o ombro dela, murmurando: —Eu não cheguei a esse ponto ainda.

—Ordenha de cabras—, Louisa confirmou. —O que as damas estão olhando?

Annabel olhou para cima, então derreteu um pouco por dentro. Sebastian estava de pé em frente a elas, provavelmente não vendo nada, além de suas cabeças sobre o livro.

—Iremos representar uma cena—, disse ela, com um sorriso de desculpas. —De Senhorita Sainsbury e o Coronel Misterioso.

—Sério?— E imediatamente se sentou ao lado delas. —Que cena? —Eu estou tentando decidir—, Louisa informou, olhando para ele.

—Ah, a propósito, você será a senhorita Sainsbury. Ele piscou.

—Verdade.

Ela fez um pequeno movimento com a cabeça na direção de Annabel.

—Annabel será o coronel.

—Um pouco para rudimentar, você não acha?

—Será mais divertido dessa forma—, disse Louisa. —Foi ideia de Annabel.

Sebastian virou toda a força de seu olhar para Annabel.

—Por que—, ele murmurou secamente, — eu não estou surpreso? Ele sentou-se muito próximo a ela. Sem tocar, ele nunca seria tão indiscreto para fazer isso em um lugar tão público. Mas era como se eles tivessem se tocando. O ar entre eles ficou mais aquecido e a pele dela começou a picar e tremer.

Num instante ela estava de volta ao lago, com as mãos dele sobre sua pele, os lábios por toda parte. Seu coração começou a bater muito rápido e ela realmente, realmente gostaria de ter pensado em trazer um leque. Ou um copo de ponche.

—Seu primo será o narrador, — Louisa anunciou completamente alheia ao estado superaquecido de Annabel.

—Edward?—, Disse Sebastian, recostando-se como se estivesse completamente inalterado. — Ele irá gostar disso.

—Sério?— Louisa sorriu admirada. —Só preciso encontrar a cena certa.

—Algo dramático, espero? Ela assentiu com a cabeça.

—Mas Annabel tem insistido que não se incluam as cabras. Annabel queria fazer um comentário incisivo, mas sua respiração não estava muito sob controle.

—Eu não sei se Lady Challis apreciaria animais em sua sala de visitas, — Sebastian concordou.

Annabel finalmente conseguiu respirar regularmente, mas o resto dela estava se sentindo muito estranho. Arrepiada, como se seus membros estivessem desesperados para se mover e havia uma tensão começando a espiralar dentro dela.

—Eu nunca considere um bode vivo—, Louisa disse com uma risada.

—Pode tentar recrutar o Sr. Hammond-Betts, — Sebastian sugeriu. —O cabelo dele é bastante fofo.

Annabel tentou focar os olhos em um certo ponto na frente dela. Eles estavam conversando sobre ela, sobre cabras, pelo amor de Deus e ela se sentiu como se pudesse entrar em combustão a qualquer momento. Como poderiam não perceber?

—Eu não o imagino aceitando de bom grado o pedido—, disse Louisa com um pouco de riso.

—É uma lástima—, murmurou Sebastian. —Ele parece talentoso. Annabel tomou outra respiração superficial. Quando Sebastian baixava a voz assim, suave e rouca, a fazia contorcer-se positivamente. —Oh, aqui estamos—, Louisa disse entusiasmada. —O que você acha dessa cena?— Ela se aproximou de Annabel com o livro na mão para passar a Sebastian. O que significava que ele teria que se aproximar de Annabel, também.

A mão dele roçou a manga dela. A coxa dele encostou na dela. Annabel saltou e ficou de pé, golpeando o livro para fora do alcance de qualquer um deles (ela não sabia quem, não se importava, também). —Com licença—, ela chiou.

—Há algo errado?— Louisa perguntou.

—Nada, Eu, ehmm, Apenas... — Ela limpou a garganta. —Já volto.

— E depois: — Se vocês me desculparem. — E depois: —Só um momento.— E depois: —Eu...

—Apenas vá—, disse Louisa.

Ela o fez. Ou melhor, tentou. Annabel estava com tanta pressa que não estava prestando atenção para onde estava indo, e quando chegou à porta, mal conseguiu evitar colidir com o cavalheiro que entrava na sala.

O Conde de Newbury.

A vertigem borbulhante que crescia dentro de Annabel morreu em um instante.

—Lorde Newbury,— ela murmurou, mergulhando em uma reverência respeitosa. Não queria contrariá-lo, simplesmente não queria se casar com ele.

—Senhorita Winslow. — Seus olhos varreram a sala antes de voltar para ela.

Annabel percebeu que sua mandíbula tencionou quando espiou Sebastian, mas, além disso, a única expressão em seu rosto era de satisfação.

Que, naturalmente, deixou Annabel nervosa. —Vou fazer o anúncio agora—, disse a ela.

—O quê?— De alguma forma ela conseguiu fazer que não soasse como um grito. —Meu Lorde, — ela disse, tentando soar pacificadora, ou se não isso, então, ao menos, razoável, — com certeza este não é o momento.

—Bobagem—, ele disse com desdém. —Acredito que todos estão aqui.

—Eu não disse que sim—, ela rilhou.

Ele se virou para ela com um olhar fulminante. E depois não disse mais nada, como se nada mais fosse necessário.

Ele nem sequer a pensava digna de uma resposta, Annabel esbravejou.

—Lorde Newbury—, disse ela com firmeza, colocando uma mão no braço dele: — Eu o proíbo de fazer um anúncio.

O rosto dele, já corado, quase se tornou roxo e uma veia começou a salientar na garganta. Annabel tirou a mão do braço dele e deu um passo cauteloso para trás. Não achava que ele fosse

bater nela na frente uma platéia, mas ele havia dado um soco em Sebastian na frente do clube inteiro. Pareceu sensato a se distanciar.

—Eu não disse sim, — ela disse novamente, porque ele não estava respondendo. Ele estava apenas olhando para ela com uma expressão trovejante, e por um momento que ela temeu que ele pudesse realmente ter um ataque apoplético. Nunca em sua vida testemunhou outro ser humano com tanta raiva. A saliva ia surgindo dos cantos da boca e os olhos estavam enormes como sapos na cabeça dele. Era horrível. Era horrível.

—Você não precisa dizer sim —, ele finalmente cuspiu. Mas sua voz foi um sussurro áspero. — ou não. Você foi comprada e vendida, e na próxima semana irá abrir suas pernas e fazer o seu dever de sangue por mim. E irá fazer isso de novo e de novo até que produza um menino saudável. Estamos entendidos?

—Não—, disse Annabel, certificando-se de que sua voz, pelo menos, fosse perfeitamente clara, — nós não estamos.

## CAPÍTULO 23



—Vamos ver, Lady Louisa, qual cena você escolheu? —Sebastian sorriu, estendeu a mão para pegar o livro, que havia caído no tapete depois de Annabel bater as mãos. Que divertido ele recitar seu próprio trabalho. Um pouco absurdo que ele tivesse que interpretar a Senhorita Sainsbury, mas tinha bastante confiança em sua masculinidade que sentiu que podia cuidar do assunto com bastante desenvoltura.

Além disso, era muito bom nesse tipo de coisa, se dissesse por si mesmo. Não importa que a última vez que leu para um público, caiu de uma mesa e deslocou o ombro. Ele não se arrependeu, no mínimo. Ele levou às criadas as lágrimas. Lágrimas!

Foi um belo momento.

Ele pegou o livro, alisando-o para entregá-lo de volta a Louisa para que ela pudesse encontrar a página novamente, mas quando viu a expressão preocupada, fez uma pausa. Então ele se virou, seguindo o olhar dela.

Annabel estava perto da porta. Então, lá estava o tio dele. —Eu o odeio—, Louisa sussurrou com veemência.

—Eu também não sou terrivelmente afeiçoado a ele.

Louisa agarrou seu braço com uma força que ele não teria imaginado que ela possuísse, e quando ele se virou para ela, se assustou com a ferocidade em seus olhos. Ela era tão sem cor, e contudo, naquele momento, estava positivamente em chamas.

—Você não pode deixá-la casar com ele—, disse ela. Sebastian virou para a porta, estreitando os olhos. —Eu não pretendo deixar.

Ele esperava, porém, para ver se a situação se ajeitaria sozinha. Pelo amor de Annabel, não queria causar uma cena. Estava bem consciente de que Lady Challis tinha planejado a festa com o triângulo amoroso Grey-Winslow-Newbury como a principal fonte de entretenimento. Qualquer coisa que desse uma dica de escândalo estaria na língua de todos os fofoqueiros de Londres nos próximos dias. Não era surpresa que, todos os olhos na sala estavam firmemente em Annabel e Lorde Newbury.

Quando não estavam olhando Sebastian.

Na verdade, ele tinha toda a intenção de permanecer de fora. Mas quando seu tio começou a tremer e ferver de raiva, a pele se encheu de manchas de fúria enquanto sussurrava algo a Annabel, Sebastian não podia ficar ali.

—Há lago errado?—, Ele perguntou numa voz suave fresca, indo ficar um pouco atrás e ao lado de Annabel.

—Isso não é da sua conta—, cuspiu seu tio.

—Eu discordo—, disse Sebastian tranquilamente. —Uma dama em perigo é sempre a minha preocupação.

—A dama é a minha noiva—, Newbury redarguiu —, e, portanto, nunca será preocupação sua.

—Isso é verdade?— Sebastian perguntou a Annabel. Não porque ele acreditasse que pudesse ser, mas sim porque ele quis dar a ela a oportunidade de fazer uma negação pública.

Ela balançou a cabeça negativamente. Sebastian voltou para o tio.

—A senhorita Winslow parece estar sob a impressão de que ela não é sua noiva.

—A senhorita Winslow é uma idiota.

As vísceras de Sebastian se estiraram e sentiu nos dedos uma estranha sensação de formigamento, do tipo que forçou as mãos em punhos. Ainda assim, manteve o comportamento calmo, apenas levantando uma sobrancelha enquanto comentava secamente:

—E você ainda deseja se casar com ela. —Fique fora disso—, avisou seu tio.

—Eu poderia — Seb murmurou, —mas me sentiria tão culpado pela manhã, permitindo que uma

dama perfeitamente bela e jovem tivesse um fim tão terrível.

Os olhos de Newbury estreitaram. —Você nunca muda, não é?

Sebastian manteve o rosto extremamente em branco quando disse: —Se você quer dizer que eu sou eternamente charmoso...

A mandíbula do seu tio ficou tensa, quase a ponto de tremer.

— Até mesmo encantador, diriam alguns. — Sebastian sabia que estava forçando, mas era tão danadamente difícil de resistir. Havia uma sensação de déjà vu nesses argumentos. Nunca mudavam. Seu tio falava sem parar sobre a patética desculpa de ser humano que ele era e Sebastian ficava ali, entediado, até que ele concluísse. Razão pela qual, quando Newbury começou seu último discurso, Sebastian simplesmente cruzou os braços aumentou sua postura e se preparou para esperar acabar.

—Toda a sua vida—, Newbury rosnou, — foi indolente e sem direção, promiscuo, um fracasso na escola...

—Bem, agora, isso não é verdade—, Seb interrompeu, sentindo a necessidade de defender sua reputação na frente de um público tão grande. Ele nunca esteve no topo da classe, mas nunca foi um dos últimos, também.

Mas seu tio não tinha a intenção de terminar seu discurso. —Quem você acha que pagou pela droga de sua educação? Seu pai? —Ele riu com desdém. —Ele nunca teve dois xelins para esfregar juntos. Eu paguei as contas dele a vida toda.

Por um momento, Sebastian foi pego de surpresa.

—Bem, então creio que devo agradecer a você—, ele disse calmamente. —Eu não sabia.

—É claro que você não sabia—, seu tio atacou de volta. —Você não presta atenção em nada. Você nunca presta. Você só avança rapidamente, dormindo com as esposas de outros homens, fugindo, deixando o país e o resto de nós tem que assumir a responsabilidade por todas as suas travessuras.

Agora que era demais. Mas, quando Sebastian ficava com raiva, ficava insolente. E irreverente. E realmente muito engraçado. Ele se virou para Annabel e estendeu as mãos como se quisesse dizer —*Como poderia ser isso?*

—E eu aqui pensando que era entrar para o exército. Pelo Rei o país e tudo isso.

Uma pequena multidão se reuniu ao seu redor. Aparentemente Lady Challis e seus convidados tinham desistido de qualquer pretensão da discrição.

—Espero não estar enganado—, acrescentou virando-se para os espectadores com uma expressão cuidadosamente construída de incredulidade no rosto. —Eu atirei em muitas pessoas

horríveis na França.

Alguém riu. Alguém cobriu uma risada com a mão. Mas ninguém, Sebastian notou, fez qualquer movimento para intervir. Ele questionou se teria feito isso, caso fosse um espectador.

Provavelmente não. A cena teria sido muito divertida. O conde, cuspiendo de fúria, o sobrinho zombando. Era o que esperavam dele, Sebastian imaginou. Seu humor estava seco, seu charme lendário e ele nunca perdia a paciência.

A face de Newbury ficou um tom ainda mais surpreendente de magenta. Ele sabia que se mantivesse o humor Sebastian, Sebastian manteria a multidão. No fim, a maioria ficaria do lado da posição e fortuna, mas por enquanto, neste momento, o conde era um bufão. E Sebastian sabia que ele odiava isso.

—Não meta o nariz onde não deve—, disse seu tio mordido. Ele apontou um dedo grosso para Sebastian, chegando a poucos centímetros de seu peito. —Você nem sequer se interessava pela a senhorita Winslow até ouvir que eu estava planejando casar com ela.

—Na realidade, isso não é verdade—, disse Sebastian, quase afável. —E, na verdade, eu poderia contradizer que você decidiu fazer algo por ela até que considerou que eu poderia estar interessado.

—A última coisa que eu quero é uma de suas prostitutas. O que ela — sacudiu a cabeça em direção a Annabel, que estava observando toda a troca com a boca aberta de terror— está em perigo de se tornar.

O aperto no estômago de Sebastian deu uma outra torção. —Cuidado—, alertou, a voz perigosamente suave. —Você está insultando uma dama.

Lorde Newbury rolou os olhos vermelhos. —Estou insultando uma prostituta.

E foi isso. Sebastian Grey, o homem que se mantinha afastado do confronto, o homem que passou a guerra longe da ação, pegando o inimigo um por um, o homem que achava a raiva uma emoção tão entediante...

Ficou louco de raiva.

Ele não pensou, ele mal sentiu e não tinha ideia do que estavam dizendo ou fazendo em torno dele. Todo o seu ser encolheu e retorceu e o horrível primitivo clamor que veio de sua garganta, ele não tinha mais controle sobre isso do que sobre o resto do seu corpo, o lançou para frente, praticamente voando pelo ar, enquanto ele derrubava o tio no chão.

Eles caíram sobre uma mesa, o peso de Lorde Newbury estilhaçando a madeira e dois candelabros, ambos totalmente acesos, caiu.

Houve um grito e Sebastian tinha uma fraca noção de alguém batendo os pés para apagar as chamas, mas a droga da casa toda poderia estar pegando fogo e ele não teria deixado seu único objetivo.

Envolver suas mãos em torno da garganta de seu tio.

—Peça desculpas para a dama—, ele rosnou, apertando seu joelho direito onde poderia doer mais.

Newbury soltou um gemido ante o insultuoso golpe.

Os polegares de Sebastian descansaram ansiosamente sobre a traquéia do tio.

—Isso não soa como uma desculpa. Newbury olhou para ele e cuspiu. Sebastian nem sequer pestanejou.

—Desculpe-se—, disse ele de novo, cada sílaba entrecortada e inflexível.

Todos ao redor dele estavam gritando e alguém realmente agarrou um dos braços dele, tentando arrastá-lo para longe do tio, antes que o matasse. Mas Sebastian não poderia nada do que eles estavam dizendo. Não poderia registrar nada acima do rugido de raiva correndo em sua cabeça. Ele serviu no exército. Ele disparou em dezenas de soldados franceses, mas nunca quis ver outro homem morto.

Mas, oh Deus, agora ele queria.

—Desculpe-se ou que Deus me ajude eu irei matar você — cuspiu. Ele apertou as mãos, sentindo-se quase alegre quando os olhos de seu tio começaram a inchar e rosto ficou roxo e...

E então ele foi arrancado de cima dele e retido e ouviu Edward grunhir com o esforço enquanto chiava:

—Mantenha a calma.

—Desculpe-se com a senhorita Winslow, — Sebastian rosnou ao tio, tentando se soltar. Mas Edward e Lorde Challis estavam segurando-o firme.

Dois outros cavalheiros ajudaram Lorde Newbury a sentar-se, ainda no chão em meio aos escombros da mesa quebrada. Ele estava com falta de ar e a pele ainda era uma sombra terrível de rosa, mas tinha ódio suficiente nele para tentar cuspir em Annabel, cruelmente:

—Prostituta.

Sebastian soltou outro urro e atirou-se sobre o tio, arrastando Lorde Challis e Edward com ele. Todos eles caíram alguns passos para a frente, mas Sebastian foi contido antes que pudesse chegar ao tio.

—Peça desculpa a dama—, ele cortou. —Não.

—Desculpe-se!— Sebastian rugiu.

—Está tudo bem—, disse Annabel. Ou talvez tenha dito. Nem mesmo ela conseguiria romper o nevoeiro de raiva que corria através de seu crânio.

Ele puxou para frente, tentando mais uma vez chegar ao tio. Seu sangue estava correndo muito rápido, o pulso acelerado e seu corpo inteiro estava ansiando para lutar. Ele queria machucar. Queria mutilar. Mas foi impedido por Edward e Lorde Challis e assim ao invés disso, ele reuniu fôlego e disse:

—Peça desculpas a senhorita Winslow ou Deus me ajude, pedirei a reparação.

Várias cabeças moveram-se depressa para encará-lo. Ele acabava de sugerir um duelo? Nem mesmo Sebastian tinha certeza.

Mas Lorde Newbury apenas ficou desajeitadamente em pé e disse:

—O afastem de mim.

Sebastian manteve-se firme, apesar da insistência dos dois homens tentando puxá-lo de volta. Ele viu como Newbury escovava as mangas e tudo que conseguia pensar era: isso não está certo. Não podia acabar assim, com seu tio simplesmente indo embora. Não era justo e ele não estava certo, Annabel merecia coisa melhor.

E assim ele disse. Claramente, neste instante. —Indique seu padrinho.

—Não!— Annabel gritou.

—Que diabos você está fazendo?— Edward perguntou, puxando-o de lado.

Lorde Newbury virou-se lentamente de volta, olhando para ele em choque.

—Você está louco?— Edward sussurrou calmo, mas urgente. Sebastian finalmente se livrou de Edward.

—Ele insultou Annabel e eu exijo uma reparação. —Ele é seu tio.

—Não por escolha.

—Se você matá-lo... — Edward balançou a cabeça freneticamente. Ele olhou para Lorde Newbury, em seguida, Annabel, em seguida, Newbury, finalmente desistiu e virou-se para Sebastian com uma expressão de pânico absoluto. —Você é herdeiro dele. Todo mundo irá pensar que você o matou pelo título. Você será jogado na prisão.

Mais provável era que ele fosse enforcado, Sebastian pensou sombriamente. Mas tudo o que ele disse foi:

—Ele insultou Annabel.

—Eu não me importo—, disse Annabel rapidamente, forçando-se ao lado de Edward. —Honestamente, eu não ligo.

—Eu me importo.

—Sebastian, por favor—, implorou ela. —Só vai piorar as coisas. —Pense. — Edward insistiu. —Não há nada a ganhar. Nada. Sebastian sabia que eles estavam certos, mas não conseguia se acalmar o suficiente para aceitar. Toda a sua foi insultado pelo tio. O chamou de alguns nomes, alguns justos, mas a maioria não. Sebastian desconsiderou, porque essa era sua maneira. Mas quando Newbury insultou Annabel...

Isso não poderia suportar.

—Eu sei que não sou uma... O que ele me chamou, — Annabel disse suavemente, colocando a mão em seu braço. —E eu sei que você sabe disso também. Isso é tudo que importa para mim.

Mas Sebastian queria vingança. Ele não podia evitar. Era mesquinho e isso era infantil, mas queria machucar o tio. O queria humilhado. E isso só aconteceria que seu propósito estivesse em completo acordo com o único objetivo em sua vida, que era fazer de Annabel Winslow sua esposa.

—Eu retiro o meu desafio—, disse ele em voz alta.

Houve um suspiro coletivo. A sala, isso parecia, estar tensa e apertada, cada ombro contraído até as orelhas, cada par de olhos bem abertos e preocupados.

Lorde Newbury, ainda de pé na soleira da porta principal para o corredor, estreitou os olhos.

Sebastian não perdeu tempo. Tomando a mão de Annabel, caiu sobre um joelho.

—Oh meu Deus!— Alguém engasgou. Alguém disse o nome de Newbury, talvez para impedi-lo de sair novamente.

—Annabel Winslow, disse Sebastian, e quando olhou para ela, não foi com um de seus intensos, derretido sorrisos, do tipo que ele sabia que fazia corações femininos saltar e pular, desde nove a noventa anos de idade. Não era o seu sorriso meio seco, também, o tipo que dizia que sabia as coisas, coisas secretas, e se ele se inclinasse e sussurrasse em seu ouvido, você pode conhecê-los também.

Quando ele olhou para Annabel, era apenas um homem, olhando para uma mulher, esperando e rezando que ela o amasse do jeito que ele amava.

Ele levou a mão dela aos lábios.

—Vai me dar a grande honra de se tornar minha esposa? Os lábios dela tremeram e ela

sussurrou:

—Sim. — E então, mais alto, — Sim!

Ele se levantou e a arrebatou em seus braços. Todos ao redor dele estavam torcendo. Nem todos, mas o suficiente para tornar o momento um pouco teatral. O que Seb percebeu tardiamente que não era o que ele queria. Ele não negou uma pequena explosão de alegria por ter superado publicamente seu tio (ele nunca seria tão puro de coração que pudesse negar isso), mas enquanto segurava Annabel, sorrindo junto ao cabelo dela, várias pessoas começaram a entoar:

—Beijo! Beijo! —E ele percebeu que não queria fazer isso na frente de uma plateia.

Esse momento era sagrado. Era deles e só deles e não queria compartilhá-lo.

Eles teriam o seu momento novamente, ele prometeu, enquanto soltava Annabel e sorria alegremente para Edward, Louisa e todo o resto dos convidados de Lady Challis.

Mais tarde. Eles teriam o seu momento mais tarde. Sozinhos.

Se ele estivesse escrevendo a história, Sebastian decidiu, assim seria como ele faria.

## CAPÍTULO 24



Tinha alguém no quarto.

Annabel congelou, mal respirando sob os cobertores. Ela estava tendo uma enorme dificuldade para dormir, sua mente estava correndo e ela estava muito animada e tonta por ter finalmente decidido jogar a precaução ao vento e casar com Sebastian. Mas pura determinação e o truque de manter os olhos fechados todo o tempo, tinha finalmente vencido e ela acabou adormecendo.

Mas não deve ter sido um sono muito profundo, ou talvez fosse apenas porque passaram apenas alguns minutos desde que começou a flutuar. Porque algo a acordou. Um barulho, talvez. Talvez só o movimento na sala. Mas definitivamente havia alguém ali.

Talvez fosse um ladrão. Se fosse esse o caso, ela iria fazer o melhor para ficar totalmente parada. Não tinha nada de valor, todos os seus brincos eram falsos e até a copia de Senhorita Sainsbury e o Coronel Misterioso era uma terceira edição.

Se fosse um ladrão, ele perceberia isso e seguiria em frente.

Se não fosse um ladrão, droga, então ela estava em uma terrível situação. Precisa de uma arma e tudo o que estava ao alcance do braço era um travesseiro, um cobertor e um livro.

Senhorita Sainsbury novamente. De alguma forma, Annabel não achou que isso iria salvá-la.

Se não fosse ladrão, ela deveria tentar esgueirar-se para fora da cama? Esconder-se? Ver se poderia chegar até a porta? Deveria fazer alguma coisa? Poderia? Se ela...? E se? Mas talvez...

Ela fechou os olhos bem apertados, só por um momento, apenas para tentar acalmar-se. Seu coração estava disparado e foi tomando cada milímetro de sua vontade de manter a respiração tranquila e sob controle. Ela tinha que pensar. Manter a cabeça. O quarto estava escuro, muito mesmo. As cortinas eram grossas e cobriram as janelas completamente. Mesmo em uma noite de lua cheia, o que não era o caso, apenas um lampejo de luz escapava em torno das bordas. Ela não podia nem ver o contorno do intruso. As únicas pistas que tinha sobre a localização dele eram os suaves sons dos pés sobre o tapete, o ocasional leve ranger do assoalho.

Ele estava se movendo lentamente. Quem estava no quarto se movia lentamente. Lentamente, mas...

Mais perto.

O coração de Annabel começou a bater tão alto que ela pensou que a cama pudesse tremer. O intruso foi se aproximando. Ele estava definitivamente se aproximando da cama. Não era um ladrão, era alguém para causar dano, ou malícia, ou dor, ou Bom Deus, não importava, ela só tinha que sair dali.

Rezando para que o intruso estivesse tão cego no escuro quanto ela, deslizou lentamente sobre a cama, esperando que ele não ouvisse seu movimento. Ele estava se aproximando pela direita, então ela se moveu para esquerda, cuidadosamente balançando as pernas para o lado e...

Ela gritou. Mas ela não saiu nada. Havia uma mão sobre sua boca e um braço em volta do pescoço e qualquer som que pudesse ter feito foi perdido em um soluço sufocante de pavor.

—Se sabe o que é bom para você, vai ficar quieta.

Os olhos de Annabel abriram com terror. Era o Conde de Newbury. Ela conhecia a voz dele e até seu cheiro, aquele cheiro horrível de suor, aromatizado com conhaque e peixe.

—Se você gritar—, disse ele, parecendo quase divertido —, alguém virá correndo. Sua avó, talvez, ou sua prima. Não está uma delas bem no quarto ao lado?

Annabel assentiu com a cabeça, o movimento levando o queixo para cima e para baixo sobre o antebraço musculoso. Ele estava vestindo uma camisa, mas ainda assim, ele parecia pegajoso. E ela sentiu-se mal.

—Imagine que, — ele disse com uma risada maliciosa. —Venha a respeitável e pura lady Louisa. Ela gritaria, também. Um homem entre as pernas de uma mulher... Com certeza ficaria

chocada.

Annabel não disse nada. Ela não poderia, afinal, com uma mão sobre sua boca.

—Então toda a casa viria correndo. Que escândalo seria. Você ficaria arruinada. Seu noivo idiota não iria aceitá-la, então, não é?

Isso não era verdade. Sebastian não poderia abandoná-la. Annabel sabia que ele não iria.

—Você seria uma mulher arruinada—, Newbury continuou, saboreando claramente seu conto. Ele deslizou o braço para baixo apenas o suficiente para espalmar e apertar o seio dela. —Claro, você sempre serviu para o papel.

Annabel soltou um gemido de aflição.

—Você gosta disso, não é?—, Ele riu, apertando mais. —Não—, ela tentou dizer, mas a mão dele a impedia.

—Alguns diriam que você deve se casar comigo—, continuou Newbury, desocupado, acariciando os seios dela —, mas eu me pergunto, será que alguém acha que eu tenho que casar com você? Eu poderia apenas dizer que você não era virgem, que estava jogando tio e sobrinho um contra o outro. Que mulher astuta você deve ser.

Incapaz de aguentar mais, Annabel virou a cabeça para um lado, depois o outro, tentando afastar a mão. Finalmente, com uma risadinha, ele tirou a mão. —Lembre-se—, disse ele, levando os lábios flácidos perto do ouvido dela: — não faça muito barulho.

—Você sabe que não é verdade—, Annabel sussurrou asperamente. —Sobre o que? Sobre a sua virgindade? Você está dizendo que não é virgem? —Ele açoitou as capas do caminho e a virou de costas, abrangendo rudemente. Cada uma das mãos aterrando com força contra os ombros, prendendo-a. — Ora, Ora, isso muda tudo.

—Não—, ela chorava baixinho. —Sobre o meu...— Oh, de que ia servir? Não poderia raciocinar com ele. Ele queria vingança. Sobre ela, sobre Sebastian, provavelmente sobre todo o mundo. Ele foi feito de bobo, naquela noite, na frente de mais de um de seus pares.

Ele não era o tipo de homem que poderia deixar isso de lado. —Você é uma menina tola, tola—, disse ele, sacudindo a cabeça. —

Você poderia ter sido uma condessa. O que você estava pensando?

Annabel ainda se segurava, conservando suas energias. Ela não poderia se libertar, enquanto ele tivesse com todo o peso sobre ela. Ela precisava esperar até que ele se movesse, até que pudesse pegá-lo sem equilíbrio. Mesmo assim, ela precisaria de toda a sua força.

—Eu tinha tanta certeza que havia encontrado uma mulher certa. Annabel olhou para ele, incrédula. Ele parecia quase arrependido. —Tudo que eu queria era um herdeiro. Apenas um mísero filho para que esse imbecil do meu sobrinho não herdasse.

Ela queria protestar, dizer todas as maneiras que Sebastian era absolutamente brilhante. Ele tinha uma imaginação incrível e era maravilhosamente inteligente nas conversas. Ninguém poderia vencê-lo. Ninguém. E era engraçado. Querido Deus, ele poderia fazê-la rir como ninguém no mundo.

Era perspicaz, também. E observador. Via tudo, notava todos. Entendia as pessoas, não apenas suas esperanças e sonhos, mas como desejam e sonhavam.

Se não era brilhante, ela não sabia o que era. —Por que você o odeia tanto?—, Ela sussurrou.

—Porque ele é um burro, — Lorde Newbury disse com desdém. Isso não é uma resposta, Annabel queria dizer.

—Não importa, de qualquer maneira—, continuou ele. —Ele adula a si mesmo se pensa que eu procuro uma esposa apenas para frustrar as ambições dele. É tão errado para um homem querer que seu título e sua casa fiquem para o próprio filho?

—Não, — Annabel disse suavemente. Porque talvez, se ela agisse como amiga dele, ele não a machucaria. E porque ele não estava tão errado em querer o que queria. O errado vinha na forma como ele queria isso. —Como ele morreu?

Lorde Newbury ficou calado. —Seu filho—, explicou.

—A febre—, disse ele secamente. —Ele cortou a perna.

Annabel assentiu. Ela conheceu várias pessoas que tiveram febre da mesma maneira. Um corte profundo sempre despertava a vigilância. Será que apodreceu? Infeccionou? febre? Uma ferida que não é curada corretamente normalmente leva a febre, febre leva muitas vezes à morte. Annabel muitas vezes se perguntou por que algumas feridas curavam de forma limpa e rápida, e outras não. Não parecia ter nenhuma razão para ela, apenas uma mão, injusta e caprichosa do destino.

—Sinto muito—, disse ela.

Por um momento ela pensou que ele acreditava nela. Suas mãos, duras e firmes em seus ombros, diminuíram levemente. E os olhos, o que poderia ser um truque da luz ofuscante, mas ela pensou que poderiam ter atenuado. Mas então ele bufou e disse:

—Não, você não sente.

A ironia era que ela sentia, ou pelo menos poderia ter sentido. Ela tinha uma certa simpatia por ele, mas que foi banida quando as mãos dele se moveram para sua garganta.

—Isso foi o que ele fez comigo—, afirmou Lorde Newbury, as palavras, como o vapor que sai entre os dentes. —Na frente de todos.

Querido Deus, ele iria estrangulá-la? A respiração de Annabel ficou acelerada e cada nervo do seu corpo estava preparado para o voo. Mas Lorde Newbury deveria ser duas vezes mais pesado como estava e nenhuma quantidade de força vinda do pânico iria ajudá-la a derrubá-lo.

—Vou me casar com você!—, Ela deixou escapar, assim que os dedos apertaram sua traqueia.

—O quê?

Annabel engasgou e ofegou, incapaz de falar, e ele afrouxou as garras.

—Eu vou me casar com você—, ela implorou. —Eu vou romper com ele. E vou casar com você. Por favor, só não me mate.

Lorde Newbury soltou uma gargalhada e Annabel lançou um olhar de pânico para a porta. Ele iria acordar todo mundo, da mesma maneira que havia avisado para ela não fazer.

—Você achou que eu ia te matar?—, Perguntou, levantando uma das mãos da garganta dela para que ele pudesse limpar uma lágrima dos olhos. —Oh, isso é engraçado.

Ele era louco. Isso era tudo o que Annabel podia pensar, exceto que ela sabia que ele não era louco.

—Eu não vou matá-la—, disse ele, ainda parecendo extremamente divertido. —Eu seria o primeiro de quem suspeitariam e embora, eu duvide que fosse punido, seria muito inconveniente.

Inconveniente. Assassinato. Talvez ele estivesse louco.

—Sem falar que poderia frear outras moças. Você não é a única em quem estive de olho. A Stinson mais jovem é um pouco desprovida lá em cima, mas seus quadris parecem saudáveis o suficiente para engravidar. E ela não fala a não ser que permitam.

Porque ela tem quinze anos, Annabel pensou loucamente. Meu Deus, ele queria se casar com um bebê.

—Ela não seria tão divertida para lavrar como você, mas não preciso de uma mulher para isso. — Ele se inclinou para baixo, os olhos estranhamente brilhantes sob a fraca luz. —Talvez eu ainda tenha você.

—Não—, choramingou Annabel, antes que pudesse se conter. E com certeza, ele sorriu, tomando um grande prazer em sua angústia. Ele a odiava, ela percebeu. Ele a odiava agora como odiava Sebastian. Cegamente, irracionalmente.

Perigosamente.

Mas quando ele se inclinou em direção a ela, seu rosto se aproximando, ele ergueu o corpo de seus quadris e barriga. Annabel deu um profundo suspiro rápido na descompressão e, em seguida, ao perceber instintivamente que essa poderia ser sua única chance, puxou uma de suas pernas para cima, dobrando o joelho. E o acertou com força entre as pernas e ele uivou de dor. Não foi o bastante para incapacitá-lo completamente, não obstante, e assim ela fez novamente, ainda mais forte, em seguida, levou seus braços para cima e empurrou. Lorde Newbury soltou um grito terrível, mas Annabel levou o joelho de novo, desta vez usando as pernas para empurrar contra ele e finalmente ela o tirou de cima dela e saiu correndo da cama.

Ele bateu no tapete com um baque e uma maldição. Annabel correu para a porta, mas ele a pegou pelo tornozelo.

—Deixe-me ir... —, ela gritou. A resposta dele foi:

—Você putinha.

Annabel puxou e puxou, mas ele envolveu uma segunda mão em torno da panturrilha e segurou firme, puxando-a contra, em um esforço para levar seu corpo pesado sobre o dela.

—Deixe-me ir!—, Ela gritou. Se pudesse se soltar, sabia que ficaria segura. Se pudesse correr mais que um peru, droga, ela poderia fugir, nas palavras de sua avó, de um nobre com sobrepeso.

Ela puxou forte, quase se libertando. Ambos balançaram para frente, Lorde Newbury deslizando ao longo do tapete, como um monstro horrível encalhado.

Annabel quase caiu de frente, felizmente estava perto o suficiente de uma parede para jogar seus braços e se segurar. Foi quando percebeu que estava perto da lareira. Com um braço apoiado, chegou às cegas com o outro, quase chorando de triunfo quando sua mão chegou ao duro ferro do atizador.

Movendo-se rapidamente para segurar com as duas mãos, ela se virou de modo que ficasse de frente para ele novamente. Ele estava tentando se levantar, não era uma tarefa fácil com ambas as mãos no tornozelo esquerdo dela.

—Solte-me,— ela resmungou, levantando o atizador acima de sua cabeça. —Solte-me ou juro que vou...

A mão dele ficou frouxa.

Annabel pulou para trás, batendo ao longo da parede em direção à porta, mas Lorde Newbury não estava se movendo.

Nem um pouco.

—Oh meu Deus—, ela respirava. —Oh, meu Deus.

E então ela disse de novo, porque não sabia mais o que dizer. Ou fazer.

—Oh, meu Deus.

Sebastian movia -se silenciosamente pela casa, fazendo o seu caminho em direção ao quarto de Annabel no segundo andar. Ele era um especialista na arte de designações tarde da noite, uma habilidade que felizmente reconheceu que não seria mais necessária.

Era, supostamente, uma ciência, assim como uma arte. Era preciso fazer uma pesquisa prévia do tempo, determinar a localização do quarto, verificando a identidade dos ocupantes vizinhos, e, claro, fazer o percurso antes do tempo para testar o barulho do piso ou topadas.

Sebastian gostava de estar preparado.

Não conseguiu fazer o usual ensaio da rota; não houve nenhum momento adequado para fazê-lo depois que fez a proposta a Annabel. Mas ele sabia que ela estava no quarto e ele sabia que a avó dela dormia ao norte e a prima ao sul.

Do outro lado do hall estava Lady Millicent, sem dúvida, um golpe de sorte. Ela não iria ouvi-lo a menos que ele explodisse um canhão fora da porta dela.

A única coisa que não sabia era se havia alguma porta de ligação entre o trio de quartos. Mas isso não o preocupava. Era um detalhe importante, mas nada que precisasse saber com antecedência. Seria fácil o suficiente verificar uma vez que estivesse lá dentro.

O piso de Stonecross eram bem cuidados e Sebastian não fez nenhum som quando se aproximou da porta de Annabel. Colocou a mão sobre a maçaneta. Parecia um pouco úmida. Curioso. Ele balançou a cabeça. A que horas Lady Challis fazia as criadas darem polimento?

Ele girou a maçaneta devagar, vigiando os guinchos. Como tudo mais na casa, funcionou perfeitamente, no sentido horário, sem som algum. Ele empurrou a porta, preparando-se para deslizar através da abertura e depois empurrá-la fechando-a atrás dele.

Mas quando entrou, demorou menos de um segundo para saber que algo não estava certo. A respiração não era a de um sono suave. Era forte, forçada e...

Ele abriu mais a porta para permitir que entrasse mais luz. —Annabel?

Ela estava de pé perto da lareira, um atizador levantado apertado em suas mãos. No chão estava Lorde Newbury, absolutamente imóvel.

—Annabel?—, Disse ele novamente. Ela parecia estar em choque. Ela não se virou para ele, não percebeu sua chegada de alguma forma.

Ele correu para o lado dela, tomando o cuidado de tirar o atizador de seus dedos.

—Eu não bati nele—, disse ela, sem jamais tirar os olhos do corpo do chão. —Eu nem sequer bati nele.

—O que aconteceu?— Ele olhou para o atizador apesar das declarações. Não havia sangue nele, nada que indicasse um golpe.

—Eu acho que ele está morto—, disse ela, ainda naquele sussurro monótono estranho. —Ele estava segurando o meu tornozelo. Eu ia acertá-lo se ele não me deixasse ir, mas depois soltou e...

—O coração—, disse Sebastian, cortando-a para que ela não precisasse dizer mais nada. —Foi provavelmente o coração dele. — Ele colocou o atizador no chão, com cuidado de colocá-lo no suporte da ferramenta. Os metais se chocaram, mas o som estava mudo e ele não achou que fosse chamar atenção.

Voltando a Annabel, ele pegou a mão dela, em seguida, tocou o rosto dela. —Você está bem?—, Perguntou com cuidado. —Ele machucou você?— Ele estava aterrorizado pela resposta, mas tinha que perguntar. Ele tinha que saber o que aconteceu, para poder ajudá-la.

—Ele foi, ele veio e... — Mas ela mal conseguia focar as palavras e quando ele passou os braços em torno dela, ela caiu de imediato, toda a força escorrendo dela antes que ele pudesse piscar.

—Shh... — ele cantava, embalando seu amor. —Está tudo bem. Eu estou aqui. Eu estou aqui agora.

Ela assentiu com a cabeça contra seu peito, mas não chorou. Ela estremeceu e engasgou com o ar, mas não chorou.

—Ele não, ele não conseguiu, eu fugi antes.

Graças a Deus, Sebastian silenciosamente rezou. Se seu tio a tivesse estuprado... Por Deus, ele o teria trazido de volta dos mortos só para que pudesse matá-lo novamente. Sebastian tinha visto estupros na guerra, não diretamente, mas viu os olhos das mulheres que haviam sido brutalizadas. Elas pareciam mortas por dentro e Sebastian percebeu que de certa forma, elas também haviam morrido, assim como os homens que tinham ido para a batalha. Era pior para as mulheres. Seus corpos viviam, com almas estavam mortas por dentro.

—O que vamos fazer?—, Perguntou ela.

—Eu não sei—, admitiu. —Vou pensar em alguma coisa. — Mas o quê? Ele sabia como se portar em qualquer situação, mas isto... O corpo de seu tio no quarto de sua noiva...

Bom Deus. Isto ia até mesmo além dele.

Pensar. Ele tinha que pensar. Se ele estivesse escrevendo sobre isso...

—Primeiro nós fechamos a porta—, disse com firmeza, tentando soar como se soubesse o que estava fazendo. Gentilmente tirou os braços em torno de Annabel, certificando-se de que ela poderia ficar sobre os próprios pés e então moveu-se rapidamente para a porta. Fechou-a firmemente e então atravessou o quarto para acender uma vela.

Annabel estava onde ele a tinha deixado, abraçando o corpo. Ela parecia congelada.

—Você precisa de um cobertor?—, Perguntou ele e parecia a pergunta mais ridícula, dadas as circunstâncias. Mas ela estava congelada e ele era um cavalheiro, e algumas coisas eram muito profundamente enraizadas para serem ignoradas.

Ela balançou a cabeça.

Seb plantou as mãos nos quadris e olhou para o tio, de bruços, imóvel sobre o tapete. Ele não tinha certeza de ter pensado como iria acabar entre eles, mas definitivamente não dessa forma. Droga. O que ele devia fazer agora?

—Se eu estivesse escrevendo isso... — ele murmurou, tentando chamar qualquer canto criativo de sua imaginação, geralmente reservado para seus personagens. —Se eu estivesse escrevendo isso...

—O que você disse?

Virou-se para Annabel. Ele estava tão perdido em seus pensamentos que quase se esqueceu que ela estava lá.

—Nada—, disse ele, sacudindo a cabeça. Ela provavelmente pensou que ele estava balbuciando um total absurdo.

—Estou melhor agora—, anunciou ela. —O quê?

Ela fez um gesto com a mão, algo como uma torção, uma onda. —Eu estou com minha cabeça no lugar. Tudo o que for preciso fazer, eu posso fazer.

Ele piscou, surpreso com sua rápida recuperação. —Você tem certeza? Eu posso...

—Eu vou chorar quando tivermos terminado—, disse ela bruscamente.

—Eu te amo—, disse ele, pensando que esse era o momento menos oportuno para dizer. Mas havia algo sobre ela de pé, em uma camisola de algodão simples, de fato, e capaz como uma deusa. Como ele poderia não amá-la?

—Eu já te disse isso?—, Acrescentou.

Ela balançou a cabeça, os lábios tremendo em um sorriso. —Eu também te amo.

—Bom—, ele disse simplesmente, porque este não era o momento para corações e flores. Mas ele não podia resistir, acrescentando: — Seria terrivelmente inconveniente para mim se você não me

amasse.

—Eu acho que nós precisamos levá-lo de volta para o próprio quarto—, disse ela, olhando para Newbury, com uma expressão enjoada.

Sebastian balançou a cabeça, estimando severamente o peso de seu tio. Não seria fácil, mesmo com eles dois.

—Você sabe onde é o quarto dele?—, Perguntou ele. Ela balançou a cabeça.

—Você?

—Não. — Droga.

—Nós podemos colocá-lo no salão—, sugeriu. —Ou em qualquer outro lugar que possa ter bebida. Se ele estava bêbado, então talvez possa ter caído. —Ela engoliu em seco. —Bater a cabeça?

Sebastian soltou um longo suspiro, colocando suas mãos nos quadris, olhou para o tio. Ele parecia ainda mais terrível morto do que quando estava vivo. Gordo, inchado... Pelo menos ninguém teria dúvida de que seu coração poderia falhar, especialmente após a emoção do dia. —A cabeça, o coração, — ele murmurou. —Isso não importa. Sinto-me enfermo apenas olhando para ele.

Ele parou por um momento, adiando o inevitável e então, finalmente, endireitou os ombros e disse:

—Eu vou segurá-lo sob os braços. Você pega as pernas. Vamos ter que virá-lo primeiro.

Eles o viraram, depois foi cada um para sua posição e tentaram levantá-lo.

—Querido Deus do céu—, resmungou Sebastian, as palavras escaparam de sua boca.

—Isso não vai funcionar—, disse Annabel. —Tem que funcionar.

Eles o levantaram e arrastaram, arfando com esforço, mas não podiam levar o corpo limpando o chão por mais de alguns segundos de cada vez. Não havia nenhuma maneira de serem capazes de movê-lo todo o caminho até o salão sem fazer barulho suficiente para acordar alguém.

—Nós vamos precisar do Edward—, Sebastian disse finalmente. Os olhos Annabel voaram para ele questionando.

—Eu confio minha vida a ele. Ela assentiu com a cabeça. —Talvez Louisa...

—Não consegue levantar uma pluma.

—Eu acho que ela é mais forte do que parece. — Mas Annabel percebeu que parecia mais otimista do que qualquer outra coisa. Mordeu o lábio e olhou para Newbury. —Acho que nós precisamos de toda ajuda que pudermos conseguir.

Sebastian começou a acenar com a cabeça, porque eles precisavam de toda a ajuda que pudessem conseguir. Mas quando ele se virou, a ajuda veio na forma mais surpreendente...

## CAPÍTULO 25



— O que diabo está acontecendo aqui?

Annabel congelou. Não de horror. Era algo muito, muito pior do que horror.

—Annabel?— A avó redarguiu, marchando através da porta de ligação entre os seus quartos. — Parece que há uma manada de elefantes aqui. Como você espera que uma mulher consiga dormir quando... Oh. —Ela parou sua trajetória, assim que viu Sebastian. Então olhou para baixo e viu o conde. —Maldição.

Ela fez um som que Annabel não conseguia interpretar. Não um suspiro, realmente, mais um grunhido. De irritação suprema.

—Qual de vocês o matou?— Ela exigiu saber.

—Nenhum dos dois—, Annabel disse rapidamente. —Ele simplesmente morreu...

—Em seu quarto?

—Eu não o convidei—, ela rilhou.

—Não, você não faria isso. — E porcaria se a voz de sua avó não soava quase arrependida. Annabel só podia olhar para ela em estado de choque. Ou talvez maravilhada.

—O que você está fazendo aqui?— Lady Vickers perguntou, dirigindo seu olhar gelado para Sebastian.

—Exatamente o que você pensa milady—, disse ele. —Infelizmente, meu timing não foi o que deveria ter sido. — Ele olhou para o tio. —Ele estava assim quando eu cheguei.

—Melhor assim, — Lady Vickers murmurou. —Se ele encontrasse você sobre ela... Bom Deus, eu não poderia nem imaginar a comoção.

Ela devia corar, Annabel pensou. Realmente deveria. Mas ela não podia conseguir a força. Não tinha certeza se algo poderia envergonhá-la agora.

—Bem, nós teremos que nos livrar dele—, disse a avó, com a mesma voz que Annabel imaginava que teria usado sobre um velho sofá. Ela inclinou a cabeça para Annabel. —Tenho que dizer tudo isso se resolveu muito bem para você.

—O que você está dizendo?— Annabel perguntou, horrorizada. —Ele é o conde agora—, respondeu Lady Vickers, estalando os dedos na direção de Sebastian. —E diabos ele é uma visão

bem mais palatável do que o Robert aqui.

Robert, Annabel pensou, olhando para baixo, Lorde Newbury. Ela ainda não sabia seu nome de batismo. Isso parecia estranho, de alguma forma. O homem que queria casar com ela, a atacou e então ele morreu aos seus pés. E ela ainda nem sabia seu nome.

Por um momento eles simplesmente olharam para ele. Finalmente, Lady Vickers disse:

—Droga, ele é gordo.

Annabel bateu a mão contra a boca, tentando não rir. Porque isso não foi engraçado. Não era engraçado.

Mas ela realmente queria rir.

—Eu não acho que seremos capazes de levá-lo para o salão sem acordar metade da casa—, disse Sebastian. E olhou para Lady Vickers. —E suponho que você não saiba onde é o quarto dele.

—Pelo menos até o bar. À direita ao lado dos Challises. Você nunca chegará lá sem acordá-los.

—Eu estava indo acordar o meu primo—, disse Seb. —Com mais uma pessoa poderíamos ser capazes de fazê-lo.

—Nós não seremos capazes de movê-lo com mais cinco pessoas, — Lady Vickers retrucou. — Não sem fazer barulho, de qualquer maneira.

Annabel deu um passo à frente. —Talvez se nós...

Mas sua avó a cortou com um suspiro digno do palco de Covent Garden.

—Vá em frente—, disse ela, acenando com um braço para a porta de ligação. —Coloque-o na minha cama.

—O quê?— Annabel ofegou.

—Nós apenas teremos que deixar todos pensarem que ele morreu tendo seu momento comigo.

—Mas... Mas... — Annabel ficou boquiaberta diante de sua avó, depois olhou para Lorde Newbury, e em seguida Sebastian, que parecia estar sem palavras.

Sebastian. Sem palavras. Aparentemente, foi o que ocorreu.

—Ah pelo amor de Deus, — Lady Vickers disse visivelmente irritada com a falta de ação. — Não é como se não tivéssemos feito isso antes.

Annabel prendeu a respiração com tanta força que engasgou. —Você... O quê?

—Isso foi a muitos anos—, sua avó respondeu, levando a mão ao ar como se rebatesse uma mosca. —Mas todo mundo sabia disso.

—E você queria me casar com ele?

Lady Vickers colocou as mãos nos quadris e olhou para Annabel. —Você realmente acha que agora é o momento de fazer queixas? Além disso, ele não era tão ruim, se você sabe o que quero dizer. E seu tio Percival saiu muito bem.

—Oh meu Deus, — Annabel gemeu. —Tio Percy.

—É, aparentemente meu tio Percy, — disse Sebastian, sacudindo a cabeça.

—Primo, eu acho, — Lady Vickers disse rapidamente. —Agora, vamos movê-lo ou não? E eu ainda não ouvi nenhum de vocês me agradecendo por atirar a baioneta, por assim dizer.

Era verdade. Por mais que sua avó tivesse começado a confusão, insistindo que Annabel casasse com Lorde Newbury em primeiro lugar, ela estava certamente fazendo o melhor para tirá-la dela. Haveria um escândalo terrível e Annabel não queria nem imaginar as charges e caricaturas que apareciam nos jornais de fofocas. Apesar de alguma forma, ela suspeitava de que sua avó não se importaria com um pouco de notoriedade em sua velhice.

—Obrigado—, disse Sebastian, aparentemente encontrando sua voz em primeiro lugar. —Fico muito agradecido, com certeza.

—Venha, venha comigo. — Lady Vickers fez pequenos movimentos com as mãos. —Ele não vai se mover sozinho para minha cama.

Sebastian pegou o tio pelos braços novamente e Annabel foi para os pés, mas assim que ela circundou as mãos nos tornozelos e começou a levantar, ouviu um som muito peculiar. E quando olhou para cima, com os olhos arregalados de horror com o que esse barulho significava...

Os olhos de Newbury se abriram. Annabel gritou e o largou.

—Deus Todo Poderoso—, sua avó gritou. —Será que vocês nem verificaram se ele estava mesmo morto?

—Eu só presumi, — Annabel protestou. Seu coração estava disparado e não conseguia diminuir o ritmo da respiração. Ela caiu na borda da cama. Era como quando seus irmãos jogavam folhas sobre suas cabeças e pulavam na frente dela, na véspera de Todos os Santos, só que mil vezes pior. Mil de mil.

Lady Vickers voltou seu olhar para Sebastian.

—Eu acreditei nela—, disse ele, colocando a cabeça de Lorde Newbury delicadamente no tapete. Todos olharam para ele. Seus olhos estavam fechados de novo.

—Ele está morto de novo?— Annabel perguntou.

—Se você tiver sorte—, sua avó disse sarcasticamente.

Annabel lançou um olhar frenético a Sebastian. Ele já estava olhando para ela, com uma expressão que claramente dizia: *Você não checou?*

Ela tentou responder com os próprios olhos arregalados e sinais de mão, mas tinha uma sensação de que não estava sendo clara e, finalmente, Sebastian apenas disse:

—O que você está dizendo? —Eu não sei—, ela gemeu.

—Vocês dois são inúteis, — Lady Vickers resmungou. E marchou para frente e, em seguida, se agachou. —Newbury!—, Ela gritou. —Acorde.

Annabel mastigou o lábio e olhou nervosamente para a porta. Eles tiveram muito tempo desde que tentaram ficar quietos.

—Acorde!

Lorde Newbury começou a fazer um gemido, resmungando algum tipo de som.

—Robert — Lady Vickers explodiu, — acorde. — Ela deu um tapa no rosto dele. Forte.

Annabel olhou para Sebastian. Ele pareceu tão surpreso quanto ela e tão feliz por deixar sua avó assumir a liderança.

Os olhos de Lorde Newbury se abriram novamente, tremulando como uma doente mistura entre borboletas e águas vivas. Ele engasgou e arfou, tentando sustentar-se nos cotovelos. E olhou para Lady Vickers, com os olhos piscando incrédulos antes de dizer:

—Margaret?

Ela bateu nele novamente. —Idiota!

Ele caiu. —Que diabos?

—Ela é minha neta, Robert — Lady Vickers assobiou. —Minha neta! Como você se atreve!

De vez em quando, Annabel pensou, o amor de sua avó por ela brilhava. Normalmente, nas formas mais peculiares.

—Ela deveria se casar comigo: — Lorde Newbury cuspiu. —E agora ela não vai. Isso não lhe dá direito para atacá-la.

Annabel sentiu Sebastian escorregar mão dentro da dela, quente e reconfortante. Ela a apertou.

—Ela tentou me matar—, afirmou Newbury.

—Eu não!— Annabel guinou para frente, mas Sebastian apertou sua mão, segurando-a.

—Deixe sua avó cuidar disso—, ele murmurou. Mas Annabel não podia deixar passar o insulto.

—Eu estava me defendendo—, disse ela com veemência. —Com um atizador?— Newbury contrapôs.

Annabel virou-se para sua avó com descrença. —De que outra forma você teria se defendido?

—Realmente, Robert — Lady Vickers disse, com sarcasmo escorrendo.

Ele finalmente conseguiu ficar em uma posição sentada, grunhindo e gemendo o tempo todo.

—Pelo amor de Deus—, ele retrucou. —Será que alguém pode vir me ajudar?

Ninguém o fez.

—Eu não sou forte o suficiente, — Lady Vickers disse com um encolher de ombros.

—O que ele está fazendo aqui?— Lorde Newbury disse, sacudindo a cabeça em direção a Sebastian.

Sebastian cruzou os braços e o olhou com raiva.

—Eu não acho que você está em posição de fazer perguntas.

—É claro que eu devo assumir a responsabilidade—, anunciou Lady Vickers, como se ela estivesse fazendo nada mais. — Newbury, — ela gritou, —você irá voltar para seu quarto e partir logo pela manhã.

—Eu não vou—, disse ele num acesso de raiva.

—Preocupado de que todos irão pensar que você saiu com o rabo entre as pernas, hein?—, Disse ela astutamente. —Bem, considere a alternativa. Se você ainda estiver aqui quando eu acordar, vou dizer a todos que você passou a noite comigo.

Lorde Newbury empalideceu.

—Ela geralmente dorme até tarde—, disse Annabel prestativa. Seu animo estava começando a voltar e depois de tudo que Lorde Newbury fez a ela, não poderia resistir a um pequeno cutucão. Ao lado dela, ouviu Sebastian sufocar uma risada, então acrescentou: — Mas eu não.

—Além disso,— Lady Vickers continuou, dando um olhar a Annabel por ter se atrevido a interromper — você irá colocar um fim a essa busca ridícula por uma noiva. Minha neta vai se casar com seu sobrinho e você irá deixá-lo herdar.

—Ah não— Lorde Newbury começou a se enfurecer.

—Silêncio—, Lady Vickers estalou. —Robert, você é mais velho do que eu. É indecente.

—Você estava me incentivando a casar com ela—, ressaltou. —Isso é porque eu pensei que iria morrer.

Ele pareceu um pouco surpreso com isso.

—Deixe isso de lado graciosamente—, disse ela. —Pelo amor de Deus, olhe para você. Se você tomar uma mulher, provavelmente irá ferir a coitada no processo. Ou morrer em cima dela. E vocês dois — Ela virou de costas para enfrentar Sebastian e Annabel, que estavam ambos tentando não rir. —Isso não é engraçado.

—Bem, na verdade, — Sebastian murmurou, —é um pouco.

Lady Vickers sacudiu a cabeça, olhando como se quisesse afetosamente se livrar de todos eles.

—Saia daqui—, disse a Lorde Newbury.

Ele fez, fazendo todos os tipos de sons de raiva enquanto ia. Mas todos sabiam que ele teria ido pela manhã. Provavelmente iria retomar a procura por uma noiva, não estava tão intimidado por Lady Vickers para desistir. Mas qualquer ameaça que ele pudesse representar para o casamento de Sebastian e Annabel tinha ido embora.

—E você, — Lady Vickers disse dramaticamente. Ela estava diante de Annabel e Sebastian e era difícil dizer o que ela queria dizer. —Você.

—Eu?— Annabel perguntou.

—Vocês dois. — Ela soltou um daqueles suspiros dramáticos, em seguida, virou-se para Sebastian. —Você vai se casar com ela, não é?

—Eu vou—, disse ele solenemente.

—Bom, — ela resmungou. —Eu não sei se poderia controlar outro desastre. — Deu um tapinha no peito. —Meu coração, você sabe.

Annabel suspeitava bastante que o coração de sua avó venceria o dela.

—Eu vou para cama, — Lady Vickers anunciou: —e não quero ser incomodada.

—Claro que não, — Sebastian murmurou e Annabel, sentindo que alguma espécie de filial comentário fosse necessário, acrescentou:

—Posso fazer alguma coisa?

—Silêncio. Você pode fazer silêncio. —Lady Vickers olhou para Sebastian, desta vez com os olhos apertados. —Você entende o que quero dizer, não é?

Ele acenou, sorrindo.

—Eu estou indo para meu quarto, — Lady Vickers anunciou. — Vocês dois podem fazer o que quiserem. Mas não me acordem.

E com isso, ela saiu, fechando a porta de ligação.

Annabel olhou para a porta, em seguida, virou-se para Sebastian, sentindo-se tonta.

—Eu acho que minha avó acabou de me dar permissão para me arruinar.

—Eu irei arruiná-la totalmente esta noite—, disse ele com um sorriso. —Isso se você não se importar.

Annabel olhou para a porta, então de volta para ele, a boca aberta. —Eu penso que ela deve estar louca—, ela finalmente concluiu.

—*Au contraire*—, disse ele, aproximando-se atrás dela. —Ela demonstrou claramente ser a mais sã entre nós. — Ele se inclinou e beijou-a na parte de trás do pescoço. —Acredito que estamos sozinhos.

Annabel virou-se, torcendo em seus braços.

—Eu não me sinto sozinha—, disse ela, apontando com a cabeça a porta do quarto da avó.

Ele passou os braços em torno dela e moveu os lábios para o vão acima de sua clavícula. Por um momento Annabel pensou que ele estivesse rejeitando suas preocupações e tentando ser íntimo, mas depois ela percebeu que ele estava rindo. Ou pelo menos, tentando não rir.

—O quê?— Ela exigiu.

—Eu fico imaginando-a escutando atrás da porta—, respondeu ele, suas palavras abafadas.

—Isso é engraçado?

—É. — Embora parecia que ele não estava certo do porque. —Ela teve um caso com seu tio, — Annabel disse. Sebastian ficou totalmente parado.

—Se você está tentando matar completamente a minha paixão, não há imagem mais garantida para fazer isso.

—Eu sabia que meus tios Thomas e Arthur não eram do meu avô, mas Percy... — Annabel sacudiu a cabeça, ainda não completamente capaz de acreditar nos acontecimentos da noite. —Eu não tinha ideia. — Ela começou a suspirar nele, deixando suas costas se moldarem contra a frente dele, mas depois se endireitou, como um parafuso.

—O que foi?

—Minha mãe. Eu não tenho ideia...

—Ela é uma Vickers, — Seb disse com firmeza. —Você tem olhos de seu avô.

—Eu?

—Não é a cor, mas a forma. — Virou-se em torno dela, colocando as mãos em seus ombros e delicadamente girando-a até que eles ficaram de frente um para o outro. —Bem aqui—, ele disse suavemente, tocando seu dedo sobre o canto externo do olho. —A mesma curva.

Ele inclinou a cabeça para o lado, sobre o rosto dela com a delicada concentração. —As maçãs do rosto, também, — ele murmurou.

—Eu pareço muito com a minha mãe—, disse ela, sem conseguir tirar os olhos dele.

—Você é uma Vickers—, concluiu ele com um sorriso benigno. Ela tentou suprimir um sorriso de si mesma.

—Para o que vale a pena.

—Muita coisa, eu acho—, disse ele, inclinando-se para beijar o canto da boca. —Você acha que ela já está dormindo?

Ela balançou a cabeça.

Ele beijou o outro lado da boca. —E agora?

Ela sacudiu a cabeça novamente.

Ele a puxou de volta e ela só conseguia rir enquanto ele contava silenciosamente de um a dez, abocanhando cada número enquanto seus olhos moviam-se rapidamente em direção ao teto.

Ela o olhava com diversão, risadas borbulhando dentro dela, mas não o bastante para escapar. Quando ele terminou, olhou novamente para ela, os olhos brilhando como o de um menino esperando o Natal.

—E agora?

Os lábios dela se separaram e ela queria repreendê-lo, dizer que fosse paciente, mas isso simplesmente não saiu. Ela estava tão apaixonada por ele e ia se casar com ele, e tantas coisas que haviam acontecido naquele dia para fazê-la perceber que a vida era para ser vivida e as pessoas eram para serem amadas e se ela tivesse uma chance de felicidade, iria agarrá-la com ambas as mãos e nunca mais soltar.

—Sim—, disse, chegando a entrelaçar os braços em volta do pescoço dele. —Acho que ela está dormindo agora.

## CAPÍTULO 26



Se ele estivesse escrevendo a história, Sebastian pensou, enquanto arrastava Annabel em seus braços, isso seria o fim do Capítulo. Não, o Capítulo teria terminado pelo menos três páginas antes, sem nenhum indício de intimidade ou de sedução e, certamente, nada sobre a luxúria da mente impactante que surgiu nele no momento que Annabel colocou as mãos na parte de trás do seu pescoço e inclinou a face para cima, na direção dele.

Ninguém estava autorizado a colocar essas coisas no papel, depois de tudo.

Mas ele não estava escrevendo a história, estava vivendo e enquanto a erguia nos braços e a levava para a cama, decidiu que era foi uma coisa muito boa, realmente.

—Eu te amo—, ele sussurrou, colocando ela no chão. O cabelo dela estava solto, uma massa escura ondulada de prazer. Ele queria rastrear cada onda, deixar que cada uma se envolvesse em seus dedos. Queria senti-los contra a sua pele, fazendo cócegas em seus ombros, varrendo seu peito. Queria sentir tudo dela, tudo contra ele e queria todos os dias para o resto de sua vida.

Ele se deitou na cama, um pouco ao lado dela, um pouco em cima, obrigando-se a ter um momento apenas para saborear, apreciar e agradecer. Ela estava olhando para ele com todo o amor do mundo nos olhos e isso o deixou submisso, deixou-o sem palavras, sem nada, a não ser este incrível senso de respeito e responsabilidade.

Fazia parte de alguém agora. Ele pertencia a alguém. Suas ações...já não eram só dele. O que ele fizesse o que ele dissesse... Significariam alguma coisa a alguém agora. Se ele a machucasse, se ele a decepcionasse...

—Você parece tão sério—, ela sussurrou, levantando a mão para tocar a bochecha dele. A mão dela estava fria e ele a virou, beijando a palma.

—Eu sempre tenho as mãos frias—, disse ela. Ele sentiu-se sorrir.

—Você diz isso como se fosse um segredo profundo, sombrio. —Meus pés também ficam frios.

Ele soltou um suave, solene beijo em seu nariz.

—Eu me comprometo a passar o resto da minha vida, mantendo suas mãos e pés aquecidos.

Ela sorriu aquele grande, maravilhoso, magnífico sorriso dela, do tipo que tantas vezes se transformava em sua grande, maravilhosa, magnífica risada.

—Eu me comprometo a...

—A me amar mesmo se eu perder o meu cabelo?—, Sugeriu. —Feito.

—A jogar dardos comigo mesmo que eu sempre ganhe? —Eu não estou tão certa sobre isso...

—A... — Ele parou por um instante. —Isso é tudo, na verdade.

—Sério? Nada sobre a devoção eterna?

—Está incluído na promessa sobre meu cabelo. —Amizade para toda vida?

—Exatamente com os dardos. Ela riu.

—Você é um homem fácil de se amar, Sebastian Grey. Ele deu um sorriso modesto.

—Eu tento o meu melhor. —Embora, eu tenho um segredo.

—Sério?— Ele lambeu os lábios. —Eu amo segredos. —Incline-se—, ela instruiu.

Ele o fez.

—Mais perto—. E depois: —. Mais perto.

Ele levou a orelha muito próxima aos lábios dela. —Eu a obedeço em todos os sentidos.

—Eu sou muito boa nos dardos.

Ele começou a rir. Silenciosamente, uma grande agitação que se moveu do estômago para os dedos dos pés e as costas. Então, ele levou a boca ainda mais perto do ouvido dela. Perto o suficiente para tocar, para permitir que o calor de sua respiração orvalhasse sobre ela. E ele sussurrou:

—Eu sou melhor.

Ela estendeu a mão e segurou cabeça dele entre as mãos, deslocando-o para que sua boca ficasse perto do ouvido dele.

—Você é mandona—, disse ele antes que ela pudesse dizer uma palavra.

—Winslow com maior probabilidade de ganhar nos dardos—, foi tudo o que ela disse.

—Ah, mas no próximo mês você será uma Grey.

Ela suspirou, um feliz, maravilhoso som. Ele queria passar sua vida inteira ouvindo sons como aqueles.

—Espere!—, Disse ele, de repente, afastando-se. Quase tinha se esquecido. Ele foi ao quarto dela naquela noite com um propósito.

—Eu quero fazer isso de novo—, disse ele.

Ela inclinou a cabeça para o lado, os olhos claramente confusos. —Quando eu a pedi para casar comigo—, disse ele, — eu não fiz corretamente.

Ela abriu a boca para protestar, mas ele colocou um dedo sobre os lábios.

—Shhh—, ele repreendeu. —Eu sei que isso vai contra o seu impulso natural cada, como filha mais velha que é, mas vai ficar quieta e ouvir.

Ela assentiu respeitosamente, com os olhos luminosos e cintilantes.

—Eu tenho que perguntar de novo—, disse ele. —Só faria isso uma vez, bem, várias vezes, mas só para uma mulher e eu tenho que fazer direito.

E então ele percebeu que realmente não sabia o que dizer. Tinha certeza que havia algo ensaiado em sua cabeça, mas agora, vendo o rosto dela, observando a forma como os seus olhos procuraram os dele e os lábios se moviam tão levemente, mesmo em seu silêncio...

Todas aquelas palavras tinham ido embora.

Ele era um homem de palavras. Escrevia romances, conversava com facilidade e sem esforço, e agora, quando mais importava, suas palavras tinham ido embora.

Não havia palavras, ele percebeu. Não havia palavras boas o suficiente para o que ele queria dizer a ela. Qualquer coisa que pudesse dizer seria apenas uma pálida cópia do que estava em seu coração. Uma linha desenhada ao invés de uma tela exuberante com redemoinhos de óleos e cores. E Annabel, sua Annabel era nada se não um redemoinho de cores exuberantes.

Mas ele ia tentar. Ele nunca se apaixonou antes e não tinha planos de chegar a fazer isso de novo, e agora, enquanto estava com ela a luz de velas e nos braços, ele iria fazer isso direito.

—Eu estou pedindo a você para se casar comigo—, disse ele, — porque te amo. Eu não sei como isso aconteceu tão rapidamente, mas sei que é verdade. Quando olho para você...

Ele teve que parar. Sua voz tinha ficado rouca, depois engasgou e ele de engolir, para dar um momento para passar o nódulo doloroso de emoção que havia se formado em sua garganta.

—Quando olho para você—, ele sussurrou: — Eu apenas sei.

E ele percebeu que às vezes as mais simples palavras eram tudo o que importavam. Ele a amava e sabia disso, e isso era tudo.

—Eu te amo—, disse ele. —Eu te amo—. E a beijou suavemente. — Eu amo você e ficaria honrado se me desse o privilégio de passar o resto da minha vida fazendo você feliz.

Ela assentiu com a cabeça, com lágrimas caindo dos olhos. —Só se você me deixar fazer o mesmo—, ela sussurrou. Ele a beijou novamente, desta vez mais profundamente. —Seria um prazer.

O momento para palavras acabou. Ele ficou de joelhos, puxando a camisa de dentro da calça e retirando-a com um movimento fluido. Os olhos dela se arregalaram com a visão da pele nua e ele estremeceu com o desejo, enquanto a observava indo lentamente tocá-lo.

E então, quando ela o fez, quando a mão dela encontrou seu batimento cardíaco, ele gemeu, incapaz de acreditar que um pequeno toque poderia colocá-lo em chamas.

Ele a queria. Querido Deus, ele a queria mais do que qualquer outra coisa que tivesse conhecido, mais do que jamais pode imaginar.

—Eu te amo—, disse ele, porque estava nele e tinha que dizer. Mais uma vez. E mais uma vez. E disse isso enquanto escorregava a camisola pelo corpo dela e disse enquanto retirava o restante de sua própria roupa. Disse enquanto finalmente a segurou de encontro a ele, completamente e totalmente, sem nada entre eles, e disse enquanto ele se colocava entre as pernas dela, se preparando para fazer o movimento final, entrar nela e uni-los para sempre.

Ela estava tão quente contra ele, tão molhada e acolhedora, mas se conteve, obrigando-se a ficar firme contra seu furioso desejo.

—Annabel—, disse asperamente. Ele estava dando a última chance de dizer não, que ela não estava pronta, ou que precisava primeiro das palavras na igreja. Isso iria matá-lo, mas ele pararia. E confiou em Deus para que ela entendesse tudo isso, porque não achava possível dizer mais nenhuma outra palavra, muito menos uma frase completa.

Ele olhou para o rosto dela, lampejando com paixão. Ela estava respirando com dificuldade e ele podia sentir cada suspiro na subida e descida de seu peito. Ele queria pegar as duas mãos dela e mantê-las sobre a cabeça, fazer dela sua cativa, mantê-la ali por uma eternidade.

E ele queria beijá-la, com ternura, em toda parte.

Ele queria lançar-se sobre ela, mostrando da forma mais primitiva que se possa imaginar que ela era dele e só dele.

E queria se ajoelhar diante dela, implorando que ela o amasse sempre.

Ele queria tudo com ela. Queria qualquer coisa com ela. Queria ouvi-la dizer...

—Eu te amo.

Ela sussurrou isso, as palavras saíram do fundo da garganta dela, do centro de seu ser e isso foi tudo o necessário para libertá-lo.

Ele empurrou para frente, gemendo enquanto a sentia agarra-lo, puxando-o para ela.

—Você é tão... Tão... — Mas ele não conseguia terminar o pensamento. Só podia sentir,

compreender e permitir que seu corpo assumisse o comando.

Ele foi feito para isso. Para este momento. Com ela. —Oh Deus—, ele gemeu. —Oh, Annabel.

Com cada impulso, ela arquejava, arqueando as costas, erguendo os quadris, puxando-o para perto. Ele estava tentando ir devagar, para dar tempo para que ela se adaptasse a ele, mas toda vez que ela gemia, era como uma faísca que ateava fogo no sangue dele. E quando ela se moveu, só os deixou mais profundamente unidos.

Ele levou a mão a um dos seios, quase se perdendo naquele momento, somente com isso. Ela era perfeita, enchendo seus dedos, macio, redondo e glorioso.

—Eu quero provar você—, ele suspirou e levou a boca a ela, sacudindo a língua sobre a sensível ponta, sentindo um momento de puro triunfo masculino quando ela soltou um pequeno grito, pulando fora da cama.

O que, naturalmente, apenas o aprofundou mais nela.

Ele a chupou então, pensando que ela tinha que ser a mais gloriosa, a criatura mais feminina de todos os tempos. Ele queria ficar com ela para sempre, enterrado no interior dela, amando-a.

Apenas a amando.

Ele queria que fosse bom para ela. Não, ele queria que fosse espetacular. Mas era a primeira vez e ele disse que a primeira vez raramente era boa para uma mulher. E estava tão nervoso que estava perdendo todo o controle e tendo seu próprio prazer, antes que pudesse ajudá-la a alcançar o dela. Não conseguia se lembrar da última vez que ficou tão nervoso fazendo amor com uma mulher. Mas, novamente, o que ele fez antes... Aquilo não era fazer amor. Não tinha percebido até agora. Havia uma diferença e a diferença estava nos braços dele agora.

—Annabel—, ele sussurrou, mal reconhecendo a própria voz. —Isso...? Você...? —Ele engoliu em seco, tentando formar um pensamento coerente. —Doeu?

Ela balançou a cabeça.

—Só por um momento. Agora está...

Ele prendeu a respiração.

—Estranho—, ela terminou. —Maravilhoso.

—E só ficará melhor—, ele garantiu. E seria assim. Ele começou a se mover dentro dela, não aqueles primeiros movimentos hesitantes quando tentou tornar mais fácil para ela, mas algo real. Moveu-se como um homem que estava voltando para casa.

Ele deslizou a mão entre eles, descendo até tocá-la, mesmo enquanto empurrava. Os quadris dela

quase levantaram da cama quando a encontrou, acariciou e provocou estimulado pela aceleração da respiração. Ela agarrou os ombros rígidos, tensos dele, os dedos apertados e quando ela falou seu nome, foi uma súplica.

Ela o queria.

Ela estava pedindo a liberação. E ele jurou que daria a ela.

Ele levou a cabeça contra o seio dela novamente, mordiscando e lambendo. Se pudesse, teria amado-a em todas as partes, de uma única vez, e talvez ela se sentiria como ele, porque só quando pensou que não seria capaz de se segurar por mais tempo, ela se empinou e ficou tensa embaixo dele. Os dedos beliscaram sua pele e ela se apertou em torno dele, se espremendo, trêmula. Ela estava tão esticada, os músculos tão fortes que quase o empurrou para fora, mas ele avançou e, antes que percebesse, derramou-se dentro dela, atingindo o clímax no momento em que ela começava a descer do dela.

—Eu te amo—, disse ele e rolou para o lado dela. A puxou contra si, encaixando-se como duas colheres na gaveta, fechou os olhos e dormiu.

## CAPÍTULO 27



O sol levantava cedo naquela época do ano e quando Annabel abriu os olhos e olhou o relógio na mesa ao lado da cama, era quase cinco e meia. O quarto ainda era bastante escuro, então ela saiu da cama, vestiu um roupão e andou até a janela para abrir as cortinas. Sua avó pode ter dado a permissão tácita para Sebastian ficar em seu quarto na noite anterior, mas Annabel sabia que ele não poderia estar lá quando o resto da casa acordasse.

Seu quarto dava de frente para o leste, então ela tomou um instante na janela para apreciar o nascer do sol. A maior parte do céu ainda tinha os tons de roxo da noite, mas ao longo do horizonte o sol estava pintando uma faixa brilhante laranja e rosa.

E amarelo. Bem ali na parte inferior, o amarelo estava começando a deslizar na paisagem.

A luz oblíqua da alvorada, Annabel pensou. Ela ainda não havia terminado o livro da Gorely, mas algo sobre a primeira linha permanecia com ela. Ela gostou disso. Entendia isso. Não era uma pessoa especialmente visual, mas algo sobre a descrição ressoava por ela.

Atrás dela, ouviu Sebastian farfalhar na cama e se virou. Ele parecia estar piscando para acordar.

—É de manhã—, disse ela, sorrindo. Ele bocejou.

—Quase.

—Quase—, ela concordou e voltou para a janela.

O ouviu bocejar novamente, então caminhar para fora da cama. Ele veio por trás dela, envolvendo-a com os braços e deixando o queixo cair no topo de sua cabeça.

—É um belo nascer do sol—, ele murmurou.

—Já mudou muito, em apenas alguns instantes eu estava assistindo-o.

Sentiu que ele acenava com a cabeça.

—Eu quase nunca vejo o sol nascer nesta época do ano—, disse ela, sentindo um bocejo que vem sobre ela. —É sempre tão cedo.

—Eu pensei que você fosse uma madrugadora.

—Eu sou. Mas geralmente não tão cedo. —Ela virou nos braços dele, olhando para o seu rosto. —E você? Parece o tipo de coisa que se deve saber sobre o futuro marido.

—Não—, ele disse suavemente, — quando eu vejo o sol nascer, é porque fiquei acordado muito tempo.

Ela quase fez uma piada sobre ficar fora até tarde e ir a muitas festas, mas foi interrompida pelo olhar de resignação nos olhos dele.

—Porque você não consegue dormir—, disse ela. Ele balançou a cabeça.

—Você dormiu a noite passada—, disse ela, lembrando o fraco, uniforme som da respiração dele. —Você dormiu profundamente.

Ele piscou, e seu rosto assumiu uma expressão de surpresa. E talvez um pouco de admiração, também.

—Eu dormi, não dormi?

Impulsivamente, ela ficou na ponta dos pés e o beijou na bochecha.

—Talvez este seja um novo amanhecer para você também.

Ele olhou para ela por alguns instantes, como se não tivesse certeza do que dizer.

—Eu te amo—, ele finalmente disse e a beijou de volta nos lábios, suave e cheio de amor.

—Vamos lá para fora—, disse ele de repente. —O quê?

Ele a soltou e voltou para a cama, a pilha de roupa, jogada amarrotada no chão.

—Vamos—, disse ele. —Se vista.

Annabel permitiu-se um momento para admirar as costas nuas, em seguida, conseguiu romper atenção.

—Por que quer ir lá fora?—, Perguntou ela, mas já estava procurando algo para vestir.

—Eu não posso ser encontrado aqui—, explicou ele, — mas eu me acho odiando deixar sua companhia. Vamos dizer a todos que nos encontramos para um passeio de manhã cedo.

—Ninguém vai acreditar em nós.

—Claro que não, mas eles não serão capazes de provar que estamos mentindo. — Ele lançou-lhe um sorriso. Seu entusiasmo era contagiante, e Annabel encontrou-se praticamente correndo para puxar toda a sua roupa. Antes que ela pudesse colocar o casaco, ele agarrou a mão dela e eles saíram correndo pela casa, abafando o riso por todo o caminho. As poucas criadas estavam no andar de cima, levando garrafas de água para todos os quartos, mas Sebastian e Annabel simplesmente se apressaram por passar, tropeçando ao longo até chegar a porta da frente e do ar fresco da manhã.

Annabel respirou fundo. O ar estava maravilhoso, fresco e limpo, com bastante umidade fresca

apenas para fazê-la se sentir refrescante e renovada.

—Vamos descer para a lagoa?— Sebastian perguntou. Inclinando-se e a beijando na orelha. — Tenho memórias maravilhosas da lagoa.

As bochechas de Annabel ficaram quentes, embora ela pensou que deveria deixar de corar depois de tudo.

—Eu vou ensiná-la a lançar pedras—, disse ele.

—Oh, eu não acho que você vai conseguir. Eu tentei durante anos. Meus irmãos desistiram de mim.

Ele deu um olhar astuto.

—Tem certeza de que eles, talvez, não empregaram um pouco de sabotagem?

A boca de Annabel ficou aberta.

—Se eu fosse seu irmão, — ele disse, —e acredito que nos dois devemos agradecer por não sermos eu poderia achar divertido lhe dar instruções falsas.

—Eles não fariam.

Sebastian deu um encolher os ombros.

—Como nunca os encontrei, não posso dizer com certeza, mas conhecendo você, posso dizer que eu faria.

Ela o golpeou no ombro.

—Realmente, — continuou ele, —A Winslow com maior probabilidade de ganhar nos dardos, a Winslow mais provável de correr mais rápido que um peru,...

—Eu só fiquei em terceiro lugar nisso.

—... Você é irritantemente capaz—, concluiu. —Irritante...?

—Um homem gosta de sentir que está no comando—, ele murmurou.

—Irritantemente?

Ele beijou o nariz dela. —Irritantemente adorável.

Eles tinham acabado de chegar a margem da lagoa, então Annabel puxou a mão livre e marcharam até o pequeno trecho de areia.

—Estou procurando uma pedra—, ela anunciou: — e se você não me ensinar a lançá-la até ao final do dia, eu...— Ela parou. —Bem, eu não sei o que farei, mas não vai ser agradável.

Ele riu e caminhou vagarosamente até o lado dela. —Primeiro você deve encontrar o tipo certo de pedra. —Eu sei disso—, disse ela prontamente.

—Deve ser lisa, não muito pesada...

—Isso eu sei, também.

—Estou começando a entender por que seus irmãos não queriam ensiná-la.

Ela lançou a ele um olhar duro. Ele apenas riu.

—Aqui—, disse ele, abaixando para pegar uma pequena pedra. — Esta é boa. Você precisa segurá-la assim. —Ele demonstrou, em seguida, a colocou na palma da mão dela, curvando os dedos ao redor da pedra. —Seu pulso deve ficar apenas dobrado e...

Ela olhou para cima.

—E o quê?— As palavras dele sumiram e ele estava olhando além do lago.

—Nada—, disse ele com um leve agitar de cabeça. —Apenas o modo que o sol está batendo na água.

Annabel virou-se para a lagoa e então voltou para ele. O reflexo do sol na água era bonito, mas ela descobriu que preferia observá-lo. Ele estava olhando para a lagoa tão atentamente, tão pensativo, como se estivesse memorizando cada ondulação de luz. Ela sabia que ele tinha uma reputação de charme descuidado. Todos diziam que ele era tão engraçado, tão divertido, mas agora, quando ele estava tão pensativo...

Ela queria saber se alguém, até mesmo a própria família, realmente o conhecia.

—A luz oblíqua da alvorada—, disse ela. Ele virou-se bruscamente.

—O quê?

—Bem, creio que já tenha passado da alvorada agora, mas não muito.

—Por que você diz isso?

Ela piscou. Ele estava se comportando de forma estranha.

—Eu não sei. — Olhou para trás sobre a água. O sol ainda estava bastante plano, quase aveludado e o lago parecia quase mágico, aninhado entre as árvores e as colinas. —Eu gostei da imagem, creio eu. Pensei que era uma boa descrição. Da Senhorita Sainsbury, você sabe.

—Eu sei.

Ela deu um encolher os ombros. —Ainda não terminei o livro. —Você está gostando?

Ela se virou para ele. Ele parecia bastante intenso. Estranhamente também.

—Eu acho, — ela disse, mais ou menos sem se comprometer.

Ele a olhou por um instante mais. Os olhos arregalados impaciente.

—Ou você gosta ou não.

—Isso não é verdade. Há algumas coisas que eu gosto um pouco e outras que não sou tão apaixonada. Realmente acho que preciso terminá-lo antes de julgar.

—Quanto falta?

—Por que você se importa tanto?

—Eu não me importo—, protestou. Mas parecia exatamente com seu irmão Frederick, quando ela o acusava de desejar Jenny Pitt, que vivia em sua aldeia. Frederick colocava as mãos no quadril e declarava:

— *Eu não*—, mas era evidente que ele fazia isso.

—Eu apenas gosto muitíssimo dos livros, isso é tudo—, ele murmurou.

—Eu gosto de pudim de Yorkshire, mas não me ofende que os outros não gostem.

Ele não tinha resposta para isso, então ela simplesmente deu um encolher de ombros e voltou-se para a pedra na mão, tentando imitar o aperto que ele lhe mostrou anteriormente.

—O que você não gosta?—, Perguntou ele.

Ela olhou para cima, piscando. Ela pensou que tivessem terminado com aquela conversa.

—É a trama?

—Não—, disse ela, olhando-o de modo curioso: — Eu gosto do enredo. É um pouco improvável, mas é o que o torna divertido.

—Então o que é?

—Oh, eu não sei. — Ela franziu a testa e suspirou, tentando descobrir a resposta para a pergunta.  
—A prosa fica um pouco pesada em alguns momentos.

—Pesada—, ele afirmou.

—Há uma porção de adjetivos. Mas, — ela acrescentou brilhantemente—, ela tem uma maneira de descrever muito vivida. Eu gosto da luz oblíqua da alvorada, apesar de tudo.

—Seria difícil descrever algo sem adjetivos. —Verdade—, ela assentiu.

—Eu poderia tentar, mas...

Ele fechou a boca. Muito de repente.

—O que você acabou de dizer?—Ela exigiu. —Nada.

Mas ele definitivamente disse algo.

—Você disse... — E então ela engasgou. —É você!

Ele não disse nada, apenas cruzou os braços e fez uma expressão eu-não-sei-sobre-o-que-você-está-falando.

A mente dela disparou. Como ela não percebeu? Havia tantas pistas. Depois que o tio o acertou nos olhos e ele disse que nunca sabia quando poderia precisar descrever algo. Os livros autografados. E na ópera! Ele disse algo sobre um herói não desmaiar na primeira página. Não na primeira cena, na primeira página!

—Você é Sarah Gorely!—, Exclamou. —Você é. Vocês até mesmo tem as mesmas iniciais.

—Realmente Annabel, eu...

—Não minta para mim. Eu serei sua esposa. Você não pode mentir para mim. Eu sei que é você. Até pensei que o livro soou um pouco como você quando estava lendo. —Ela deu um sorriso tímido. —Foi realmente o que mais gostei sobre ele.

—Sério?— Os olhos dele brilharam e ela se perguntou se ele percebeu que havia acabado de admitir.

Ela assentiu com a cabeça.

—Como você tem mantido em segredo por tanto tempo? Presumo que ninguém saiba. Certamente Lady Olivia não teria chamado os livros de medonhos se ela soubesse — Ela estremeceu. —Ah, isso é terrível.

—É por isso que ela não sabe—, disse ele. —Ela acha medonho. —Você é um homem muito bondoso.— Ela ofegou. —E Lorde Harry?

—Também não sabe—, afirmou.

—Mas ele está traduzindo-o!— Ela fez uma pausa. —Seus livros, quero dizer.

Sebastian apenas deu de ombros.

—Oh, ele iria se sentir terrível—, disse Annabel, tentando imaginar. Ela não conhecia Sir Harry muito bem, mas ainda assim...

Eles são primos! —E eles nunca suspeitaram?—, Ela perguntou. —Eu acho que não.

—Oh, meu. — Sentou-se da grande rocha plana. —Oh, meu. Ele sentou ao lado dela.

—Há alguns—, disse ele com cuidado, — que podem pensar que é um exercício bastante tolo,

ridículo.

—Não eu—, ela disse imediatamente, sacudindo a cabeça. Valha-me Deus, Sebastian era Sarah Gorely. Ela estava se casando com Sarah Gorely.

Ela fez uma pausa. Talvez ela não devesse pensar nisso, nesses termos.

—Eu acho que é maravilhoso—, declarou ela, inclinando o rosto para cima em direção a ele.

—Você?— Os olhos dele procuraram os dela e naquele momento ela percebeu o quão importante sua boa opinião era para ele. Ele era tão confiante, tão simples e confortável em sua própria pele. Foi uma das primeiras coisas que ela percebeu sobre ele, antes mesmo de saber seu nome.

—Eu acho—, disse ela, perguntando-se se era terrível por amar o olhar vulnerável nos olhos dele. Ela não podia evitar. Ela amava o quanto ela significava para ele. —Será o nosso segredo. — E então ela riu.

—O que é isso?

—Quando eu te conheci, antes de sequer saber seu nome, lembro de pensar que você sorria como se tivesse uma piada secreta e que eu queria fazer parte dela.

—Sempre—, disse ele solenemente.

—Talvez eu possa ajudar—, sugeriu dando um sorriso malicioso. — Senhorita Winslow e o misterioso autor.

Ele levou um momento para sacar, mas depois seus olhos brilharam com diversão.

—Eu não posso usar misteriosa outra vez. Já há um coronel misterioso.

Ela soltou um suspiro simulado de irritação. —Esse negócio de escrever é tão difícil.

—Senhorita Winslow e o Esplendido Amante?—, ele sugeriu. —Muito sensacionalista—, respondeu ela, batendo no ombro dele.

—Você vai perder seu público e, então, onde iremos parar? Temos futuros, bebês de olhos cinzentos para alimentar, você sabe.

Os olhos dele dilataram com emoção, mas ainda assim, ele continuou o jogo.

—Senhorita Winslow e o Herdeiro Precário.

—Oh, eu não sei. É verdade que provavelmente não vá herdar, embora felizmente eu não tenho nada a ver com isso, mas ainda assim, —precário— soa tão...

—Precário?

—Sim—, ela concordou apesar do sarcasmo dele não ter sido disfarçado, no mínimo. —E sobre

a Sra. Grey?—, Perguntou delicadamente.

—Sra. Grey —, repetiu ele. —Eu gosto de como soa. Ele balançou a cabeça.

—Sra. Grey e o marido obediente.

—Sra. Grey e amado marido. Não, não, Sra. Grey e seu amado marido —, disse ela, com ênfase no seu.

—Será uma história em desenvolvimento?—, Perguntou ele.

—Oh, acho que sim. — Ela chegou até a lhe dar um beijo, então ficou ali, seus narizes se tocando. —Enquanto você não se importar com novo final feliz a cada dia.

—Isso soa como uma enorme quantidade de trabalho... — ele murmurou.

Ela se afastou apenas o suficiente para lhe dar um olhar seco. —Mas vale à pena.

Ele riu.

—Isso não soa como uma pergunta. —Franqueza, Sr. Grey. Falar claramente.

—É o que amo em você, prestes-a-ser-Sra. Grey.

—Você não acha que deveria ser senhora que-em-breve-será Grey? —Agora você está me editando?

—Sugerindo.

—Como acontece—, disse ele, olhando sobre o nariz para ela, — eu estava certo. O prestes-a-ser— tem que ser colocado antes de Senhora, senão irá soar como Senhora Algo mais.

Ela considerou isso.

Ele lhe deu um olhar arqueado.

—Muito bem—, ela cedeu —, mas sobre tudo mais, eu estou certa. —Tudo?

Ela sorriu sedutoramente. —Eu escolhi você.

—Sr. Grey e sua amada esposa. —Beijou-a uma vez e depois novamente. —Eu acho que gosto disso.

—Eu amo isso. E ela amava.

## EPÍLOGO



## *Quatro anos mais tarde*

A chave para um casamento bem-sucedido —, Sebastian Grey escrevia atrás de sua mesa, — é se casar com uma mulher esplêndida.

Como isto foi anunciado sem nenhum motivo aparente, após uma hora de silêncio sociável, Annabel Grey normalmente teria tomado a declaração com reserva. Sebastian não ia além iniciando uma conversa com elogios extravagantes quando queria ganhar sua aprovação, ou ao menos, consentimento sobre assuntos não relacionados ao elogio supracitado.

Houve, no entanto, dez coisas sobre o pronunciamento dele, que não podia evitar, mas aquecia seu coração.

*Um*: Seb estava particularmente bonito quando ele disse isso, os olhos vivos e bagunçado e *dois*: a mulher em questão era ela, que referindo-se a *três*: tinha cumprido todos os tipos de deveres conjugais aquela manhã, o que , tendo em conta a história deles provavelmente levaria ao *quatro*: um outro bebê de olhos cinzentos em nove meses, para acrescentar aos três já tagarelando no berçário.

De menor importância, mas ainda afortunado *Cinco*: nenhum dos três bebês Grey parecia com Lorde Newbury, que deve ter ficado apavorado após seu colapso no leito de Annabel quatro anos antes, porque ele iniciou um regime de emagrecimento, se casou com uma viúva de aptidão reprodutiva comprovada, mas *seis*: não conseguiu ser pai de outra criança, menino ou menina.

O que significa que *sete*: Sebastian ainda era o herdeiro presumido do condado, não que isso importasse muito, porque *Oito*: ele estava vendendo muitos livros, especialmente desde o lançamento de Senhorita Spencer e o escocês selvagem, que *Nove*: o próprio rei havia declarado — delicioso —. Isto, combinado com o fato de Sarah Gorely ter se tornado a escritora mais popular na Rússia, fez com que *Dez*: todos os irmãos e irmãs de Annabel ficassem bem estabelecidos na vida, que por sua vez levou ao *Onze*: Annabel nunca teve que se preocupar que sua escolha em perseguir a própria felicidade custasse a deles.

Onze.

Annabel sorriu. Algumas coisas eram tão maravilhosas que iam além de dez.

—Por que você está sorrindo?

Ela olhou para Sebastian, que ainda estava sentado à mesa, fingindo que estava trabalhando.

—Oh, muitas coisas—, disse ela alegremente.

—Que intrigante. Também estou pensando em muitas coisas. —Você?

—Dez, para ser preciso.

—Eu estava pensando em onze. —Você é tão competitiva.

—A Grey Mais Provável de Ultrapassar um Peru—, ela o lembrou. —Para não falar do lançamento de pedras.

Ela conseguiu que quicasse seis vezes. Foi um excelente momento. Especialmente porque ninguém nunca viu Sebastian realmente conseguir sete.

Ele levantou uma sobrancelha por isso, deu sua melhor imitação de condescendência, e disse:

—Qualidade sobre a quantidade, é o que eu sempre digo. Eu estava pensando nas dez coisas que amo sobre você.

A respiração dele ficou ofegante.

—Um—, anunciou ele, — seu sorriso. Que rivaliza somente com dois: o riso. Que por sua vez é alimentado pelo três: a completa genuinidade e generosidade do seu coração.

Annabel ingeriu. Lágrimas se formavam nos olhos dela e ela sabia que logo estariam derramando sobre suas bochechas.

—Quatro—, continuou ele, — você é excelente para manter um segredo, e cinco: você finalmente aprendeu a não oferecer sugestões relacionadas à minha carreira de escritor.

—Não—, ela protestou, mesmo em meio às lágrimas, — Senhorita Forsby e o Lacaio teria sido maravilhoso.

—Teria que me levado para baixo em um ardente poço de ruína. —Mas...

—Você vai perceber que não há nada nesta lista sobre como você nunca me interrompe. — Ele limpou a garganta. —Seis: você me deu três filhos extraordinariamente brilhantes e Sete: você é uma mãe absolutamente maravilhosa. Eu, por outro lado, sou completamente egoísta, razão pela qual Oito é sobre o fato de que você me ama tão esplendidamente bem. —Ele se inclinou para frente e ergueu as sobrancelhas. —Em todas as maneiras possíveis.

—Sebastian!

—Na verdade, acho que vou fazer deste o nove. — Deu um sorriso particularmente quente. — Acho que é merecedor de seu próprio número. Ela corou. Ela não podia acreditar que ele ainda poderia fazê-la corar após quatro anos de casamento.

—Dez—, ele disse suavemente, levantando-se e caminhando na direção dela. Ele caiu de joelhos e pegou suas mãos, beijando uma de cada vez. —Você é simplesmente você. Você é a mulher mais surpreendente, inteligente, bondosa ridiculamente competitiva que já conheci. E você pode correr mais que um peru.

Ela olhou para ele, não se importando que estivesse chorando, ou que seus olhos vermelhos devessem estar horríveis, ou que oh céus, ela precisava de um lenço. Ela o amava. Isso era tudo o que poderia importar.

—Acho que foi mais do que dez—, ela sussurrou. —Foi?— Ele beijou as lágrimas. —Eu parei de contar.

*Fim*

# Star Books Digital



<sup>[13]</sup> Basset hound — Um cão de caça de pêlo curto, corpo longo, patas curtas e longas orelhas caídas, uma raça de origem francesa.

<sup>[21]</sup> Piquet — um jogo de cartas para dois jogadores usando um pacote de redução de 32 cartas.

<sup>[31]</sup> Uíste — O uíste é um jogo de cartas de origem inglesa (em inglês: whist), que é jogado por duas duplas, com parceiros frente a frente. Este jogo é considerado o ancestral do bridge. O objetivo é vencer a maioria de treze vazas em uma mão e marcar pontos.

<sup>[41]</sup> Vingt—et—un — um jogo de azar através de cartões, o objetivo é ter cartas que um maior número do que aqueles tratados com o banqueiro até, mas não superior a 21.

<sup>[51]</sup> Galgo — um cão alto e magro de uma raça antiga conhecida por sua rapidez e visão aguçada, utilizado como cão de corrida